

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

JULIANA ARCHIZA YAMASHIRO

ATITUDES SOBRE A VELHICE E CONVIVÊNCIA INTERGERACIONAL:
PROFESSORES, FAMILIARES E CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL

SÃO CARLOS - SP

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

JULIANA ARCHIZA YAMASHIRO

ATITUDES SOBRE A VELHICE E CONVIVÊNCIA INTERGERACIONAL:
PROFESSORES, FAMILIARES E CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Tese apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Especial do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em Educação Especial.

Orientadora: Profa. Dra. Thelma Simões Matsukura

São Carlos - SP

2018

Archiza Yamashiro, Juliana

ATTITUDES SOBRE A VELHICE E CONVIVÊNCIA
INTERGERACIONAL: PROFESSORES, FAMILIARES E CRIANÇAS DO
ENSINO FUNDAMENTAL / Juliana Archiza Yamashiro. -- 2018.
238 f. : 30 cm.

Tese (doutorado)-Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos,
São Carlos

Orientador: Thelma Simões Matsukura

Banca examinadora: Ana Lúcia Rossito Aiello, Sofia Cristina Iost
Pavarini, Carolina Rebellato, Marcia Maria Pires Camargo Novelli
Bibliografia

1. Atitudes sobre a Velhice. 2. Intergeneracionalidade. 3. Educação
Gerontológica. I. Orientador. II. Universidade Federal de São Carlos. III.
Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo Programa de Geração Automática da Secretaria Geral de Informática (SIn).

DADOS FORNECIDOS PELO(A) AUTOR(A)

Bibliotecário(a) Responsável: Romildo Santos Prado – CRB/8 7325

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Educação Especial

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Tese de Doutorado do candidato Juliana Archiza Yamashiro, realizada em 29/06/2018:

Profa. Dra. Thelma Simões Matsukura
UFSCar

Profa. Dra. Ana Lúcia Rossito Aiello
UFSCar

Profa. Dra. Sofia Cristina Iost Pavarini
UFSCar

Profa. Dra. Carolina Rebellato
UFRJ

Profa. Dra. Marcia Maria Pires Camargo Novelli
UNIFESP

Todas as minhas conquistas serão sempre dedicadas a você:

Meu querido, dos olhos sorridentes.

Esta, em especial, dedico ainda a todas as famílias, professores e diretoras que tão gentilmente me acolheram e ajudaram nessa importante jornada.

Agradecimentos

Que bom seria se a cada etapa concluída, fosse possível registrar todo sentimento de gratidão. Me dada esta oportunidade aqui, não economizo palavras.

Início meu registro ao primeiro e mais importante Ser. A quem devo tudo o que tenho e tudo o que sou.

Meu Pai Celeste. Minha gratidão, sua profundidade e dimensão, tento fazê-Lo saber ao expressar-me diariamente em minhas orações. Sei que minha expressão humana e falha, não é capaz de exprimir tudo o que meu espírito vividamente sente, por reconhecer Teu poder e bondade em fazer tudo aquilo que sou absolutamente incapaz de fazer por mim mesma. As ideias e inspirações que me deste, repercutiram neste trabalho que hoje com alegria e gratidão finalizo. Como conheces meu coração infinitamente mais do que eu mesma, sabes da minha gratidão e amor em sua completude, que embora ainda débeis, atingem o máximo de minha capacidade. Obrigada meu Pai Celeste, por desenvolveres minhas habilidades intelectuais, muito além do que qualquer técnica, livro ou ensinamento dessa Terra o fariam. Obrigada por me amares com amor perfeito e por me conheceres também perfeitamente, colocando sempre em minha vida exatamente aquilo de que preciso, mesmo nem sempre sendo aquilo que mereço, pois reconheço, ainda que em minha limitada compreensão, as infinitas bênçãos diárias que recebo de Ti. Meu amor, minha gratidão e devoção jamais poderão ser expressos em palavras. Fica aqui apenas uma singela tentativa.

Minha professora, orientadora e amiga *Thelma Simões Matsukura*. Ainda hoje não consigo imaginar o que se passou pela sua mente quando me conheceu. Eu ainda era uma menina. Você me viu crescer durante todos esses anos e me ajudou muito em todo esse crescimento. Tenho tanto, tanto a agradecer. Por sua paciência, por sua confiança e por me conhecer tão bem. Você sempre respeitou o meu tempo e sempre me ajudou a potencializá-lo. Obrigada por me ensinar tanto, sobre pesquisa, sobre docência, sobre a vida! Dos muitos presentes que recebo do céu desde que nasci você foi um dos mais importantes. Obrigada por este encontro e por tudo, com muito amor.

Professoras doutoras, *Ana Lúcia Rossito Aiello, Cristina Broglia Feitosa de Lacerda, Lidia Maria Marson Postalli, Maria Amélia Almeida, Maria da Piedade Resende da Costa e Rosimeire Maria Orlando*, minha gratidão pelas aulas inspiradoras e pelo rico aprendizado.

Queridas professoras doutoras *Vânia A. Gurian Varoto, Ana Lúcia Rossito Aiello, Sofia Cristina Iost Pavarini, Carolina Rebellato e Marcia Maria Pires Camargo Novelli*. Pelas preciosas contribuições por ocasião de meu exame de qualificação e de defesa da Tese, pelos olhos gentis, pela sabedoria, minha grandiosa gratidão.

Meu amor, *Rafael Yamashiro*. Você sabe do meu amor, tento demonstrá-lo em pequenos gestos diariamente. Mas não sei se sabe o tamanho da minha gratidão. A mim importa registrar, sem o seu incentivo, sua ajuda, seu completo apoio e sua confiança, nada disso teria sequer começado. Você fez muito mais do que simplesmente acreditar no meu potencial e me incentivar a alcançá-lo. Está em outra dimensão. Sem você nada disso teria começado ou terminado. E sem você, de verdade, não seria quem sou. Obrigada por me ajudar constantemente a atingir a medida de minha estatura. Você é o grande amor de todas as minhas eternidades e minha gratidão vai além da distância da lua ida e volta. Por estar em minha vida. Por ser sempre tão corajoso, sábio e maravilhoso. Por ser sempre quem eu preciso que você seja. Que bom seria se o mundo todo conhecesse amor e beleza como os seus. TODO o meu amor.

Meu *Heitor*. Você é a minha vida. E o que sinto por você corresponde a minha total capacidade de ser profunda e verdadeira com alguém. Você é a criatura mais doce e sempre será o meu maravilhosinho. Obrigada pela sua paciência. Por me esperar ao lado do computador. Você foi, nessa fase importante e difícil, infinitamente generoso, dividindo o tempo que seria seu, a energia que seria sua. Obrigada meu filho, por ter me ajudado nessa conquista. E quero que saiba, que o meu desejo de ser melhor, de aprender mais e de me desenvolver sempre, provém principalmente, do meu desejo de tornar-me alguém melhor para você. Eu sempre acreditei que conhecimento é luz e sempre achei que você merecesse uma mãe com mais e mais luz. Obrigada ainda pela sua paciência quando eu perdia a calma e me perdoe por nem sempre ter sido madura o suficiente para entender que nessa vida há tempo para todas as coisas. Meu maravilhosinho, você nunca vai conseguir acreditar no tamanho do meu amor por você!

Meu *Guilherme*. Você é a minha vida. Desde a espera por você, até o seu nascimento, eu já soube que você viria para mudar cada fibra do meu coração que precisava ser mudada. Você quis que tudo fosse diferente do que eu achava ser o ideal e com isso, me ensinou mais do que eu possa dizer. Como você pôde ainda tão pequenino, ser tão obediente ao nosso Pai Celestial! E como você pôde me ensinar e transformar tanto meu filho! De uma dimensão que eu jamais imaginaria ser possível.

Seu sorriso, sua alegria, sua vida, me são fundamentais e serei grata por você ter me escolhido como mãe, eternamente! Meu Guizinho, meu raio de sol, você trouxe mais vida e luz nessa fase tão importante pra mim e me ajudou tanto, me refinando. Quero que saiba que você é e sempre será a minha dádiva! Obrigada por me encher de amor! Minha dádiva, você nunca vai conseguir acreditar no tamanho do meu amor por você!

Meu querido pai **Justino Archiza**. Embora a falta que você me faça seja lancinante, a lembrança do seu sorriso, da sua bondade, do seu amor e da sua alegria, me motivam constantemente a seguir em frente, no caminho que me ensinou a trilhar. A você meu pai querido, preciso ser incrivelmente generosa em meus agradecimentos. Todos os dias da minha vida até o findar da sua, eu o vi acordar cedo, trabalhar de dia, de tarde e de noite. E ainda assim, arranjar tempo para os estudos. Quando um curso acabava, logo você encontrava outro. Eu te vi receber seu diploma da faculdade, já com pouco mais de 40 anos e quatro filhos! Você sempre será a minha grande inspiração nessa maravilhosa escolha pela aquisição de conhecimento. "Sabe filha, agora o pai não compra mais livro por unidade, compra por metro! - Me veja 50 cm de livros hoje!"... era o que me dizia com o seu constante bom humor. Sim, suas estantes ficaram repletas de metros de livros, enfileirados, grifados, pintados, anotados. E os seus ensinamentos estarão para sempre em meu coração. Você me ensinou de forma a moldar minha vida e despertar a essência que herdei de você. Só tenho a agradecer pelo privilégio e bênção de ser sua filha para sempre. Porque sei que é para sempre! Obrigada meu querido.

Minha mãe **Cida Archiza**. Assim como ao meu pai, vi você se formar após os 40 anos. Segui seus passos e quis cursar a mesma universidade que você! Sempre foi um orgulho para mim, querida mãe, ter uma mãe tão inteligente! Que após 20 anos sem estudar, passou no vestibular da fuvest assistindo telecurso 2000 e cuidando de quatro crianças arteiras! Quero que saiba que é uma honra ser sua filha. Você tem uma essência rara e única, irrepreensível, que me ensinou e guiou desde que nasci. Desejo ainda que saiba que meu pai, meus irmãos e eu só nos tornamos as pessoas que somos hoje graças a você. Você sempre teve o dom de despertar o melhor em nós. E se meu pai atingiu seu potencial máximo nessa vida, sei que foi porque ele sempre a teve ao seu lado. Obrigada ainda por fazer o mesmo aos meus meninos.

Minha irmã **Lígia Archiza Plaine**. Você é o meu tesouro. É a mulher mais linda que já conheci e o mais incrível disso é que consegue ser ainda mais linda por dentro (como se fosse possível!). Sua luz e amor me fortalecem a cada dia e me fazem

prosseguir em cada desafio. Meu coração Transborda por você. Eu saberia lutar jiu-jitsu se fosse preciso.

Meus irmãos ***Gustavo e Bruno Archiza***. Foi em minha infância e adolescência e é até os dias de hoje, uma bênção poder conviver com vocês. Vocês me alegram e enchem de orgulho. Sou grata pelo exemplo de vocês e também pelo amor que têm por mim. Os amo. Muito.

Minha segunda mãe, ***Yoko Yokoyama***. Obrigada por ser um porto seguro para mim. Sua confiança e amor me moveram e me movem mais do que possa imaginar. Agradeço por sua sabedoria, por seu amor e por nossas tantas afinidades! É um privilégio conviver com alguém tão grande! Você torna minha vida mais segura e feliz. Amo você.

Minhas irmãs ***Lívia e Yumi Yamashiro***. Embora sejamos tão diferentes fisicamente, o nosso sobrenome é o mesmo e o amor que tenho por vocês é eterno! Sou grata por ter ganhado duas amigas tão leais e maravilhosas, que me divertem, me alegram, me entendem e me apoiam. Que privilégio ter vocês em minha vida!

Minhas irmãs ***Lidyane e Ana Archiza***. E meu irmão ***Ariel Plaine***. Sou imensamente grata por ter vocês como minhas irmãs e meu irmão de verdade! Obrigada pela partilha na caminhada, pela amizade sincera, por me ajudarem e incentivarem tanto. Amo vocês.

Meus sobrinhos ***Pedro, Daniel, Sara e Arthur***. Vocês são a nossa alegria. Obrigada por despertarem em mim o mais puro amor. Deixam minha vida muito mais leve e feliz.

Meus avós, ***Célia e Rubens Guitti e, Caridade e João Archiza***. Obrigada por serem responsáveis por alegres lembranças que guardo de minha infância e início da adolescência. Pelas histórias contadas, pela cumplicidade, pelos jogos de mico, pela calda de chocolate de depois do almoço (malvado vício!), pelas risadas, pelos presentes, pelo carinho, pela leveza com que me fizeram enxergar a vida. Os amo para sempre.

Minhas amigas: ***Jaqueline Oliveira, Laise Chiari, Raísa Rodriguez, Bruna Taño, Cinara Machado, Martha Minatel, Priscila Lopes, Helena Segnini, Ana Virgínia Sossai, Pamela Martinelli e Suelyn Hymino***. Como sou rica! Vocês foram ouvidos e coração durante todo esse percurso. Dizer obrigada será bem pouco. Mas não há outro termo. Obrigada. Por me divertirem, fazerem rir, aprender e principalmente, me sustentar pelos diversos revezes encontrados durante esse caminho. Meu amor! Todas minhas risadas! Toda minha alegria!

Um agradecimento especial à **Carô** querida, pela solicitude infinita. Pela generosidade, pela partilha, pelos ensinamentos, pela grandiosa, fundamental ajuda e pelo carinho. E também agradeço ao **Leandro Tavares**, pela disponibilidade e grande ajuda nas últimas análises.

Queridas do *laboratório de pesquisas em Saúde Mental infantojuvenil*, em especial **Carolina Squassoni, Maria Fernanda Barbosa Cid, Bruna Taño e Amanda Fernandes**. Nossos encontros foram combustível, inspiração e apoio durante esses anos, muito obrigada! Era sempre um prazer estar, aprender e dividir com vocês.

Querida **Brenda Ramos**, obrigada! Por ter sido tão fundamental na etapa final deste trabalho. Obrigada ainda por seu amor, carinho e cuidado com meu Guizinho. Você será sempre lembrada. Joia rara!

Querida técnica **Eliane Rodriguez**, obrigada por ter sido mais do que poderia. Por ter solucionado todas as minhas dúvidas, ajudado com todos os documentos e informações necessárias. Obrigada ainda pela amizade.

Obrigada também **Thalita Trindade**. Pela oportunidade de crescimento e aprendizado em ser sua coorientadora. Que bonita parceria!

À **CAPES**, pelo financiamento e possibilidade, minha gratidão.

E por fim, aos principais atores deste trabalho. **Diretoras, vice-diretoras, coordenadoras, professores, alunos e familiares**. Obrigada pela gentileza, pela parceria, pela paciência, pela ajuda, disponibilidade e interesse. O mundo será um lugar melhor para se viver com mais pessoas como vocês.

"O futuro é tão brilhante quanto sua fé."

Thomas S. Monson

FINANCIAMENTO:

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

RESUMO

Estudos com foco na perspectiva das atitudes relacionadas ao envelhecimento têm apontado o quanto estas podem influenciar estruturas sociais e o tratamento dado aos idosos. A presente pesquisa respondeu ao seguinte objetivo: Identificar e verificar possíveis relações entre atitudes de professores e alunos do ensino fundamental – ciclo 1, e dos familiares dos estudantes sobre a velhice. Trata-se de pesquisa correlacional e comparativa, de abordagem quantiqualitativa. A coleta de dados ocorreu em seis escolas públicas de ensino fundamental (ciclo 1) de uma cidade do interior do estado de São Paulo e contou com 855 participantes, os quais foram distribuídos em três grupos: 53 professores; 403 alunos com idade entre sete e onze anos e; 399 familiares dos alunos participantes. Os professores responderam à Escala Neri de Atitudes em Relação à velhice; ao Questionário Palmore-Neri-Cachioni de Conhecimentos sobre a Velhice e a um questionário estruturado dirigido aos profissionais da Educação; as crianças responderam à Escala Todaro de Atitudes com Relação à Velhice e a um questionário estruturado dirigido às crianças; os familiares responderam à Escala Neri de Atitudes em Relação à velhice e a um questionário estruturado dirigido aos familiares. Os dados foram analisados estatisticamente, por meio do teste ANOVA e teste de igualdade de duas proporções, para as análises de comparação e, teste de correlação de Pearson para as análises de correlação. Já as respostas discursivas dos participantes foram analisadas a partir da técnica do Discurso do Sujeito Coletivo. Os resultados não apontaram diferenças significativas entre as atitudes dos três grupos participantes, sendo que em todos os grupos houve predomínio de atitudes positivas com relação à velhice. No entanto, revelou-se que as atitudes, de pais e crianças, estão correlacionadas entre si. Quanto ao grupo dos professores, o conhecimento sobre o envelhecimento foi compreendido neste estudo como um baixo conhecimento sobre o assunto, e não apresentou correlação com as atitudes com relação à velhice. Além disso, verificou-se que em todos os grupos, aqueles que citaram ter bom ou muito bom relacionamento com idosos obtiveram pontuações mais positivas nas escalas de atitudes e também, observou-se que professores e familiares apresentaram manutenção quanto à qualidade do relacionamento estabelecido com idosos na infância e adolescência até atualidade. Quanto à abordagem do tema velhice/ envelhecimento na escola, verificou-se que ainda que reconhecido como importante, ao mesmo tempo a temática é pouco focalizada ou não é focalizada, segundo os próprios professores e confirmado pela opinião dos alunos. Ademais, observou-se correlação positiva entre as atitudes dos professores com relação

à velhice e o enfoque do tema na escola. Discute-se sobre a importância da qualidade dos relacionamentos intergeracionais para atitudes positivas com relação à velhice e também sobre a importância de ações educativas para combate do preconceito etário e aprimoramento de atitudes com relação à velhice. Aponta-se ainda para a necessidade de implementação de educação gerontológica nas escolas públicas brasileiras e demais ambientes e contextos com possibilidade de ampliação do contato intergeracional e melhora nas atitudes e conhecimentos de pessoas com relação à velhice.

Palavras-Chave: Atitudes. Idosos. Intergeracionalidade. Educação Gerontológica.

ABSTRACT

Studies focusing on the perspective of attitudes related to aging have pointed out how these can influence social structures and the treatment given to the elderly. This study answered the following objective: To identify and evaluate possible relationships between attitudes of teachers and elementary students - cycle 1, and the students' family members about old age. It is a correlational and comparative research, with quantitative approach. Data collection occurred in six public elementary schools (cycle 1) of a city in the state of São Paulo and was attended by 855 participants, who were divided into three groups: 53 teachers; 403 students aged between seven and eleven and; 399 families of the participating students. The teachers responded to the Neri Scale of Attitudes in relation to old age; the Palmore-Neri-Cachioni Questionnaire on Elderly Knowledge and a structured questionnaire addressed to Education professionals; the children responded to the Todaro Scale of Attitudes Regarding Old Age and a structured questionnaire directed at children; the family members answered the Neri Scale of Attitudes in relation to old age and a structured questionnaire addressed to the family members. Data were statistically analyzed using ANOVA test and two equal proportions, for comparison analyzes and Pearson's correlation test for the correlation analyzes. The participants' discursive responses were analyzed using the Collective Subject Discourse technique. The results did not show significant differences between the attitudes of the three groups, and in all groups there was a predominance of positive attitudes regarding old age. However, it has been shown that the attitudes of parents and children are correlated with each other. As for the teachers' group, the knowledge about aging was understood in this study as a low knowledge about the subject, and did not correlate with attitudes regarding old age. In addition, it was found that in all groups, those who mentioned having good or very good relationships with the elderly obtained more positive scores on the attitudes scales and also, it was observed that teachers and family members presented maintenance regarding the quality of the relationship established with children and adolescents up to the present time. Regarding the old age / aging approach in school, it was verified that although recognized as important, at the same time the theme is poorly focused or not focused, according to the teachers themselves and confirmed by the students' opinions. In addition, a positive correlation was observed between the teachers' attitudes regarding old age and the focus of the theme in the school. It discusses the importance of the quality of intergenerational relationships for positive attitudes towards old age and also about the importance of

educational actions to combat age prejudice and attitudes towards old age. It is also pointed out the need to implement educational gerontology in Brazilian public schools and other environments and contexts with the possibility of expanding intergenerational contact and improving the attitudes and knowledge of people regarding old age.

Keywords: Attitudes. Elderly. Intergenerationality. Educational Gerontology.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Caracterização das EMEBs 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8	44
Tabela 2- Convites Feitos aos Professores	53
Tabela 3- Convites feitos aos Familiares para participação na pesquisa.....	55
Tabela 4 - Convites Aceitos e Número Final de Participantes	55
Tabela 5- Caracterização dos Professores Participantes.....	60
Tabela 6- Margem de Erro Amostral - Professores.....	61
Tabela 7- Cálculo de Consistência Interna - Escala Neri - Amostra de Professores.....	62
Tabela 8- Estatística Descritiva por Domínio da Escala Neri para Professores	62
Tabela 9- Distribuição das médias (Escore Total e por Domínios) da Escala Neri - Professores	63
Tabela 10- Porcentagem de Acerto dos Professores no Questionário de Conhecimentos sobre a velhice	63
Tabela 11- Acertos/Erros por item do Questionário de Conhecimentos sobre a velhice	64
Tabela 12- Convivência dos Professores com idosos na fase da infância.....	65
Tabela 13- Classificação da convivência com idosos no período da infância - Professores.....	66
Tabela 14- Convivência dos Professores com idosos na fase da adolescência	66
Tabela 15- Qualidade da Convivência com idosos no período da Adolescência - Professores .	67
Tabela 16- Convivência atual dos professores com idosos	67
Tabela 17- Amizade dos Professores com idosos	68
Tabela 18- Leituras sobre o tema realizadas pelos Professores.....	69
Tabela 19- Cursos sobre o tema realizados pelos Professores	69
Tabela 20- Qualidade da convivência com idosos familiares em comparação com escores da Escala Neri	70
Tabela 21- Abordagem do tema velhice/envelhecimento com os alunos no último ano em comparação com escores da Escala Neri - Professores	70
Tabela 22- Comparação entre Escore Total da Escala Neri de Atitudes com Relação à Velhice e demais Variáveis	71
Tabela 23- Correlações entre Escore Total da Escala Neri e demais variáveis - Professores	72
Tabela 24- Correlação entre Domínio Cognitivo da Escala Neri e demais variáveis	73
Tabela 25- Correlação entre Domínio Agência da Escala Neri e demais variáveis	73
Tabela 26- Correlação entre Domínio Relacionamento Social da Escala Neri e demais variáveis	73
Tabela 27- Correlação entre Domínio Persona da Escala Neri e demais variáveis.....	74
Tabela 28- Correlação entre Escala Neri e Questionário Palmore-Neri-Cachioni - Professores	74
Tabela 29- Correlações realizadas entre Variáveis e Escore Total da Escala Neri, cujos valores não foram significativos - Professores	75
Tabela 30- Correlação entre a idade dos professores e demais variáveis - Professores	76
Tabela 31- Correlação entre a convivência com idosos na infância e demais variáveis - Professores	76
Tabela 32- Correlação entre a qualidade da convivência com idosos na infância e demais variáveis - Professores.....	77
Tabela 33- Correlação entre a convivência com idosos na adolescência e demais variáveis - Professores	78

Tabela 34- Correlação entre a qualidade da convivência com idosos na adolescência e demais variáveis - Professores.....	78
Tabela 35- Correlação entre a convivência com idosos atualmente e demais variáveis - Professores	79
Tabela 36- Correlação entre qualidade da convivência com idosos familiares atualmente e demais variáveis - Professores	79
Tabela 37- Correlação entre frequência de contato com idosos familiares e demais variáveis - Professores	80
Tabela 38- Correlação entre ter trabalhado o tema na escola e demais variáveis - Professores.	80
Tabela 39- Variáveis que não se correlacionaram significativamente com outras variáveis abordadas.....	81
Tabela 40- Abordagem do tema velhice/envelhecimento com os alunos no último ano	81
Tabela 41- Quantidade de vezes que o tema velhice/ envelhecimento foi trabalhado no último ano.....	81
Tabela 42- Abordagem de conteúdos gerontológicos encontrados nos livros didáticos	83
Tabela 43- Questionamentos dos alunos sobre o tema velhice/envelhecimento aos professores	85
Tabela 44- Frequência com que o tema velhice/envelhecimento é focalizado no contexto escolar	85
Tabela 45- Opinião dos Professores sobre a importância do tema velhice/envelhecimento no contexto escolar.....	86
Tabela 46- Resultado das análises de Comparação entre Escore Total da Escala Neri e demais variáveis - Professores.....	92
Tabela 47- Resultado das análises de Correlação entre Escore Total da Escala Neri e demais variáveis - Professores.....	92
Tabela 48- Caracterização dos Alunos Participantes	94
Tabela 49- Número e Porcentagem de alunos participantes em comparação ao total de alunos matriculados do 2º ao 5º ano nas Escolas Participantes	95
Tabela 50- Margem de Erro Amostral - Alunos.....	95
Tabela 51- Cálculo de Consistência Interna - Escala Todaro - Amostra de Alunos	96
Tabela 52- Estatística Descritiva da Escala Todaro a partir da participação das crianças (7 a 10 anos).....	96
Tabela 53- Distribuição dos alunos por faixas de pontuação da Escala Todaro	97
Tabela 54- P-valores da Escala Todaro e a distribuição do escore dos alunos por faixas de pontuação	97
Tabela 55- Idade de uma pessoa para ser considerada idosa segundo a opinião dos alunos.....	98
Tabela 56- Pessoas idosas que os alunos conhecem	98
Tabela 57- Qualidade do relacionamento entre avós e alunos sob a ótica dos alunos	100
Tabela 58- Frequência de contato entre alunos e pessoas idosas	100
Tabela 59- Situações que propiciam conversas sobre pessoas idosas/velhice com os pais/familiares na compreensão dos alunos participantes	101
Tabela 60- Comparação entre a qualidade do relacionamento dos alunos com seus avós e as atitudes que apresentaram com relação à velhice.....	102
Tabela 61- Morar ou não com os avós em comparação com a Escala Todaro - Alunos.....	102
Tabela 62- Análises de Comparação entre Escore Total da Escala Todaro e demais variáveis, cujos valores não foram significativos - Alunos	103

Tabela 63- Correlações entre Escore Total da Escala Todaro e demais variáveis - Alunos	104
Tabela 64- Correlação entre a qualidade de relacionamento com os avós e demais variáveis - Alunos	104
Tabela 65- Correlação entre a qualidade de relacionamento com os avós e demais variáveis - Alunos	105
Tabela 66- Correlação entre a localização da moradia dos avós e demais variáveis - Alunos.	105
Tabela 67- Variáveis que não apresentaram correlações com outras variáveis abordadas - Alunos	106
Tabela 68- Situações em que o assunto foi trabalhado na escola sob a ótica dos alunos	106
Tabela 69- Pessoas que ofereceram informações sobre o tema velhice/envelhecimentos aos alunos no contexto escolar	108
Tabela 70- Opinião dos alunos sobre como o assunto foi ensinado na escola	109
Tabela 71- Distribuição dos alunos quanto às dúvidas com relação à velhice.....	110
Tabela 72- Resultado das análises de Comparação entre Escore Total da Escala Todaro e demais variáveis - Alunos	113
Tabela 73- Resultado das análises de Correlação entre Escore Total da Escala Todaro e demais variáveis - Alunos	114
Tabela 74- Caracterização dos Familiares Participantes	115
Tabela 75- Cálculo de Consistência Interna - Escala Neri - Amostra de Pais.....	117
Tabela 76- Estatística Descritiva por Domínio e Escore Total da Escala Neri - Familiares	117
Tabela 77- Distribuição das médias (dos Domínios e do Escore Total) dos Familiares em faixas de pontuação.....	118
Tabela 78- Análise Estatística da Escala Neri para Avós participantes	118
Tabela 79- Distribuição das médias (dos Domínios e do Escore Total) dos Familiares (Avós) em faixas de pontuação	119
Tabela 80- Opinião dos familiares sobre a idade considerada para ser uma pessoa idosa.....	120
Tabela 81- Distribuição dos familiares participantes que moram ou não com idosos atualmente	120
Tabela 82- Distribuição dos familiares participantes quanto à convivência com idosos na infância.....	120
Tabela 83- Qualidade do relacionamento com idosos no período da infância - Familiares.....	121
Tabela 84- Convivência dos pais com pessoas idosas na fase da adolescência	121
Tabela 85- Qualidade do relacionamento com idosos no período da adolescência - Familiares	122
Tabela 86- Convivência próxima com idosos atualmente - Familiares.....	122
Tabela 87- Frequência de contato com idosos atualmente - Familiares.....	123
Tabela 88- Qualidade do relacionamento atual com idosos pertencentes à Família - Familiares	123
Tabela 89- Qualidade do relacionamento com idosos não familiares atualmente - Familiares	123
Tabela 90- Distribuição dos familiares quanto ter ou não um amigo idoso no presente ou ter tido no passado.....	124
Tabela 91- Comparação entre a qualidade dos relacionamentos dos Familiares com idosos no período da infância e a Escala Neri.....	125
Tabela 92- Comparação entre a qualidade dos relacionamentos atuais dos Familiares com idosos pertencentes à família e a Escala Neri.....	126
Tabela 93- Comparação entre os resultados da Escala Neri e ter tido ou ter um amigo idoso.	127

Tabela 94- Comparação entre a Escala Neri e a presença ou ausência da abordagem do tema velhice na escola segundo a opinião dos familiares	127
Tabela 95- Comparação entre a frequência com que o tema velhice/envelhecimento deve ser trabalhado na escola e os resultados da escala Neri	128
Tabela 96- Comparação entre Escore Total da Escala Neri de Atitudes com Relação à Velhice e demais Variáveis	129
Tabela 97- Correlações realizadas entre Variáveis e Escore Total da Escala Neri, cujos valores não foram significativos	129
Tabela 98- Correlação entre convivência com idosos na infância e demais variáveis - Familiares	130
Tabela 99- Correlação entre convivência com avós maternos na infância e demais variáveis - Familiares	131
Tabela 100- Correlação entre convivência com avós paternos na infância e demais variáveis - Familiares	131
Tabela 101- Correlação entre convivência com idosos familiares na infância e demais variáveis - Familiares.....	131
Tabela 102- Correlação entre convivência com idosos não familiares na infância e demais variáveis - Familiares	131
Tabela 103- Correlação entre Qualidade da convivência "Muito boa/ Boa" com idosos na infância e demais variáveis - Familiares	132
Tabela 104- Correlação entre Qualidade da convivência "Muito difícil/ Difícil" com idosos na infância e demais variáveis - Familiares	132
Tabela 105- Correlação entre Qualidade da convivência "Muito Boa/Boa" com idosos na adolescência e demais variáveis - Familiares.....	133
Tabela 106- Correlação entre Qualidade da convivência "Muito Boa/Boa" com idosos familiares atualmente e demais variáveis - Familiares.....	133
Tabela 107- Correlação entre "ter/ ter tido um amigo idoso" e demais variáveis - Familiares	134
Tabela 108- Correlação entre conversar com os alunos sobre idosos e demais variáveis - Familiares	135
Tabela 109- Correlação entre ensinar os alunos sobre idosos a partir de cenas da TV e demais variáveis - Familiares	135
Tabela 110- Correlação entre Aprender sobre idosos por meio da TV e demais variáveis - Familiares	136
Tabela 111- Correlação entre Aprender sobre idosos com Amigos e demais variáveis - Familiares	136
Tabela 112- Variáveis que não se correlacionaram significativamente com outras variáveis abordadas - Familiares	136
Tabela 113- Conversas realizadas com os filhos sobre o envelhecimento, a velhice ou os idosos	137
Tabela 114- Opinião dos familiares acerca dos alunos receberem ou não aprendizados sobre a velhice na escola	141
Tabela 115- Opinião dos familiares sobre a importância dos alunos receberem aprendizados sobre a velhice na escola	142
Tabela 116- Resultado das análises de Comparação entre Escore Total da Escala Neri e demais variáveis - Familiares	146

Tabela 117- Resultado das análises de Correlação entre Escore Total da Escala Neri e demais variáveis - Familiares	146
Tabela 118- Comparação entre os escores gerais das escalas de atitudes entre os três grupos e dos avós participantes	147
Tabela 119- Correlação entre Atitudes de Familiares e Atitudes de Alunos com relação à velhice	148
Tabela 120- Comparação entre Sexo e Escala Neri	210
Tabela 121- Comparação entre escore da Escala Neri e a Região Geográfica das Escolas	210
Tabela 122- Comparação entre Residir com Idosos e Escore da Escala Neri - Professores	210
Tabela 123- Comparação entre a convivência com idosos na infância e os escores da Escala Neri - Professores	211
Tabela 124- Comparação entre a convivência dos professores com idosos no período da adolescência e os escores da Escala Neri	211
Tabela 125- Convivência atual com idosos em comparação aos escores da Escala Neri - Professores	211
Tabela 126- Frequência de contato atual com idosos e escores da Escala Neri - Professores .	212
Tabela 127- Qualidade da convivência com idosos não familiares em comparação com escores da Escala Neri	212
Tabela 128- Experiência de trabalho com idosos em comparação com escores da Escala Neri - Professores	212
Tabela 129- Ter tido ou ter algum amigo idoso em comparação com Escala Neri - Professores	213
Tabela 130- Escore da Escala Neri em comparação com leituras sobre a velhice - Professores	213
Tabela 131- Comparação entre Formação dos Familiares e Escore geral da Escala Neri	214
Tabela 132- Comparação entre escore geral da Escala Neri e o sexo dos familiares participantes	214
Tabela 133- Comparação entre morar ou não com idosos e os resultados da Escala Neri.....	214
Tabela 134- Comparação entre conviver com idosos na infância e a Escala Neri	215
Tabela 135- Comparação entre conviver com idosos na adolescência e a Escala Neri	215
Tabela 136- Comparação entre conviver com idosos atualmente e escores da Escala Neri	215
Tabela 137- Comparação entre a frequência de contato com idosos familiares atualmente e a Escala Neri	216
Tabela 138- Comparação entre a qualidade dos relacionamentos dos pais com idosos não familiares e a Escala Neri.....	216
Tabela 139- Comparação entre Conversar com os filhos sobre o envelhecimento/ os idosos e os resultados da Escala Neri	217
Tabela 140- Comparação entre a opinião dos familiares acerca da importância de abordagem do tema na escola e os resultados da escala Neri	217
Tabela 141- Comparação entre valores da Escala Todaro e o sexo das crianças participantes	219
Tabela 142- Comparação entre Escala Todaro e Faixas Etárias dos alunos participantes	219
Tabela 143- Comparação entre Escala Todaro e Ano Escolar dos alunos participantes.....	219
Tabela 144- Comparação entre a opinião das crianças acerca da idade de uma pessoa idosa e os resultados da Escala Todaro de Atitudes de Crianças com relação à velhice	220
Tabela 145- Comparação entre as atitudes de crianças que conhecem idosos e daquelas que relataram não conhecer.....	220

Tabela 146- Comparação entre as atitudes com relação à velhice e conviver ou não com os avós	220
Tabela 147- Comparação entre as atitudes dos alunos com relação à velhice e a frequência de contato mantido com pessoas idosas	220
Tabela 148- Comparação entre conversar ou não com os pais sobre idosos e atitudes de alunos acerca da velhice	220
Tabela 149- Estatística Descritiva por item da Escala Neri para Professores	221
Tabela 150- Correlação entre Escores Escala Neri e Acerto no Questionário Paltmore-Neri-Cachioni	222
Tabela 151- Estatística Descritiva da Escala Todaro por item a partir da participação das crianças (7 a 10 anos)	224
Tabela 152- Estatística Descritiva por item da Escala Neri - Familiares	225

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Características da relação de amizade entre Professores e Idosos	68
Gráfico 2- Situações em que o tema velhice/ envelhecimento foi trabalhado com os alunos....	82
Gráfico 3- Materiais e Métodos utilizados para trabalhar o tema velhice/envelhecimento com os alunos	83
Gráfico 4- Livros didáticos que abordam conteúdos gerontológicos segundo a opinião dos Professores	84
Gráfico 5- Avós com quem os alunos mais convivem	99
Gráfico 6- Moradia dos avós que as crianças mais convivem.....	99
Gráfico 7- Características da amizade entre familiares e idosos	124
Gráfico 8- Situações que propiciam conversas sobre idosos ou a velhice com as crianças	138
Gráfico 9- Fontes de Informação dos Familiares sobre o tema velhice/idosos	140
Gráfico 10- Situações em que o tema é trabalhado com os alunos na escola segundo a opinião dos familiares	141
Gráfico 11- Correlação entre Escala Neri e Questionário Paltmore-Neri-Cachioni - Professores	223

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

Corr (r) - Correlação

CV - Coeficiente de Variação

DP - Desvio Padrão

DSC - Discurso do Sujeito Coletivo

EJA - Educação para Jovens e Adultos

EMEB - Escola Municipal de Educação Básica

HTPC - Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IC - Intervalo de Confiança

Mín. - Mínima

Máx. - Máxima

PNE - Plano Nacional de Educação

p - P-valor

r - valor da correlação

Q1 e Q3 - Quartis (25 e 75%)

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	28
1. INTRODUÇÃO	31
2. OBJETIVOS	41
2.1 Objetivos Gerais.....	41
2.2 Objetivos Específicos	41
2.3 Hipóteses	42
3. MATERIAIS E MÉTODOS	42
3.1 Delineamento do Estudo.....	42
3.2 Aspectos Éticos	42
3.3 Local.....	43
3.4 Participantes.....	44
3.5 Instrumentos.....	45
3.5.1 Instrumentos aplicados junto aos professores	45
3.5.2 Instrumentos aplicados junto aos familiares da criança participante	46
3.5.3 Instrumentos aplicados junto às crianças participantes.....	47
3.6 Procedimentos	48
3.6.1 Elaboração e Adequação dos Instrumentos.....	48
3.6.2 Localização dos Participantes e Coleta dos Dados	51
3.7 Análise dos Dados	55
3.8 Variáveis abordadas	57
4. RESULTADOS	59
4.1 Professores	59
4.1.1 Caracterização dos Professores participantes.....	60
4.1.2 Análise de consistência interna e Análises descritivas da <i>Escala Neri de Atitudes com Relação à Velhice</i> - Professores	61
4.1.3 Análise Descritiva do <i>Questionário Palmore-Neri-Cachioni de Conhecimentos sobre a Velhice</i> - Professores.....	63
4.1.4 Análises descritivas das Variáveis relativas à experiência de relacionamento intergeracional e Variáveis sociodemográficas abordadas pelo estudo	65
4.1.5 Análises de Comparação e Correlação entre Escala Neri e demais Variáveis - Professores	69
4.1.6 Análises de Correlação entre Variáveis relativas à experiência de relacionamento intergeracional e Variáveis sociodemográficas abordadas pelo estudo - Professores.....	76

4.1.7 Análises relativas à Educação Gerontológica nas escolas sob a perspectiva dos Professores.....	81
4.1.8 Resumo dos Principais Resultados referentes ao grupo dos Professores.....	91
4.2 Alunos	93
4.2.1 Caracterização dos Alunos participantes.....	93
4.2.2 Análise da consistência interna e Análises descritivas da Escala Todaro de Atitudes com relação à Velhice - Alunos.....	95
4.2.3 Análises descritivas das Variáveis relativas à experiência de relacionamento intergeracional e Variáveis sociodemográficas abordadas pelo estudo - Alunos ...	98
4.2.4 Análises de comparação e correlação entre as Variáveis abordadas e os Escores da Escala Todaro de Atitudes com relação à velhice - Alunos.....	101
4.2.5 Análises de Correlação entre Variáveis relativas à experiência de relacionamento intergeracional e Variáveis sociodemográficas abordadas pelo estudo	104
4.2.6 Análises relativas à Educação Gerontológica nas escolas sob a perspectiva dos Alunos.....	106
4.2.7 Resumo dos Principais Resultados - Alunos.....	112
4.3 Familiares	114
4.3.1 Caracterização dos Familiares participantes	115
4.3.2 Análise da consistência interna e Análises descritivas da <i>Escala Neri de Atitudes com relação à Velhice</i> - Familiares.....	117
4.3.3 Análises descritivas das Variáveis relativas à experiência de relacionamento intergeracional e Variáveis sociodemográficas abordadas pelo estudo - Familiares	119
4.3.4 Análises de comparação e correlação entre as Variáveis abordadas e os Escores da <i>Escala Neri de Atitudes com relação à velhice</i> - Familiares	125
4.3.5 Análises de Correlação entre Variáveis relativas à experiência de relacionamento intergeracional e Variáveis sociodemográficas abordadas pelo estudo - Familiares	130
4.3.6 Análises relativas à Educação Gerontológica sob a perspectiva dos Familiares	137
4.3.7 Resumo dos Principais Resultados - Familiares	145
4.4 Comparação e Correlação entre Escalas de Atitudes com Relação à Velhice entre Grupos.....	146
5. DISCUSSÃO	148
5.1 Atitudes com relação à velhice.....	148
5.2 Convivência com Idosos e Relacionamentos Intergeracionais	162

5.3 Conhecimentos com relação à velhice e Educação Gerontológica	168
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	183
REFERÊNCIAS	187
APÊNDICES.....	196
APÊNDICE A - Questionário para Professores sobre o envelhecimento e as pessoas idosas	197
APÊNDICE B - Questionário para Familiares sobre o envelhecimento e as pessoas idosas	202
APÊNDICE C - Questionário para crianças sobre o envelhecimento e as pessoas idosas	206
APÊNDICE D - Análises de Comparação realizadas entre Escala Neri e demais variáveis do presente estudo que não apresentaram resultados significativos estatisticamente - Professores	210
APÊNDICE E - Análises de Comparação realizadas entre Escala Neri e demais variáveis do presente estudo que não apresentaram resultados significativos estatisticamente - Familiares.....	214
APÊNDICE F - Análises de Comparação entre Escala Todaro e demais variáveis cujos valores não foram significativos - Alunos.....	219
APÊNDICE G - Descrição detalhada das análises da Escala Neri por Domínios - Professores	221
APÊNDICE H - Correlação entre os itens da Escala Neri e o Resultado dos professores no Questionário Palmore-Neri-Cachioni de Conhecimentos sobre a velhice	222
APÊNDICE I - Gráfico de Correlação entre Escala Neri e Questionário Palmore-Neri-Cachioni - Professores	223
APÊNDICE J - Descrição detalhada das Análises da Escala Todaro por domínios - Alunos	224
APÊNDICE K - Descrição detalhada das Análises da Escala Neri por domínios - Familiares.....	225
ANEXOS	226
ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....	227
ANEXO B - ESCALA NERI PARA MEDIDA DE ATITUDES EM RELAÇÃO À VELHICE	231
ANEXO C - QUESTIONÁRIO PALMORE-NERI-CACHIONI DE CONHECIMENTOS SOBRE A VELHICE	234
ANEXO D - ESCALA TODARO PARA AVALIAÇÃO DE ATITUDES DE CRIANÇAS EM RELAÇÃO A IDOSOS	237

APRESENTAÇÃO

Acredito que não há como dissociar traços da minha história de vida aos motivos que me impulsionaram a estudar e produzir o que apresento nesta tese. É sobre este aspecto que inicio meu relato.

Nasci de bons pais, que possuíam valores relacionados à importância da família sumamente fortes, os quais enraizaram-se em meu coração quando ainda uma criança, me moldando na pessoa que sou hoje. Ensinaamentos como "*nenhum sucesso na vida compensa o fracasso no lar*" (David O. McKay) eram diariamente ensinados, vivenciados e exemplificados pela conduta de meus pais, que sempre o fizeram com tanto amor e sabedoria.

O valor dado à família, como o bem mais precioso que possuíamos, foi ainda acrescido pelo ardente desejo e prática de meus pais em resgatar os nomes, as datas, as histórias ou outras informações de nossos antepassados, o que repercutiu em gráficos e mais gráficos de nossa linhagem familiar. Isso foi possibilitado pelo acesso que tiveram ao maior acervo genealógico do mundo¹, que permitiu reconhecermos inúmeras gerações antecedentes às nossas. Foi assim que cresci, aprendendo sobre a importância eterna dos relacionamentos familiares, com a crença de que eles podem se perpetuar para além desta vida. Desse modo, hoje consigo compreender que o meu despertar para pesquisas acadêmicas não poderia ter tido traçados diferentes.

Compreender sobre famílias, seus relacionamentos e possibilidades de apoio para o fortalecimento dos laços, foram temas de meu grande interesse desde ainda na graduação. Os relacionamentos intergeracionais, mais especificamente, ganharam especial brilho e me impulsionaram a desejar aprender e investigar sobre o assunto, imersa no mundo da pesquisa. Foi assim que realizei uma Iniciação Científica durante minha formação em Terapia Ocupacional na Universidade Federal de São Carlos sob a preciosa orientação da Profa. Dra Thelma Simões Matsukura, com apoio da FAPESP. Tal estudo, de caráter qualitativo, abordou sobre os relacionamentos intergeracionais e o cotidiano de famílias de crianças com deficiência física, com foco nas avós, mães e irmãos mais velhos destas crianças.

¹ Para saber mais, acesse www.familysearch.org

Finalizada a Iniciação Científica e também a graduação, desejando dar continuidade a esta nova trajetória, realizei o curso de mestrado, também sob orientação da Profa. Thelma, junto ao Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da UFSCar (PPGTO-UFSCar), o que me traz imensa alegria, orgulho e satisfação, pela oportunidade de ter participado de um Programa tão idealizado e esperado, ainda em seu início. O tema deste nosso estudo, que também teve abordagem qualitativa, foi o cotidiano, as práticas de apoio e os relacionamentos intergeracionais em famílias de crianças com desenvolvimento típico e famílias de crianças com deficiência intelectual, também com foco nas avós, mães e irmãos mais velhos destas crianças.

Entendendo que isso tudo fazia muito sentido para mim de modo pessoal, também foi motivo de grande realização conseguir vislumbrar a potência do tema dentro de conceitos da Terapia Ocupacional. Atrelado a ela, a educação especial apresentava-se como um campo de interesse e rico aprendizado. Assim, busquei nestes dois primeiros momentos (de IC e de mestrado), compreender sobre os relacionamentos intergeracionais tanto em famílias de pessoas com desenvolvimento típico, como em famílias de pessoas com deficiência, buscando vislumbrar as semelhanças, diferenças, desafios e potencialidades de cada uma.

O aprofundar no assunto, despertou ainda o interesse no campo da gerontologia, o qual se abriu com o mesmo brilho que a intergeracionalidade havia se aberto em anos anteriores. E acredito que meu desejo por compreender de maneira mais profunda acerca das atitudes de pessoas com relação à velhice, também muito tem a ver com meu constante interesse nos relacionamentos familiares e nos relacionamentos intergeracionais.

Além disso, a opção pelo foco deste estudo de doutorado se deu principalmente pelo fato de ter despertado em mim, além do já citado interesse, uma motivação para a tentativa de alçar novo voo. O desafio de sair de uma possível "zona de conforto", que significava para mim a intergeracionalidade em busca de algo que me impulsionasse a desenvolver novas habilidades, novos raciocínios, novos modos de pensar, foi, acredito, o grande motivador para que fizesse a escolha por esse tema e pensasse no desenho do estudo que apresentarei aqui.

O fato da minha trajetória de pesquisa (IC e Mestrado) também ter sido exclusiva com estudos qualitativos, foi outro fator que me fez desejar pensar em metodologia e desenho diferentes, no caso, o de um estudo quantiquantitativo. É dessa

forma que me encontro neste presente estudo, o qual recebe influências pessoais, mas também da terapia ocupacional, da educação especial e da gerontologia.

Acrescento ainda que a pesquisa objetivou: identificar crenças e atitudes de professores e alunos do ensino fundamental - ciclo I, e dos familiares dos estudantes sobre a velhice; identificar possíveis relações entre as crenças e atitudes de familiares e professores e das crianças/alunos participantes; identificar possíveis variáveis relacionadas às crenças e atitudes de professores, familiares e alunos.

Além disso, informo que os 855 participantes do estudo foram distribuídos em três grupos, 53 professores do ensino fundamental de escolas públicas municipais de um município do interior do estado de São Paulo; 403 alunos (do 2º ao 5º ano) vinculados às mesmas escolas e 399 pais/ familiares.

O estudo está apresentado da seguinte maneira:

- Sessão 1: Introdução sobre o tema;
- Sessões 2 e 3: Objetivos (gerais e específicos), hipóteses e metodologia de pesquisa (aspectos éticos, instrumentos utilizados, local de coleta de dados, procedimentos de pesquisa, dentre outros);
- Sessão 4: Resultados. Nesta sessão os três grupos participantes são apresentados separadamente. A subseção 4.1 contempla os resultados advindos da participação dos professores; a 4.2 apresenta os resultados dos alunos; em seguida a subseção 4.3 informa sobre a participação dos familiares e por fim; a 4.4 apresenta as análises realizadas entre os resultados dos três grupos de participantes.
- Sessão 5: Discussão dos resultados. A discussão está apresentada a partir de três grandes temas: 5.1 Atitudes com relação à velhice; 5.2 Convivência com idosos e Relacionamentos Intergeracionais e; 5.3 Conhecimentos com relação à velhice e Educação Gerontológica.
- Sessão 6: Considerações Finais.

1. INTRODUÇÃO

O fenômeno do envelhecimento da população mundial tem inspirado a necessidade e a importância de um maior número de pesquisas e investimentos na área. Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), até o ano de 2050 um quinto de toda a população mundial será composta por idosos. No caso do Brasil, o mesmo instituto revelou que a população de idosos aumentou de 9,8% para 14,3% entre os anos de 2005 a 2015, superando até mesmo os números relativos à população idosa de países como França, Inglaterra e Itália (BRASIL, 2002; 2009; 2016).

A diminuição da taxa de fecundidade (dos anos de 1960 em diante) e o aumento da expectativa de vida são fatores primordiais para a ocorrência desta realidade do envelhecimento populacional mundial. Além disso, o ritmo de crescimento do número de crianças, jovens e pessoas economicamente ativas tem diminuído nas últimas décadas, o que faz com que o segmento de idosos da população geral apresente um crescimento mais acentuado do que os demais grupos de menor faixa etária (CAMARANO; KANSO; MELLO, 2004a). Além do grupo de idosos ser aquele que mais cresce no Brasil, observa-se ainda um importante crescimento no número de pessoas muito idosas, isto é, com 90 anos de idade ou mais, o que acentua ainda mais a heterogeneidade do grupo (CAMARANO; KANSO; MELLO, 2004b).

Embora a variação etária da população de idosos corresponda a mais de 30 anos, importa ressaltar que a heterogeneidade da velhice não pode ser vista unicamente sob o viés etário. É preciso considerar as diferentes trajetórias de vida, participação social, gênero, cor/raça, condições de vida, ambiente e características socioeconômicas da população em questão. Sobre isso, inúmeras e importantes mudanças como a perda de papéis sociais (que o findar das atividades laborais pode implicar); o ganho de novos papéis (como tornar-se avô/avó); as vulnerabilidades físicas e mentais; a perda de entes queridos, dentre outras, caracterizam algumas das importantes questões relacionadas à heterogeneidade da velhice (CAMARANO; PASINATO, 2004; CAMARANO; KANSO; MELLO, 2004a).

Outro importante fator atrelado ao envelhecimento populacional, diz respeito à repercussão do mesmo no crescimento do número de famílias com ao menos um idoso, fato que altera as estruturas familiares e também a sociedade (CAMARANO; KANSO; MELLO, 2004a). Sobre o assunto, autores têm afirmado que os cuidados

intergeracionais alteram o ritmo e a dinâmica dos eventos do ciclo de vida, sendo que, sob esta perspectiva o apoio familiar auxilia no aumento da esperança de vida (CAMARANO; KANSO; MELLO, 2004b).

Visto que o estado brasileiro ainda não supre todas as necessidades de saúde e econômicas de sua população idosa, o aumento da expectativa de vida fará com que por um período ainda mais longo, essas pessoas vivam em situação de vulnerabilidade econômica e de saúde, o que alerta à urgência de uma agenda política capaz de vislumbrar e atender as importantes demandas requeridas por este grupo populacional. Além disso, é preciso destacar que as políticas de saúde devem abarcar as necessidades das populações de todas as idades, em prol de hábitos de vida mais saudáveis, como forma de mudança nos paradigmas dos serviços de saúde, sendo ainda necessário considerar a integração familiar e social como importantes ferramentas deste processo (CAMARANO; KANSO; MELLO, 2004b).

Diante desta realidade, nas últimas décadas observou-se um crescente interesse por parte de pesquisadores na realização de estudos direcionados à área. Neste contexto, dentre os diversos aspectos estudados sobre o fenômeno, as atitudes de pessoas com relação à velhice também ganharam destaque e atenção (HESS, 2006; HUANG, 2012; LUO et al., 2013; NERI, 2006; 2008; UYSAL et al., 2014; ZISBERG, et al., 2015).

Especificamente com relação às atitudes, estudos têm direcionado atenção sobre o tema devido à importância que estas exercem na direção do comportamento. A compreensão da relação estabelecida entre atitudes e comportamento refere-se à natureza fundamental das atitudes no processamento das informações, com ênfase em como as mesmas são capazes de influenciar o comportamento manifestado por um indivíduo frente a determinado objeto (HESS, 2006). As atitudes frequentemente têm uma base social, refletindo as experiências passadas com os contextos social, cultural e histórico, a partir de interações físicas ou simbólicas (HESS, 2006; NERI, 2006).

Às atitudes atribuem-se três componentes: avaliativo; cognitivo e; comportamental (NERI, 2006). De acordo com Hess (2006), a influência entre estes componentes e as atitudes ocorre de modo bidirecional, isto é, as atitudes podem influenciar os conteúdos destes três componentes, ou os conteúdos, por sua vez, podem influenciar as atitudes.

Quanto a estes componentes, o cognitivo compreende uma estrutura de conhecimentos ou crenças, as quais se relacionam a fatos ou teorias, ligadas a preconceitos e estereótipos, expressos por meio de supergeneralizações (isto é, falsas

crenças) ou supersimplificações (isto é, estereótipos). Em suma, ao componente cognitivo atribuem-se as crenças e conhecimentos. Já sobre os outros componentes, Neri explica que o avaliativo é expresso em termos de intensidade e direção, isto é, quão negativa ou quão positiva é a atitude, enquanto o comportamental se refere às ações de aproximação ou esquivia (NERI, 2006). Assim, ampliar o conhecimento que se tem acerca das atitudes de pessoas com relação a determinados objetos, parece ser imprescindível para o aumento da compreensão acerca das crenças e comportamentos manifestados frente a eles.

Numa perspectiva sociológica, o interesse tem sido no entendimento das crenças com relação à velhice e seu papel em estruturar o curso de vida através das instituições sociais e estruturas guiadas pela normativa idade. De uma perspectiva mais psicológica, o interesse está em examinar a natureza das crenças e estereótipos relacionados com o envelhecimento, com um olhar para o entendimento de seu papel tanto na determinação de comportamentos voltados para os adultos mais velhos como no próprio comportamento do idoso através do curso de desenvolvimento (HESS, 2006).

Destarte, os estudos com foco na perspectiva das atitudes relacionadas ao envelhecimento têm apontado o quanto estas podem influenciar estruturas sociais e o tratamento dado aos idosos, ao mesmo tempo em que o contexto social, por sua vez, exerce influência nas mesmas e no comportamento, formando assim um ciclo perpétuo (HESS, 2006; NERI, 2006; 2008).

Dada à importância do tema, estudos referentes às atitudes com relação à velhice têm sido realizados por diversas culturas, países e com diferentes populações (NORTH; FISKE, 2015), como crianças (ADAY et al., 1999; DUNHAM; CASADONTE, 2009; FEMIA et al., 2008; GVOZD; DELLAROZA, 2012; HERRERA, 2000; LANEY et al., 1999; LUCHESI; DUPAS; PAVARINI, 2012; LUCHESI; PAVARINI; VIANA, 2012; MAZUTTI; SCORTEGAGNA, 2006; OLIVEIRA et al., 2015;), adolescentes (ALVES; VIANA, 2012; SOUZA, 2003; ZANON; ALVEZ; CARDENAS, 2011), jovens universitários (COTTLE; GLOVER, 2007; HARWOOD et al., 2015; LUO et al., 2013; SARABIA-COBO; PFEIFFER, 2015; SERRANI, 2011; UYSAL et al., 2014; XIE; XIA; LIU, 2007; ZISBERG et al., 2014), adultos (LIFSHITZ, 2002; YU; CHEN, 2012; XIE; XIA; LIU, 2007) ou mesmo os próprios idosos (HARRIS; DOLLINGER, 2001; LUCHESI, 2015; PATROCÍNIO; TODARO, 2015; PATROCÍNIO; PEREIRA, 2013; ZANON; ALVEZ; CARDENAS, 2011).

Os estudos realizados com crianças têm dado especial ênfase na importância dos contatos intergeracionais e da educação gerontológica para aprimoramento das atitudes de crianças com relação à velhice, uma vez que estas estão em uma fase importante de formação de atitudes (DUNHAM; CASADONTE, 2009; GVOZD; DELLAROZA, 2012; HERRERA, 2000; LANEY et al., 1999; LUCHESI; DUPAS; PAVARINI, 2012). Além disso, os estudos que envolveram ações gerontológicas no contexto escolar de crianças e adolescentes apontaram sobre o quanto tais práticas impactam positivamente nas atitudes dos participantes com relação à velhice. (ADAY et al., 1996; COTTLE; GLOVER, 2007; DUNHAM; CASADONTE, 2009; FEMIA et al., 2008; LANEY et al., 1999; SOUZA, 2003; TODARO, 2008).

A importância de investigar sobre as atitudes de pessoas com relação à velhice também se justifica, segundo autores da área, considerando que o aumento da longevidade trouxe como consequência maiores índices de problemas associados à velhice como, o número de pessoas com doença de Alzheimer ou doenças crônicas, e debilidades associadas à finitude, fatos estes que tendem a contribuir para que a população geral desenvolva ou mantenha visões negativas com relação à velhice (ADAY et al., 1996; LUO et al., 2013; NERI, 2006). Esta relação dada entre velhice e doenças foi historicamente gerada pelo modelo biomédico, o qual influenciou e ainda influencia com grande peso as opiniões e ações de cientistas, profissionais da área e consequentemente populações. A partir do que as atitudes sob tal influência têm participação importante na constituição dos preconceitos e estereótipos ligados à velhice (NERI, 2006; SARABIA-COBO; PFEIFFER, 2015).

A discriminação ou atitudes negativas e prejudiciais contra pessoas por causa da idade foi definida internacionalmente como "*ageism*". Comparado ao sexismo ou ao racismo, o "*ageism*" ou preconceito etário, seria o terceiro maior tipo de preconceito no mundo (LUO et al., 2013). No Brasil, observa-se que, assim como em outras sociedades ocidentais, o preconceito etário ocorre em diversos cenários sociais, podendo ser observado a partir de diversas perspectivas, como em questões relacionadas ao mercado de trabalho e aposentadoria, ao cenário da saúde ou mesmo incorporados às outras políticas governamentais. Assim, crenças e atitudes negativas com relação à idade repercutem e legitimam o uso da idade cronológica como mecanismo de segregação e discriminação (GOLDANI, 2010).

Os estudos sobre as atitudes com relação à velhice datam a partir dos anos de 1940 e 1950, sendo que em alguns deles as atitudes negativas em relação aos idosos são

descritas como a primeira causa da discriminação social a esta faixa etária (NERI, 2006). Uma das primeiras pesquisas realizadas sobre o tema, que tratou de uma etnografia realizada no ano de 1946 realizada por Simmons, revelou que os idosos participantes das sociedades primitivas gozavam de prestígio e reconhecimento, como no caso das sociedades agrícolas e patriarcais, para os homens e, nas sociedades com predomínio da pesca e do matriarcado para as mulheres. Contudo, com a transição das formas de subsistência e a descoberta de novas tecnologias, um novo contexto menos dependente da tradição oral e das experiências de vida surgiu, ocorrendo assim uma desvalorização do ser velho (NERI, 2006).

A partir da década de 50 do século passado, há um investimento no desenvolvimento de medidas para avaliação de diferentes populações com relação à velhice. A forma mais utilizada pelos estudos para identificação das atitudes de pessoas sobre a velhice tem sido o uso das escalas de diferencial semântico, com adjetivos dicotômicos, no geral, distribuídos a partir de uma escala *likert* (COTTLE; GLOVER, 2007; LEE, 2014; SERRANI, 2011; USTA et al., 2012).

Ademais, a literatura tem apontado para a importância de perguntar aos participantes sobre a idade considerada para uma pessoa ser classificada como idosa, para que a possibilidade de falta de entendimento quanto à idade dos idosos seja descartada e seja ainda garantido o entendimento quanto à qual faixa etária está se avaliando (COTTLE; GLOVER, 2007; LUCHESI, 2012).

O crescente interesse contemporâneo da área acadêmica sobre a velhice, o envelhecer e os processos que permeiam esta fase do desenvolvimento, tem sido evidenciado por meio de estudos que buscam compreender os papéis desempenhados pelos idosos nas sociedades e a relação que estes papéis podem desempenhar às outras gerações (REBELLATO, 2012; WOODBRIDGE; BUYES; MILLER, 2011; YAMASHIRO; MATSUKURA, 2014). Algumas pesquisas, por exemplo, evidenciaram que os avós representam um papel fundamental na vida dos netos, principalmente com relação à educação e ao desenvolvimento social, por toda infância e adolescência, além dos netos também representarem significativa fonte de apoio, influência e bem-estar aos avós (ARAÚJO; DIAS, 2002; ATTAR-SCHWARTZ; TAN; BUCHANAN, 2009; SMORTI; TSCHIESNER; FARNETI, 2012).

Sobre a importância de se oportunizar o estabelecimento e fortalecimento de vínculos intergeracionais, Brandão et al. (2006) por meio de uma revisão de literatura, descreveram a importância dos chamados "programas intergeracionais" para a

promoção de uma percepção positiva da criança em relação ao idoso e à velhice. De acordo com o estudo, tais interações entre os grupos etários, melhoram a qualidade de vida dos idosos e fornecem confiança, orientação e apoio às crianças e adolescentes participantes. Além disso, o aumento de contato intergeracional foi associado à melhora nas atitudes intergeracionais, o que evidencia os benefícios, para ambas as gerações envolvidas.

Diante deste cenário, estudos também têm sido realizados com o objetivo de identificar o conhecimento que crianças e jovens possuem acerca da velhice, do envelhecer e a compreensão sobre o quanto tais conhecimentos e crenças implicam diretamente nas atitudes estabelecidas pelas crianças e jovens frente aos idosos (BOTH, 2006; GVOZD; DELLAROZA, 2012; HERRERA, 2000; LUCHESI; DUPAS; PAVARINI, 2012; LUCHESI; PAVARINI; VIANA, 2012; MARANGONI, 2007; MAZUTTI; SCORTEGAGNA, 2006; NERI; JORGE, 2006; OLIVEIRA et al., 2015).

Oliveira et al. (2015), em estudo que contou com a participação de 48 crianças de sete e dez anos que residem com idosos com doenças crônicas não transmissíveis, avaliaram as atitudes destas crianças em relação à velhice, a partir da aplicação da Escala Todaro para Avaliação de Atitudes de Crianças em Relação a Idosos. Os resultados apontaram para atitudes mais positivas do que negativas, sendo que as mais negativas se referiram aos aspectos de saúde do idoso e as mais positivas sobre a imagem social do idoso. As autoras destacam a importância de se ampliar o conhecimento sobre a percepção das crianças com relação aos idosos por meio de novas pesquisas, para que seja possível realizar um planejamento de intervenções que objetivem a mudança de atitudes negativas ligadas à velhice e para que sejam identificadas as variáveis que interferem no desenvolvimento de tais atitudes (OLIVEIRA et al., 2015).

Sobre a relação presente na convivência entre as gerações e as atitudes de crianças com relação à velhice, o estudo realizado por Herrera, o qual objetivou descrever as atitudes de crianças frente aos idosos quando estas têm ou não convivência com os mesmos, apontou que todas as 145 crianças participantes (8 a 14 anos) apresentavam atitudes positivas com relação à velhice. Contudo, revelou ainda que aqueles que conviviam com idosos pontuaram para atitudes ligeiramente mais positivas do que os que não conviviam (HERRERA, 2000).

Também com o objetivo de avaliar a atitude em relação à velhice de crianças que convivem com idosos, o estudo quantitativo realizado por Luchesi, Dupas e

Pavarini (2012), por meio da participação de 54 crianças de sete a dez anos que responderam à Escala Todaro para Avaliação de Atitudes de Crianças em Relação a Idosos, apontou que a maioria das crianças (61,4%) apresentou atitudes positivas em relação à velhice, enquanto 16,9% apresentaram atitudes neutras e 21,7% atitudes negativas. As autoras concluem que as atitudes que as pessoas possuem em relação aos idosos podem influenciar o modo como se relacionam com os mesmos. Dessa forma, destacam que para que os relacionamentos intergeracionais se desenvolvam de maneira saudável, as crianças precisam conhecer o processo de envelhecimento o que implica na necessidade de implementação de ações educacionais por parte dos profissionais da saúde e da educação infantil (LUCHESE; DUPAS; PAVARINI, 2012).

A educação gerontológica direcionada às populações de variadas idades, incluindo crianças, jovens, adultos ou idosos, tem sido apresentada como uma possibilidade de intervenção e combate aos preconceitos e visões negativas, o que poderia aprimorar o conhecimento e também as atitudes de pessoas quanto à velhice (COTTLE; GLOVER, 2007; NERI, 2006). Nessa direção, estudos envolvendo crianças e jovens têm investigado sobre as mudanças no conhecimento e nas atitudes com relação aos idosos como resultado de uma intervenção curricular (COTTLE; GLOVER, 2007; ADAY et al., 1996; HERRERA, 2000; DUNHAM; CASADONTE, 2009; LANEY et al., 1999; SERRANI, 2011).

A Educação gerontológica deveria, portanto, ser um imperativo nacional, desde os primeiros anos de vida da criança, para que estas pudessem obter maior conhecimento e desenvolver melhores atitudes com relação à velhice (HUANG, 2012). Dessa forma, as atitudes em relação à velhice e aos idosos deveriam fazer parte dos conteúdos de ensino, compondo o currículo escolar, pois, sendo a escola uma instituição social, incluir conteúdos sobre a velhice em seu currículo trata-se de uma responsabilidade e um investimento no respeito e na compreensão das diversidades e obtenção de espaços plurais e universais. Além disso, de acordo com Todaro (2009), a necessidade de planejar políticas e práticas sociais que favoreçam a participação social dos idosos é uma questão importante de cidadania. Nesse sentido, a educação gerontológica estaria concebendo a vida em toda sua extensão e em favor de todas as idades (BOTH, 2006a).

Dentro desse contexto de ideias é que se põe como necessária a compreensão de uma educação decidida a repensar as disposições culturais, de modo

especial aquelas vinculadas aos currículos escolares no momento em que levam em conta as aprendizagens a serviço do mundo da vida. Nesse sentido, as escolas, ao ministrarem os conteúdos (...) não podem deixar de associar as aprendizagens conceituais, cuja finalidade é o domínio dos fenômenos, as aprendizagens éticas, cuja finalidade tem por recorte a qualificação da vida em face da longevidade (BOTH, 2006a, p. 1453).

Dessa maneira, a escola apresenta-se como um dos cenários ideais para a educação gerontológica e integração de gerações, sendo tais ensinamentos e trocas intergeracionais um investimento no desenvolvimento moral que busca melhorar na qualidade de vida e nas relações interpessoais por meio da promoção de melhores hábitos nas comunidades para todas as gerações (BOTH, 2006b). Visto ainda que a escola corresponde a um espaço que abriga a diversidade, a aquisição de experiências e aprendizados acerca do envelhecimento humano auxiliaria no aprendizado sobre o respeito às diferenças, por meio da percepção de realidades distintas (MAZUTTI; SCORTEGAGNA, 2006).

A importância de expor crianças e adolescentes ao tema foi também evidenciada por um estudo comparativo realizado nos Estados Unidos entre um grupo de crianças com idade entre 6 a 8 anos, que havia participado de programas intergeracionais no contexto escolar, e um grupo de crianças que não participou. Os resultados revelaram que as crianças do primeiro grupo apresentavam maiores níveis de aceitação social, maior desejo por ajudar pessoas idosas e maior empatia para com elas do que as crianças do segundo grupo. A partir de tais resultados, o estudo aponta que expor as crianças ao tema e propiciar interações intergeracionais parece favorecer a forma com que compreendem a velhice e se relacionam com pessoas idosas (FEMIA et al., 2008).

Assim, sendo a educação um importante agente promotor de alteração de comportamentos e aquisição de novas crenças e valores acerca da velhice, mudar as atitudes em relação à velhice é um empreendimento educacional de longo prazo. A ênfase dada ao papel da educação na promoção dessas complexas mudanças remete à importância de investimento do tema na área (NERI, 2006).

Sobre esta necessidade de investimento na educação de crianças com relação aos idosos, o estudo nacional realizado na cidade de Tapejara, RS, que teve por objetivo compreender as concepções de crianças com idade pré-escolar sobre o envelhecimento, aponta que as concepções relacionadas à velhice são construídas gradativamente e que estas, são influenciadas pela qualidade dos relacionamentos intergeracionais

vivenciados pelas crianças. Assim, os autores concluem que o espaço escolar permite o estímulo, aprendizado e reflexão da realidade do idoso, despertando na criança uma postura ativa perante o processo de viver e envelhecer o que poderá refletir inclusive em sua maneira de enfrentar o próprio envelhecimento (MAZUTTI; SCORTEGAGNA, 2006).

Foram ainda encontrados alguns estudos nacionais e internacionais realizados com crianças, adolescentes ou jovens, especificamente em idade e experiência escolar, sobre a visão que gerações mais novas possuem quanto às mais velhas e quanto aos relacionamentos estabelecidos entre as gerações, (DIAS; SILVA, 2003; DUNHAM, 2009; FEMIA; ZARIT; BLAIR; JARROTT; BRUNO, 2008; GVOZD; DELLAROZA, 2012; MARANGONI, 2007; MAZUTTI; SCORTEGAGNA, 2006; SOUZA, 2003; NERI; JORGE, 2006).

O estudo realizado com 123 estudantes da sexta série de uma escola pública no sul do Paraná analisou a percepção de adolescentes sobre a velhice e evidenciou que aqueles que conviviam com idosos expressaram concepções positivas em relação à pessoa idosa, referindo que o mesmo é sociável, atualizado, atento, seguro, saudável, com energia e forte. Entretanto, as autoras relatam ainda, que esta visão positiva não pode ser considerada como uma regra e afirmam que muitas vezes o idoso é visto como sem expectativas, alienado e sem oportunidades, com incapacidades físicas e doenças. A hipótese de melhora para este quadro é então apresentada com a afirmação de que a divulgação de informações positivas sobre o envelhecer possa influenciar e já esteja influenciando as novas gerações (GVOZD; DELLAROZA, 2012).

Harwood et al. (2005) ao examinaram o potencial efeito que os relacionamentos e os contatos entre as gerações têm nas atitudes de pessoas com relação à velhice, apontam que as relações pessoais que caracterizam contato frequente com os idosos têm maior potencial para mudanças de atitudes.

Neri e Jorge (2006), com o objetivo de descrever e comparar as atitudes e os conhecimentos sobre a velhice de 277 alunos de graduação da área da Saúde e da Educação revelam, por meio da aplicação de uma escala de atitudes em relação à velhice e de uma escala de conhecimentos, correlações positivas e significantes entre atitudes e conhecimentos em relação à velhice, evidenciando assim que há uma correlação recíproca entre estudar sobre velhice e apresentar disposições afetivas favoráveis em relação aos idosos. De acordo com as autoras, a falta de conhecimento científico por parte dos profissionais da saúde e da educação e a falta de esclarecimentos

sobre as características e potencialidades do envelhecimento a todas as faixas etárias, simbolizam a maior das barreiras enfrentadas no desafio de se alterar os comportamentos e as atitudes com relação à velhice (NERI; JORGE, 2006).

Contudo, embora a literatura da área tenha afirmado quanto à importância da educação gerontológica para melhora de atitudes de crianças com relação à velhice e; dada a importância do papel do professor para a formação dos alunos não somente quanto aos ensinamentos de conteúdos curriculares, mas também para a formação de valores e cultura; foi localizado somente um estudo internacional que objetivou avaliar atitudes e conhecimentos de professores sobre a velhice. Dentre os resultados deste estudo, que contou com a participação de 1038 professores de crianças e adolescentes de Taiwan, verificou-se que as atitudes dos professores se correlacionavam com a iniciativa dos mesmos em abordar o tema na escola (HUANG, 2012).

Em estudo brasileiro que objetivou avaliar as propostas pedagógicas de oito escolas públicas de ensino fundamental e médio do Distrito Federal, Zanon, Alves e Cardenas (2011) afirmam sobre a inexistência da educação gerontológica no currículo escolar, uma vez que o tema não foi contemplado em nenhuma das propostas investigadas.

Assim, visto que as crianças estão em uma fase especial de formação de atitudes e; que ações de educação gerontológica têm repercutido efeitos nas atitudes das mesmas com relação à velhice, familiares e professores ganham destaque e importância devido ao papel que exercem como educadores e formadores de opiniões das crianças (GVOZD; DELLAROSA, 2012; MAZUTTI; SCORTEGAGNA, 2006; MIN; SILVERSTEIN; LENDON, 2012).

Sobre a família, a literatura enfatiza para o fato de esta ser o primeiro e principal contexto de inserção, formação e desenvolvimento da criança. Nesta direção, pesquisas sobre a transmissão intergeracional de valores têm apontado que os valores sociais de crianças são fortemente associados aos valores sociais de seus pais, sugerindo um processo no qual os pais, intencionalmente, influenciam e moldam os valores e crenças de seus descendentes (LIEFBROER; ELZINGA, 2012; MIN; SILVERSTEIN; LENDON, 2012). Sendo que, segundo Min, Silverstein e Lendon (2012), os "valores" compreendem os sistemas de crenças e as atitudes sociais. Assim, sob esta perspectiva, as atitudes com relação à velhice também se adequariam aos "valores" transmitidos de geração a geração.

De acordo com Lordelo et al. (2000) há uma complexa relação entre a cultura, as crenças dos pais, as práticas de cuidado e o comportamento dos filhos. Embora não seja evidente de que forma, em que direção e o quanto as crenças dos pais ou mesmo as práticas de cuidado tenham efeitos determinantes no desenvolvimento infantil, há uma sistemática ligação entre estes termos. Na mesma direção, a construção da subjetividade das crianças resulta da tessitura da complexa trama de intermediações intergeracionais e culturais às quais estão expostas (LISBOA; FÉRES-CARNEIRO; JABLONSKI, 2007). Entretanto, embora a influência na formação de atitudes de crianças por parte de seus pais/ familiares tenha sido evidenciada por diversos estudos, não foram encontrados estudos que verificassem as atitudes de crianças e seus pais com relação à velhice, sendo esta uma importante lacuna no conhecimento desenvolvido pela literatura da área.

Destarte, destaca-se para a ausência de estudos brasileiros com foco nas atitudes de familiares e crianças com relação à velhice e; de estudos que enfoquem as atitudes e conhecimentos de professores de crianças e adolescentes sobre a velhice, que busquem identificar e aprofundar a compreensão sobre as diversas variáveis implicadas no fenômeno.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Identificar e verificar possíveis relações entre atitudes de professores e alunos do ensino fundamental – ciclo 1, e dos familiares dos estudantes sobre a velhice.

2.2 Objetivos Específicos

2.2.1 Identificar o conhecimento de professores do ensino fundamental com relação à velhice;

2.2.2 Identificar possíveis variáveis relacionadas às atitudes de professores, alunos e familiares;

2.2.3 Identificar a ocorrência de práticas e abordagem de conteúdos adotados por professores de escolas de ensino público regular, referentes à velhice e aos relacionamentos intergeracionais e compreender sobre os desafios e potencialidades das mesmas, sob a ótica dos professores;

2.2.4 Identificar a percepção e compreensão de crianças e seus familiares sobre as práticas e abordagem de conteúdos referentes à velhice na escola;

2.2.5 Identificar a convivência intergeracional bem como a frequência e a qualidade das relações mantidas no passado e atualmente, entre professores, alunos e familiares e idosos.

2.3 Hipóteses

Tem-se neste estudo as seguintes hipóteses:

- As atitudes mais positivas se relacionam com as oportunidades de convivência com idosos;
- As atitudes das crianças são mais positivas que dos adultos familiares;
- As atitudes das crianças se correlacionam com as crenças e atitudes de seus pais/ familiares;
- As atitudes de crianças se relacionam com as oportunidades de abordagem do tema na escola;
- As atitudes dos professores são mais positivas que dos pais/familiares;
- As atitudes dos professores se relacionam com o nível de conhecimento sobre a velhice.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

3.1 Delineamento do Estudo

Trata-se de um estudo descritivo, exploratório, correlacional e comparativo de abordagem quantiqualitativa (COZBY, 2003).

3.2 Aspectos Éticos

A presente pesquisa foi realizada de acordo com os critérios estabelecidos pelo Conselho Nacional de Saúde (Resolução 466 de 12 de dezembro de 2012) acerca dos cuidados éticos em pesquisas com seres humano e foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, a partir do que a coleta de dados foi autorizada (CAAE: 44636615.1.0000.5504 - Número do Parecer 1.719.257 - ANEXO A).

O projeto da pesquisa também foi analisado pela Secretaria de Educação (Divisão de Educação Especial) do município participante, por meio do que foi autorizada a entrada da pesquisadora nas escolas da cidade.

Ressalta-se ainda que, em momento anterior ao início da coleta de dados, os participantes adultos foram convidados a lerem e assinarem ao termo de consentimento

livre e esclarecido. As crianças participantes foram convidadas a assinar o termo de assentimento e seus responsáveis assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido para responsáveis.

Durante o período da coleta de dados foram oferecidos esclarecimentos quanto à área e ao tema da pesquisa a todos os participantes que desejaram saber mais sobre o assunto (especialmente os professores participantes). Após a participação na pesquisa, alguns participantes solicitaram bibliografia para estudo, também com o objetivo de ampliar as possibilidades de trabalho com os alunos sobre o tema. A pesquisadora realizou todas as solicitações, oferecendo direcionamentos, esclarecimentos e ajuda sempre que necessário.

3.3 Local

A coleta de dados ocorreu em escolas públicas municipais, que atendiam crianças do ensino fundamental - Ciclo 1, localizadas em uma cidade de grande porte do interior do estado de São Paulo². Na época em que o estudo ocorreu, havia no município, 8 escolas de ensino fundamental Ciclo 1. Tais instituições serão aqui designadas por EMEB 1, EMEB 2, EMEB 3, EMEB 4, EMEB 5, EMEB 6, EMEB 7 e EMEB 8³ (EMEB: Escola Municipal de Educação Básica).

A seguir, apresenta-se a Tabela 1 com as características principais das EMEBs 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8 no período da coleta de dados da pesquisa.

² De acordo com definição oferecida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), um município de grande porte apresenta população entre 100.001 à 900.000 habitantes (BRASIL, 2009). Localizada no centro geográfico do estado de São Paulo, a cidade conta com uma população de pouco mais de 240 mil habitantes e é considerada a 13ª maior do interior do estado, apresenta índice de pobreza de 12,08% e IDHM (índice de desenvolvimento humano municipal) de 0,805 (IBGE, 2016).

³ Constava na lista fornecida pela secretaria de Educação da cidade uma nona escola (EMEB 9), contudo, esta não estava em funcionamento no período da realização da pesquisa. A pesquisadora foi informada que os alunos da unidade haviam sido transferidos para as EMEBs 4 e 5.

Tabela 1- Caracterização das EMEBs 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8

EMEB	Localização (Região)	Atende alunos	Número de Alunos	Número de Professores	Número de Salas de Aula	Ano de início de Funcionamento
1	Norte	1º ao 5º ano e EJA*	669	35	27	2000
2	Norte	1º ano a 8ª série e EJA*	846	42	35	1991
3	Oeste	1º ao 5º ano	229	14	10	1998
4	Sul	1º ao 5º ano e EJA*	1123	60	48	1998
5	Sul	1º ao 5º ano e EJA*	1260	77	52	1992
6	Sul	1º ao 5º ano	219	14	18	1999
7	Leste	1º ao 5º ano e EJA*	611	22	24	1998
8	Oeste	1º ano a 8ª série e EJA*	1162	59	40	1992
TOTAL	-	-	6119	323	254	-

*EJA: Educação para Jovens e Adultos

3.4 Participantes

Foram participantes do estudo 855 pessoas, divididas em três grupos, compostos por: 53 professores do ensino fundamental (ciclo 1) de escolas públicas de um município do interior do estado de São Paulo; 403 alunos com idade entre sete e 11 anos das mesmas escolas e; 399 familiares dos alunos.

Como critérios de inclusão para participação da pesquisa, os alunos deveriam estar matriculados nas unidades de ensino selecionadas, cursando o segundo, terceiro, quarto ou quinto ano do ensino fundamental e deveriam ter entre sete e 11 anos de idade⁴.

Os demais participantes do estudo, isto é, professores e familiares, deveriam aceitar participar da pesquisa (como critério de inclusão), não havendo critérios de exclusão.

⁴ Vale ressaltar que, uma vez que a Escala de Atitudes adotada pelo presente estudo prevê sua utilização com crianças entre sete e 10 anos, todos os participantes que tivessem idade correspondente a esta variação etária seriam incluídos na pesquisa (com participação no preenchimento de todos os instrumentos), no entanto, aqueles que tivessem 11 anos participariam respondendo a todos os instrumentos, mas os resultados da Escala de Atitudes destes participantes não seria utilizada nas análises dos dados, sendo assim utilizada somente as respostas frente ao *Questionário para Crianças* formulado pelas pesquisadoras.

3.5 Instrumentos

Foram utilizados para coleta de dados os seguintes instrumentos:

3.5.1 Instrumentos aplicados junto aos professores

3.5.1.1 *Questionário para Professores sobre o Envelhecimento e Pessoas Idosas*

Foi elaborado um questionário com 28 perguntas abertas e fechadas, destinado aos professores participantes. O roteiro contou com questões gerais, referentes ao grau de instrução do profissional; funções exercidas na instituição; dentre outros. Assim como com questões mais específicas, referentes à abordagem do tema envelhecimento humano e velhice nas atividades escolares; inclusão ou não inclusão do assunto em parte do conteúdo programático; conteúdos e frequência com que é abordado, etc. Ademais o roteiro também focalizou questões dissertativas referentes à história de vida pessoal dos professores, sobre relacionamentos com seus avós ou outros idosos, no passado e no presente (Apêndice A).

3.5.1.2 *Escala Neri para Medida de Atitudes em Relação à Velhice*

A versão inicial do instrumento, desenvolvida no Brasil, foi testada e validada pela autora inicialmente no ano de 1991 (NERI, 1991). A partir de então, a escala foi utilizada em vários trabalhos não publicados, até que após novas análises, teve sua versão final testada e validada (NERI, 1995; 1997), a qual tem sido desde então, amplamente utilizada, com o fito de se avaliar as atitudes de diferentes populações acerca da velhice (LUCHESE, 2015; NERI, JORGE, 2006; NERI, CACHIONI, RESENDE, 2002; RESENDE, NERI, 2005; TODARO, 2009) (ANEXO B).

Dividida em quatro domínios: cognição (capacidade do idoso em processar informações e resolver problemas); agência (autonomia do idoso e sua instrumentalidade para realização de ações); relacionamento social (aspectos afetivo-emocionais) e; persona (relacionado aos rótulos sociais para designar pessoas idosas), no total a escala contém 30 itens cada qual possuindo duas características antagônicas, que devem ser escolhidas em cinco níveis de intensidade, sendo que o número um (1) representa a maior qualidade e o número cinco (5) a menor qualidade.

A fim de se diminuir a possibilidade de escolha tendenciosa das alternativas, as características positivas e negativas compostas pela escala são distribuídas hora à direita, hora à esquerda, isto é, algumas alternativas positivas estão próximas do número 1 da escala *likert*, enquanto outras estão aproximadas do número 5, assim como também

ocorre com as características negativas. Desta forma, para que seja possível a realização da análise estatística do instrumento, é preciso realizar a inversão das questões que estão propositadamente alocadas nos locais opostos (que são os itens de número 2, 4, 5, 6, 7, 8, 11, 15, 17, 18, 21, 23, 24, 26 e 30 da escala). A análise estatística dos resultados obtidos revela então quão positivas ou negativas são as atitudes do respondente com relação à velhice.

3.5.1.3 Questionário Palmore-Neri-Cachioni de Conhecimentos sobre à Velhice

Utilizado por diversos estudos internacionais (AUSHERMAN, et al. 1991; COTTLE; GLOVER, 2007; HARRIS; CHANGAS, 1994; HARRIS; CHANGAS; PALMORE, 1996; HUANG, 2012;) e nacionais (CORDEIRO; VICENTE, 2010; CORDEIRO, 2011; FERREIRA; RUIZ, 2012; MENEZES; SOUZA; CARDOSO, 2007; NERI; JORGE, 2006; PINTO, 2012), o instrumento busca verificar o conhecimento de pessoas sobre à velhice, foi traduzido e validado para o Brasil por Cachioni no ano de 2002 (CACHIONI, 2002).

Autoaplicável, composto por 25 questões com quatro alternativas de respostas cada, o questionário avalia o nível de conhecimento do respondente com relação aos aspectos cognitivos, físicos, psicológicos e sociais da velhice. Tal questionário passou por validação de conteúdo e a análise da consistência interna apresentou índice indicativo de alta consistência e confiabilidade aos dados trabalhados (CACHIONI, 2002) (ANEXO C).

3.5.2 Instrumentos aplicados junto aos familiares da criança participante

3.5.2.1 Questionário para Familiares sobre o Envelhecimento e Pessoas Idosas

Com 20 questões o roteiro abordou informações de caracterização relativas à idade; profissão; situação conjugal; composição familiar, dentre outras. Além disso, o questionário também abordou questões abertas e fechadas referentes à existência de conversas realizadas com as crianças e a forma com que o tema "velhice" é abordado; as principais atividades oferecidas sobre o tema pela escola; como julgam esse tipo de atividades e ensinamentos, dentre outros. Ademais, o roteiro também abordou acerca dos relacionamentos estabelecidos pelos familiares com idosos no passado e no presente (Apêndice B).

3.5.2.2 *Escala Neri para Medida de Atitudes em Relação à Velhice*

A mesma escala utilizada com os professores (citada e descrita anteriormente) foi utilizada com os familiares (ANEXO B).

3.5.3 Instrumentos aplicados junto às crianças participantes

3.5.3.1 *Questionário para Crianças sobre o Envelhecimento e Pessoas Idosas*

Com o intuito de caracterização dos participantes, o roteiro contou com questões relativas à idade da criança; à composição familiar; ano letivo escolar, dentre outras. Além disso, abordou questões referentes à convivência e aos relacionamentos da criança com idosos; aos ensinamentos e atividades realizadas na escola sobre o tema; às conversas realizadas com familiares sobre o envelhecimento, dentre outras, totalizando 27 perguntas, dentre as quais encontravam-se questões de cunho dissertativo (Apêndice C).

3.5.3.2 *Escala Todaro para Avaliação de Atitudes de Crianças em Relação a Idosos*

Tal instrumento foi elaborado a partir da Escala Neri para Medida de Atitudes com Relação à Velhice (NERI 1991; 1997). A primeira versão, criada por Todaro e Costa (2004), recebeu o nome de "Inventário Todaro", foi testado com uma amostra de 100 crianças em idade escolar, após o que as autoras reformularam a escala com base nos testes de compreensibilidade e após análise de especialistas linguísticas. A versão final da escala foi então realizada e teve sua consistência interna e validação testadas por meio de estudo com a participação de 248 crianças com idade entre sete e 10 anos (TODARO, 2008). Desde então a escala vem sendo utilizada em pesquisas da área por diferentes autores (LUCHESE; DUPAS; PAVARINI, 2012; LUCHESE; PAVARINI; VIANA, 2012; OLIVEIRA, et al. 2015; TODARO, 2008) (ANEXO D).

Dividida em quatro domínios: cognição (com referência à capacidade do idoso em processar informações e resolver problemas); agência (autonomia do idoso e sua instrumentalidade para realização de ações); relacionamento social (aspectos afetivo-emocionais) e; persona (relacionado aos rótulos sociais para designar pessoas idosas); a escala contém 14 itens cada qual possuindo duas características antagônicas, que devem ser escolhidas em três níveis de intensidade, o nível um (alocado ao lado da característica positiva) representando atitude positiva, o dois, atitude neutra e o terceiro nível (alocado ao lado da característica negativa) representando uma atitude negativa.

Assim, quanto maior a pontuação da criança, mais negativa é a atitude dela em relação aos idosos.

Entretanto, de modo semelhante ao ocorrido com a Escala Neri, para diminuir a possibilidade de escolha tendenciosa das alternativas da Escala Todaro, as características positivas e negativas compostas pela escala são distribuídas hora próximas do número 1 da escala *likert*, hora próximas do número 3. Desta forma, para que seja possível a realização da análise estatística do instrumento, é preciso realizar a inversão das questões que estão propositadamente alocadas nos locais opostos (que são os itens de número 3, 7, 9, 11 e 13 da escala). A análise estatística dos resultados obtidos revela então quão positivas ou negativas são as atitudes do respondente com relação à velhice.

3.6 Procedimentos

3.6.1 Elaboração e Adequação dos Instrumentos

3.6.1.1 Elaboração e Adequação dos Questionários dirigidos aos Participantes

Foi realizado um levantamento bibliográfico dos estudos nacionais e internacionais que abordassem as atitudes de pessoas com relação à velhice, publicados no período de 2005 a 2015. As bases de dados do portal Capes, Scientific Electronic Library Online (SciELO), Science Direct, Web of Science, Scopus e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) bem como o banco de teses e dissertações de universidades como UFSCar e USP, foram utilizadas para a realização desta pesquisa que ocorreu entre os meses de fevereiro a julho do ano de 2015. As palavras chaves utilizadas durante esta busca foram: “atitudes”, “crenças”, “atitudes com relação à velhice”; “atitudes de crianças com relação à velhice” e em língua inglesa: "attitudes and beliefs"; "attitudes, beliefs and elderly"; "attitudes, beliefs and aging"; "attitudes, beliefs and aged"; "attitudes toward aging" e; "attitudes toward older people". Importa destacar que tais termos foram escolhidos por serem os mais encontrados dentre as palavras-chave das produções da área.

A partir destas buscas, foram selecionados os textos cujos títulos mais se aproximavam do objeto de estudo da presente pesquisa (n=203). Foram excluídos deste total, artigos que não estivessem escritos em língua Portuguesa, Inglesa ou Espanhola, restando 197 produções. Todos os 197 títulos foram relidos, assim como aos seus resumos, verificando-se que deste total, apenas 97 realmente diziam respeito ao tema.

Após um novo refinamento dos 97 artigos encontrados, foram excluídos aqueles que faziam referência às atitudes dos próprios idosos com relação à velhice, ou de outras populações diferentes das estudadas pelo presente estudo. Assim, restou um total de 54 produções, sendo que não foi possível localizar 12 delas em sua íntegra.

Com base na leitura dos textos, foi dado início ao processo de construção dos questionários para professores, para pais e para alunos do ensino fundamental participantes.

De acordo com Manzini (2003), após a elaboração da primeira versão do roteiro de entrevista/ questionário, faz-se necessária a submissão deste roteiro a juízes familiarizados com o tema, para que possam realizar uma apreciação acerca da adequação das perguntas e de sua coerência com o objetivo da pesquisa. Em seguida, para dar continuidade a este processo de adequação do roteiro, o pesquisador deve realizar entrevista piloto com uma amostra da população a ser pesquisada, para dessa forma verificar a adequação da linguagem, da estrutura da pergunta e da sequência, além de verificar a compreensão das perguntas por parte do entrevistado, a necessidade de alteração delas ou ainda a necessidade de incorporação de novas perguntas ao roteiro original (MANZINI, 2004; MANZINI, 2003; MANZINI 1991).

Seguindo as estratégias sugeridas por Manzini, após a elaboração dos questionários, foi feito o convite para seis juízas, especialistas na área de Terapia Ocupacional e/ ou Gerontologia, para que pudessem opinar e propor mudanças necessárias. Dos seis especialistas convidados, quatro responderam ao convite afirmativamente e participaram do processo de adequação dos questionários enviando suas opiniões e sugestões. Em seguida, após uma nova revisão por parte das pesquisadoras, foi realizado estudo piloto, para aplicação teste, com a participação de dois alunos, dois pais e dois professores, por meio do que os roteiros sofreram novos ajustes e foram então finalizados para a coleta de dados.

Após estas etapas, o questionário dirigido aos professores do ensino fundamental (ciclo 1) participantes, teve seu número final aumentado de 20 para 28 questões. A sessão inicial, "informações gerais", que continha inicialmente sete questões, contou com dez na versão final do instrumento. A sessão final, "sobre você e as pessoas idosas que conhece ou conheceu", teve seu número alterado de 12 para 18 questões. Vale ressaltar, que não somente o número de questões sofreu alteração, mas também a redação das questões, ordem, formato e conteúdo (Apêndice A).

O questionário destinado aos familiares do aluno participante teve seu número final mantido em 21 questões. A primeira sessão "informações gerais", que contava inicialmente com um número de 10 perguntas, aumentou para 11. A última sessão, "sobre as pessoas idosas que você conhece ou conheceu", sofreu alteração de 11 para 10 questões. Acrescenta-se que assim como no caso do questionário para os professores, o roteiro dos pais teve alterações quanto à redação de suas questões, conteúdo, ordenação e formatação (Apêndice B).

O roteiro destinado às crianças participantes do estudo continha inicialmente 24 questões, sendo que após a avaliação das juízas e da realização do estudo piloto, apresentou em sua versão final 27 questões. A primeira sessão, "informações gerais", que continha inicialmente 11 questões, passou a conter 10. A sessão seguinte, "sobre seus avós", teve seu número de questões aumentado de três para quatro. A terceira sessão, "sobre outras pessoas idosas que você conhece", teve um acréscimo de 2 questões. Já a última parte, "sobre sua escola", o número de questões se manteve igual a sete. De modo similar aos roteiros anteriores, o questionário dirigido às crianças sofreu alteração no número e na redação de algumas questões, para que se tornassem mais acessíveis à linguagem das crianças bem como nos seus conteúdos e formatação (Apêndice C).

3.6.1.2 Atualização do Questionário Palmore-Neri-Cachioni de Conhecimentos sobre a Velhice

A revisão de literatura realizada sobre o tema revelou que diversos estudos internacionais e nacionais fizeram uso deste instrumento para verificar o conhecimento de pessoas sobre a velhice (AUSHERMAN, et al. 1991; CORDEIRO; VICENTE, 2010; CORDEIRO, 2011; COTTLE; GLOVER, 2007; FERREIRA; RUIZ, 2012; HARRIS; CHANGAS, 1994; HARRIS; CHANGAS; PALMORE, 1996; HUANG, 2012; MENEZES; SOUZA; CARDOSO, 2007; NERI; JORGE, 2006; PINTO, 2012). Após tal constatação, foi verificado que o mesmo havia sido traduzido e validado para o Brasil no ano de 2002 (CACHIONI, 2002).

Assim, as pesquisadoras entraram em contato com a autora da versão brasileira do instrumento para solicitar a autorização do uso e orientações. Neste contato, a autora autorizou o uso e informou que o questionário conta com questões passíveis de alterações com o tempo, isto é, as respostas de algumas perguntas podem sofrer alterações de acordo com dados mais recentes/ atuais. Dessa maneira, informou que

algumas questões do roteiro deveriam ser atualizadas (como exemplo a questão de número 19, a qual questiona acerca da porcentagem de brasileiros acima de 60 anos na atualidade).

Com essa orientação, as pesquisadoras entraram em contato com pesquisadores/especialistas da área de Gerontologia para que pudessem analisar o instrumento, acusar o número de questões que necessitariam de atualização e indicar literatura para tal atualização. Um dos pesquisadores contatados se dispôs a auxiliar nesse passo da pesquisa. Após análise do instrumento, questões de número um, sete, 19 e 22, foram indicadas a serem analisadas sob dados mais atuais.

Assim, após uma busca em fontes de dados atuais, as pesquisadoras fizeram uma atualização e/ou confirmação das questões e apresentaram as conclusões ao pesquisador/especialista da área. Em seguida, em outra reunião, o instrumento foi novamente analisado em cada um de seus itens, após o que o questionário foi considerado completamente atualizado e finalizado para aplicação com os participantes.

3.6.2 Localização dos Participantes e Coleta dos Dados

Todos os 855 participantes foram localizados junto às escolas públicas municipais de ensino fundamental (ciclo 1) do município focalizado.

Inicialmente, após a permissão da secretaria de educação da cidade para a entrada da pesquisadora nas escolas, foi realizada uma visita em todas as unidades escolares para apresentação da pesquisa, seus objetivos, procedimentos e também para apresentação da carta de autorização da secretaria de educação da cidade.

Na época da coleta de dados (agosto de 2015 a junho de 2016), o município contava com oito escolas municipais de ensino fundamental ciclo 1. As oito escolas foram contatadas, no entanto em duas delas (EMEB 7 e EMEB 8), as diretoras não autorizaram a entrada da pesquisadora alegando que a instituição já estava cedendo espaço para outros pesquisadores e que a entrada de mais um seria inoportuno para o momento.

Assim, do total de oito escolas, as seis que concederam autorização serão aqui representadas por EMEB 1, EMEB 2, EMEB 3, EMEB 4, EMEB 5 e EMEB 6.

Como próxima etapa para coleta dos dados, a pesquisadora participou das reuniões de HTPC (Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo) de todas as seis escolas participantes. A escolha pela participação nesta reunião se deu após a sugestão da diretora da primeira escola participante. Assim, concluindo que se tratou de um espaço

propício e oportuno para a apresentação da pesquisa, optou-se por iniciar os procedimentos de coleta de dados dessa mesma forma também nas demais escolas. Contudo, vale destacar que a participação nessas reuniões se deu de diferentes maneiras, conforme o direcionamento dado por cada diretora. Em algumas escolas foi necessária a participação em vários destes encontros, por exemplo, enquanto que em outras as diretoras preferiram que a participação se limitasse a apenas uma visita.

De modo geral, nessas reuniões de HTPC, foi realizada uma breve explicação sobre a pesquisa a todas as professoras e professores presentes nessas reuniões. Além de explicar sobre os propósitos e importância da pesquisa, também era explanado sobre a forma com que as escolas iriam participar, o que envolveria a participação dos professores e também de seus alunos e pais/ familiares.

Já nesta etapa, todos os professores presentes nas reuniões foram convidados a participar da pesquisa e, aqueles que concordaram, assinaram ao TCLE para os profissionais da Educação. Assim, foi acordado que a pesquisadora iria mais outras duas vezes (ou mais) nesses momentos de encontro (HTPC), para entregar os questionários àqueles que haviam aceitado participar e depois para recolher o material já preenchido. Ressalta-se que algumas diretoras preferiram se responsabilizar por essa etapa da pesquisa, fazendo a entrega do material às professoras que haviam previamente aceitado participar e posteriormente recolhendo os questionários preenchidos.

Além disso, em uma única escola (EMEB 4), a diretora optou por ela mesma fazer a apresentação da pesquisa no momento do HTPC, assim, não foi possível saber o número de professores convidados. Contudo, uma vez que isso não gerou resultados, fez-se a opção de convidar os professores pessoalmente, um a um, no momento das reuniões de pais. Assim, os professores desta escola que participaram da pesquisa, concederam sua autorização nesses momentos.

A seguir, os dados da Tabela 2 demonstram o número de professores convidados, o número de professores que aceitaram participar e o número de professores que efetivamente participaram da pesquisa.

Tabela 2- Convites Feitos aos Professores

EMEB	Número de Professores Convidados	Número de Professores que aceitaram	Número de Professores que Participaram/Porcentagem
1	19	18	15 (78,9)
2	16	4	3 (18,7%)
3	25	12	8 (32%)
4	-	-	15 (-)
5	75	40	9 (12%)
6	12	9	3 (25%)
Total	147	83	53 (36%)

Em seguida, a pesquisadora iniciou a coleta de dados com os alunos e seus familiares. Como estratégia para esta etapa da coleta de dados, foi sugerido às diretoras que a pesquisa pudesse ser apresentada aos pais no momento das Reuniões de Pais realizadas pela escola. Em cinco, das seis escolas participantes (EMEBs 1, 3, 4, 5 e 6), as diretoras concordaram com a estratégia escolhida e permitiram que a pesquisadora entrasse em todas as salas de aula no momento das reuniões de pais, tanto do período da manhã como do período da tarde, para realização do convite.

Em apenas uma das escolas participantes (EMEB 2), a diretora condicionou a entrada da pesquisadora nas reuniões de pais somente dos professores que também autorizassem tal participação. Nesse caso, grande parte dos professores da escola não autorizou que a pesquisadora entrasse nas reuniões para falar sobre a pesquisa aos pais e convidá-los à participação. Assim, o convite foi realizado somente nas salas cujos professores autorizaram a entrada da pesquisadora. Em tal escola, o número de participantes foi reduzido, se comparado às demais, uma vez que o convite aos pais não pode ser feito em todas as salas de aula.

Durante a participação nas reuniões de pais, foi realizada uma breve explicação aos familiares sobre o que se tratava a pesquisa e sobre a forma com que eles e os alunos poderiam participar. Dentre as principais informações concedidas, é importante destacar que além de explicações sobre a pesquisa e forma de participação, foi também explicitado que aqueles que aceitassem participar e também autorizassem a participação dos alunos, deveriam assinar ao termo de consentimento livre e esclarecido para familiares e ao termo de consentimento livre e esclarecido para responsáveis, além de indicar o nome do aluno para que os questionários pudessem ser entregues a eles posteriormente.

Dessa forma, os familiares que aceitaram participar, receberam a instrução de que em poucos dias, receberiam pelas crianças um envelope contendo dois conjuntos de

questionários, um "questionários para pais ou responsáveis" e outro "questionários para as crianças". Foram alertados ainda, que ao receberem tal envelope, deveriam responder com atenção a todas as perguntas, sem preocupação de acertarem ou errarem, uma vez que não haveria resposta certa ou errada, mas somente a opinião de cada um.

Os familiares foram também alertados de que não deveriam ajudar os alunos respondendo aos questionários por eles (ou vice-versa), que poderiam sim tirar alguma dúvida quanto ao entendimento das questões, mas que era fundamental que todas as crianças participantes respondessem com suas próprias opiniões. Uma vez que não foi possível assegurar que tal instrução tenha sido estritamente seguida por todos os participantes, aponta-se esta como uma limitação do estudo.

Além disso, os familiares também foram esclarecidos quanto ao sigilo da pesquisa, visto que nenhum dos participantes seria identificado. Tais informações foram oferecidas tanto durante o contato pessoal da pesquisadora no momento das Reuniões de Pais, como por escrito (junto aos envelopes enviados aos alunos).

Assim, após o aceite dos familiares com a assinatura nos termos de consentimento e indicação do nome do aluno, a pesquisadora entregou para cada aluno, cujo responsável havia autorizado, um envelope contendo os instrumentos para alunos e para pais/responsáveis.

Conforme combinado com os familiares e após todos os esclarecimentos prestados, as crianças levaram os envelopes para casa, a fim de que pudessem preencher os próprios instrumentos e entregar o dos pais/ familiares. Cada aluno teve então o prazo de sete dias para responder aos instrumentos em sua casa e entregá-los preenchidos à pesquisadora, que foi até às escolas após esse prazo para recolher o material.

Esta etapa da pesquisa consistiu em várias idas às escolas. Assim, com os alunos que não entregaram os questionários, foram combinadas novas datas para entrega. Após tais tentativas (de três a cinco), todos os alunos foram então avisados sobre uma data limite para entrega do material, a partir do que a pesquisadora não mais voltaria às escolas. Acrescenta-se ainda que, tal data limite era estabelecida também quando em torno de 70% do material já houvesse sido recolhido.

Apresenta-se a seguir (Tabela 3), os resultados dos convites para participação na pesquisa feitos aos familiares dos alunos das escolas participantes durante as reuniões de pais oferecidas pelas escolas. O quadro assinala ainda o número de familiares que

aceitaram participar e autorizaram a participação dos alunos, que receberam os questionários e aqueles que retornaram os questionários preenchidos às escolas.

Tabela 3- Convites feitos aos Familiares para participação na pesquisa

EMEB	Número de alunos matriculados	Número de Autorizações de familiares recebidas*	Retorno dos questionários preenchidos / Porcentagem	Número de questionários não retornados/ Porcentagem
1	669	130	103 (79,2)	27 (20,7)
2	846	36	33 (91,6)	3 (8,3)
3	229	47	33 (70,2)	14 (29,7)
4	1123	144	127 (88,2)	17 (11,8)
5	1260	108	80 (74)	28 (25,9)
6	219	47	27 (57,4)	20 (42,5)
Total	4420	512	403 (78,7)	109 (21,2)

* Autorização para própria participação e para participação do(a) aluno (a)

Desta forma, a amostra final dos participantes foi encerrada conforme apresenta-se a seguir, com os dados da Tabela 4.

Tabela 4 - Convites Aceitos e Número Final de Participantes

Participantes	Convites Aceitos	Retorno dos Convites (Participação Efetiva)/ Porcentagem
Professores	83	53 (63,8)
Familiares	512	399 (77,9)
Alunos	512	403 (78,7)
Total	1115	855 (76,7)

3.7 Análise dos Dados

Uma vez que o estudo é de abordagem quantiqualitativa, os dados obtidos foram analisados de duas maneiras.

Os dados quantitativos foram submetidos para as análises descritivas, de comparação e de correlação. Tais análises foram realizadas com a ajuda de uma empresa especializada em prestar consultoria estatística para pesquisas acadêmicas e também de uma professora doutora, especialista em realizar estudos quantitativos com análises estatísticas.

Para as análises descritivas foram realizados cálculos de média, mediana, máxima, mínima, desvio padrão (DP), intervalo de confiança para a média (IC), coeficiente de variação (CV), quartis (Q1 e Q3) e p-valor.

Uma vez que os dados obtidos pelo presente estudo apresentaram normalidade e homogeneidade de variâncias, optou-se pela utilização de testes paramétricos para

análise e interpretação dos resultados. Sendo assim, para as análises de comparação entre os grupos foi utilizado o teste ANOVA e teste de igualdade de duas proporções. Já para as análises de correlação foram realizados testes de correlação de Pearson. Além disso, foi utilizado o método Alfa de Cronbach a fim de se verificar a consistência interna e confiabilidade da Escala Neri de Atitudes com relação à velhice para as populações estudadas (FIELD, 2009; MAROCO, 2003; VIEIRA, 2004; MURRAY, 1993; FONSECA; MARTINS, 1996).

Ressalta-se ainda que foi definido para este trabalho resultados com nível de significância de 0,05 (5%), o que quer dizer que admitiu-se erro estatístico das análises realizadas de no máximo 5%. Isto significa que todos os intervalos de confiança construídos neste trabalho foram construídos com 95% de confiança estatística, conforme preconizado como ideal por autores da área (FIELD, 2009; MAROCO, 2003).

Sobre as análises de correlação realizadas, destaca-se ainda que o critério utilizado pelo presente trabalho quanto à força/ efeito da correlação, foi de: $r \geq \pm 0,1$ (efeito pequeno); $r \geq \pm 0,3$ (efeito moderado) e; $r \geq \pm 0,5$ (efeito grande). Sendo que, quanto à significância destas análises, adotou-se $p \leq 0,05$ (FIELD, 2009).

Ademais, acrescenta-se ainda que serão destacados no presente trabalho, somente os resultados de correlação (r) que obtiveram valor superior ou igual a $\pm 0,3$ e, os resultados de comparação cujo p -valor foi inferior ou igual a 0,05. As análises de comparação cujos valores foram diferentes do adotado como significativo estatisticamente (isto é, $p \geq 0,05$) estão localizadas nos apêndices (Apêndices D, E e F).

Quanto aos dados qualitativos do estudo, estes foram analisados sob a luz da técnica do Discurso do Sujeito Coletivo - DSC (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2001, 2005, 2010). Tal técnica vem sendo desenvolvida desde o final da década de 1990 para pesquisas de representação social. O método prevê que por meio de um único discurso a opinião de uma coletividade seja exposta, sem, no entanto, descaracterizar a natureza qualitativa de cada depoimento analisado e reunido para composição desse discurso coletivo. Dessa forma, busca-se recuperar, por meio da opinião dos indivíduos participantes, os atributos da dimensão coletiva contidos em cada resposta (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2001, 2005, 2010).

Assim, após todos os depoimentos serem coletados, faz-se a “reunião em discursos-síntese dos conteúdos e argumentos que conformam essas opiniões semelhantes” (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2010, p. 17). A técnica, desta forma, consiste em uma série de operações sobre os discursos coletados a fim de elaborar depoimentos

coletivos a partir de estratos literais significativos, de sentido semelhante, das diferentes falas.

Destarte, cada DSC elaborado a partir da técnica, ilustra uma determinada opinião da população estudada. Sendo assim, tal método permite a elaboração de vários DSCs, de acordo com a diversidade de opinião da população pesquisada (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2001, 2005, 2010). Vale ressaltar que como se trata de um método de representação social o DSC formado com a opinião de apenas um ou de poucos participantes, também é relevante e importante para os resultados da pesquisa, pois demonstra a presença daquela representação dentro do contexto pesquisado.

Assim, os dados qualitativos obtidos no presente estudo foram digitados para identificação das ECHs, ICs e AC de cada fala dos participantes. A partir do que, foi possível então a construção dos DSCs comuns representativos de cada grupo (alunos; pais; professores) considerando os objetivos que foram propostos.

3.8 Variáveis abordadas

Apresenta-se a seguir, as variáveis analisadas pelo presente estudo a partir dos grupos participantes.

Professores:

- Conhecimento sobre a velhice
- Sexo;
- Idade;
- Convivência com idosos na infância (familiares e não familiares);
- Qualidade da convivência com idosos na infância (familiares e não familiares);
- Convivência com idosos na adolescência (familiares e não familiares);
- Qualidade da convivência com idosos na adolescência (familiares e não familiares);
- Convivência atual com idosos (familiares e não familiares);
- Qualidade da convivência atual com idosos (familiares e não familiares);
- Tipo de contato com idosos, se voluntário ou necessário (familiares e não familiares);
- Frequência de contato com idosos;
- Morar com idosos atualmente;
- Trabalhar com idosos;
- Ter um amigo idoso;

- Leitura de livros sobre idosos/ velhice;
- Cursos sobre idosos/ velhice;
- Abordagem do tema na escola;
- Dúvidas dos alunos sobre a velhice;
- Importância do tema para abordagem escolar.

Alunos:

- Sexo;
- Idade;
- Ano Escolar;
- Escola em que o aluno estuda;
- Percepção da idade do idoso;
- Conhecer idosos;
- Frequência de contato com idosos;
- Distância entre a moradia dos avós e a moradia dos alunos;
- Qualidade do relacionamento com avós;
- Morar com idosos;
- Não ver os avós;
- Ter dúvidas sobre a velhice;
- Conversar com os pais sobre o assunto;
- Aprender sobre o tema na escola.

Familiares:

- Idade;
- Formação Escolar;
- Grau de Parentesco com o aluno;
- Percepção da idade do idoso;
- Morar com idosos atualmente;
- Conviver com idosos na infância (familiares e não familiares);
- Qualidade da convivência com idosos na infância (familiares e não familiares);
- Conviver com idosos na adolescência (familiares e não familiares);
- Qualidade da convivência com idosos na adolescência (familiares e não familiares);
- Conviver com idosos atualmente (familiares e não familiares);

- Qualidade da convivência atual com idosos (familiares e não familiares);
- Tipo de contato com idosos, se voluntário ou necessário (familiares e não familiares);
- Frequência atual de convívio com idosos (familiares e não familiares);
- Ter tido ou ter um amigo idoso;
- Conversar com o aluno sobre o assunto;
- Buscar informações sobre o assunto;
- Considerar que a escola ensine sobre o tema;
- Importância da abordagem do tema na escola.

4. RESULTADOS

Os 855 participantes do presente estudo foram divididos em grupos formados por: 53 professores, 399 familiares e 403 alunos do ensino público fundamental (ciclo 1) de um município do interior do estado de São Paulo.

Serão apresentados a seguir os resultados provenientes da participação dos professores (sessão 4.1), alunos (sessão 4.2) e familiares (sessão 4.3) separadamente. Por último, a sessão 4.4 abordará as análises de comparação realizadas entre os grupos participantes.

4.1 Professores

Os resultados referentes à participação do grupo de professores serão apresentados em subsessões, divididas da seguinte maneira:

- Subsessão 4.1.1: Resultados descritivos relativos à caracterização dos participantes;
- Subsessão 4.1.2: Análise da consistência interna e Análises descritivas da *Escala Neri de Atitudes com relação à Velhice*;
- Subsessão 4.1.3: Análises descritivas do *Questionário Paltmore-Neri-Cachioni de Conhecimentos sobre a velhice*;
- Subsessão 4.1.4: Análises descritivas das Variáveis relativas à experiência de relacionamento intergeracional e Variáveis sociodemográficas abordadas pelo estudo;
- Subsessão 4.1.5: Análises de comparação e correlação entre as Variáveis abordadas e os Escores da Escala Neri de Atitudes com relação à velhice;

- Subsessão 4.1.6: Análises de Correlação entre Variáveis relativas à experiência de relacionamento intergeracional e Variáveis sociodemográficas abordadas pelo estudo;

- Subsessão 4.1.7: Análises relativas à Educação Gerontológica nas escolas sob a perspectiva dos Professores;

- Subsessão 4.1.8: Resumo dos Principais Resultados.

4.1.1 Caracterização dos Professores participantes

Dos 53 professores do Ensino Fundamental (Ciclo 1 - 1º ao 5º ano) vinculados às escolas municipais da cidade, 50 participaram preenchendo a todos os instrumentos da pesquisa e 3 participantes não responderam à escala Neri de atitudes e ao questionário Palmore-Neri-Cachioni de conhecimentos sobre a velhice.

Apresenta-se a seguir a caracterização geral dos professores participantes (Tabela 5).

Tabela 5- Caracterização dos Professores Participantes

Variáveis		N	%
Sexo	Feminino	49	92,5
	Masculino	4	7,5
Idade (anos) Média= 39,6 DP= ±9,2 Mín.= 25 Máx.= 61 CV= 23%	25-35	20	37,7
	36-45	17	32
	46-55	13	24,5
	56 ou mais	2	3,7
	Não respondeu	1	1,8
Formação	Magistério Superior	1	1,8
	Pós-Graduação	44	83
	Não informou	7	13,2
		1	1,8
Arranjo Familiar	Mora com cônjuge	33	62,3
	Mora com filhos	30	56,6
	Mora com pai e/ou mãe	12	22,7
	Mora sozinho	8	15,1
	Mora com pessoas idosas	6	11,3
	Mora com "outros"	6	11,3
	Mora com sogro e/ou sogra	2	3,8
Escola	EMEB 1	15	28,3
	EMEB 2	3	5,7
	EMEB 3	8	15,1
	EMEB 4	15	28,3
	EMEB 5	9	17
	EMEB 6	3	5,7
Total		53	100

DP= Desvio Padrão; Mín.= Mínima; Máx.= Máxima; CV= Coeficiente de Variação; EMEB= Escola Municipal de Educação Básica

Com relação ao sexo dos participantes, observa-se que 49 eram mulheres (92,5%), sendo que a média de idade foi de 39,6 anos (com máxima de 61 e mínima de 25). Além disso, a partir do Coeficiente de Variação (CV) é possível concluir que a amostra possui baixa variabilidade (<50%) significando, conseqüentemente, homogeneidade quanto à idade dos participantes deste grupo.

Sobre a formação dos professores, a maior parte dos participantes (83%) indicou ter cursado graduação e 13,2% indicou também formação complementar, como cursos de pós-graduação.

Com relação às pessoas com quem os professores moram, os mesmos indicam dividir moradia com cônjuge, pais, sogros, filhos ou outros. Além disso, seis deles (11,3%) relataram morar com pessoas idosas atualmente.

Observa-se ainda que houve maior participação dos professores das EMEBs 1 e 4, seguidos das EMEBs 5, 3 e 2 e 6. Sobre tal distribuição, apresenta-se a seguir o cálculo realizado para a margem de erro amostral do grupo de professores participantes (Tabela 6).

Tabela 6- Margem de Erro Amostral - Professores

	População Alvo	Amostra	Erro amostral
Professores	141	53	11,0%

Com base na população alvo e na amostragem feita, foi calculada a margem de erro amostral. De acordo com autores da área, para ser considerada aceitável tal margem não deve ultrapassar 15%, dessa forma, observa-se que a amostra do grupo de professores participantes do presente estudo tem margem aceitável, visto que apresentou valor de 11% (FONSECA; MARTINS, 1996; MURRAY, 1993; VIEIRA, 2004).

4.1.2 Análise de consistência interna e Análises descritivas da *Escala Neri de Atitudes com Relação à Velhice* - Professores

No intuito de verificar a confiabilidade do instrumento para a população de professores participantes do presente estudo, procedeu-se a análise de consistência interna da Escala Neri, como se observa a seguir.

Tabela 7- Cálculo de Consistência Interna - Escala Neri - Amostra de Professores

Alfa de Cronbach	
Professores	0,766

O valor alfa de Cronbach foi de 0,76 evidenciando que a Escala possui boa consistência interna (CRONBACH, 1951). Compreende-se que tal resultado fornece validade para a utilização do instrumento e desdobramentos neste estudo.

Apresenta-se a seguir (Tabela 8) a estatística descritiva por *Domínio* e o *Score Total* da Escala Neri mediante a participação dos Professores.

Tabela 8- Estatística Descritiva por Domínio da Escala Neri para Professores

Domínio/Score Total	N	Média	Mediana	Desvio Padrão	CV	Min	Max
Domínio Cognitivo	50	2,83	2,80	0,25	9%	2,30	3,30
Domínio Agência	50	2,80	2,83	0,55	20%	1,50	4,17
Domínio Relacionamento Social	50	2,48	2,50	0,48	19%	1,57	3,57
Domínio Persona	50	2,92	3,00	0,43	15%	2,14	4,14
Score Total	50	2,76	2,83	0,34	12%	2,07	3,73

CV= Coeficiente de Variação; Mín.= Mínima; Máx.= Máxima.

A média do *Score Total* da Escala Neri a partir das respostas dos professores participantes foi de 2,76 ($\pm 0,34$). O *Domínio Relacionamento Social* obteve menor média (2,48), o que significa ter se tratado do domínio avaliado mais positivamente. Já o *Domínio Persona*, foi o avaliado de maneira mais negativa, obtendo a média mais elevada (2,92). Além disso, pode-se observar a partir do coeficiente de variação (CV) que a variabilidade dos dados é baixa (<50%), o que significa que são homogêneos. A descrição detalhada das Análises da Escala Neri por itens encontra-se no Apêndice G.

Foram ainda realizadas outras análises com o fito de identificar o número de professores cujos *Domínios* e também *Scores Totais* da Escala Neri representaram atitudes positivas, atitudes negativas ou atitudes neutras com relação à velhice⁵ (Tabela 9).

⁵ Vale recordar que valores inferiores a 3 significavam atitudes positivas com relação à velhice; iguais a 3, atitudes neutras e; superiores a 3 atitudes negativas com relação à velhice.

Tabela 9- Distribuição das médias (Escore Total e por Domínios) da Escala Neri - Professores

Faixas de Pontuação	Domínio Agência		Domínio Cognitivo		Domínio Persona		Domínio Rel. Social		Escore Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Entre 1 e 2,9 - atitudes positivas	27	54	34	68	22	44	42	84	39	78
Três - atitudes neutras	12	24	5	10	10	20	2	4,0	1	2,0
Entre 3,1 e 5 - atitudes negativas	11	22	11	22	18	36	6	12	10	20
Total	50		50		50		50		50	

Observa-se que quanto ao escore total, a maioria dos professores (78%) pontuaram entre 1 e 2,9 pontos na escala, indicando atitudes positivas com relação à velhice. Enquanto 20% pontuou entre 3,1 e 5 indicando atitudes negativas e 2% pontuou 3 indicando atitudes neutras.

4.1.3 Análise Descritiva do *Questionário Palmore-Neri-Cachioni de Conhecimentos sobre a Velhice* - Professores

Com relação ao nível de conhecimento dos professores quanto à velhice, os cálculos estatísticos descritivos realizados a partir dos resultados do Questionário Palmore-Neri-Cachioni são apresentados na Tabela 10 que se segue.

Tabela 10- Porcentagem de Acerto dos Professores no Questionário de Conhecimentos sobre a velhice

Porcentagem de acerto do Questionário de Conhecimentos	
Média	39,7%
Mediana	36,8%
Desvio Padrão	9,5%
CV	24%
Q1	32,0%
Q3	48,0%
Min	24,0%
Max	60,0%
N	50
IC	2,6%

Observa-se que a média de acerto dos professores foi de 39,7% do total de questões, além disso, a partir do intervalo de confiança (IC), nota-se que a variabilidade é baixa ($\pm 2,6\%$). Os resultados dos Quartis (Q1 e Q3) evidenciam que até 25% da

amostra acertou somente 32% do questionário (Q1) e até 75% da amostra acertou 48% (Q3).

A seguir, apresenta-se a análise da distribuição dos itens do Questionário de Conhecimentos sobre a velhice em acerto/erro (Tabela 11).

Tabela 11- Acertos/Erros por item do Questionário de Conhecimentos sobre a velhice

Itens do Questionário Palmore-Neri-Cachioni	Acerto		Erro		P-valor
	N	%	N	%	
Domínio Cognitivo					
1. A proporção de pessoas de mais de 65 anos que apresentam problemas cognitivos severos é:	21	42	29	58	0,110
12. Em comparação com os jovens a capacidade de aprender de pessoas de 60 a 70 anos é:	21	42	29	58	0,110
Domínio Físico					
2. Os sentidos que tendem enfraquecimento na velhice é:	13	26	37	74	<0,001
4. A capacidade pulmonar nos idosos saudáveis:	18	36	32	64	0,005
6. A força física em idosos saudáveis:	42	84	8	16	<0,001
8. O número de acidentes em motoristas com mais de 65 anos, em comparação com os de 30 a 40 anos é:	26	52	24	48	0,689
14. Em comparação com os jovens a velocidade de reação das pessoas de 60 a 70 anos é:	38	76	12	24	<0,001
18. A taxa de acidentes de trabalho entre adultos mais velhos tende a ser:	24	48	26	52	0,689
Domínio Psicológico					
5. A satisfação com a vida entre idosos:	9	18	41	82	<0,001
11. A flexibilidade para adaptar-se à mudanças entre pessoas de 60 a 70 anos é:	7	14	43	86	<0,001
13. Em comparação com os jovens, os velhos têm a seguinte propensão à depressão:	19	38	31	62	0,016
16. Em comparação com os jovens, os velhos são:	21	42	29	58	0,110
23. A religiosidade tende a:	23	46	27	54	0,424
24. Com a idade, a maioria dos idosos:	16	32	34	68	<0,001
Domínio Social					
7. A proporção de brasileiros de mais de 65 anos que residem em asilos e casas de repouso é de:	10	20	40	80	<0,001
17. A proporção de pessoas de 60 a 70 anos que vivem sozinhas é:	10	20	40	80	<0,001
19. A porcentagem de brasileiros acima de 60 anos é:	7	14	43	86	<0,001
20. No sistema público de saúde o tratamento dos idosos em comparação com os jovens tem prioridade:	2	4	48	96	<0,001
21. A maioria dos idosos brasileiros têm rendimento mensal de:	20	40	30	60	0,046
22. A maioria dos idosos são:	22	44	28	56	0,230
25. Em comparação com as velhas gerações, as próximas geração de idosos serão:	6	12	44	88	<0,001
Domínio Físico/Psicológico					
3. A maioria dos casais acima de 65 anos:	29	58	21	42	0,110
Domínio Físico/Cognitivo					
9. Em comparação com os trabalhadores de 25 a 35 anos, os de 50 a 60 anos apresentam:	37	74	13	26	<0,001
Domínio Psicológico/Social/Físico					
10. A proporção de pessoas de 60 a 70 anos que se mantém ativas é:	13	26	37	74	<0,001
15. Em comparação com os jovens, os velhos:	39	78	11	22	<0,001

A partir de tais análises, os itens mais pontuados foram referentes aos Domínios Físico (itens 6, 9 e 14) e Psicológico/Social/Físico (item 15), enquanto os itens menos pontuados foram referentes aos Domínios Social (itens 19, 20 e 25) e Psicológico (item 11). Observa-se ainda que, em todos os casos, a diferença foi estatisticamente significativa (p -valor $< 0,001$).

Os resultados referentes ao conhecimento dos professores apontaram que questões relacionadas ao domínio físico parecem ser aquelas que os professores mais conhecem, enquanto as questões relativas ao domínio social parecem ser as menos conhecidas. Além disso, tais resultados sugerem que no geral os professores possuem pouco ou tem conhecimento mediano sobre o assunto.

4.1.4 Análises descritivas das Variáveis relativas à experiência de relacionamento intergeracional e Variáveis sociodemográficas abordadas pelo estudo

Sobre a convivência dos professores participantes com idosos no passado, apresenta-se a seguir os resultados referentes à convivência no período da infância (Tabela 12).

Tabela 12- Convivência dos Professores com idosos na fase da infância

Convivência com idosos quando crianças	N	%	P-valor
Não	7	13,2	$<0,001$
Sim	Avós maternos (38)	84,4	Ref.
	Avós paternos (28)	62,2	0,017
	Outros parentes (11)	24,4	$<0,001$
	Outros (5)	11,1	$<0,001$
	Total: 45	84,9	

Observa-se que a maioria dos professores convivia com os avós maternos (84,4%), seguidos dos avós paternos (62,2%) e outros parentes (24,4%). O p -valor revela que a diferença entre a convivência dos professores quando crianças com avós maternos, paternos e outros parentes foi significativa. Tal diferença demonstra o quanto os avós maternos parecem ser os mais presentes na vida dos netos no período da infância, além disso, reforça o quanto tal convivência parece estar mais restrita aos idosos da própria família.

Acerca da qualidade desta convivência, os professores elencaram características positiva ou negativas, como se observa a seguir (Tabela 13).

Tabela 13- Classificação da convivência com idosos no período da infância - Professores

Qualidade da Convivência com Idosos - Infância	N	%	P-valor
Muito Boa	36	67,9	Ref.
Boa	6	11,3	<0,001
Regular	2	3,8	<0,001
Difícil	1	1,9	<0,001

A maior parte dos professores (67,9%) conferiu a qualidade "muito boa" ao tipo de convivência mantida com os idosos no período da infância, seguido pela qualidade "boa" (11,3%). Enquanto somente dois participantes relataram uma convivência "regular" (3,8%) e um a qualidade "difícil" (1,9%), sendo tais resultados estatisticamente significativos.

A seguir apresentam-se os resultados referentes à convivência dos professores com pessoas idosas na fase da adolescência (Tabela 14).

Tabela 14- Convivência dos Professores com idosos na fase da adolescência

Convivência com Idosos quando adolescentes	N	%	P-valor
Não	16	30,2	<0,001
Sim	Avós maternos (29)	80,6	Ref.
	Avós paternos (19)	52,8	0,012
	Outros Parentes (10)	27,8	<0,001
	Outros (3)	8,3	<0,001
	Total: 36	67,9	

Os resultados da Tabela 13 revelam que a maior parte dos professores (67,9%) convivia com idosos no período de sua adolescência, sendo que em primeiro lugar tais idosos eram os avós maternos (80,6%), seguidos dos avós paternos (52,8%) e outros parentes (27,8%), como também revelado quanto ao período da infância. Os resultados das análises comparativas apontam para a significância de tal diferença o que também acrescenta sobre a continuidade deste padrão de convivência com idosos da infância para a adolescência, assim como para a restrição de convívio com idosos não familiares.

Apresentam-se a seguir os resultados referentes à qualidade das relações mantidas com tais idosos na adolescência dos professores (Tabela 15).

Tabela 15- Qualidade da Convivência com idosos no período da Adolescência - Professores

Qualidade da Convivência com Idosos - Adolescência	N	%	P-valor
Muito Boa	27	50,9	Ref.
Boa	5	9,4	<0,001
Regular	4	7,5	<0,001

A maior parte dos participantes relatou ter sido a convivência "muito boa" (50,9%), seguidos da qualidade "boa" (9,4%) e "regular" (7,5%). Mediante análise comparativa realizada, tais resultados são estatisticamente significativos, conforme demonstrado pelo p-valor.

Quanto à convivência atual com idosos, os professores relataram se é existente ou inexistente e assinalaram acerca de quem são esses idosos (Tabela 16).

Tabela 16- Convivência atual dos professores com idosos

Convivência próxima com algum idoso atualmente	N	%	P-valor
Não	10	18,9	<0,001
Sim (quem são)	Mãe (25)	61	Ref.
	Outros Parentes (15)	36,6	0,027
	Pai (10)	24,4	<0,001
	Não Familiares (12)	29,3	0,004
	Avós maternas (7)	17,1	<0,001
	Avós paternas (7)	17,1	<0,001
	Avós paternos (4)	9,8	<0,001
	Avós maternos (3)	7,3	<0,001
Total (41)	77,4		

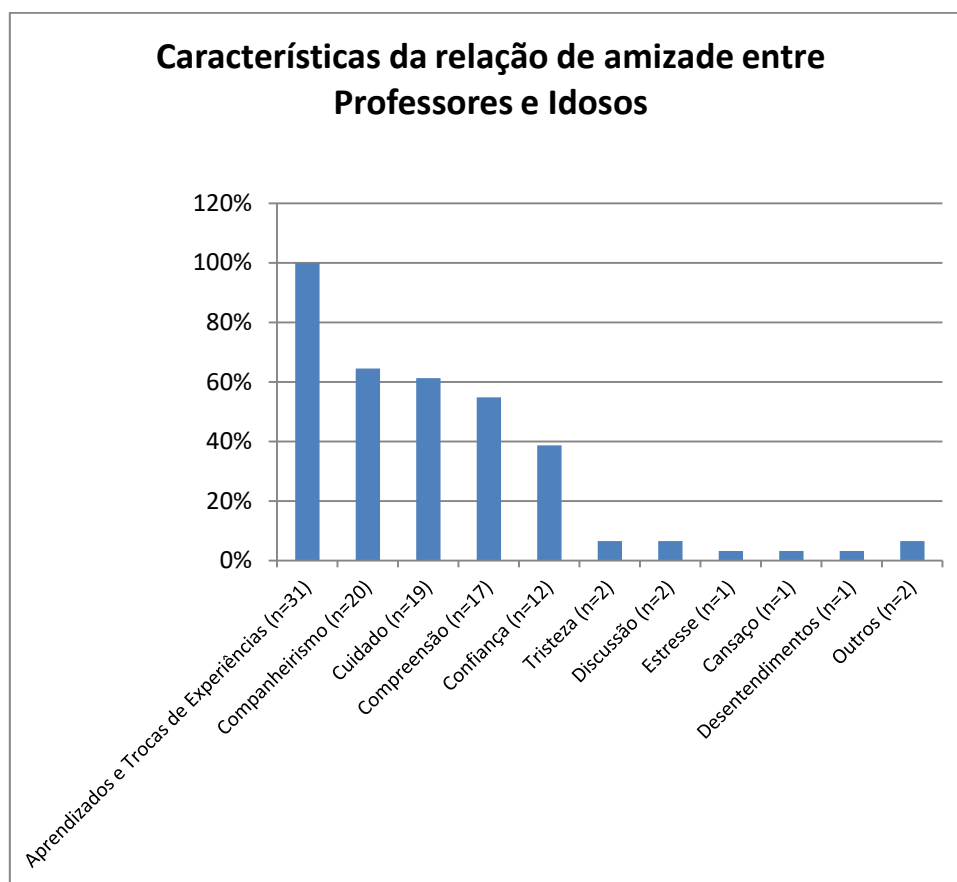
A maior parte dos professores participantes (77,4%) relatou ter convivência próxima com algum idoso atualmente, sendo eles as próprias mães (61%), seguido dos pais (24,4%), avós maternas/paternas (17,1%) e avós paternos (9,8%)/ maternos (7,3%). Através do p-valor, observa-se que significativamente os professores têm maior contato com mulheres idosas de sua família.

Quando questionados acerca das amizades que os professores com idosos não familiares, a maioria dos participantes (58,5%) referiu já ter tido ou ter atualmente um amigo idoso (Tabela 17).

Tabela 17- Amizade dos Professores com idosos

Amizade com idosos atualmente ou no passado	N	%	P-valor
Não	18	34,0	0,011
Sim	31	58,5	

O gráfico a seguir evidencia as características atribuídas pelos professores a estas amizades (Gráfico 1).

Gráfico 1- Características da relação de amizade entre Professores e Idosos

Os dados apresentados pelo Gráfico 1 evidenciam que os professores que têm amizades com pessoas idosas descrevem estas relações com características positivas como: aprendizados e trocas de experiências (100%), companheirismo (64,5%), cuidado (61,3%) e compreensão (54,8%) e também, embora significativamente em menor número, com características negativas como: discussão e tristeza (6,5% respectivamente), desentendimentos, cansaço e estresse (3,2% respectivamente).

Acerca das informações obtidas sobre a velhice, os professores relataram se já realizaram leituras sobre o tema (Tabela 18) e se já participaram de cursos sobre a velhice/ o envelhecimento (Tabela 19).

Tabela 18- Leituras sobre o tema realizadas pelos Professores

Ler livros sobre o tema velhice/envelhecimento	N	%	P-valor
Não	44	83	<0,001
Sim	8	15,1	

Tabela 19- Cursos sobre o tema realizados pelos Professores

Participação em algum curso sobre a velhice	N	%	P-valor
Não	50	94,3	<0,001
Sim	2	3,8	

A partir dos dados apresentados pelas Tabelas 18 e 19, observa-se que a significativa maioria dos professores nunca realizou leitura de livros sobre o tema velhice/ envelhecimento (n=44, 83%) e nunca participou de cursos sobre o tema (n=50, 94,3%).

4.1.5 Análises de Comparação e Correlação entre Escala Neri e demais Variáveis - Professores

Quanto às análises de comparação realizadas entre os resultados dos professores à Escala Neri e demais variáveis, apresenta-se a seguir, achados do presente estudo.

Acerca da qualidade da convivência estabelecida com idosos atualmente, foi possível realizar testes estatísticos para aqueles que relataram ter "boa" e "muito boa" convivência. As respostas que qualificavam tal convivência como "regular", "difícil" ou "muito difícil" não puderam ser analisadas estatisticamente devido ao reduzido número de professores que optaram por tais respostas ("regular" n=1, "difícil" n=1 e "muito difícil" n=0). Assim, apresenta-se a seguir a comparação entre os escores da escala Neri com a qualidade da convivência atual com idosos familiares por parte dos professores participantes (Tabela 20).

Tabela 20- Qualidade da convivência com idosos familiares em comparação com escores da Escala Neri

Escala Neri/ Qualidade da convivência com idosos familiares		N	Média	Mediana	Desvio Padrão	IC	P-valor
Domínio Cognitivo	Boa	6	3,20	3,25	0,13	0,10	<0,001
	Muito boa	29	2,76	2,70	0,24	0,09	
Domínio Agência	Boa	6	3,36	3,42	0,63	0,50	0,009
	Muito boa	29	2,67	2,83	0,54	0,20	
Domínio Relacionamento Social	Boa	6	2,81	2,79	0,46	0,37	0,061
	Muito boa	29	2,37	2,29	0,51	0,18	
Domínio Persona	Boa	6	3,31	3,21	0,47	0,38	0,013
	Muito boa	29	2,81	2,71	0,41	0,15	
Escore Total	Boa	6	3,17	3,08	0,32	0,26	0,002
	Muito boa	29	2,66	2,70	0,33	0,12	

A partir dos resultados apresentados, observa-se que os professores que relataram ter convivência "muito boa" com idosos familiares atualmente pontuaram significativamente de maneira mais positiva para a Escala Neri. Em contrapartida, vale ressaltar que os resultados das análises referentes à qualidade da convivência com idosos não familiares não apresentou diferenças significativas (p-valor superior a 5 pontos percentuais do valor alfa adotado) e por este motivo encontram-se mais detalhadamente apresentados no Apêndice D.

Sobre a abordagem do tema velhice/ envelhecimento com os alunos na escola, os professores afirmaram acerca de terem ou não trabalhado sobre o assunto com seus alunos no último ano. A seguir apresenta-se a comparação entre esta variável e os escores da Escala Neri (Tabela 21).

Tabela 21- Abordagem do tema velhice/envelhecimento com os alunos no último ano em comparação com escores da Escala Neri - Professores

Escala Neri/ Abordagem do tema velhice/envelhecimento com os alunos		N	Média	Mediana	Desvio Padrão	IC	P-valor
Domínio Cognitivo	Não	23	2,88	2,90	0,25	0,10	0,132
	Sim	24	2,77	2,75	0,25	0,10	
Domínio Agência	Não	23	2,98	3,00	0,37	0,15	0,009
	Sim	24	2,59	2,75	0,58	0,23	
Domínio Relacionamento Social	Não	23	2,53	2,57	0,42	0,17	0,437
	Sim	24	2,42	2,50	0,49	0,20	
Domínio Persona	Não	23	3,06	3,00	0,37	0,15	0,017
	Sim	24	2,79	2,93	0,37	0,15	
Escore Total	Não	23	2,86	2,90	0,24	0,10	0,024
	Sim	24	2,66	2,73	0,34	0,14	

Os resultados apresentados na Tabela 21 demonstram que os professores que trabalharam o tema velhice/envelhecimento com seus alunos no último ano tiveram atitudes com relação à velhice mais positivas se comparados àqueles que não abordaram o tema com os alunos, diferença esta estatisticamente significativa nos *Domínios Agência, Persona* e no *Escore Total* da Escala. Desta forma pode-se afirmar que no geral os professores que trabalharam conteúdos gerontológicos com seus alunos no último ano apresentam atitudes mais positivas do que aqueles que não trabalharam.

As demais variáveis estudadas pelo presente estudo, que não apresentaram comparação significativa com o *Escore Total* da Escala Neri de atitudes com relação à velhice, serão apresentadas resumidamente a seguir na Tabela 22.

Tabela 22- Comparação entre Escore Total da Escala Neri de Atitudes com Relação à Velhice e demais Variáveis

	Escore Total da Escala Neri
Sexo dos Professores	p=0,32
Região Geográfica da Escola	p=0,053
Morar com idosos atualmente	p=0,65
Conviver com idosos na infância	p=0,22
Conviver com idosos na adolescência	p=0,41
Conviver com idosos atualmente	p=0,38
Qualidade da convivência com idosos não familiares atualmente	p=0,60
Frequência de contato com idosos atualmente	p=0,064
Experiência profissional com idosos	p=0,81
Experiência de amizade com idosos	p=0,69
Leituras sobre o tema	p=0,096

A partir dos dados da Tabela 22, observa-se que não houve diferença significativa entre a comparação realizada com o *Escore Total* da Escala Neri e o sexo dos participantes; a região geográfica da escola na qual lecionam; morar com idosos atualmente; conviver com idosos na infância/adolescência; conviver com idosos atualmente; frequência de contato com idosos; ter experiências profissionais ou de amizades com idosos e; leituras sobre a velhice. Ademais, acrescenta-se que o detalhamento de tais análises encontra-se no Apêndice D.

Serão apresentados a seguir os resultados referentes aos cálculos de correlação realizados entre os resultados da Escala Neri e demais variáveis abordadas pelo presente estudo.

A Tabela 23, que se segue, apresenta os resultados das correlações realizadas entre o *Escore Total* da Escala Neri e demais variáveis cujos valores foram estatisticamente significativos.

Tabela 23- Correlações entre Escore Total da Escala Neri e demais variáveis - Professores

	Escore Total Escala Neri	p-valor
Qualidade da convivência com idosos na infância	r=0,4	0,007
Qualidade da convivência com idosos na adolescência	r=0,45	0,006
Qualidade da convivência com idosos familiares atualmente	r=0,50	0,001
Frequência diária de convívio com idosos familiares atualmente	r=0,32	0,028
Classifica a relação com amigo idoso atualmente como uma relação de "confiança"	r=0,56	0,002
Classifica a relação com amigo idoso atualmente como uma relação de "aprendizados e troca de experiências"	r=0,54	0,002
Ter trabalhado com o tema "velhice/envelhecimento" na escola	r=0,33	0,024

Conforme apresentado, os professores que desfrutaram de relacionamentos positivos com idosos na infância e na adolescência demonstraram ter atitudes mais positivas com relação à velhice atualmente ($r=0,4$ e $r=0,45$ respectivamente), sendo a correlação entre tais variáveis significativa, positiva e moderada. Além disso, a qualidade da convivência atual, bem como ver idosos familiares todos os dias, também foram variáveis que se correlacionaram positiva, significativa, forte e moderadamente com as atitudes dos professores ($r=0,52$ e $r=0,33$ respectivamente). Ademais, a variável "ter trabalhado com o tema na escola" também se correlacionou com as atitudes dos professores de maneira moderada, positiva e significativa ($r=0,33$).

Sobre as análises de correlação realizadas entre as variáveis abordadas pelo presente estudo e os *Domínios* da Escala Neri de Atitudes com relação à velhice, apresentam-se os resultados significativos de tais correlações, a seguir com as Tabelas 24, 25, 26 e 27.

Tabela 24- Correlação entre Domínio Cognitivo da Escala Neri e demais variáveis

	Domínio Cognitivo Escala Neri	p-valor
Qualidade da Convivência com idosos na adolescência	r=0,33	0,05
Qualidade de Convivência com idosos familiares atualmente	r=0,56	0
Frequência de Contato com idosos familiares	r=0,33	0,048

Tabela 25- Correlação entre Domínio Agência da Escala Neri e demais variáveis

	Domínio Agência Escala Neri	p-valor
Qualidade da Convivência com idosos na infância	r=0,46	0,002
Qualidade de Convivência com idosos na adolescência	r=0,50	0,002
Qualidade de Convivência com idosos familiares atualmente	r=0,43	0,009
Conviver com avós atualmente	r=0,36	0,011
Conviver com os pais idosos atualmente	r=-0,31	0,029
Ter uma relação de "confiança" com um amigo idoso	r=0,41	0,027
Ter uma relação de "aprendizados e trocas de experiências" com um amigo idoso	r=0,56	0,001
Ter trabalhado o tema na escola	r=0,38	0,009
Alunos perguntam sobre o tema	r=0,31	0,034

Tabela 26- Correlação entre Domínio Relacionamento Social da Escala Neri e demais variáveis

	Domínio Relacionamento Social Escala Neri	p-valor
Qualidade do convívio com idosos na infância	r=0,4	0,008
Qualidade da Convivência com idosos familiares atualmente	r=0,35	0,035
Frequência diária de convívio com idosos familiares	r=0,4	0,004
Ter uma relação de "confiança" com um amigo idoso	r=0,56	0,002
Ter uma relação de "aprendizados e trocas de experiências" com um amigo idoso	r=0,51	0,004

Tabela 27- Correlação entre Domínio Persona da Escala Neri e demais variáveis

	Domínio Persona Escala Neri	p-valor
Qualidade do convívio com idosos na infância	r=0,36	0,018
Qualidade do convívio com idosos na adolescência	r=0,44	0,007
Qualidade da Convivência com idosos familiares atualmente	r=0,41	0,012
Conviver com avós atualmente	r=0,3	0,046
Ter uma relação de "companheirismo" com um amigo idoso	r=0,44	0,018
Ter uma relação de "compreensão" com um amigo idoso	r=0,5	0,007
Ter uma relação de "confiança" com um amigo idoso	r=0,62	0
Ter uma relação de "aprendizados e trocas de experiências" com um amigo idoso	r=0,45	0,013
Ter trabalhado o tema na escola	r=0,35	0,017

Observa-se que a qualidade da convivência com idosos no passado e no presente se correlacionou significativamente com as atitudes dos professores em todos os *Domínios* da Escala. Além disso, ter uma relação de amizade, destacada com adjetivos positivos, com idosos também se correlacionou com os *Domínios Agência, Relacionamento Social e Persona*. Por último, destaca-se que ter trabalhado o tema na escola, também correspondeu a uma variável que apresentou correlação significativa com os *Domínios Agência e Persona*.

Sobre a possibilidade de correlação entre os resultados dos professores da Escala Neri e do Questionário Palmore-Neri-Cachioni, foi realizada a Correlação de Pearson como se observa a seguir (Tabela 28).

Tabela 28- Correlação entre Escala Neri e Questionário Palmore-Neri-Cachioni - Professores

Domínios/ Escore Total Escala Neri	Palmore (Acerto)	
	Corr (r)	P-valor
Domínio Cognitivo	0,23	0,099
Domínio Agência	-0,03	0,986
Domínio Rel. Social	-0,07	0,612
Domínio Persona	0,13	0,348
Escore Total	0,07	0,597

A partir dos dados apresentados pela Tabela 28, conclui-se que não houve correlação entre os resultados da Escala Neri de Atitudes com relação à velhice e o Questionário Palmore-Neri-Cachioni de Conhecimentos sobre a velhice. Acrescenta-se ainda que os dados relativos à correlação dos acertos dos professores no questionário Palmore-Neri-Cachioni com cada item da Escala Neri se encontram no Apêndice H, assim como o gráfico elaborado sobre a correlação dos dois instrumentos encontra-se no Apêndice I.

Os testes de correlação realizados entre o escore total da Escala Neri e demais variáveis do presente estudo que não apresentaram valores significativos serão apresentados a seguir, na Tabela 29.

Tabela 29- Correlações realizadas entre Variáveis e Escore Total da Escala Neri, cujos valores não foram significativos - Professores

	Escore Total Escala Neri	p-valor
Sexo	r=0,14	0,33
Idade	r=0,21	0,14
Convivência com Idosos na infância	r=0,16	0,28
Convivência com Idosos na adolescência	r=0,12	0,41
Convivência com Idosos atualmente	r=0,14	0,35
Tipo de Contato com idosos familiares (voluntário ou necessário)	r=0,15	0,39
Tipo de Contato com idosos não familiares (voluntário ou necessário)	r=0,20	0,25
Frequência de contato com idosos familiares	r=0,23	0,16
Frequência de contato com idosos não familiares	r=-0,14	0,70
Morar com idosos	r=0,02	0,87
Trabalhar com idosos	r=0,06	0,64
Ter um amigo idoso	r=-0,06	0,69
Ter lido livros sobre o tema	r=-0,24	0,096
Ter feito cursos sobre o tema	r=0,11	0,46
Os alunos perguntam sobre o assunto	r=0,21	0,14
Tema é focalizado na escola	r=-0,13	0,38

Observa-se que não houve correlação entre os resultados do *Escore Total* da Escala Neri e o sexo dos professores, ou a idade, a convivência com idosos no passado ou no presente, a frequência do contato, dentre outras.

4.1.6 Análises de Correlação entre Variáveis relativas à experiência de relacionamento intergeracional e Variáveis sociodemográficas abordadas pelo estudo - Professores

Apresenta-se inicialmente os resultados referentes às análises de correlação realizadas entre a variável "idade dos professores" e demais variáveis (Tabela 30).

Tabela 30- Correlação entre a idade dos professores e demais variáveis - Professores

	Idade	P-valor
Convivência com idosos na infância	r= 0,33	0,017
Conviver com avós paternos na infância	r=0,31	0,028
Convivência com idosos na adolescência	r=0,50	0
Conviver com avós maternos na adolescência	r=0,42	0,002
Conviver com avós paternos na adolescência	r=0,30	0,037
Conviver com idosos não familiares de modo voluntário	r=0,34	0,015
Ter trabalhado o tema em sala de aula	r=0,32	0,027

A idade dos professores apresentou correlação entre a convivência com idosos na infância e na adolescência, bem como a convivência atual com idosos não familiares e ter trabalhado com o tema "velhice/ envelhecimento" na sala da aula.

Apresenta-se a seguir as correlações encontradas entre a "Convivência com idosos na Infância" e demais variáveis (Tabela 31).

Tabela 31- Correlação entre a convivência com idosos na infância e demais variáveis - Professores

	Convivência com Idosos na Infância	P-valor
Convivência com idosos na adolescência	r= 0,6	0
Ter uma relação de "aprendizados e troca de experiências" com amigo idoso atualmente	r=0,36	0,043

Observa-se que as análises de correlação realizadas entre a variável "convivência com idosos na infância" e demais variáveis abordadas pelo presente estudo, apresentaram valores significativos, positivos, de moderados a fortes com as variáveis "convivência com idosos na adolescência" e com as relações de amizades com idosos.

Acerca da "qualidade da convivência com idosos na infância" apresenta-se a seguir as correlações encontradas com as demais variáveis (Tabela 32).

Tabela 32- Correlação entre a qualidade da convivência com idosos na infância e demais variáveis - Professores

	Qualidade da convivência com Idosos na Infância	P-valor
Qualidade da convivência com idosos na adolescência	r= 0,60	0
Conviver com idosos atualmente	r= 0,31	0,041
Qualidade da convivência com idosos não familiares atualmente	r= 0,64	0,019
Ter uma relação de "aprendizados e troca de experiências" com amigo idoso atualmente	r=0,37	0,048
Domínio Persona Escala Neri	r=0,36	0,018
Escore Total da Escala Neri⁶	r= 0,4	0,009

As análises de correlação realizadas com a variável "qualidade da convivência com idosos na infância" indicou correlação forte e positiva com a "qualidade da convivência com idosos no período da adolescência" ($r=0,6$; $p=0$), revelando assim que os professores cuja qualidade do contato com idosos quando crianças foi descrita como positiva, significativamente também mantiveram convivência positiva com idosos no período da adolescência.

Observa-se ainda, que a qualidade da convivência com idosos na infância se correlacionou positivamente de maneira moderada a forte com a convivência atual com idosos e com a qualidade da convivência com idosos não familiares atualmente. Além disso, conforme já apresentado anteriormente quanto às correlações encontradas entre as atitudes dos professores quanto à velhice e demais variáveis, destaca-se que foi encontrada correlação entre as atitudes com relação à velhice apresentadas pelos professores e a qualidade da convivência com idosos na infância. Assim, não somente conviver, mas a qualidade desta convivência com idosos na infância parece ser determinante para a convivência, para a qualidade desta convivência e também para as atitudes com relação à velhice em fases subsequentes.

O presente estudo também verificou a correlação entre a "convivência com idosos na adolescência" e demais variáveis, como se observa a seguir (Tabela 33).

⁶ Embora as correlações encontradas pelo presente estudo entre os Domínios/ Escore Total da Escala Neri com as demais variáveis abordadas já tenham sido apresentadas na subsessão anterior (4.1.5), optou-se por realizar a repetição dos resultados na apresentação das análises da presente subsessão (4.1.6), pela compreensão de que isso auxiliará na maior reflexão dos resultados para posterior discussão.

Tabela 33- Correlação entre a convivência com idosos na adolescência e demais variáveis - Professores

	Convivência com Idosos na Adolescência	P-valor
Qualidade da convivência com idosos na infância	r= 0,60	0
Conviver com outros idosos na infância	r=0,36	0,008
Conviver com avós maternos na adolescência	r=0,72	0
Conviver com idosos não familiares atualmente	r=0,30	0,028
Contato voluntário com idosos não familiares atualmente	r=0,32	0,019
Ter uma relação de "confiança" com amigo idoso atualmente	r=0,37	0,042
Ter uma relação de "compreensão" com amigo idoso atualmente	r=0,57	0,001

A convivência com idosos na adolescência se correlacionou com a convivência com idosos atualmente.

Acerca da "qualidade da convivência com idosos na adolescência" e demais variáveis estudadas, apresenta-se a seguir os principais resultados encontrados nos testes de correlação (Tabela 34).

Tabela 34- Correlação entre a qualidade da convivência com idosos na adolescência e demais variáveis - Professores

	Qualidade da convivência com Idosos na Adolescência	P-valor
Contato voluntário com idosos familiares atualmente	r= 0,60	0,001
Conviver com pais idosos atualmente	r=0,55	0
Ter trabalhado o tema na escola	r=0,39	0,02
Domínio Agência da Escala Neri	r= 0,50	0,002
Domínio Persona da Escala Neri	r=0,45	0,007
Escore Total da Escala Neri	r= 0,45	0,006

A qualidade da convivência com idosos na adolescência apresentou correlação forte e positiva com o contato voluntário estabelecido com idosos familiares atualmente (r=0,58; p=0,001) e com o contato com pais idosos atualmente (r=0,55; p=0).

Ademais, conforme já evidenciado na subseção 4.1.5 relativa às análises de correlação entre a escala Neri de atitudes com relação à velhice e demais variáveis, a

variável "qualidade de convivência com idosos na adolescência" apresentou correlações com os *Domínios* e com o *Escore Total* da Escala.

Mais uma vez, a qualidade da convivência com idosos nos períodos iniciais do ciclo de vida parece ser determinante para a convivência, para a qualidade desta convivência e também para as atitudes com relação à velhice em fases subsequentes.

As análises referentes à convivência dos professores participantes com idosos atualmente, são apresentadas a seguir na Tabela 35.

Tabela 35- Correlação entre a convivência com idosos atualmente e demais variáveis - Professores

	Convivência com Idosos atualmente	P-valor
Conviver com os pais atualmente	r= 0,45	0,001
Conviver com outros parentes idosos atualmente	r=0,32	0,019
Conviver voluntariamente com idosos familiares	r=0,64	0
Frequência de contato "diário" com idosos familiares	r= 0,39	0,005

Sobre a convivência atual dos professores com idosos, a variável "convivência atual com idosos" apresentou correlação positiva, de moderada a forte com as variáveis "conviver com os pais", "conviver com outros parentes", "conviver voluntariamente com idosos familiares" e "frequência diária de contato", o que significa que o contato com idosos por parte dos professores se dá com os próprios pais, assim como com outros idosos, sendo esse contato diário e voluntário.

Quanto à variável "qualidade da convivência com idosos familiares atualmente", apresenta-se a seguir as principais correlações encontradas entre esta e demais variáveis.

Tabela 36- Correlação entre qualidade da convivência com idosos familiares atualmente e demais variáveis - Professores

	Qualidade da Convivência com Idosos Familiares Atualmente	P-valor
Ter trabalhado o tema na escola	r= 0,39	0,016
Domínio Cognitivo da Escala Neri	r=0,56	0
Domínio Agência da Escala Neri	r=0,42	0,009
Domínio Relacionamento Social da Escala Neri	r=0,35	0,035
Domínio Persona da Escala Neri	r=0,41	0,012
Escore Total da Escala Neri	r=0,50	0,001

Manter relações positivas com idosos atualmente se correlacionou com ter trabalhado o tema em sala de aula, bem como com todos os *Domínios* e com o *Escore Total* da Escala Neri.

Sobre a frequência de contato com idosos familiares, apresenta-se a seguir o resultado da principal correlação encontrada.

Tabela 37- Correlação entre frequência de contato com idosos familiares e demais variáveis - Professores

	Frequência de contato com idosos familiares atualmente	P-valor
Qualidade da convivência com idosos na adolescência	r= 0,41	0,031

Ter mantido uma relação positiva com idosos na adolescência, se correlacionou moderada, significativa e positivamente com a frequência de contato estabelecido com idosos familiares atualmente.

A Tabela 38 que se segue, apresenta os resultados referentes à correlação entre a variável "trabalhou com o tema na escola" e demais variáveis.

Tabela 38- Correlação entre ter trabalhado o tema na escola e demais variáveis - Professores

	Ter trabalhado o tema na escola	P-valor
Idade	r=0,31	0,027
Conviver com idosos na infância	r=0,31	0,03
Qualidade da convivência com idosos na infância	r= 0,39	0,02
Conviver com idosos na adolescência	r=0,49	0
Conviver voluntariamente com idosos familiares atualmente	r=0,38	0,022
Conviver com idosos atualmente	r=0,40	0,005
Qualidade da convivência com idosos familiares atualmente	r=0,39	0,016
Ter um amigo idoso	r=0,30	0,045

A partir dos dados apresentados, observa-se que a idade dos professores, a qualidade das relações com idosos na infância e atualmente, bem como conviver com idosos na infância, adolescência e atualmente, se correlacionaram com o fato dos professores terem trabalhado o tema na escola.

Destaca-se a seguir, com a Tabela 39, as variáveis que não apresentaram correlação com nenhuma outra variável abordada pelo presente estudo.

Tabela 39- Variáveis que não se correlacionaram significativamente com outras variáveis abordadas

	Demais Variáveis
Sexo	Não
Escola em que Trabalha	Não
Morar com idosos	Não
Trabalhar com idosos	Não
Ter lido livros sobre o assunto	Não
Ter feito Cursos sobre o assunto	Não
Se os alunos fazem questionamentos sobre o tema	Não

As variáveis elencadas na Tabela 39 não apresentaram índices de correlação moderados/fortes e significativos com quaisquer outras variáveis estudadas.

4.1.7 Análises relativas à Educação Gerontológica nas escolas sob a perspectiva dos Professores

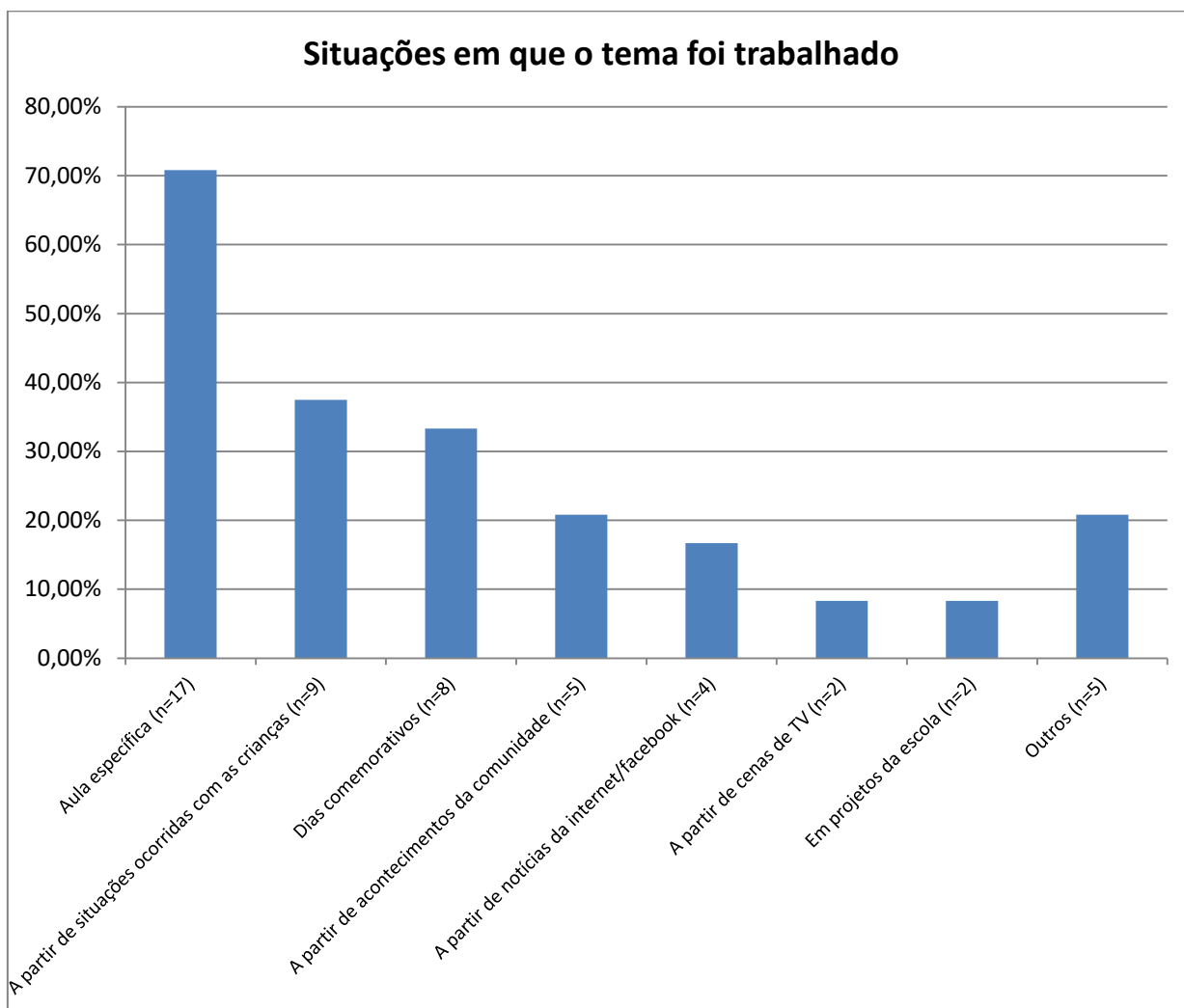
Sobre o desenvolvimento do tema envelhecimento/ velhice no ambiente escolar, os professores assinalaram se trabalharam o assunto mais recentemente (último ano letivo), a quantidade de vezes e em quais situações. Observa-se com as Tabelas 40 e 41 e, com o Gráfico 2 a seguir, a análise descritiva e de comparação das respostas referentes a esse tema.

Tabela 40- Abordagem do tema velhice/envelhecimento com os alunos no último ano

Abordagem do tema velhice/envelhecimento com os alunos no último ano	N	%	P-valor
Não	25	47,2	0,846
Sim	24	45,3	
Não respondeu	4	7,5	

Tabela 41- Quantidade de vezes que o tema velhice/ envelhecimento foi trabalhado no último ano

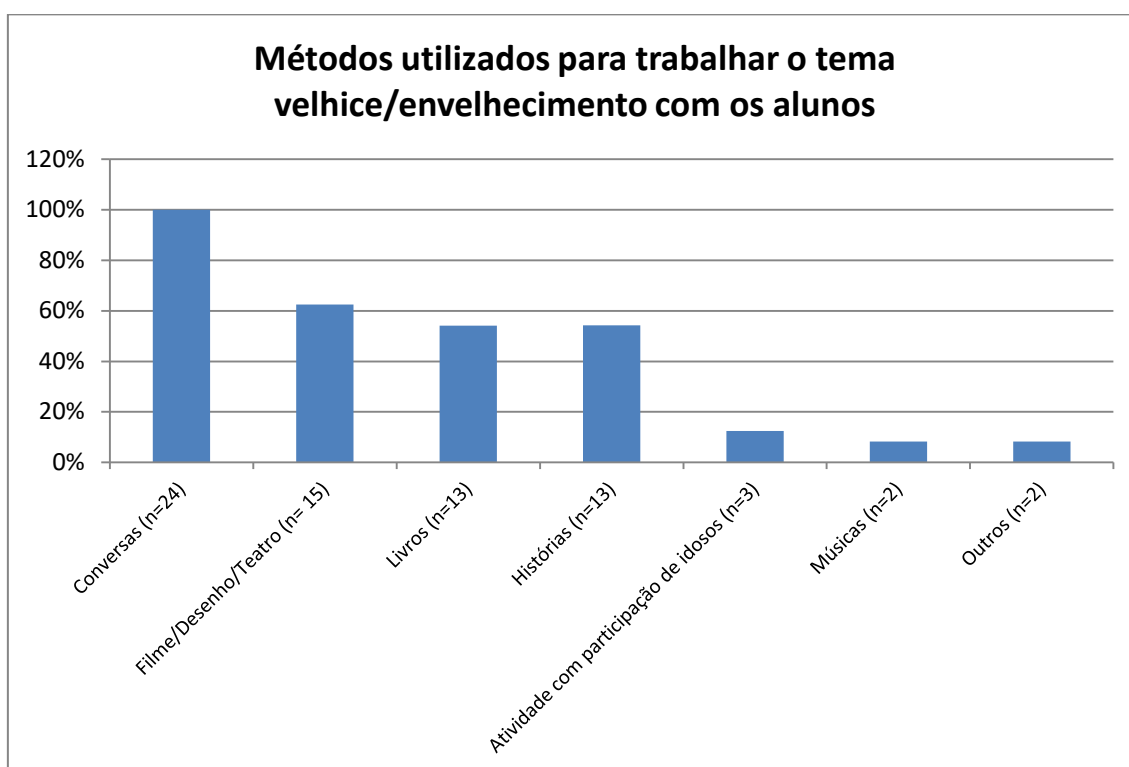
Quantidade de vezes que o tema foi trabalhado durante o ano	N	%	P-valor
Uma vez	11	45,8	Ref.
Duas vezes	4	16,7	0,057
Outros	9	37,5	0,551
Total	24	100	

Gráfico 2- Situações em que o tema velhice/ envelhecimento foi trabalhado com os alunos

Quanto à abordagem do tema com os alunos, observa-se que cerca de metade dos professores participantes (45,3%) declararam ter trabalhado com seus alunos no último ano, enquanto 47,2% declararam não ter trabalhado. Embora essa diferença não tenha sido estatisticamente significativa ($p=0,84$), aponta-se para a importância deste resultado.

Sobre a quantidade de vezes que o tema foi abordado, 45,8% declarou ao menos uma vez ao ano (Tabela 41), sendo que tal abordagem se deu em alguma aula específica (70,8%), a partir de situações ocorridas com a criança (37,5%), em dias comemorativos (33,3%) ou outros (Gráfico 2).

Quanto aos materiais e métodos utilizados para tal abordagem, observa-se no Gráfico 3 os mais citados pelos professores.

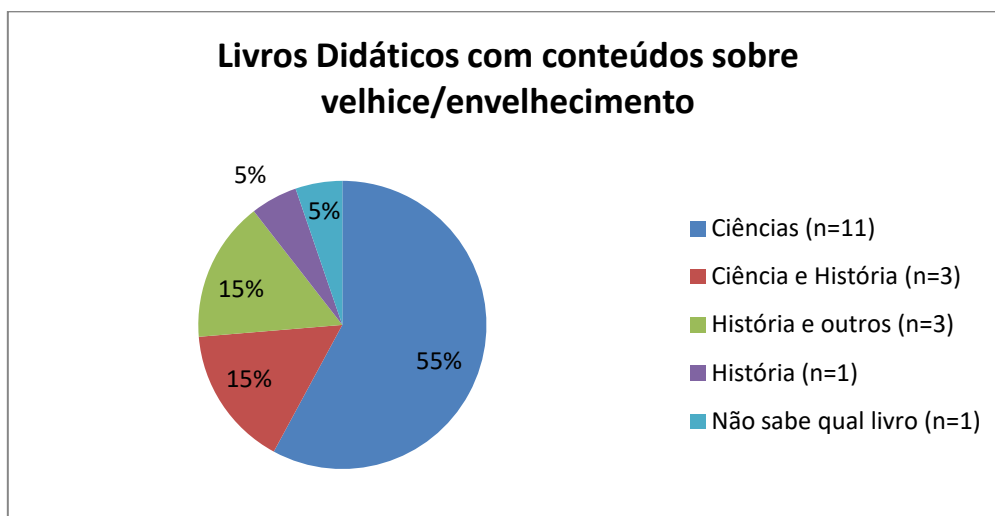
Gráfico 3- Materiais e Métodos utilizados para trabalhar o tema velhice/envelhecimento com os alunos

Os resultados apresentados (Gráfico 3) apontam que todos os 24 professores relataram abordar o tema por meio de conversas (100%), seguido de filme/desenho/teatro (62,5%), livros e histórias (54,2% respectivamente), dentre outros.

A Tabela 42 a seguir, aborda acerca dos livros didáticos utilizados pelos professores em sala de aula, se os mesmos apresentam conteúdos de gerontologia e em quais livros tais conteúdos são encontrados (Gráfico 4).

Tabela 42- Abordagem de conteúdos gerontológicos encontrados nos livros didáticos

Abordagem de conteúdos gerontológicos nos livros didáticos	N	%	P-valor
Não	26	49,1	0,240
Sim	20	37,7	

Gráfico 4- Livros didáticos que abordam conteúdos gerontológicos segundo a opinião dos Professores

Observa-se que 49,1% dos professores referiram que os livros didáticos não abordam conteúdos gerontológicos, enquanto que 37,7% dos professores referiram que é possível encontrar tal abordagem nos livros (Tabela 42).

Já acerca de quais livros são estes, o mais citado foi Ciências (55%), seguido de Ciências/História (15%) e, História e outros (15%).

O relato dos participantes quanto às atividades que já realizaram com os alunos sobre a temática, se ilustra a seguir com os DSCs produzidos a partir das diferentes categorias de respostas à questão: "Se você já participou ou realizou práticas educacionais com os alunos, que envolveram a velhice e o envelhecimento, por favor, faça um breve relato do que foi e de como ocorreu."

"Todo ano levo alunos para visitar abrigos/asilos, para que as crianças conheçam essa realidade. Cantamos ou tocamos alguns instrumentos."

"Às vezes o tema aparece na roda de conversa e as crianças relatam suas experiências com os idosos. Também teve um momento em que eu precisei me ausentar, devido a internação da minha avó e quando retornei os alunos passaram a contar sobre a convivência deles com idosos. Ou ainda por meio da leitura dos livros em temas diversos que possibilitam abordar o assunto com discussões que envolvam o respeito, solidariedade, atenção, qualidade de vida. Eles se envolvem muito e querem falar de experiências próprias com familiares e conhecidos aí o diálogo se estende. O assunto é complexo! Só não fiz além por falta de tempo na minha grade curricular."

"Infelizmente, apenas acompanhei o tema no livro didático. Como era conteúdo, trabalhei o desenvolvimento humano, as fases da vida, conversamos sobre cada uma delas, incluindo a velhice. Foi instrutivo estudar as fases do crescimento humano, ou melhor, do ciclo de vida do homem. Trabalhei temas relacionados às aulas de ciências e história."

"Já participei de atividades artísticas na escola (musicais), envolvendo um grupo musical de idosos. É muito lindo ver o encontro natural das gerações. Também foram feitas entrevistas como tarefa e depois discutimos como é a convivência das crianças com os idosos. Além disso, desenvolvi um projeto em que cada criança deveria levar para a escola um idoso para juntos debatermos o tema velhice."

Os DSCs apresentados ilustram sobre as diferentes experiências de abordagens e parecem enaltecer o quanto podem ser benéficas e positivas para os envolvidos.

Apresenta-se a seguir, com a Tabela 43, se os alunos fazem questionamentos sobre o tema segundo a opinião dos professores.

Tabela 43- Questionamentos dos alunos sobre o tema velhice/envelhecimento aos professores

Questões sobre o tema dos alunos aos professores	N	%	P-valor
Não	42	79,2	<0,001
Sim	8	15,1	

Os resultados apresentados pela Tabela 22 evidenciam que a maior parte dos professores participantes (79,2%) aponta que seus alunos não trazem questionamentos sobre a velhice ou sobre o envelhecimento.

Quanto à prioridade dada ao assunto na escola, a opinião dos professores é apresentada na Tabela 44 que se segue.

Tabela 44- Frequência com que o tema velhice/envelhecimento é focalizado no contexto escolar

Frequência com que o tema é focalizado na escola	N	%	P-valor
É pouco focalizado	32	60,4	Ref.
Não é focalizado	18	34,0	0,006
É focalizado suficientemente	1	1,9	<0,001
É razoavelmente focalizado	1	1,9	<0,001

A Tabela 44 aponta que, segundo a opinião da significativa maior parte dos professores, o tema é pouco focalizado no contexto escolar (60,4%), seguido da opinião de que o tema não é focalizado (34%), o que evidencia o quanto o tema tem sido pouco ou nada trabalhado com os alunos da educação fundamental. Em contraponto a tal resultado, a Tabela 45 a seguir evidencia, segundo a opinião dos professores, sobre a importância de trabalhar o tema no ambiente escolar.

Tabela 45- Opinião dos Professores sobre a importância do tema velhice/envelhecimento no contexto escolar

Importância da escola ensinar sobre pessoas idosas e sobre temas relacionados ao envelhecimento	N	%	P-valor
Sim	51	96,2	<0,001
Não	0	0,0	
Não respondeu	2	3,8	

Observa-se que todos os participantes que responderam à questão, afirmaram ser importante a escola ensinar sobre o envelhecimento e as pessoas idosas aos alunos, embora também tenham apontado que o tema não é ou é pouco focalizado.

As respostas dos professores com relação ao assunto reforçam a importância que dão a tal abordagem e também ilustram os desafios e dificuldades atreladas a ela. A seguir, apresentam-se os DSCs dos professores referentes à questão: "Em sua opinião, você acredita que é importante a escola ensinar sobre as pessoas idosas e sobre temas relacionados ao envelhecimento?".

"Sim, porque cresce cada vez mais a população idosa no Brasil. A população está envelhecendo e é preciso aprender a conviver e a respeitar. Então a gente vê que o país terá uma população idosa no futuro e hoje já é possível constatar este fato, pois temos a oportunidade de ver vários idosos por todo o "lado", esportes, mercado de trabalho, lazer ... então é importante."

"Sim. Todos nós (a maioria) chegaremos a essa fase. Os idosos de hoje precisam ser respeitados e valorizados. Então é importante ensinar que todas as fases da vida têm suas características e merece respeito, atenção e carinho. Além disso, conhecer aspectos desta fase da vida se faz essencial. Relações mais respeitadas podem ser construídas entre as gerações. Todos seremos idosos um dia."

"Sim. Tudo contribui para que ocorra a compreensão do que passa na cabeça dos idosos. Lidar com idoso não é fácil, ter ensinamentos para isso ajuda a errarmos menos. O convívio entre diferentes gerações deve ser discutido. Seria uma forma de ampliar o conhecimento em relação ao tema despertando ou somando assim as curiosidades. As pessoas seriam mais "preparadas" para chegar na terceira idade ou para lidar com pessoas idosas. Também é importante para que possamos compreender melhor a vida e o mundo em que estamos."

"Sim, porque hoje em dia os jovens não tem consciência da importância e respeito que devem sentir pelos idosos. Acredito que a educação tem a função de preparar para a vida, e não só para o trabalho, sendo assim, aprender a envelhecer e aprender a viver. Então faz parte da educação das crianças o respeito e valorização dos idosos (e de todos), para estimular a aceitação do próximo como pessoa capaz e repleta de conhecimento. Com certeza, ao ensinar sobre esses temas, eu acredito que as pessoas tenham mais respeito com as pessoas idosas. Respeito, solidariedade, carinho e atenção. Aceitar o próprio processo de envelhecimento, reconhecendo os próprios limites e cuidados com a saúde física e emocional. Vivemos com o mundo e com os outros, ninguém se faz sozinho! E nesse mundo estão também os idosos, então é importante que o aluno possa compreender tanto o processo físico quanto social do envelhecimento, a importância dessas pessoas na sociedade, valorizar e respeitar o ser humano, portanto esses valores devem ser "trabalhados" também na escola. O idoso está sempre na maioria das famílias e em grande parte é o principal responsável pela criança, então é sempre bom ter espaços para uma reflexão como esta. A escola tradicionalmente vem sendo utilizada para o debate de temas importantes para a sociedade. A velhice é um deles. Quero trabalhar com essa temática!"

A partir dos DSCs apresentados, observa-se que os professores participantes acreditam ser importante a abordagem do tema no ambiente escolar por diversas razões relacionadas ao próprio crescimento/envelhecimento dos alunos, ao envelhecimento populacional, às questões morais e de cidadania envolvidas, ao convívio e relacionamento intergeracionais, dentre outros.

Ademais, apresentam-se os DSCs referentes aos benefícios da abordagem do tema na escola sob a ótica dos professores. Tais discursos foram obtidos a partir da questão "Em sua opinião quais seriam os benefícios de se abordar as questões da velhice e do envelhecimento na escola?".

"O trabalho com valores traz benefícios, em sala de aula e fora dela. Precisamos formar cidadãos. Acredito que trazer conhecimentos sobre as pessoas idosas geraria um maior respeito para com essas pessoas. As crianças precisam aprender a respeitar os idosos e a valorizar a sua história talvez formar pessoas mais pacientes, solidárias e tolerantes. Formaríamos seres humanos melhores ao valorizar esta fase da vida cheia de sabedoria e tão presente em nosso dia-a-dia. Formaríamos pessoas mais humanizadas, críticas e solidárias."

"A educação e respeito com os idosos, o processo de envelhecimento seria tratado de forma mais natural. A mudança de atitude. Na percepção de mundo das crianças, nos conteúdos (ampliaria mais o tema, ciência, por exemplo), ajudaria aos alunos a conhecer e entender mais a velhice, e perceber que este é um momento de maturidade e de novas possibilidades de vida. Valorizar a velhice, conscientizar que os direitos mínimos não estão sendo respeitados pela sociedade, mais políticas públicas e refletir sobre ações de combate. Porque seria tratada da forma que é, natural, pois a velhice não pode ser vista como "coisa" ruim, mas como consequência natural da vida."

"Os benefícios poderão ajudar nossas crianças a lidar melhor com seus familiares e amigos, sendo solidários, voluntários e proporcionando às pessoas idosas uma velhice com dignidade e respeito. Melhorar o respeito e convivência, melhorar a relação entre eles. A ampliação da compreensão do mundo da vida e melhoria no entendimento de como devemos nos socializar e conviver inúmeras vezes."

Os DSCs apresentados elencam inúmeros benefícios que a educação gerontológica no contexto escolar proporcionaria aos alunos, dentre eles os professores destacam benefícios para os relacionamentos intergeracionais, para a forma com que as crianças enxergam a velhice, para ensinamentos morais, dentre outros.

Sobre os desafios inerentes a esse assunto, apresenta-se a seguir os DSCs dos professores referentes à questão: "Em sua opinião, quais seriam os desafios de introduzir esse tema no currículo escolar?".

"O desafio é ter uma formação e materiais disponíveis. Os professores não possuem informações suficientes nem formação específica. Então o despreparo para lidar com certas questões, o desconhecimento. Pois

acredito que as crianças iriam adorar o conhecimento sobre o assunto. Também mais materiais para se trabalhar em sala de aula/recursos e conteúdos."

"Tempo. O desafio seria o tempo. Infelizmente, nosso currículo é enorme, uma quantidade de conteúdos e habilidades a serem trabalhadas e desenvolvidas! E em minha opinião tudo é visto "superficialmente" sem que haja aprendizado efetivo."

"Acredito que o maior desafio é fazer com que esse tema seja respeitado e não apenas trabalhado para que se cumpra o conteúdo. Acho que basta cada professor ver a importância e começar a trabalhar. Mudança de mentalidade. Então, conscientizar os professores e coordenadores da importância, combater o preconceito e o desamor. Compreender que ele deve ser trabalhado aliado a todas as questões de ensino e não como algo/bloco específico sem vínculo com os demais temas de estudo. Incorporar essa temática no plano de curso e projeto pedagógico. O próprio currículo escolar ... a visão, os interesses de quem organiza o currículo, dos organizadores/responsáveis por essa questão no município para incorporá-los aos conteúdos já trabalhados, de modo a não sobrecarregar ainda mais o trabalho docente, mas buscar enfatizar aspectos essenciais relativos ao tema, que sensibilizem/eduquem os alunos."

Os DSCs apresentados apontam para desafios de diferentes naturezas tais como a falta de tempo, o número excessivo de conteúdos a serem trabalhados, o currículo pedagógico atual, a falta de recursos e materiais, etc. Assim, embora os professores tenham afirmado acerca da importância do tema, observa-se que muitos desafios precisam ser transpostos para que essa realidade torne-se possível, a partir da visão dos mesmos.

Por último, os professores ofereceram sugestões sobre as possibilidades de se introduzir esse tema na escola, como foi possível verificar nos relatos a partir da questão: "Deixe aqui suas sugestões sobre as possibilidades de se introduzir esse tema no currículo escolar".

"Com boa formação é possível adquirir um repertório para trabalhar o tema. A capacitação de professores."

"Gostaria de sugestões, de materiais, livros que possam dar subsídios aos professores. E parcerias para trabalhar esse tema."

"Organizar projetos nas escolas. Criar uma semana do idoso, tratando sobre temas relacionados à velhice e convidando idosos para dar palestra. A presença dos idosos valoriza o trabalho e introduz muito mais significado à temática. Então levar idosos para colaborarem com a escola, que possuem habilidades com teatro, música, artesanatos, etc. Podendo ser idosos da própria comunidade, familiares. Participando de atividades, festas... participar do cotidiano escolar, para troca de experiências, contação de "causos" etc."

"Juntamente com os temas: família, brincadeiras tradicionais, contos populares, receitas (da vovó), carta para os avós, discussões de textos numa aula filosófica, como tertúlia, filmes. Penso que poderia trabalhar com imagens também, produção de cartazes, vídeo. Só abordamos este tema quando temos de trabalhar "as fases da vida", mas seria interessante uma abordagem mais direta do assunto. Leituras, através de panfletos e informativos, palestras, entrevistas. E seria possível introduzir no conteúdo de história, onde os alunos pesquisam sua própria história e de sua família. Nas aulas de ciências onde normalmente se aborda o ciclo da vida."

"Avaliar/analisar o plano anual de cada ano/série, buscando incorporar o tema aos conteúdos já trabalhados, com propostas metodológicas coerentes. Precisa constar no currículo, discutir o assunto em HTPC (reuniões coletivas com todo o corpo docente) e principalmente preparar os profissionais. Não acredito que seja algo difícil de ser feito. O ano letivo se torna curto para tanto conteúdo. Então teria que se pensar em uma grade onde é possível trabalhar um pouco do assunto em todos os anos/séries."

As variadas sugestões evidenciam o interesse dos professores pela inserção de conteúdos gerontológicos no contexto escolar, bem como para a necessidade de maior formação/ informação dos mesmos sobre o assunto.

Assim, tanto os dados quantitativos como também os dados qualitativos referentes à abordagem do tema no ambiente escolar apontam para o reconhecimento dos professores acerca da importância de abordagem do tema, a escassez de tal abordagem nos diferentes anos de ensino, os inúmeros desafios como à falta de tempo, o excesso de conteúdos, à falta de instrução e formação dos professores para tal

empreitada, dentre outras, e também apontam para os benefícios e potencialidades de tal abordagem, o que reforça a necessidade de medidas políticas e ações de cunho educativo e cultural para a aproximação das gerações e ampliação do conhecimento que se tem acerca da velhice.

4.1.8 Resumo dos Principais Resultados referentes ao grupo dos Professores

Com relação à caracterização da população dos professores, observou-se que a maioria dos participantes eram mulheres (92,5%), com idade média de 39,6 anos, as quais residem, em seu maior número, com o cônjuge (62,3%) e/ou com filhos (56,6%) e possuem formação em pedagogia (71,6%). Além disso, reforça-se que a maioria (86,8%) relatou não morar com pessoas idosas. Sobre tal amostra, os cálculos estatísticos realizados evidenciaram margem de erro amostral aceitável.

A análise de consistência interna da Escala Neri de Atitudes com relação à velhice apresentou bom índice, reforçando a confiabilidade do instrumento e sua validade para a utilização e desdobramentos no estudo.

Quanto aos resultados dos professores à escala, os mesmos obtiveram média de 2,76, sendo que 78% apresentaram atitudes positivas e somente 20% atitudes negativas.

Já a média de acertos no questionário Palmore-Neri-Cachioni de conhecimentos sobre a velhice foi de 39%, sendo as questões referentes ao *Domínio Físico* as mais acertadas e aquelas referentes ao *Domínio Social*, as menos acertadas.

Quanto à abordagem sobre a velhice/ envelhecimento no contexto escolar, metade dos professores revelou já ter trabalhado, uma ou duas vezes no ano, o tema com seus alunos e a outra metade disse nunca ter trabalhado. Além disso, 94,4% dos professores alegou que o tema não é focalizado ou é pouco focalizado no ambiente escolar, embora 100% dos participantes também tenham indicado que acreditam ser importante abordar o tema com seus alunos.

Além disso, o relato descritivo dos professores quanto à abordagem do assunto velhice/ envelhecimento na escola evidenciou novamente o quanto o tema é pouco abordado, a importância da abordagem, as dificuldades atreladas a ela, como a falta de tempo/ recursos/ materiais, bem como os diversos benefícios gerados, como a melhora nos relacionamentos intergeracionais, a percepção do próprio crescimento/ envelhecimento, o aprendizado de valores e questões de cidadania.

A seguir apresenta-se um resumo dos principais resultados das comparações (Tabela 46) e correlações (Tabela 47) realizadas entre a Escala Neri de Atitudes com Relação à Velhice e demais variáveis abordadas pelo estudo.

Tabela 46- Resultado das análises de Comparação entre Escore Total da Escala Neri e demais variáveis - Professores

Comparação: Variável X Escala Neri	Diferença Estatisticamente Significativa
Qualidade da Convivência com Idosos Familiares	Sim
Abordagem do Tema na Escola	Sim
Sexo dos Professores	Não
Região Geográfica da Escola	Não
Morar com idosos atualmente	Não
Conviver com idosos na infância	Não
Conviver com idosos na adolescência	Não
Conviver com idosos atualmente	Não
Qualidade da convivência com idosos não familiares atualmente	Não
Frequência de contato com idosos atualmente	Não
Experiência de amizade com idosos	Não
Experiência profissional com idosos	Não
Leituras sobre o tema	Não

Tabela 47- Resultado das análises de Correlação entre Escore Total da Escala Neri e demais variáveis - Professores

Correlação: Variável X Escala Neri	Resultado Significativo
Qualidade da convivência com idosos na infância	Sim
Qualidade da convivência com idosos na adolescência	Sim
Qualidade da convivência com idosos familiares atualmente	Sim
Frequência diária de convívio com idosos familiares atualmente	Sim
Ter trabalhado com o tema "velhice/envelhecimento" na escola	Sim
Questionário Palmore-Neri-Cachioni	Não
Gênero do Professor	Não
Convivência com Idosos na infância	Não
Convivência com Idosos na adolescência	Não
Convivência com Idosos atualmente	Não
Tipo de Contato com idosos familiares (voluntário ou necessário)	Não
Tipo de Contato com idosos não familiares (voluntário ou necessário)	Não
Frequência de contato com idosos familiares	Não
Frequência de contato com idosos não familiares	Não
Morar com idosos	Não
Trabalhar com idosos	Não
Ter um amigo idoso	Não
Ter lido livros sobre o tema	Não
Ter feito cursos sobre o tema	Não
Os alunos perguntam sobre o assunto	Não
Tema é focalizado na escola	Não

Importância da abordagem do tema na escola	Não
---	-----

4.2 Alunos

Os resultados referentes à participação dos 403 alunos serão apresentados em subsessões, divididas da seguinte maneira:

- Subsessão 4.2.1: Resultados descritivos relativos à caracterização dos participantes;
- Subsessão 4.2.2: Análise da consistência interna e Análises descritivas da Escala Todaro de Atitudes com relação à Velhice;
- Subsessão 4.2.3: Análises descritivas das Variáveis relativas à experiência de relacionamento intergeracional e Variáveis sociodemográficas abordadas pelo estudo;
- Subsessão: 4.2.4: Análises de comparação e correlação entre as Variáveis abordadas e os Escores da Escala Todaro de Atitudes com relação à velhice;
- Subsessão 4.2.5: Análises de Correlação entre Variáveis relativas à experiência de relacionamento intergeracional e Variáveis sociodemográficas abordadas pelo estudo;
- Subsessão 4.2.6: Análises relativas à Educação Gerontológica nas escolas sob a perspectiva dos Alunos;
- Subsessão 4.2.7: Resumo dos Principais Resultados.

4.2.1 Caracterização dos Alunos participantes

Foram participantes do presente estudo, 403 alunos, de idade entre 7 a 11 anos, do ensino fundamental ciclo-1 de escolas públicas municipais localizadas em uma cidade do interior do estado de São Paulo.

Todos os alunos participantes (n=403) responderam ao questionário para crianças sobre o envelhecimento e pessoas idosas. Contudo, uma vez que a Escala de Atitudes prevista para utilização no estudo havia sido escrita e validada para crianças com idade entre sete a 10 anos (TODARO, 2008), foram consideradas as respostas a tal instrumento somente daqueles que se encaixavam a esta faixa etária, que totalizavam 363 crianças, sendo que destas, 335 efetivamente realizaram o preenchimento da escala.

Apresenta-se a seguir, com a Tabela 48, os dados de caracterização dos alunos participantes.

Tabela 48- Caracterização dos Alunos Participantes

Variáveis		N	%
Sexo	Feminino	202	50,1
	Masculino	201	49,9
Idade (anos) Média= 8,9 DP= ±1,2 Mín.= 7 Máx.= 11 CV= 13%	7	56	13,89
	8	102	25,31
	9	113	28,03
	10	92	22,82
	11	40	9,92
Ano letivo (Série)	2º ano	97	24,06
	3º ano	104	25,8
	4º ano	102	25,3
	5º ano	100	24,8
Arranjo Familiar	Mora com mãe	366	90,8
	Mora com irmãos	307	76,2
	Mora com pai	289	71,7
	Mora com avô materna	44	10,9
	Mora com avô materno	34	8,4
	Mora com avô paterna	22	5,5
	Mora com avô paterno	16	4
	Mora com "outros"	46	11,4
Escola	EMEB 1	103	25,6
	EMEB 2	33	8,2
	EMEB 3	33	8,2
	EMEB 4	127	31,5
	EMEB 5	80	19,9
	EMEB 6	27	6,7
Total		403	100

Observa-se que metade dos alunos eram meninas (50,1%) e, a outra metade meninos (49,9%). A maior parte dos alunos tinha entre oito e 10 anos, seguidos por um número menor de alunos com sete anos (13,89%) e com 11 anos (9,92%).

Além disso, a idade média dos participantes foi de 8,9 anos, sendo possível afirmar a partir do coeficiente de variação (CV) que houve baixa variabilidade (13%) e, conseqüentemente, homogeneidade na amostra.

Com relação à escola e ao ano letivo (série) dos participantes, observa-se que as escolas com o maior número de participantes foram as EMEBs 4 e 1. Além disso, vê-se que os alunos estavam semelhantemente distribuídos em cada uma das séries (em torno de 25% em cada série).

Acerca dos arranjos familiares, a maior parte dos alunos relatou morar com a mãe (90,8%) e/ou com o pai (71,7%) e um número significativo de alunos relatou morar com os avós.

O cálculo da margem de erro amostral de tal grupo de participantes é apresentado nas tabelas 49 e 50, a seguir.

Tabela 49- Número e Porcentagem de alunos participantes em comparação ao total de alunos matriculados do 2º ao 5º ano nas Escolas Participantes

EMEB	Número de alunos matriculados do 2º ao 5º ano	Número de alunos que participaram	% de alunos que participaram (do total de alunos do 2º ao 5º ano por EMEB)
1	526	103	19,58
2	331	33	9,96
3	251	33	13,14
4	884	127	14,36
5	985	80	8,12
6	173	27	15,60
Total	3150	403	12,79

A partir das informações apresentadas na Tabela 49, com relação ao número de alunos matriculados do 2º ao 5º ano em cada uma das escolas e o número de alunos participantes do presente estudo, observa-se que a EMEB1 e a EMEB6 foram as que apresentaram maior participação (19,5 e 15,5% respectivamente), enquanto as EMEBs 5 e 2 foram as que apresentaram menor número de participantes (8 e 10% respectivamente).

A partir de tais dados foi possível calcular a margem de erro amostral da população alvo, cujo resultado se apresenta a seguir (Tabela 50).

Tabela 50- Margem de Erro Amostral - Alunos

	População Alvo	Amostra	Erro amostral
Alunos	3150	403	4,6%

Com base na população alvo e na amostragem feita, foi calculada a margem de erro amostral. De acordo com autores da área, para ser considerada aceitável tal margem não deve ultrapassar 15%, dessa forma, observa-se que a amostra do grupo de alunos participantes do presente estudo tem margem aceitável, visto que apresentou valor de 4,6% (FONSECA; MARTINS, 1996; MURRAY, 1993; VIEIRA, 2004).

4.2.2 Análise da consistência interna e Análises descritivas da Escala Todaro de Atitudes com relação à Velhice - Alunos

No intuito de verificar a confiabilidade do instrumento para a população de alunos participantes do presente estudo, procedeu-se a análise de consistência interna da Escala Todaro, como se observa a seguir (Tabela 51).

Tabela 51- Cálculo de Consistência Interna - Escala Todaro - Amostra de Alunos

Alfa de Cronbach	
Alunos	0,755

O valor alfa de Cronbach foi de 0,755 evidenciando que a Escala possui boa consistência interna (CRONBACH, 1951). Compreende-se que tal resultado fornece validade para a utilização do instrumento e desdobramentos neste estudo.

A Tabela 52 a seguir apresenta as análises da escala por *Domínios* e também pelo *Escore Total*.

Tabela 52- Estatística Descritiva da Escala Todaro a partir da participação das crianças (7 a 10 anos)

Domínios/ Escore Total	Média	Mediana	Desvio Padrão	CV	Q1	Q3	Min	Max	N	IC
Domínio Cognitivo	1,74	1,67	0,44	25%	1,40	2,00	1,00	3,00	333	0,05
Domínio Agência	1,71	1,50	0,51	30%	1,50	2,00	1,00	3,00	327	0,05
Domínio Relacionamento Social	1,63	1,67	0,53	32%	1,33	2,00	1,00	3,00	326	0,06
Domínio Persona	1,54	1,67	0,47	31%	1,00	1,67	1,00	3,00	325	0,05
Escore Total	1,66	1,64	0,35	21%	1,43	1,92	1,00	2,57	336	0,04

Com base nos dados da Tabela 52, observa-se que as crianças participantes (7 a 10 anos) que responderam à escala Todaro (n=335), tiveram pontuação média geral (*Escore Total*) de 1,66 ($\pm 0,35$) indicando atitudes positivas⁷.

Quanto aos *Domínios* da escala, observa-se que o *Domínio Persona* foi o domínio avaliado mais positivamente (1,54, $\pm 0,47$), enquanto o *Domínio Cognitivo* foi avaliado mais negativamente (1,74, $\pm 0,44$). Além disso, pode-se observar a partir do coeficiente de variação (CV) que a variabilidade dos dados é baixa (<50%), o que significa que são homogêneos. A descrição detalhada das Análises da Escala Todaro por domínios encontra-se no Apêndice J.

Com o intuito de identificar o número de alunos que apresentaram atitudes positivas e o número que indicaram atitudes negativas com relação à velhice, foi utilizado o teste de Igualdade de duas proporções, a fim de se analisar a distribuição de cada escore.

⁷ Vale recordar que o escore da escala apresentava variação entre 1 e 3, sendo que pontuações mais próximas de 1 indicam atitudes positivas, mais próximas de 3, atitudes negativas e 2, atitudes neutras com relação à velhice.

Para tanto, os escores (1-3) referentes à Escala Todaro, foram distribuídos em faixas de pontuação. Os alunos cujos escores totais da Escala estiveram entre 1 e 1,9 pontos, foram então classificados como aqueles que possuíam atitudes positivas com relação à velhice; enquanto aqueles que obtiveram escore entre 2,1 e 3 pontos, indicaram atitudes negativas. Escores de número 2 simbolizaram atitudes neutras.

A seguir apresentam-se os dados referentes à distribuição dos alunos quanto aos *Escores Totais* e também por *Domínios* da escala (Tabela 53), bem como os p-valores de tais análises (Tabela 54).

Tabela 53- Distribuição dos alunos por faixas de pontuação da Escala Todaro

Escala Todaro/ Pontuação dos alunos por faixas	Agência		Cognitivo		Persona		Rel.Social		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Entre 1 e 1,9 - atitudes positivas	168	51,4	217	65,2	245	75,4	223	68,4	271	80,7
2 - atitudes neutras	123	37,6	40	12,0	55	16,9	47	14,4	20	6,0
Entre 2,1 e 3 - atitudes negativas	36	11,0	76	22,8	25	7,7	56	17,2	45	13,4
Total	327		333		325		326		336	

Tabela 54- P-valores da Escala Todaro e a distribuição do escore dos alunos por faixas de pontuação

Escala Todaro/ Pontuação	Entre 1 e 1,9	2	3
Agência	2	<0,001	
	Entre 2,1 e 3	<0,001	<0,001
Cognitivo	2	<0,001	
	Entre 2,1 e 3	<0,001	<0,001
Persona	2	<0,001	
	Entre 2,1 e 3	<0,001	<0,001
Rel.Social	2	<0,001	
	Entre 2,1 e 3	<0,001	0,334
Total	2	<0,001	
	Entre 2,1 e 3	<0,001	0,001

A partir dos dados apresentados pelas tabelas 53 e 54, observa-se que a maioria dos alunos (80,7%) obteve escore positivo (1 a 1,9) na escala Todaro, indicando que as crianças possuem mais atitudes positivas que negativas (13,4%).

4.2.3 Análises descritivas das Variáveis relativas à experiência de relacionamento intergeracional e Variáveis sociodemográficas abordadas pelo estudo - Alunos

Especificamente sobre pessoas idosas, os alunos opinaram acerca de quantos anos é preciso ter para ser considerado idoso. Os resultados podem ser observados na tabela a seguir (Tabela 55).

Tabela 55- Idade de uma pessoa para ser considerada idosa segundo a opinião dos alunos

Idade de uma pessoa idosa	N	%	P-valor
40 anos ou mais	7	1,7	<0,001
50 anos ou mais	34	8,4	<0,001
60 anos ou mais	187	46,4	Ref.
70 anos ou mais	90	22,3	<0,001
80 anos ou mais	78	19,4	<0,001
90 anos ou mais	1	0,2	<0,001
Outros	4	1,0	<0,001

Uma significativa parcela dos alunos assinalou 60 anos (46,4%) como a idade necessária para ser considerado um idoso, seguido de 70 anos (22,3%) e 80 anos (19,4%). Observa-se assim que os alunos têm compreensão que coincide com a idade mínima para ser considerada idosa uma pessoa brasileira.

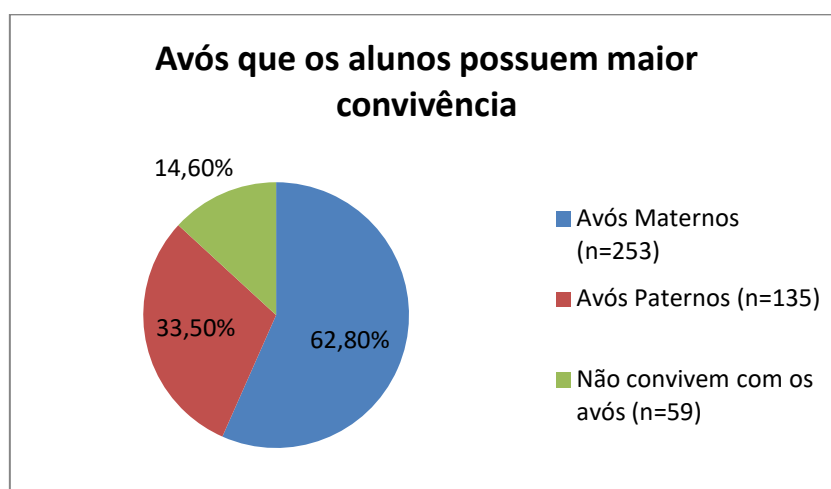
Acerca das pessoas idosas que as crianças conhecem apresenta-se a seguir a Tabela 56.

Tabela 56- Pessoas idosas que os alunos conhecem

Pessoas idosas que os alunos conhecem	N	%	P-valor
Avós maternos	286	71,0	Ref.
Avós paternos	195	48,4	<0,001
Outras pessoas	101	25,1	<0,001
Não conhecem pessoas idosas	16	4,0	<0,001

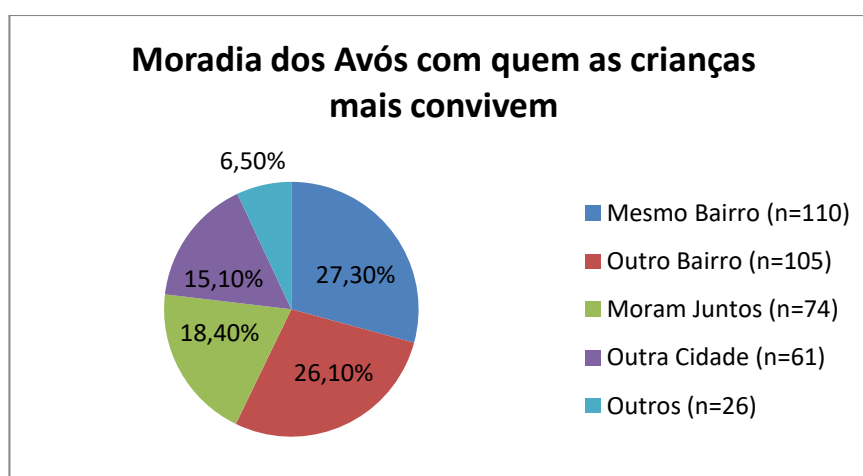
Parte significativa dos alunos conhece os avós maternos (71%), seguido dos avós paternos (48,4%), enquanto somente 4% dos estudantes relataram não conhecer pessoas idosas.

Sobre a convivência com os avós, o gráfico a seguir aponta com quem os alunos relataram conviver mais.

Gráfico 5- Avós com quem os alunos mais convivem

Tais resultados evidenciam que embora parte dos alunos conviva com os avós paternos (33,5%), o número que relata ter maior convivência com os avós maternos foi significativamente maior (62,8%).

Acerca da distância entre a moradia das crianças e dos avós que elas têm maior convivência, o gráfico a seguir traz tal caracterização.

Gráfico 6- Moradia dos avós que as crianças mais convivem

A partir dos resultados expostos (Gráfico 6), observa-se que uma parcela dos alunos relatou morar no mesmo bairro que os avós (27,3%), seguido dos alunos cujos avós moram em outros bairros (26,1%) e dos avós que moram na mesma casa que a criança (18,4%). Tais resultados evidenciam que cerca de metade dos alunos participantes têm proximidade física com seus avós, o que pode facilitar a aproximação

e convivência das crianças com os mesmos, além disso, reforça-se que somente uma pequena parte mora distante, como em outras cidades, dos avós (15,1%).

Acerca da qualidade dos relacionamentos intergeracionais, apresenta-se a tabela a seguir referente à caracterização de tal variável sob a ótica dos alunos.

Tabela 57- Qualidade do relacionamento entre avós e alunos sob a ótica dos alunos

Relacionamento entre avós e alunos	N	%	P-valor
Muito Bom	284	70,5	Ref.
Bom	72	17,9	<0,001
mais ou menos	23	5,7	<0,001
muito difícil	5	1,2	<0,001
Difícil	1	0,2	<0,001

Significativamente a maior parte dos alunos (70,5%) relatou ter um relacionamento "muito bom" com os avós, seguido de "bom" (17,9), enquanto somente uma pequena parcela afirmou que o relacionamento é "regular", "muito difícil" ou "difícil" (5,7%, 1,2% e 0,2% respectivamente).

Quanto à frequência de contato das crianças com pessoas idosas, observa-se a tabela a seguir.

Tabela 58- Frequência de contato entre alunos e pessoas idosas

Frequência de contato entre alunos e idosos	N	%	P-valor
Se veem todos os dias	131	32,5	Ref.
Se veem toda semana	98	24,3	0,010
Se veem entre 1 a 2 vezes por mês	74	18,4	<0,001
Outro	32	7,9	<0,001
Não convive com pessoas idosas	53	13,2	<0,001

A partir dos dados apresentados, a maior parte dos alunos relatou conviver com pessoas idosas todos os dias (32,5%), seguido de todas as semanas (24,3%) e todos os meses (18,4%).

As crianças também relataram acerca das conversas que têm com os pais ou familiares sobre a velhice ou os idosos, conforme apresenta a Tabela 59 a seguir.

Tabela 59- Situações que propiciam conversas sobre pessoas idosas/velhice com os pais/familiares na compreensão dos alunos participantes

Situações que propiciam conversas sobre pessoas idosas/ velhice com os pais ou familiares	N	%	P-valor
O assunto surge a partir de situações ocorridas na família	141	35,0	Ref.
O assunto aparece em programas de TV	102	25,3	0,003
O assunto emerge a partir de dúvidas sobre o assunto	93	23,1	<0,001
O assunto aparece quando a criança sente vontade de falar sobre alguém idoso	86	21,3	<0,001
O assunto surge a partir de uma tarefa escolar	67	16,6	<0,001
O assunto surge a partir de situações ocorridas no bairro ou com amigos	56	13,9	<0,001
O assunto aparece na internet (notícias, facebook, etc.)	43	10,7	<0,001
Outros	9	2,2	<0,001
Não há conversas sobre o tema com os pais	83	20,6	<0,001

A partir do exposto, observa-se que os alunos relatam conversar com os pais/familiares sobre o assunto frente às situações ocorridas na família (35%), seguido de quando o assunto é apresentado em programas de TV (25,3%) ou mesmo quando os alunos têm dúvidas (23,1%). Além disso, observa-se ainda, que uma significativa parcela de crianças (20,6%) relata não estabelecer este tipo de conversas.

4.2.4 Análises de comparação e correlação entre as Variáveis abordadas e os Escores da Escala Todaro de Atitudes com relação à velhice - Alunos

A partir dos resultados apresentados pelos alunos diante dos dois instrumentos utilizados pela presente pesquisa, isto é, o *Questionário para Crianças sobre o Envelhecimento e Pessoas Idosas* e a *Escala Todaro de Atitudes com relação à velhice*, foi possível realizar testes estatísticos para análises comparativas e de correlação entre as variáveis. A fim de comparar os escores da Escala Todaro de Atitudes com as variáveis relativas à experiência de relacionamentos intergeracionais e variáveis sociodemográficas, foi utilizado o teste ANOVA. Já as análises de correlação foram realizadas a partir do teste de correlação de Pearson.

A Tabela 60 a seguir, apresenta a comparação entre as atitudes das crianças com relação à velhice e a qualidade do relacionamento que elas relataram ter com seus avós.

Tabela 60- Comparação entre a qualidade do relacionamento dos alunos com seus avós e as atitudes que apresentaram com relação à velhice

Escala Todaro de Atitudes com relação à velhice/ Relacionamento com os avós		Média	Mediana	Desvio Padrão	N	IC	P-valor
Domínio Cognitivo	Bom/Muito bom	1,71	1,67	0,43	299	0,05	0,006
	Mais ou menos	1,94	2,00	0,42	19	0,19	
	Difícil/Muito difícil	2,31	2,33	0,30	3	0,34	
Domínio Agência	Bom/Muito bom	1,69	1,50	0,51	292	0,06	0,467
	Mais ou menos	1,83	2,00	0,47	20	0,20	
	Difícil/Muito difícil	1,83	2,00	0,29	3	0,33	
Domínio Relacionamento Social	Bom/Muito bom	1,62	1,67	0,52	292	0,06	0,403
	Mais ou menos	1,68	1,67	0,58	19	0,26	
	Difícil/Muito difícil	2,00	2,00	0,33	3	0,38	
Domínio Persona	Bom/Muito bom	1,51	1,67	0,46	292	0,05	0,048
	Mais ou menos	1,78	2,00	0,49	18	0,22	
	Difícil/Muito difícil	1,67	1,67	0,33	3	0,38	
Escore Total	Bom/Muito bom	1,64	1,64	0,35	301	0,04	0,023
	Mais ou menos	1,80	1,77	0,31	20	0,14	
	Difícil/Muito difícil	2,03	2,00	0,12	3	0,13	

Observa-se que houve diferença significativa entre as atitudes das crianças que relataram ter "bom" ou "muito bom" relacionamento com os avós daquelas que relataram ter um relacionamento "mais ou menos" ou "difícil/muito difícil", sendo que as primeiras apresentaram atitudes significativamente mais positivas nos *Domínios Cognitivo, Persona* e também no *Escore Total* da escala.

Observa-se a seguir os resultados referentes às análises de comparação entre as variáveis "morar com idosos" e "atitudes de crianças com relação à velhice".

Tabela 61- Morar ou não com os avós em comparação com a Escala Todaro - Alunos

Escala Todaro de Atitudes/ Morar ou não com os avós		Média	Mediana	Desvio Padrão	N	IC	P-valor
Domínio Cognitivo	Moram com avós	1,72	1,67	0,42	59	0,11	0,812
	Não moram com avós	1,74	1,67	0,44	274	0,05	
Domínio Agência	Moram com avós	1,77	2,00	0,57	58	0,15	0,338
	Não moram com avós	1,70	1,50	0,49	269	0,06	
Domínio Relacionamento Social	Moram com avós	1,68	1,67	0,52	58	0,13	0,454
	Não moram com avós	1,62	1,67	0,53	268	0,06	
Domínio Persona	Moram com avós	1,65	1,67	0,50	57	0,13	0,040
	Não moram com avós	1,51	1,33	0,46	268	0,06	
Escore Total	Moram com avós	1,69	1,69	0,38	60	0,10	0,476
	Não moram com avós	1,65	1,64	0,35	276	0,04	

Embora não tenha sido observada diferença estatisticamente significativa nas respostas das crianças que moram com os avós, das que não moram, quanto ao *Escore*

Total da escala de atitudes com relação à velhice, observou-se que o *Domínio Persona* apresentou diferença significativa entre tais variáveis ($p=0,04$), revelando assim que as crianças que não moram com os idosos tiveram pontuação significativamente mais positiva do que aquelas que moram.

Ademais, as análises comparativas que não apresentaram resultados significativos serão apresentadas a seguir com a Tabela 62.

Tabela 62- Análises de Comparação entre Escore Total da Escala Todaro e demais variáveis, cujos valores não foram significativos - Alunos

	Escore Total da Escala Todaro
Sexo	p=0,600
Faixa Etária	p=0,242
Ano escolar	p=0,408
Morar com idosos	p= 0,476 (exceto no <i>Domínio Persona</i> da Escala, cujo p=0,04)
Idade atribuída aos idosos	p= 0,057
Conhecer pessoas idosas	p=0,886
Conviver com idosos	p=0,566
Frequência de contato com idosos	p=0,638
Conversar com os pais sobre o tema	p=0,248

Observa-se que não houve diferença estatística entre os valores obtidos entre as respostas das meninas e dos meninos, sendo que, vale lembrar, ambos os grupos apresentaram pontuação média de 1,67 (meninas) e 1,65 (meninos), o que pode classificar as atitudes com relação à velhice de forma positiva.

Também não houve diferença estatisticamente significativa entre as atitudes apresentadas pelos alunos e a faixa etária, o ano escolar, a opinião acerca de quantos anos uma pessoa idosa tem, conhecer ou conviver com pessoas idosas, a frequência de contato e conversar com os pais sobre o assunto.

Quanto às análises de correlação realizadas entre os resultados da Escala Todaro e demais variáveis abordadas pelo presente estudo, apresenta-se a seguir os resultados das correlações (Tabela 63).

Tabela 63- Correlações entre Escore Total da Escala Todaro e demais variáveis - Alunos

	Escore Total Escala Todaro	p-valor
Sexo	r=-0,03	0,569
Idade	r=0,01	0,772
Ano Escolar	r=0,05	0,309
Escola que o Aluno estuda	r=0,02	0,746
Percepção da Idade do Idoso	r=0,05	0,357
Conhecer idosos	r=0,008	0,878
Frequência de contato com idosos	r=0,019	0,738
Distância de moradia entre avós e alunos	r=-0,051	0,359
Qualidade do relacionamento com avós	r=0,20	0
Morar com idosos	r=-0,038	0,494
Não veem os avós	r=-0,13	0,018
Ter dúvidas sobre a velhice	r=0,11	0,041
Conversar com os pais	r=-0,034	0,534
Aprender o tema na escola	r=0,036	0,506

Como evidenciado na Tabela 63, as variáveis abordadas pelo presente estudo, como o sexo da criança, a idade, ter dúvidas sobre o tema, conviver com idosos, conversar com os pais sobre o assunto, ter aprendido sobre o tema na escola, morar com idosos, dentre outras, não apresentaram correlação significativa com o *Escore Total* da Escala Todaro de Atitudes.

4.2.5 Análises de Correlação entre Variáveis relativas à experiência de relacionamento intergeracional e Variáveis sociodemográficas abordadas pelo estudo

Apresenta-se a seguir os resultados relativos às correlações encontradas entre a "qualidade do relacionamento com os avós" e demais variáveis (Tabela 64).

Tabela 64- Correlação entre a qualidade de relacionamento com os avós e demais variáveis - Alunos

	Qualidade da Convivência com Avós "Muito Boa/ Boa"	P-valor
Não ver os avós	r=-0,25	0

As análises de correlação realizadas entre a qualidade do relacionamento estabelecido pelos alunos com seus avós e demais variáveis, apontou correlação negativa, moderada e significativa entre ter um relacionamento "muito bom/ bom" com os avós e não os ver (r=-0,25; p=0).

A seguir apresenta-se as análises de correlação entre a qualidade negativa de relacionamento com os avós e demais variáveis (Tabela 65).

Tabela 65- Correlação entre a qualidade de relacionamento com os avós e demais variáveis - Alunos

	Qualidade da Convivência com Avós "Muito Difícil/ Difícil"	P-valor
Não ver os avós	r=0,45	0

Observa-se que a variável "não ver os avós" também se correlacionou positiva, moderada e significativamente com o relacionamento "muito difícil/ difícil" com os avós ($r=0,45$; $p=0$).

Tais dados demonstram o desafio implicado entre manter um bom relacionamento com os avós e a escassez de convivência.

A seguir, apresentam-se as correlações entre a "localização da moradia dos avós" e demais variáveis (Tabela 66).

Tabela 66- Correlação entre a localização da moradia dos avós e demais variáveis - Alunos

	Localização da moradia dos avós	P-valor
Frequência de Contato diária com Idosos	r=0,62	0
Frequência de Contato mensal com Idosos	r=-0,3	0
Frequência de Contato anual com Idosos	r=-0,4	0

As análises de correlação realizadas entre a frequência de contato com idosos e outras variáveis revelaram correlação positiva, forte e significativa entre a convivência diária dos alunos com avós e a localidade da moradia dos avós ($r=0,62$). Além disso, obteve-se correlação moderada e negativa entre a localidade da moradia dos avós e a convivência mensal ($r=-0,3$) e anual ($r=-0,4$) dos mesmos com seus netos. Tal resultado deixa evidente que quanto mais perto os avós moram de seus netos, maior a convivência entre eles e quanto mais distantes fisicamente se encontram, menor a convivência.

Apresenta-se a seguir a Tabela 67, a qual evidencia as variáveis observadas no presente estudo que não apresentaram correlações entre si.

Tabela 67- Variáveis que não apresentaram correlações com outras variáveis abordadas - Alunos

	Demais Variáveis
Sexo	Não
Idade	Não
Ano Escolar	Não
Escola que o Aluno estuda	Não
Percepção da Idade do Idoso	Não
Conhecer idosos	Não
Conviver com idosos	Não
Morar com idosos	Não
Ter dúvidas sobre a velhice	Não
Conversar com os pais sobre o assunto	Não
Aprender o tema na escola	Não

As variáveis acima destacadas, não obtiveram valores significativos nos testes de correlação realizados entre as mesmas e demais variáveis abordadas pelo presente estudo.

4.2.6 Análises relativas à Educação Gerontológica nas escolas sob a perspectiva dos Alunos

Sobre a abordagem do tema no contexto escolar, os alunos apontam sobre as situações em que tiveram contato com o assunto envelhecimento/ velhice na escola, como se observa a seguir (Tabela 68).

Tabela 68- Situações em que o assunto foi trabalhado na escola sob a ótica dos alunos

Situações em que o assunto foi trabalhado na escola	N	%	P-valor
Projetos da escola	90	22,3	0,003
Aulas de português	83	20,6	<0,001
Datas comemorativas	58	14,4	<0,001
Aulas de ciências	23	5,7	<0,001
Aulas de história	23	5,7	<0,001
Religião	17	4,2	<0,001
Aulas de matemática	11	2,7	<0,001
Visita a um asilo	10	2,5	<0,001
Aulas de educação física	7	1,7	<0,001
Aulas de geografia	6	1,5	<0,001
Aulas de artes	1	0,2	<0,001
Outros	10	2,5	<0,001
O tema nunca foi trabalhado	128	31,8	Ref.

Significativamente o maior número de alunos (31,8%) relatou que o tema nunca foi abordado na escola, seguido da abordagem via projetos (22,3%), aulas de português (20,6%), datas comemorativas (14,4%), dentre outros. Tais resultados corroboram os

achados já apresentados pelo presente estudo acerca da percepção dos professores sobre a escassa ou não abordagem do tema no contexto escolar.

Quanto ao conteúdo dos ensinamentos fornecidos pela escola, apresenta-se a seguir o discurso dos alunos participantes, mediante a solicitação: "Dê exemplos do que você aprendeu ou teve na escola sobre pessoas idosas ou sobre o envelhecimento".

"Eu aprendi que a gente deve amar e respeitar eles. Aprendi que temos que ter cuidado especial com as pessoas mais velhas, que eles precisam de mais atenção que qualquer outra pessoa. E que os idosos sempre têm a nos ensinar. Aprendi também que os idosos ficam mais experientes. É muito bom as crianças conviverem com os idosos porque a gente tem que aprender com eles."

"Todos envelhecem, temos que ter paciência, respeitar e saber conviver sem preconceito. Aprendi que infelizmente os idosos são ainda bastante excluídos da sociedade e família. Aprendi também que quando formos cumprimentar os idosos devemos chamar eles de "senhor ou senhora". Também aprendi a dar lugar para eles no ônibus, que é pra respeitar, não xingar, nem bater, nem fazer nenhum mal para eles."

"Vimos um filme. Aprendi sobre um índio que seu avô ouvia o som do rio e dizia "ouça o som do rio!"

"Aprendi que a gente nasce, cresce e envelhece, tipo flor, que nasce, cresce e envelhece. Então os idosos nascem bebês, depois adolescente, adulto, idosos. Nascem da barriga das mães mesmo. Crescem e envelhecem. O ciclo da vida. E aprendi sobre que eles são já da 3ª idade."

"Aprendi que o envelhecimento não é doença e sim uma fase da vida. Aprendi sobre o corpo humano, como envelhecemos, nossos ossos ficam fracos e a pele enrugada. As células vão envelhecendo, o corpo fica mais feio. Algumas pessoas quando ficam mais velhas vão se curvando e ficam um pouco mais baixas. A velhice deixa a pessoa mais fraca e mais fraca, com a audição inferior da nossa. Não conseguem andar muito rápido, perdem o reflexo, essas coisas. Os idosos têm que ficar atentos, não andar sozinhos, porque os bandidos se aproveitam de pessoas idosas."

"Aprendi com meus pais que tenho que respeitar e ajudar os mais velhos. Que eu me lembre eu nunca aprendi (na escola), eu aprendi com meus pais em casa."

"Não estudamos sobre velhice, não tive aulas sobre isso. Então não aprendi ainda, nunca tive explicação na sala de aula, na escola."

"Estou aprendendo sobre os idosos através desse curso. Aprendi no questionário para crianças."

A partir dos relatos apresentados, observa-se que os alunos aprenderam sobre as fases do ciclo de vida, características da velhice, bem como a forma com que deve agir e tratar os idosos. Contudo, importa destacar que a partir do relato dos alunos, a abordagem do tema na escola aparentemente carece de maior profundidade e especificidade.

Ademais, ressalta-se ainda que a realidade de nunca ter aprendido sobre o tema na escola também foi declarada pelos alunos, o que novamente enfatiza para a escassez da abordagem no ambiente escolar.

Acerca de quais profissionais já ofereceram informações sobre o tema nas escolas, a seguir apresenta-se a opinião dos alunos a esse respeito (Tabela 69).

Tabela 69- Pessoas que ofereceram informações sobre o tema velhice/envelhecimentos aos alunos no contexto escolar

Informações sobre a velhice/ os idosos, foram oferecidas por:	N	%	P-valor
Professor (s)	239	59,3	Ref.
Coordenador (a)	5	1,2	<0,001
Diretor (a)	3	0,7	<0,001

Observa-se que os professores são os mais citados como aqueles que conferem aos alunos informações sobre a velhice/ envelhecimento. Ressalta-se assim a importância exercida pelo papel do professor frente às informações e conhecimentos sobre a velhice acessíveis aos alunos na escola.

Ainda sobre tais aprendizados, os alunos deram sua opinião sobre a forma com que o tema envelhecimento/ velhice foi trabalhado na escola, como se observa a seguir (Tabela 70).

Tabela 70- Opinião dos alunos sobre como o assunto foi ensinado na escola

Opinião dos alunos sobre como o assunto foi ensinado na escola	N	%	P-valor
Bom	270	66,7	Ref.
Ruim	13	3,2	<0,001
Não participou deste tipo de ensinamento	120	30,1	

Observa-se que a significativa maioria dos alunos (66,7%) relatou ter achado "bom" sobre como o assunto foi ensinado na escola, contrapondo 3,2% que julgou ter sido "ruim". Embora tal questão apresente importante limitação, por se tratar de uma classificação vaga e pouco representativa, os discursos apresentados pelos alunos a partir da pergunta: "Por que você achou bom ou ruim o que foi ensinado sobre idosos na escola?" complementam e melhor elucidam tais resultados, como pode-se observar com os DSCs a seguir.

"Foi bom, porque os idosos são muito inteligentes e sabem das coisas mais do que nós, crianças e jovens."

"Foi bom porque também um dia vamos envelhecer, vamos ficar velhos e quando eu ficar velho eu já vou ficar sabendo de tudo o que acontece com os idosos e sobre o corpo. Nós ficamos sabendo do que eles fazem, como são o corpo por dentro. Então foi bom saber."

"Foi bom porque a professora disse que as pessoas podem envelhecer, mas nunca mudar de humor. Ela explicou tudo de um jeito que eu entendi. Agora, a gente pode um dia passar isso pros nossos filhos, a gente aprende e mostra pra família."

"Foi bom porque é um ótimo assunto pra gente discutir, acho interessante aprender sobre idosos. Porque a cada aula sobre o assunto eu descobria mais coisas e isso ajuda a aprender mais e é uma maneira de conhecer as pessoas de mais idade o que é muito bom. Aprender um pouco sobre os nossos avós. Hoje eu sei conviver com eles melhor, porque eu aprendi que temos que respeitar os mais velhos."

"Foi bom porque é mais um ensinamento para nós, crianças, porque muitas vezes não entendemos a situação do idoso e tiramos sarro. Então foi uma lição pra mim, pra eu respeitar mais. Agora eu sei sobre os idosos."

"Ainda não aprendi isso na escola. Nunca estudei isso, minha professora não passou na aula."

"A gente fica mais com a família conversando, então eu aprendi em casa. Mais ouvindo familiares do que na escola."

"Foi ruim porque eu não gosto disso, então não gostei."

Os DSCs apresentados apontam sobre o quanto os alunos parecem gostar de aprender sobre o assunto velhice/ envelhecimento na escola. Contudo, também deixam claro para os limites da abordagem do tema, principalmente quanto aos conteúdos e também frequência de abordagem.

Sobre as dúvidas que possuem sobre o tema velhice/ envelhecimento, os resultados são apresentados a seguir (Tabela 71).

Tabela 71- Distribuição dos alunos quanto às dúvidas com relação à velhice

Dúvidas sobre os idosos e a velhice	N	%	P-valor
Não	294	73	<0,001
Sim	81	20,1	
Não Respondeu	28	6,9	

A partir dos resultados apresentados (Tabela 71), observa-se que a significativa maioria dos alunos participantes (73%) relatou não possuir dúvidas quanto ao tema, enquanto 20% relatou ter dúvidas.

Apesar da maioria significativa dos alunos ter relatado não possuir dúvidas sobre o envelhecimento e a velhice, quando questionados "O que você gostaria de saber mais sobre o envelhecimento?", os mesmos realizaram relatos descritivos sobre suas curiosidades, os quais revelam o quanto desejam adquirir maior conhecimento sobre o assunto.

"Gostaria de saber se eles se sentem bem. Se são felizes. Como eles se sentem por dentro. Por que alguns ficam mais tristes com o passar do tempo."

"Queria saber qual o sentimento quando são maltratados, ou até mesmo com a falta de respeito. Por que os filhos colocam os idosos no asilo, não dão amor pra eles."

"Gostaria de saber como eles tratam os idosos nos hospitais. Porque cada vez mais o Brasil tem idosos sozinhos seja porque querem viver assim ou porque foram abandonados pela família. Então eu queria aprender por que eles são tão desprezados e por que as famílias não dão carinho e amor pra eles."

"Queria saber sobre o passado. Sobre experiências de vida, como eles viviam no passado. Sobre as histórias que eles contam da sua vida, a trajetória e as experiências, porque é bom ouvir e a gente aprende."

"Saber o que eles pensam na sua idade, se eles se arrependem de tudo na sua vida."

"Queria saber a transformação do corpo, por que a pessoa envelhece? Como vão ficando velhinhos? Se cresce rugas, a pele fica frágil os cabelos ficam brancos, tem muita flacidez na pele. Queira saber como as células do rosto vão se acabando e envelhecendo e por que quando envelhecemos ficamos menores?"

"Por que eles andam devagar, de bengala? Por que os dentes caem? Por que as células envelhecem?"

"Por que tudo na velhice fica mais difícil pra gente? Eles conseguem correr? Eles conseguem dar muita risada? Por que tem alguns idosos que não gostam de gastar? Por que alguns deles ficam chatos?"

"O que muda no comportamento da pessoa radicalmente? Por que eles estalam os dedos? Até quantos anos vive um idoso?"

"Queria saber se eles ficam fracos quando não tomam remédio e com que idade o idoso tem que fazer exames periódicos. Também queria saber se o corpo muda, se diminui o ritmo ou se quando os idosos envelhecem ficam com mais disposição e como é a alimentação. Gostaria de saber sobre as doenças, o Mal de Alzheimer, por que tem essas doenças tão fortes, e por que eles ficam doentes mais rápido. Por que eles morrem?"

"Queria saber se eles sabem mais do que a gente. Se eles esquecem do passado. Também queria saber o que eles fazem durante o dia, o que eles gostam de fazer, o seu dia a dia."

"Gostaria de saber por que não preparam mais os alunos nas escolas para que amem mais os idosos?"

"Como ajudar os idosos. No que eles têm dificuldade, para ajudá-los."

"Eu queria saber se existe alguma forma para se combater a velhice, como eu faço para ficar pra sempre jovem."

"Tudo. Muitas coisas. Eu gostaria de saber tudo sobre o envelhecimento. Saber como lidar com uma pessoa idosa, porque um dia eu vou conviver com gente velha que é meu pai e minha mãe."

"Gostaria de saber se envelhecer é bom ou ruim e por que envelhecemos. Se a velhice é melhor que a adolescência. E gostaria de saber também qual o segredo para chegar a velhice e como seria a minha velhice."

"Nada. Não gostaria de saber de mais nada porque tem os meus avós e já aprendo muito com eles."

Os discursos apresentados revelam o quanto os alunos desejam e necessitam aprender sobre o tema, sendo que tais motivações partem de curiosidades de diferentes naturezas, relativas ao corpo, à saúde, à vida social, às emoções dos idosos, ou mesmo ao próprio crescimento e envelhecimento dos alunos.

4.2.7 Resumo dos Principais Resultados - Alunos

Os 403 participantes estavam igualmente divididos entre meninas e meninos, com idade média de 8,9 anos e estavam também semelhantemente distribuídos dos segundos aos quintos anos. A maior parte relatou morar com a mãe e uma parcela indicou ainda morar com os avós. Além disso, os cálculos referentes à margem de erro amostral revelaram margem aceitável na amostra selecionada pelo presente estudo.

Quanto à análise de consistência interna, o cálculo estatístico realizado evidenciou que a *Escala Todaro de Atitudes com relação à velhice* possui boa consistência interna.

Sobre a pontuação dos alunos junto à Escala, os participantes apresentaram média de 1,66 no *Escore Total*, sendo o *Domínio Persona* o avaliado mais positivamente (média de 1,54) e o *Domínio Cognitivo* o mais negativamente (média de 1,74).

Os idosos que as crianças mais convivem são os avós maternos, seguidos de seus avós paternos, sendo que a qualidade do relacionamento mantido entre as gerações foi significativamente classificada como "muito boa/boa".

Uma parcela importante dos alunos relatou não conversar com seus pais/familiares sobre o assunto "envelhecimento/ velhice" (20,6%) e 31,8% relatou que o tema não é abordado na escola. Além disso, observou-se que os alunos têm interesse em saber mais sobre a velhice e que as abordagens da escola frente ao assunto parecem ter sido escassas e carentes de profundidade.

Apresentam-se a seguir as tabelas com o resultado das análises de comparação (Tabela 72) e de correlação (Tabela 73) entre as variáveis do estudo e a Escala Todaro.

Tabela 72- Resultado das análises de Comparação entre Escore Total da Escala Todaro e demais variáveis - Alunos

Comparação: Variável X Escala Todaro	Diferença Estatisticamente Significativa
Qualidade do relacionamento com os avós	Sim
Morar com os avós	Sim (somente para o <i>Domínio Persona</i>)
Sexo	Não
Faixa etária	Não
Ano escolar	Não
Idade atribuída aos idosos	Não
Conhecer pessoas idosas	Não
Conviver com idosos	Não
Frequência de contato com idosos	Não
Conversar com os pais sobre o tema	Não

Tabela 73- Resultado das análises de Correlação entre Escore Total da Escala Todaro e demais variáveis
- Alunos

Correlação: Variável X Escala Todaro	Resultado Significativo
Atitudes com relação à velhice dos Familiares participantes	Sim
Sexo	Não
Idade	Não
Ano Escolar	Não
Escola que o Aluno estuda	Não
Percepção da Idade do Idoso	Não
Conhecer idosos	Não
Frequência de contato com idosos	Não
Distância de moradia entre avós e alunos	Não
Qualidade do relacionamento com avós	Não
Morar com idosos	Não
Não ver os avós	Não
Ter dúvidas sobre a velhice	Não
Conversar com os pais sobre o assunto	Não
Aprender o tema na escola	Não

4.3 Familiares

Os resultados referentes à participação dos 399 familiares serão apresentados em subseções, divididas da seguinte maneira:

- Subseção 4.3.1: Resultados descritivos relativos à caracterização dos participantes;
- Subseção 4.3.2: Análise da consistência interna e Análises descritivas da *Escala Neri de Atitudes com relação à Velhice*;
- Subseção 4.3.3: Análises descritivas das Variáveis relativas à experiência de relacionamento intergeracional e Variáveis sociodemográficas abordadas pelo estudo;
- Subseção: 4.3.4: Análises de comparação e correlação entre as Variáveis abordadas e os Escores da *Escala Neri de Atitudes com relação à velhice*;
- Subseção 4.3.5: Análises de Correlação entre Variáveis relativas à experiência de relacionamento intergeracional e Variáveis sociodemográficas abordadas pelo estudo;
- Subseção 4.3.6: Análises relativas à Educação Gerontológica sob a perspectiva dos Familiares;
- Subseção 4.3.7: Resumo dos Principais Resultados.

4.3.1 Caracterização dos Familiares participantes

Foram participantes do estudo, 399 familiares de alunos do ciclo 1- ensino fundamental, das escolas municipais localizadas. Todos os participantes preencheram ao *Questionário para Familiares sobre o Envelhecimento e pessoas Idosas*, contudo, apenas 371 responderam à *Escala Neri de Atitudes sobre a Velhice*.

Tabela 74- Caracterização dos Familiares Participantes

Variáveis		N	%
Sexo	Feminino	323	81
	Masculino	64	16
	Não Informaram	12	3
Idade (anos) Média= 35,9 DP= ±8,9 Mín.= 18 Máx.= 79 CV= 25%	18-25	30	7,51
	26-35	186	46,61
	36-45	123	30,82
	46-55	40	10,02
	56-65	9	2,25
	66-75	1	0,25
	76-79	1	0,25
	Não Informaram	9	2,25
Grau de Parentesco com o aluno	Mãe	282	70,6
	Pai	55	13,7
	Avós	13	3,2
	Outros*	49	12,2
Grau de Instrução	Ensino Fundamental incompleto	73	18,3
	Ensino Fundamental completo	69	17,3
	Ensino Médio incompleto	22	0,5
	Ensino Médio completo	151	38
	Ensino Superior e/ou Pós-Graduação	40	10,2
	Curso Técnico	9	2,2
	Nunca Estudou	4	1
	Não Informaram	31	7,7
Principais Profissões	Dona de casa	108	27
	Auxiliar de limpeza/faxina	51	13
	Atendente/ recepcionista	30	7,5
	Auxiliar de cozinha/ cozinheiro	18	4,5
	Pedreiro ou auxiliar	12	3
	Auxiliar de produção	12	3
	Serviços Gerais	12	3
	Profissionais de nível técnico	10	2,5
	Autônomo	9	2,2
	Aposentado	8	2
	Professor	8	2
	Vendedor/ comerciante	7	1,7
	Cabeleireira/ manicure	7	1,7
	Costureira	6	1,5
	Outras profissões	79	20
	Não informaram	22	5,5
Arranjo Familiar	Filhos	342	85,7
	Marido/Mulher	273	68,4
	Mãe	79	19,8
	Pai	47	11,8
	Sogra/Sogra	15	3,7
	Outros	42	10,5
Escola do aluno	EMEB 1	103	25,8

	EMEB 2	33	8,3
	EMEB 3	33	8,3
	EMEB 4	127	31,8
	EMEB 5	80	20,1
	EMEB 6	27	6,8
Total		399	100

* A categoria "Outros" contemplou a participação de: tio, tia, padrasto, irmão(ã) mais velho(a) e cuidadora.

Observa-se que a maior parte dos participantes eram mulheres (81%) e que nove participantes não forneceram informação. Com relação à idade dos familiares participantes a idade média foi de aproximadamente 35,9 anos, com máxima de 79 e mínima de 18 anos. Além disso, pode-se afirmar que com relação a esta variável a amostra é homogênea, uma vez que o coeficiente de variação é igual a 25% (<50%), o que demonstra baixa variabilidade na amostra.

Acerca do grau de parentesco dos familiares respondentes com os alunos participantes, a maioria dos respondentes eram as mães dos alunos (70,7%), seguidas dos pais (13,8%) e avós (3,25%).

Quanto às atividades laborais, observou-se uma ampla gama de profissões, sendo que a mais citada foi ser dona de casa (27%) e trabalhos relativos à limpeza (diarista, empregada doméstica, auxiliar de limpeza, etc.), o que representou uma porcentagem igual a 13. Observa-se ainda que cerca de 20% dos participantes declararam outros tipos de profissões, contudo, não será possível destacá-las, uma vez que há uma ampla diversidade e que elas são exercidas isoladamente por um ou dois participantes apenas. Assim, o presente estudo optou por apresentar somente as mais citadas.

O grau de instrução dos familiares variou entre nunca ter estudado (n=4; 1%) e ter cursado ensino superior ou pós-graduação (n=40; 10,02%). Contudo, observa-se que a maioria (n=151; 38%) finalizou o ensino médio, seguido de não ter finalizado o ensino fundamental (n=73; 18,3%) e ter concluído o ensino fundamental (n=69; 17,3%).

Quanto aos arranjos familiares, a maioria dos participantes declarou morar com os filhos, seguidos dos que moram com o esposo/esposa. Vale ressaltar que alguns participantes também relataram residir com os próprios pais ou com os sogros.

4.3.2 Análise da consistência interna e Análises descritivas da *Escala Neri de Atitudes com relação à Velhice - Familiares*

No intuito de verificar a confiabilidade do instrumento para a população de familiares participantes do presente estudo, procedeu-se a análise de consistência interna da Escala Neri, como se observa a seguir (Tabela 75).

Tabela 75- Cálculo de Consistência Interna - Escala Neri - Amostra de Pais

Alfa de Cronbach	
Pais	0,642

O valor alfa de Cronbach foi de 0,642 evidenciando que a Escala possui boa consistência interna (CRONBACH, 1951). Compreende-se que tal resultado fornece validade para a utilização do instrumento e desdobramentos neste estudo.

A Tabela 76 a seguir apresenta as análises da escala por *Domínios* e também pelo *Escore Total*.

Tabela 76- Estatística Descritiva por Domínio e Escore Total da Escala Neri - Familiares

Domínio/Escore Geral	Média	Mediana	Desvio Padrão	CV	Q1	Q3	Min	Max	N	IC
Domínio Cognitivo	2,77	2,80	0,45	16%	2,60	3,00	1,00	5,00	370	0,05
Domínio Agência	2,84	2,83	0,60	21%	2,50	3,17	1,00	5,00	360	0,06
Domínio Relacionamento Social	2,55	2,57	0,73	28%	2,14	3,00	1,00	5,00	361	0,07
Domínio Persona	2,67	2,71	0,71	27%	2,29	3,14	1,00	5,00	362	0,07
Escore Total	2,68	2,79	0,46	17%	2,48	2,97	1,00	3,73	371	0,05

A média do *Escore Total* da Escala de atitudes foi de 2,68 pontos. O *Domínio Relacionamento Social* obteve a menor média (2,55), significando que as atitudes avaliadas pelos familiares participantes foi mais positiva neste domínio. Já os *Domínios Cognitivo e Agência* obtiveram as pontuações médias mais altas (2,77 e 2,84 respectivamente), ou seja, foram avaliados de maneira mais negativa pelos participantes.

Ademais, o detalhamento das análises relativas a cada item da *Escala Neri de Avaliação de Atitudes com relação à velhice* está apresentada no Apêndice K.

A fim de identificar o número de familiares que apresentaram atitudes positivas, atitudes negativas ou atitudes neutras com relação à velhice, foram realizadas outras análises. Para tanto, os escores (1-5) referentes à Escala Neri, foram distribuídos em faixas de pontuação.

Os familiares cujos *Escores Totais* da Escala estiveram entre 1 e 2,9 pontos, foram então classificados como aqueles que possuíam atitudes positivas com relação à velhice; enquanto aqueles que obtiveram *Escore Total* de 3 pontos, indicaram atitudes neutras; já pontuações entre 3,1 e 5 indicaram atitudes negativas com relação à velhice. A seguir apresentam-se os dados referentes à distribuição dos familiares quanto aos *Escores Totais* e também por *Domínios* da escala (Tabela 77).

Tabela 77- Distribuição das médias (dos Domínios e do Escore Total) dos Familiares em faixas de pontuação

Faixa de Pontuação - Escala Neri	Agência		Cognitivo		Persona		Rel.Social		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Entre 1 e 2,9 - atitudes positivas	189	52,5	249	67,3	233	64,3	248	68,7	282	76
3 - Atitudes neutras	65	18,1	43	11,6	35	9,7	29	8,0	24	6,5
Entre 3,1 e 5 - atitudes negativas	106	29,4	78	21	94	26	84	23,3	65	17,5
Total*	360		370		362		361		371	

* Apesar do estudo ter contado com a participação de 399 familiares, alguns participantes não responderam à Escala Neri ou responderam de modo incompleto. Desta forma, para os cálculos estatísticos, foi possível realizar análises mediante a participação de um número menor que 399 participantes.

Observa-se que a maioria dos familiares (76%) pontuou entre 1 e 2,9 pontos na escala, resultado este que indica atitudes positivas com relação à velhice; 6,5% pontuou para atitudes neutras e; 17,5% pontuou entre 3,1 e 5, indicando atitudes negativas com relação à velhice.

Importa destacar que dentre os participantes deste grupo havia avós ou avôs das crianças participantes. Por esse motivo, apresenta-se a seguir a análise estatística das respostas da Escala Neri deste grupo específico de participantes, separadamente (Tabela 78).

Tabela 78- Análise Estatística da Escala Neri para Avós participantes

Domínio/Escore Total - Avós	Média	Mediana	Desvio Padrão	CV	Q1	Q3	Min	Max	N	IC
Domínio Cognitivo	2,81	2,85	0,42	15%	2,59	3,13	1,80	3,30	12	0,24
Domínio Agência	2,78	2,75	0,76	27%	2,33	3,29	1,67	4,00	12	0,43
Domínio Relacionamento Social	2,46	2,50	0,75	30%	1,92	2,86	1,57	4,14	12	0,42
Domínio Persona	2,74	2,60	1,02	37%	2,14	3,46	1,14	4,43	12	0,58
Escore Total	2,70	2,72	0,49	18%	2,36	3,04	1,86	3,67	12	0,28

Apesar do baixo número de participantes avós (n=12), observa-se que a amostra é homogênea (CV < 50%). A média do *Escore Total* deste grupo foi de 2,70, sendo que o Domínio mais positivamente avaliado foi o *Domínio Relacionamento Social* (média de 2,46) e o mais negativamente avaliado foi o *Domínio Cognitivo* (média de 2,81).

Assim como realizado com os demais grupos de participantes do presente estudo, as respostas dos avós participantes também foram analisadas mediante a separação dos *Escore Totais* e por *Domínios* em faixas de pontuação (Tabela 79).

Tabela 79- Distribuição das médias (dos Domínios e do Escore Total) dos Familiares (Avós) em faixas de pontuação

Faixa de Pontuação - Escala Neri	Agência		Cognitivo		Persona		Rel.Social		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Entre 1 e 2,9 - atitudes positivas	7	58,3	6	50	7	58,3	10	83,3	8	66,6
3 - Atitudes neutras	2	16,6	3	25	0	0	1	8,3	3	25
Entre 3,1 e 5 - atitudes negativas	3	25	3	25	5	41,6	1	8,3	1	8,3
Total	12	100	12	100	12	100	12	100	12	100

As análises apresentadas na Tabela 79 apontaram que 66,6% dos avós obtiveram pontuação indicativa para atitudes positivas, 25% para atitudes neutras e 8,3% para atitudes negativas com relação à velhice.

4.3.3 Análises descritivas das Variáveis relativas à experiência de relacionamento intergeracional e Variáveis sociodemográficas abordadas pelo estudo - Familiares

Os familiares participantes do presente estudo assinalaram sobre a idade considerada para ser uma pessoa idosa, como se observa a seguir com os resultados da Tabela 80.

Tabela 80- Opinião dos familiares sobre a idade considerada para ser uma pessoa idosa

Idade considerada para ser uma pessoa idosa	N	%	P-valor
40 anos ou mais	1	0,3	<0,001
50 anos ou mais	16	4,0	<0,001
60 anos ou mais	198	49,6	Ref.
70 anos ou mais	105	26,3	<0,001
80 anos ou mais	65	16,3	<0,001
Não sei	1	0,3	<0,001
Outros	7	1,8	<0,001

Quanto à idade que os familiares atribuem aos idosos, observa-se que a maioria dos participantes acredita que uma pessoa, para ser considerada idosa, tem 60 anos ou mais (49,6%) e 70 anos ou mais (26,3%).

Com relação às famílias que moram ou não com pessoas idosas, observa-se os resultados apresentados a seguir (Tabela 81).

Tabela 81- Distribuição dos familiares participantes que moram ou não com idosos atualmente

Morar com idosos atualmente	N	%	P-valor
Não	340	85,2	<0,001
Sim	51	12,8	

A maioria dos familiares declarou não morar com idosos (85,2%) enquanto uma porcentagem declarou morar (12,8%).

Sobre as experiências passadas com pessoas idosas, os familiares apontaram se tinham ou não esse tipo de convivência no período da infância, como se observa a seguir (Tabela 82).

Tabela 82- Distribuição dos familiares participantes quanto à convivência com idosos na infância

Convivência com idosos quando criança	N	%	P-valor
Não	28	8,9	<0,001
Sim	Avós Maternos (217)	68,9	REF
	Avós Paternos (128)	40,6	<0,001
	Outros Parentes (46)	14,6	<0,001
	Outros (20)	6,3	<0,001
	Total: 315	78,9	

A significativa maioria dos familiares (78,9%) afirmou ter convivência com pessoas idosas no período da infância. Sendo que as opções mais assinaladas foram os avós maternos (68,9), seguidos dos avós paternos (40,6).

Com relação à qualidade desta convivência com idosos na infância, observa-se com a Tabela 83 a seguir, como os familiares caracterizaram tais relacionamentos.

Tabela 83- Qualidade do relacionamento com idosos no período da infância - Familiares

Qualidade do relacionamento com idosos na infância	N	%	P-valor
Muito Bom	217	68,9	Ref.
Bom	69	21,9	<0,001
Regular	16	5,1	<0,001
Difícil	14	4,4	<0,001
Muito Difícil	6	1,9	<0,001

A Tabela 83 demonstra que a maioria dos familiares relatou ter mantido muito boa (68,9%) ou boa (21,9%) convivência com idosos quando crianças, enquanto a minoria citou que tais relacionamentos poderiam ser classificados como "regular" (5,1%), "difícil" (4,4%) ou "muito difícil" (1,9%).

Sobre a convivência com idosos na fase da adolescência, observa-se a seguir a distribuição dos pais quanto ao assunto (Tabela 84).

Tabela 84- Convivência dos pais com pessoas idosas na fase da adolescência

Convivência com idosos na fase da adolescência	N	%	P-valor
Não	48	19,4	<0,001
Sim	Avós Maternos (155)	62,8	REF
	Avós Paternos (82)	33,2	<0,001
	Outros Parentes (39)	15,8	<0,001
	Outros (43)	19,4	<0,001
	Total: 247	61,9	

A partir dos resultados apresentados, a maioria dos pais convivia com idosos no período da adolescência (61,9%), sendo que a maioria significativa indicou os avós maternos (62,8%), seguidos dos avós paternos (33,2%).

Quanto à qualidade dos relacionamentos com idosos na adolescência, observa-se a seguir, como os pais fizeram tal caracterização (Tabela 85).

Tabela 85- Qualidade do relacionamento com idosos no período da adolescência - Familiares

Qualidade do relacionamento com idosos na adolescência	N	%	P-valor
Muito Bom	160	61	Ref.
Bom	77	29,3	<0,001
Regular	13	4,9	<0,001
Difícil	7	2,6	<0,001
Muito Difícil	5	1,9	<0,001

A maioria dos pais classificou a convivência que mantinham com idosos no período da adolescência como "muito boa" (61%) e "boa" (29,3%), seguida de uma minoria que classificou como "regular" (4,9%), "difícil" (2,6%) ou "muito difícil" (1,9%), sendo a diferença entre tais respostas estatisticamente significativa.

Com relação à convivência atual mantida com idosos, observa-se a seguir com a Tabela 86, as respostas dos pais quanto à questão.

Tabela 86- Convivência próxima com idosos atualmente - Familiares

Convivência próxima com idosos atualmente	N	%	P-valor
Não	98	24,6	<0,001
Sim	Não Familiares (99)	35,7	REF
	Mãe (93)	33,6	0,592
	Avós Maternos (72)	26	<0,001
	Pai (68)	24,5	0,004
	Outros Parentes (66)	23,8	0,002
	Avós Paternos (42)	15,1	<0,001
	Total: 277	69,4	

Os familiares revelaram conviver com idosos que desempenham diferentes papéis, como suas mães (33,6%), os avós maternos (26%), ou idosos não pertencentes à família (35,7%).

Ademais, conforme explicitado acerca da convivência dos familiares com idosos nos diferentes períodos de suas vidas, observa-se que os participantes declararam possuir maior convivência com os avós no período da infância (78,9%) do que na adolescência (64,8%) ou fase adulta (69,4%). Além disso, observa-se que houve aumento, já na fase adulta, de contato com idosos não familiares.

Apresenta-se a seguir os dados referentes à frequência do contato estabelecido entre os familiares participantes e idosos atualmente (Tabela 87).

Tabela 87- Frequência de contato com idosos atualmente - Familiares

Frequência de contato com idosos atualmente	Idosos da Família N (%)	Idosos Não Familiares N (%)
Todos os dias	101 (36,5%)	60 (21,7%)
Toda semana	80 (28,9%)	35 (12,6%)
De 15 em 15 dias	28 (10,1%)	11 (4%)
1 vez por mês	32 (11,6%)	7 (2,5%)
Outro	18 (6,5%)	9 (3,2%)
Total	277	122

A maioria dos participantes convive com idosos (familiares ou não familiares) diária ou semanalmente, seguidos daqueles cuja convivência é mensal.

Apresenta-se a seguir a caracterização feita acerca dos relacionamentos atuais com idosos familiares (Tabela 88) e não familiares (Tabela 89).

Tabela 88- Qualidade do relacionamento atual com idosos pertencentes à Família - Familiares

Qualidade do relacionamento com idosos da família	N	%	P-valor
Muito Bom	179	56,8	Ref.
Bom	82	26	<0,001
Regular	20	6,3	<0,001
Difícil	6	1,9	<0,001
Muito Difícil	2	0,6	<0,001

Tabela 89- Qualidade do relacionamento com idosos não familiares atualmente - Familiares

Qualidade do relacionamento com idosos não familiares	N	%	P-valor
Muito Bom	81	46,6	Ref.
Bom	59	33,9	<0,001
Regular	11	6,3	<0,001
Difícil	4	2,3	<0,001
Muito Difícil	2	1,1	<0,001

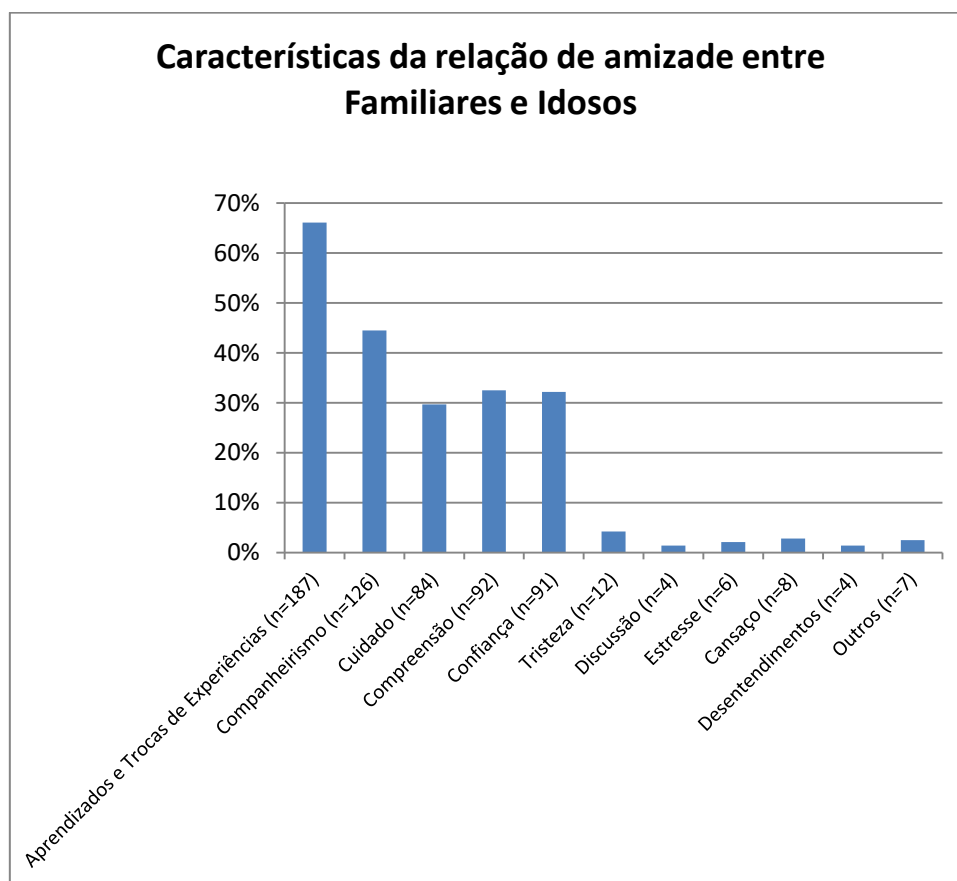
A significativa maioria dos familiares relatou ter um relacionamento bom ou muito bom com idosos atualmente, tanto para os idosos pertencentes à família (56,8%) quanto para os não pertencentes (46,6%).

Com relação aos amigos idosos que os familiares porventura tenham, apresenta-se a seguir suas respostas e também as características presentes neste relacionamento conforme indicado pelos participantes (Tabela 90 e Gráfico 7).

Tabela 90- Distribuição dos familiares quanto ter ou não um amigo idoso no presente ou ter tido no passado

Amizade atual ou passada com algum idoso	N	%	P-valor
Sim	283	70,9	<0,001
Não	97	24,3	

Gráfico 7- Características da amizade entre familiares e idosos



A maioria dos familiares relatou ter tido ou ter algum amigo idoso atualmente (70,9%), sendo que as características dadas a este relacionamento foram, em sua maioria, atributos positivos, como os aprendizados e as trocas de experiências (66%), o companheirismo (44,5%), a compreensão (32,5%), dentre outros. Embora em menor número, também observa-se a descrição de atributos negativos presentes nestes relacionamentos tais como, tristeza (4,2%), estresse (2,1%), cansaço (2,8%), dentre outros.

4.3.4 Análises de comparação e correlação entre as Variáveis abordadas e os Escores da *Escala Neri de Atitudes com relação à velhice* - Familiares

A partir dos resultados apresentados pelos pais diante dos dois instrumentos utilizados pela presente pesquisa, foi possível realizar testes estatísticos para análises comparativas e de correlação entre as variáveis. A fim de comparar os escores da Escala Neri de Atitudes com variáveis relativas à experiência de relacionamento intergeracional e variáveis sociodemográficas, foi utilizado o teste ANOVA, já as análises de correlação foram realizadas a partir dos cálculos de correlação de Pearson.

Apresentar-se-á inicialmente os resultados comparativos que apresentaram valores estatisticamente significativos. Em seguida, serão apresentados os resultados referentes às análises de correlação, que também obtiveram valores significativos. Ademais, as análises de comparação cujos valores não foram significativos, encontram-se no Apêndice E.

Sobre a qualidade do relacionamento vivenciado pelos familiares participantes com pessoas idosas no período da infância, observa-se a seguir a comparação entre esta variável e a Escala Neri de atitudes com relação à velhice (Tabela 91).

Tabela 91- Comparação entre a qualidade dos relacionamentos dos Familiares com idosos no período da infância e a Escala Neri

Escala Neri / Qualidade do relacionamento com idosos na infância		Média	Mediana	Desvio Padrão	N	IC	P-valor
Domínio Cognitivo	Bom/Muito Bom	2,77	2,80	0,43	268	0,05	0,521
	Difícil/Muito Difícil	2,78	2,80	0,59	18	0,27	
	Regular	2,91	2,90	0,42	15	0,21	
Domínio Agência	Bom/Muito Bom	2,83	2,83	0,58	261	0,07	0,388
	Difícil/Muito Difícil	2,81	3,00	0,72	18	0,33	
	Regular	3,04	2,83	0,67	15	0,34	
Domínio Rel.Social	Bom/Muito Bom	2,52	2,57	0,72	262	0,09	0,045
	Difícil/Muito Difícil	2,83	2,79	0,78	18	0,36	
	Regular	2,88	2,86	0,69	15	0,35	
Domínio Persona	Bom/Muito Bom	2,62	2,71	0,70	263	0,08	0,091
	Difícil/Muito Difícil	2,78	2,86	0,79	18	0,37	
	Regular	3,02	3,00	1,00	15	0,51	
Escore Total	Bom/Muito Bom	2,66	2,76	0,44	269	0,05	0,032
	Difícil/Muito Difícil	2,80	2,92	0,58	18	0,27	
	Regular	2,95	3,00	0,47	15	0,24	

Os resultados apresentados demonstram que ter mantido um relacionamento "bom/muito bom" com idosos no período da infância refletiu em atitudes mais positivas com relação à velhice no *Escore Total* da Escala e também no *Domínio Relacionamento Social* se comparados àqueles que declararam haver mantido um relacionamento "regular" ou "difícil/muito difícil".

Ainda sobre o assunto, apresenta-se a seguir a comparação entre os Escores da Escala Neri e a qualidade dos relacionamentos mantidos com idosos familiares atualmente (Tabela 92).

Tabela 92- Comparação entre a qualidade dos relacionamentos atuais dos Familiares com idosos pertencentes à família e a Escala Neri

Escala Neri/ Qualidade do relacionamento com idosos familiares		Média	Mediana	Desvio Padrão	N	IC	P-valor
Domínio Cognitivo	Bom/Muito bom	2,79	2,80	0,42	245	0,05	0,782
	Difícil/ Muito Difícil	2,88	2,75	0,50	6	0,40	
	Regular	2,75	2,80	0,30	17	0,14	
Domínio Agência	Bom/Muito bom	2,85	2,83	0,60	239	0,08	0,039
	Difícil/ Muito Difícil	3,47	3,33	0,62	6	0,49	
	Regular	2,92	3,00	0,40	17	0,19	
Domínio Relacionamento Social	Bom/Muito bom	2,52	2,57	0,72	240	0,09	0,006
	Difícil/ Muito Difícil	2,49	2,43	0,55	6	0,44	
	Regular	3,11	2,86	0,78	17	0,37	
Domínio Persona	Bom/Muito bom	2,63	2,71	0,72	241	0,09	<0,001
	Difícil/ Muito Difícil	3,59	3,36	0,81	6	0,65	
	Regular	3,24	3,14	0,69	17	0,33	
Escore Total	Bom/Muito bom	2,68	2,77	0,44	246	0,06	0,003
	Difícil/ Muito Difícil	3,07	2,97	0,35	6	0,28	
	Regular	2,98	2,97	0,30	17	0,14	

Conforme os resultados apresentados pela Tabela 92, observa-se que nos *Domínios Agência, Relacionamento Social, Persona* e no *Escore Total* da Escala houve diferença significativa entre as atitudes dos participantes que mantêm "bom/muito bom" relacionamento com idosos familiares àqueles que mantêm relacionamento "regular" ou "difícil/ muito difícil", sendo que em todos os casos, exceto no *Domínio*

Relacionamento Social, aqueles que afirmaram ter relacionamento "bom/muito bom" pontuaram para atitudes mais positivas com relação à velhice.

Ainda sobre os relacionamentos dos familiares participantes com pessoas idosas, a tabela a seguir apresenta a comparação entre ter tido ou ter um amigo idoso com os resultados da Escala Neri (Tabela 93).

Tabela 93- Comparação entre os resultados da Escala Neri e ter tido ou ter um amigo idoso

Escala Neri/ Ter tido ou ter algum(a) amigo(a) idoso(a)		Média	Mediana	Desvio Padrão	N	IC	P-valor
Domínio Cognitivo	Não	2,77	2,80	0,44	91	0,09	0,986
	Sim	2,77	2,80	0,45	263	0,05	
Domínio Agência	Não	3,00	3,00	0,55	89	0,11	0,006
	Sim	2,80	2,83	0,61	255	0,07	
Domínio Relacionamento Social	Não	2,61	2,64	0,79	88	0,17	0,375
	Sim	2,53	2,57	0,70	257	0,09	
Domínio Persona	Não	2,80	2,86	0,73	89	0,15	0,056
	Sim	2,64	2,71	0,71	257	0,09	
Escore Total	Não	2,76	2,76	0,45	91	0,09	0,076
	Sim	2,66	2,78	0,46	264	0,06	

Os resultados apresentados (Tabela 93) demonstram que ter um amigo idoso, ou ter tido um amigo idoso, apresentou diferença de resultados significativos da Escala Neri no *Domínio Agência*, sendo que nos demais domínios ou no *Escore Total* da escala tal variável não refletiu diferenças significativas.

A seguir apresenta-se a comparação entre os resultados da escala de atitudes e a opinião dos familiares sobre se os alunos recebem ou não aprendizados referentes à velhice na escola (Tabela 94).

Tabela 94- Comparação entre a Escala Neri e a presença ou ausência da abordagem do tema velhice na escola segundo a opinião dos familiares

Escala Neri/ Abordagem do tema envelhecimento/ velhice na escola		Média	Mediana	Desvio Padrão	N	IC	P-valor
Domínio Cognitivo	Não	2,80	2,90	0,43	104	0,08	0,530
	Sim	2,77	2,80	0,43	242	0,05	
Domínio Agência	Não	2,92	3,00	0,55	101	0,11	0,126
	Sim	2,82	2,83	0,59	237	0,08	
Domínio Relacionamento Social	Não	2,63	2,71	0,69	103	0,13	0,184
	Sim	2,52	2,57	0,71	237	0,09	
Domínio Persona	Não	2,78	2,86	0,63	102	0,12	0,031
	Sim	2,60	2,71	0,72	238	0,09	
Escore Total	Não	2,74	2,87	0,43	105	0,08	0,115
	Sim	2,66	2,73	0,44	242	0,06	

Aqueles que relataram acreditar que o tema velhice é abordado no ambiente escolar, tiveram pontuação significativamente mais positiva do que os demais no *Domínio Persona*.

Com relação à frequência com que o tema deveria ser abordado pela escola e os resultados da escala de atitudes, apresenta-se a comparação realizada a seguir (Tabela 95).

Tabela 95- Comparação entre a frequência com que o tema velhice/envelhecimento deve ser trabalhado na escola e os resultados da escala Neri

Escala Neri/ Frequência de abordagem do tema na escola		Média	Mediana	Desvio Padrão	N	IC	P-valor
Domínio Cognitivo	Todos os meses	2,75	2,80	0,43	126	0,07	0,462
	Todas as semanas	2,78	2,80	0,40	180	0,06	
	Duas vezes ao ano	2,68	2,70	0,52	21	0,18	
Domínio Agência	Todos os meses	2,91	3,00	0,59	124	0,10	0,324
	Todas as semanas	2,84	2,83	0,62	177	0,09	
	Duas vezes ao ano	2,74	2,67	0,50	20	0,18	
Domínio Relacionamento Social	Todos os meses	2,64	2,71	0,70	124	0,12	0,079
	Todas as semanas	2,52	2,57	0,75	178	0,11	
	Duas vezes ao ano	2,33	2,43	0,61	21	0,22	
Domínio Persona	Todos os meses	2,79	2,86	0,76	124	0,13	0,081
	Todas as semanas	2,62	2,71	0,69	178	0,10	
	Duas vezes ao ano	2,56	2,71	0,60	20	0,22	
Escore Total	Todos os meses	2,74	2,83	0,47	127	0,08	0,046
	Todas as semanas	2,68	2,76	0,42	180	0,06	
	Duas vezes ao ano	2,52	2,66	0,53	21	0,19	

Observa-se que houve diferença significativa entre o *Escore Total* da Escala Neri e as respostas dos familiares que acreditam ser importante uma abordagem semanal ou mensal do tema na escola, sendo que aqueles que fizeram a primeira opção apresentaram atitudes mais positivas que os demais.

Conforme apresentado, observa-se que a maioria dos familiares declarou julgar importante que a escola aborde o tema com seus filhos, contudo as atitudes dos pais só apresentou índice significativo de comparação quanto à frequência com que tais pais julgam importante se dar tal abordagem.

As demais variáveis abordadas pelo presente estudo, que não apresentaram comparação significativa com o *Escore Total* da Escala Neri de atitudes com relação à velhice, serão apresentadas resumidamente a seguir na Tabela 96.

Tabela 96- Comparação entre Escore Total da Escala Neri de Atitudes com Relação à Velhice e demais Variáveis

	Escore Total Escala Neri
Sexo	p= 0,495
Formação	p=0,260
Morar com idosos atualmente	p=0,167
Conviver com idosos na infância	p=0,396
Conviver com idosos na adolescência	p=0,057
Conviver com idosos atualmente	p=0,250
Frequência de contato com idosos atualmente	p=0,869
Qualidade do relacionamento com idosos não familiares atualmente	p=0,177
Conversar com os alunos sobre o tema "velhice/envelhecimento"	p=0,849
Importância da abordagem do tema na escola	p=0,815

Observa-se que o sexo dos familiares participantes, a formação escolar, morar ou não com idosos atualmente, ter convivido ou conviver com idosos, dentre outros, não apresentaram comparação significativa com o *Escore Total* da Escala Neri.

Quanto às análises de correlação realizadas entre os resultados da Escala Neri e demais variáveis abordadas pelo presente estudo, apresenta-se a seguir os valores obtidos nas correlações do grupo de familiares (Tabela 97).

Tabela 97- Correlações realizadas entre Variáveis e Escore Total da Escala Neri, cujos valores não foram significativos

	Escore Total Escala Neri	p-valor
Idade dos Familiares	r=-0,02	0,74
Formação Escolar	r=-0,01	0,87
Grau de Parentesco com o aluno	r=0,02	0,66
Saber a idade considerada para ser um idoso no Brasil	r=-0,01	0,84
Morar com idosos atualmente	r=-0,07	0,18
Conviver com idosos na infância	r=0,04	0,42
Qualidade da convivência com idosos na infância	r=0,14	0,015
Conviver com idosos na adolescência	r=0,10	0,057
Qualidade da convivência com idosos na adolescência	r=0,05	0,39
Conviver com idosos atualmente	r=-0,06	0,25
Qualidade da convivência atual com idosos	r=0,20	0,001
Frequência atual de convívio com idosos	r=-0,01	0,86
Ter ou ter tido um amigo idoso	r=0,09	0,07
Conversar com o filho sobre o assunto	r=0,01	0,82
Buscar informações sobre o assunto	r=0,05	0,35
Acreditar que a escola já ensine sobre o tema	r=0,10	0,057
Importância da abordagem do tema na escola	r=0,012	0,81

Observa-se que nenhuma variável abordada pelo presente estudo se correlacionou moderada ou fortemente de maneira significativa com o *Escore Total* da Escala Neri obtido pelos familiares participantes. Além disso, acrescenta-se ainda que não foram encontradas correlações significativas entre as variáveis e quaisquer *Domínios* da Escala.

4.3.5 Análises de Correlação entre Variáveis relativas à experiência de relacionamento intergeracional e Variáveis sociodemográficas abordadas pelo estudo - Familiares

Sobre a convivência dos familiares participantes com idosos no passado, a Tabela 98 que se segue, apresenta a correlação encontrada entre a variável "convivência com idosos na infância" e demais variáveis.

Tabela 98- Correlação entre convivência com idosos na infância e demais variáveis - Familiares

	Convivência com idosos na infância	P-valor
Convivência avós maternos na infância	r= 0,54	0
Conviver com avós paternos na infância	r=0,33	0
Convivência com idosos na adolescência	r=0,38	0

A variável conviver com idosos quando criança apresentou correlação forte e significativa com a variável "conviver com avós maternos na infância" (r=0,54) e, correlação moderada e significativa com "conviver com avós paternos na infância" (r=0,33), o que revela que os familiares dos alunos participantes conviviam mais com os avós maternos do que com demais idosos.

Além disso, a variável "conviver com idosos na infância" também apresentou correlação moderada e significativa com a variável "conviver com idosos na adolescência" (r=0,38), o que demonstra que quanto maior a convivência com idosos no período da infância maiores as chances de convivência na adolescência.

Especificamente quanto ao convívio com os avós no período da infância, apresentam-se a seguir as Tabelas 99 e 100, com os resultados das correlações entre as variáveis "convivência com avós maternos na infância", "convivência com avós paternos na infância" e demais variáveis.

Tabela 99- Correlação entre convivência com avós maternos na infância e demais variáveis - Familiares

	Convivência com avós maternos na infância	P-valor
Convivência avós maternos na adolescência	$r= 0,57$	0

Tabela 100- Correlação entre convivência com avós paternos na infância e demais variáveis - Familiares

	Convivência com avós paternos na infância	P-valor
Convivência avós paternos na adolescência	$r= 0,57$	0

A partir dos resultados apresentados (Tabelas 99 e 100), observa-se que a convivência com avós maternos na infância está correlacionada com a convivência com avós maternos na adolescência, sendo que o mesmo se deu com os avós paternos. O que mais uma vez reforça a importância dos relacionamentos intergeracionais nos períodos iniciais da vida, para a manutenção dos mesmos em momentos subsequentes.

Ainda sobre o assunto, a convivência com outros idosos (familiares e não familiares) no período da infância também apresentou correlação com a convivência com idosos (familiares e não familiares) na adolescência, como se observa com as Tabelas 101 e 102.

Tabela 101- Correlação entre convivência com idosos familiares na infância e demais variáveis - Familiares

	Convivência com idosos familiares (que não os avós) na infância	P-valor
Convivência com idosos familiares (que não os avós) na adolescência	$r= 0,38$	0

Tabela 102- Correlação entre convivência com idosos não familiares na infância e demais variáveis - Familiares

	Convivência com idosos não familiares na infância	P-valor
Convivência com idosos não familiares na adolescência	$r= 0,34$	0

A partir dos resultados apresentados pelas Tabelas 101 e 102, observa-se que conviver com outros parentes idosos e conviver com idosos não familiares no período da infância de correlacionou com o convívio com tais idosos na adolescência,

apontando novamente para a manutenção e extensão dos relacionamentos estabelecidos com idosos da infância para a adolescência.

Quanto às análises de correlação realizadas sobre a qualidade da convivência dos familiares com idosos no período da infância e demais variáveis, observa-se a seguir as correlações encontradas (Tabelas 103 e 104).

Tabela 103- Correlação entre Qualidade da convivência "Muito boa/ Boa" com idosos na infância e demais variáveis - Familiares

	Qualidade da Convivência com idosos na infância "Muito boa/ Boa"	P-valor
Qualidade da convivência com idosos na adolescência "Muito boa/ Boa"	$r=0,66$	0
Qualidade da convivência com idosos na adolescência "Regular"	$r=-0,44$	0
Qualidade da convivência com idosos na adolescência "Muito difícil/ Difícil"	$r=-0,59$	0

Tabela 104- Correlação entre Qualidade da convivência "Muito difícil/ Difícil" com idosos na infância e demais variáveis - Familiares

	Qualidade da Convivência com idosos na infância "Muito difícil/ Difícil"	P-valor
Qualidade da convivência com idosos na adolescência "Muito difícil/ Difícil"	$r=0,57$	0

Quando a qualidade da convivência foi classificada pelos familiares como "muito boa/ boa", obteve-se correlação forte e significativa com a qualidade "muito boa/ boa" da relação com idosos na adolescência ($r=0,66$). Além disso, foi observada correlação moderada, negativa e significativa com a variável "qualidade regular de relacionamento com idosos na adolescência" ($r=-0,44$) e; correlação negativa, moderada e significativa com a variável "relacionamento difícil/muito difícil com idosos na adolescência" ($r=-0,59$) (Tabela 103).

Observa-se ainda que os relacionamentos com idosos na infância classificados como "difícil/ muito difícil", apresentaram correlação forte, positiva e significativa com a qualidade "difícil/muito difícil" dos relacionamentos com idosos na adolescência ($r=0,57$) (Tabela 104).

Tais dados evidenciam mais uma vez, que relacionamentos positivos com idosos na infância tendem a ser mantidos com a mesma qualidade na fase de vida subsequente e, tendem a diminuir as chances de ocorrência de relacionamentos negativos com idosos

na adolescência. O mesmo ocorre com relacionamentos negativos, que tendem a ser mantidos com o passar do tempo.

Sobre a variável "qualidade do relacionamento com idosos na adolescência", além das correlações já apontadas anteriormente, quando abordada a variável "qualidade do relacionamento com idosos na infância", apresenta-se a seguir outras correlações encontradas entre esta e demais variáveis (Tabelas 105).

Tabela 105- Correlação entre Qualidade da convivência "Muito Boa/Boa" com idosos na adolescência e demais variáveis - Familiares

	Qualidade da Convivência com idosos na adolescência "Muito boa/ Boa"	P-valor
Qualidade da convivência com idosos na adolescência "Regular"	$r=-0,70$	0
Qualidade da convivência com idosos na adolescência "Muito difícil/ Difícil"	$r=-0,67$	0

A partir dos resultados apresentados pela Tabela 105, observa-se correlação negativa, forte e significativa entre a qualidade "muito boa/ boa" da convivência com idosos na adolescência e a qualidade "regular" ($r=-0,70$) e; a qualidade "muito difícil/ difícil" ($r=-0,67$) da convivência neste mesmo período do ciclo de vida.

Quanto à qualidade dos relacionamentos mantidos com idosos atualmente, observa-se a seguir as correlações encontradas (Tabela 106).

Tabela 106- Correlação entre Qualidade da convivência "Muito Boa/Boa" com idosos familiares atualmente e demais variáveis - Familiares

	Qualidade da Convivência com idosos familiares atualmente "Muito boa/ boa"	P-valor
Qualidade da convivência atual com idosos não familiares "Muito boa/ boa"	$r=0,40$	0
Qualidade da convivência atual com idosos familiares "Regular"	$r=-0,83$	0
Qualidade da convivência atual com idosos não familiares "Regular"	$r=-0,43$	0
Qualidade da convivência atual com idosos familiares "Difícil/ Muito Difícil"	$r=-0,52$	0

A qualidade "muito boa/ boa" dos relacionamentos mantidos com idosos familiares atualmente se correlacionou moderada e significativamente com a qualidade

"muito boa/ boa" dos relacionamentos com idosos não familiares ($r=0,40$), o que evidencia que quanto melhor a relação com idosos familiares, melhor a relação com idosos não familiares. Reforçando tal achado, observa-se ainda correlação negativa, forte/ moderada e significativa entre a qualidade "muito boa/ boa" e a qualidade "regular" da convivência atual com idosos familiares e não familiares ($r=-0,83$ e $r=-0,43$, respectivamente) e; forte, negativa e significativa entre as variáveis relação "muito boa/ boa" e "muito difícil/ difícil" ($r=-0,52$; $p=0$), as quais evidenciam que quanto melhor o relacionamento com idosos familiares menor a chance de relacionamentos "regulares" ou "difíceis/ muito difíceis" com idosos não familiares e familiares.

Sobre as relações de amizades com idosos, observa-se a seguir as correlações encontradas entre tal variável e as demais abordadas pelo presente estudo (Tabela 107).

Tabela 107- Correlação entre "ter/ ter tido um amigo idoso" e demais variáveis - Familiares

	Ter um amigo idoso (ou ter tido no passado)	P-valor
Qualidade da Convivência com idosos Não familiares atualmente "Muito Boa/ Boa"	$r=0,30$	0
Qualidade da Convivência com idosos Não familiares atualmente "Regular"	$r=-0,38$	0
Classificar a relação de amizade com idosos como uma relação de "aprendizados e trocas de experiências"	$r=0,53$	0
Classificar a relação de amizade com idosos como uma relação de "confiança"	$r=0,31$	0
Classificar a relação de amizade com idosos como uma relação de "cuidado"	$r=0,30$	0
Classificar a relação de amizade com idosos como uma relação de "companheirismo"	$r=0,39$	0
Classificar a relação de amizade com idosos como uma relação de "compreensão"	$r=0,31$	0

Ter um amigo idoso, atualmente ou no passado, apresentou correlação positiva, moderada e significativa com a variável "relacionamento bom/muito bom com idosos não familiares atualmente". Além disso, a variável também apresentou correlação negativa e moderada com a qualidade "regular" de relacionamento com idosos não familiares atualmente. Além do que, observam-se correlações positivas, significativas de moderadas à fortes com as variáveis "aprendizados e trocas de experiências",

"confiança", "cuidado", "companheirismo" e "compreensão" como as qualidades citadas entre as relações de amizade com pessoas idosas.

Sobre o fato dos familiares participantes conversarem com os alunos sobre o tema "velhice/ envelhecimento", apresenta-se a seguir a correlação encontrada com tal variável (Tabela 108).

Tabela 108- Correlação entre conversar com os alunos sobre idosos e demais variáveis - Familiares

	Conversar com os alunos sobre idosos	P-valor
Acontecimentos da Família	r=0,33	0

A partir do resultado apresentado pela Tabela 108, observa-se que os familiares participantes conversam mais vezes com os alunos sobre o tema, quando têm acontecimentos familiares relacionados ao assunto.

Outro resultado se refere ao relato dos familiares sobre os ensinamentos oferecidos aos alunos quanto ao assunto, o qual ocorre a partir de cenas visualizadas na televisão, conforme se observa a seguir (Tabela 109).

Tabela 109- Correlação entre ensinar os alunos sobre idosos a partir de cenas da TV e demais variáveis - Familiares

	Ensinar os alunos a partir de cenas da TV	P-valor
Obter informações sobre a velhice/ idosos a partir de cenas da TV	r=0,35	0

A correlação apresentada entre as variáveis "ensinar os filhos sobre o tema a partir de cenas da TV" e "obter informações sobre o tema a partir de cenas da TV" se correlacionaram positiva, moderada e significativamente, revelando assim que as informações veiculadas por tal meio de comunicação realizam papel educativo sobre o assunto aos familiares e também aos filhos/alunos, o que implica na problematização sobre a fidedignidade de tais informações.

Ainda sobre o tema, a variável "aprender sobre idosos/ velhice por meio da televisão", apresentou correlação com outras variáveis, como apresentado a seguir (Tabela 110).

Tabela 110- Correlação entre Aprender sobre idosos por meio da TV e demais variáveis - Familiares

	Aprender sobre idosos por meio da TV	P-valor
Obter informações sobre a velhice/ idosos por meio de livros	r=0,46	0
Obter informações sobre a velhice/ idosos por meio da internet	r=0,43	0

Obter informações sobre o tema por meio da televisão apresentou correlação moderada, positiva e significativa com as variáveis "obter informações sobre a velhice/ idosos por meio de livros" e "por meio da internet". Assim, entende-se que, quanto mais informações os familiares buscam por meio da televisão, mais eles buscam na internet ou em livros.

Outra importante fonte de ensinamento sobre a velhice relatada pelos familiares participantes foram os amigos, conforme apresenta-se a seguir (Tabela 111).

Tabela 111- Correlação entre Aprender sobre idosos com Amigos e demais variáveis - Familiares

	Aprender sobre idosos por meio de amigos	P-valor
Obter informações sobre a velhice/ idosos por meio de familiares	r=0,34	0

Houve correlação moderada, significativa e positiva entre aprender sobre o assunto com amigos e aprender com familiares. O que aponta para o fato de que os familiares participantes do presente estudo obtêm informações sobre a velhice com as pessoas próximas de seu convívio.

Destaca-se a seguir, com a Tabela 112, as variáveis que não apresentaram correlação com nenhuma outra variável abordada pelo presente estudo, no grupo dos familiares participantes.

Tabela 112- Variáveis que não se correlacionaram significativamente com outras variáveis abordadas - Familiares

	Demais Variáveis
Idade	Não
Escolaridade	Não
Grau do parentesco com o aluno	Não
Escola em que a criança estuda	Não
Saber quantos anos se inicia a velhice	Não

As variáveis elencadas na Tabela 112 não apresentaram índices de correlação moderados/ fortes e significativos (positivos ou negativos) com quaisquer outras

variáveis relativas à experiência de relacionamento intergeracional e variáveis sociodemográficas abordadas pelo presente estudo.

4.3.6 Análises relativas à Educação Gerontológica sob a perspectiva dos Familiares

Com relação ao tema velhice/ envelhecimento, os pais apontaram se conversam sobre o assunto com os filhos, como se observa a seguir (Tabela 113).

Tabela 113- Conversas realizadas com os filhos sobre o envelhecimento, a velhice ou os idosos

Conversas com os filhos sobre o envelhecimento, a velhice ou os idosos	N	%	P-valor
Sim	301	75,4	<0,001
Não	87	21,8	

A maioria dos pais relatou conversar com os alunos sobre o assunto (75,4%). A seguir, apresenta-se com o Gráfico 8, exemplos de situações que propiciam tais conversas.

Gráfico 8- Situações que propiciam conversas sobre idosos ou a velhice com as crianças

Acontecimentos ou problemas com a família foram as situações mais citadas como aquelas que estimulam a conversa sobre o assunto com os alunos (41,5% e 35,2% respectivamente). Além disso, dúvidas apresentadas pelo aluno (31,9%), cenas observadas na televisão (25,2%) ou tarefas escolares da criança (16,9%) também foram citadas.

Quanto à ausência de conversas estabelecidas com os alunos sobre a velhice e o envelhecimento, os familiares que indicaram nunca terem conversado sobre o assunto, foram ainda inquiridos sobre os motivos para tal. Os DSCs a seguir ilustram as respostas dos familiares participantes frente à questão: "Por que você nunca conversou com seu filho sobre o assunto?".

"Porque ele ainda não me perguntou sobre esse assunto. Aí como nunca perguntou, nunca entramos no assunto. Acho que não surgiu oportunidade mesmo."

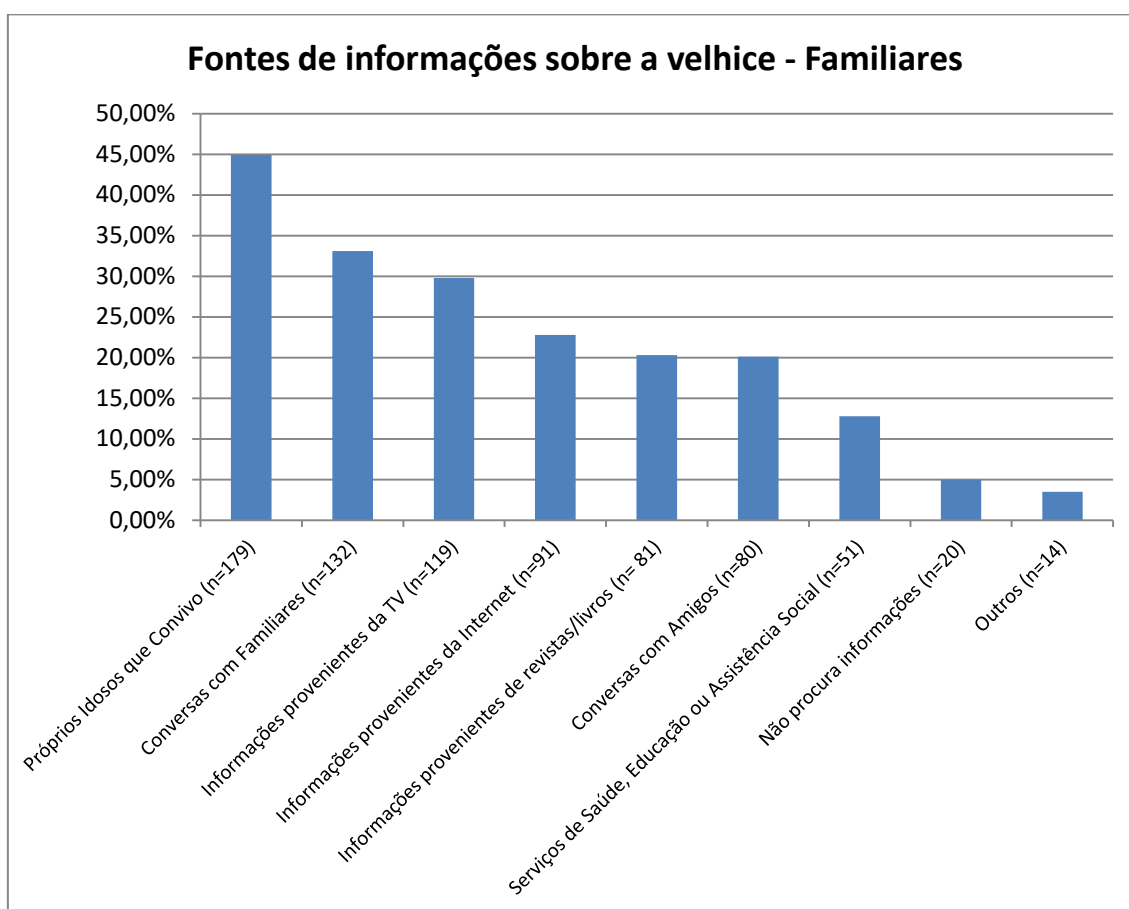
"Porque acho que ainda não é a hora. Acho muito novo para entender. Tem o tempo certo e acho que ainda não é necessário. É um amadurecimento cujo só o decorrer do tempo vai mostrar a ele."

"Não sei o porquê! Ainda não parei para pensar que já está na hora de conversar. Sinceramente não me passou pela mente até o dia de hoje que teria essa necessidade. Mas pretendo conversar. De agora em diante vou conversar!"

"Sem motivo. Falta de interesse, falta de conversa mesmo."

Os DSCs apresentados indicam que os familiares que relataram não conversar com os alunos sobre o assunto, acreditam que os mesmos ainda são jovens demais para pensar no tema; não têm interesse/ oportunidade; ou ainda por nunca terem eles próprios sido expostos a este tipo de questionamento.

Sobre as fontes de informações utilizadas pelos familiares para obtenção de conhecimento, o gráfico 9 a seguir apresenta as principais formas utilizadas pelos familiares participantes.

Gráfico 9- Fontes de Informação dos Familiares sobre o tema velhice/idosos

Os resultados do gráfico 9 evidenciam que os principais meios utilizados pelos familiares para obtenção de conhecimento/informações sobre a velhice são fontes informais como os próprios idosos com quem convivem (44,9%), familiares e amigos (33,1% e 20,1% respectivamente), informações provenientes da televisão/internet (29,8% e 20,3% respectivamente), dentre outros.

Assim, a família, a internet e a televisão aparecem como as principais fontes de informação sobre a velhice, o que evidencia a importância da problematização, ampliação, aprofundamento e maior compreensão sobre as formas de acesso ao tema.

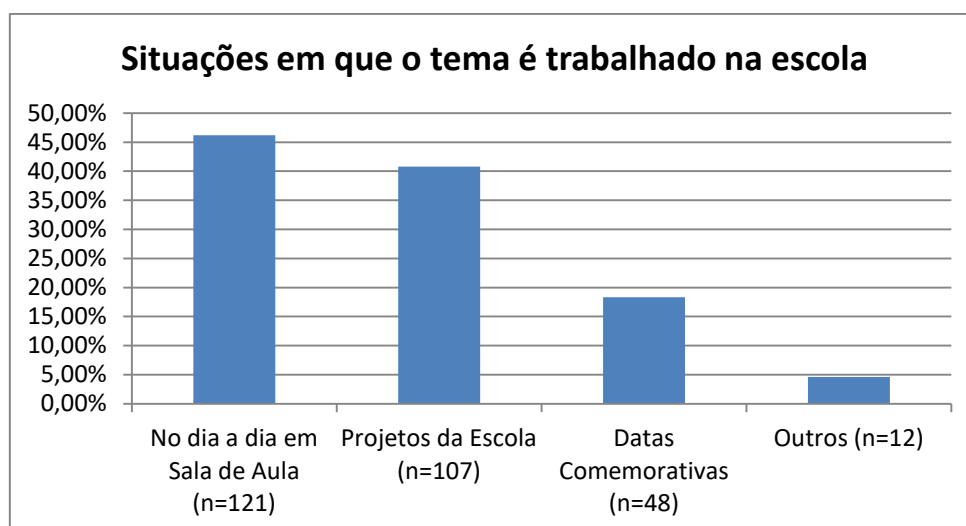
Sobre as informações obtidas pelos alunos por meio da escola, a seguir apresenta-se a opinião dos familiares respondentes quanto ao assunto (Tabela 114).

Tabela 114- Opinião dos familiares acerca dos alunos receberem ou não aprendizados sobre a velhice na escola

A escola fornece aprendizados sobre temas relacionados ao envelhecimento e à velhice?	N	%	P-valor
Sim	262	65,7	<0,001
Não	110	27,6	

A maioria dos familiares afirmou acreditar que os alunos recebem informações sobre a velhice na escola (65,7%). A seguir apresenta-se a opinião dos mesmos quanto às situações em que tais temas são trabalhados na escola (Gráfico 10).

Gráfico 10- Situações em que o tema é trabalhado com os alunos na escola segundo a opinião dos familiares



Os familiares acreditam que os alunos recebam ensinamentos sobre o tema velhice principalmente no dia a dia em sala de aula (46,2%), em projetos da escola (40,8%) ou em datas comemorativas (18,3%).

Sobre a importância que os familiares atribuem a esse tipo de abordagem, observa-se com a Tabela 115 a seguir a opinião dos participantes.

Tabela 115- Opinião dos familiares sobre a importância dos alunos receberem aprendizados sobre a velhice na escola

É importante a escola fornecer ensinamentos sobre temas relacionados ao envelhecimento e à velhice?	N	%	P-valor
Sim	374	93,7	<0,001
Não	5	1,3	
Não respondeu	20	5	

Evidencia-se que a significativa maioria dos familiares (93,7%) acredita ser importante que a escola aborde o tema velhice/envelhecimento com os alunos.

Quanto às próprias dúvidas que os familiares possuem, apresenta-se a seguir os DSCs gerados pela participação dos familiares à pergunta: "O que você gostaria de saber mais sobre o envelhecimento ou pessoas idosas?".

"Não sei o que dizer. Nunca parei para pensar nisso, de como seria o envelhecimento."

"Nenhuma dúvida. Estou satisfeito. Já sei o suficiente. Já aprendi muito cuidando de um familiar idoso."

"Qual é a idade real que podemos dizer que uma pessoa é idosa? A partir de que idade uma pessoa pode ser considerada idosa? Quais os sintomas que o corpo começa a sentir, os reflexos da idade, quando começa a velhice mesmo?"

"Gostaria de saber por que os idosos são tão teimosos. Mesmo doentes querem fazer as coisas, ficam bravos e até brigam. Queria saber a causa também da implicância e braveza neles, porque muitos idosos ficam chatos em um determinado tempo. Outros não gostam mais de banho e de se alimentar. Têm também as mudanças de humor, não aceitam ajuda. Queria saber por que alguns ficam mais compreensivos e outros mais rudes?"

"Gostaria de saber muitas coisas, tudo! Eu gostaria de saber do passado dos idosos, o dia a dia, as dores, as dificuldades. Sobre como os idosos vivem com mais saúde. Como evitar certas doenças crônicas ou evitar com que sofram tanto com a idade. Será que quando chega o envelhecimento, eles ficam com medo? O que realmente se passa na cabeça deles, os pensamentos, as alegrias, os sonhos, as tristezas, seus pensamentos e ideias. O que pensam sobre o próprio futuro. A mudança no corpo deles, por que

eles têm muitos problemas nos ossos e ficam com a mente confusa, outros têm feridas que demoram a cicatrizar. Porque eles ficam tão doentes. Enfim, queria saber tudo o que for bom para a saúde mental ou física deles. E também, como é poder ver toda uma geração (filhos, netos, bisnetos, tataranetos...) qual a sensação."

"Queria saber como podemos fazer com que as crianças interajam mais com os adultos no dia a dia. Também queria saber por que ainda têm tantos idosos excluídos da sociedade e saber sobre locais, espaços onde a terceira idade pratica atividades. Também gostaria de saber sobre como poderíamos ajudar mais, o que fazer para melhorar a condição de vida deles. Os direitos dos idosos, o que o governo faz por eles, se o poder público faz algo a mais em relação a eles, essas coisas."

Os DSCs apresentados elencam dúvidas de diferentes naturezas, relativas aos aspectos físicos, mentais, emocionais e sociais da velhice. Além disso, observa-se que alguns participantes referiram nunca haverem pensado no assunto e outros relataram não possuir dúvidas.

Por último, os participantes foram convidados a deixar um comentário adicional, se assim o desejassem. O resultado referente a este convite pode ser observado com os DSCs que se seguem.

"Não sei explicar porque é a primeira vez que preciso responder sobre isso."

"Gostaria que as escolas debatessem mais este tema, falassem mais sobre o envelhecimento, pra que a nova geração possa ver os idosos com outros olhos. Acho importante a escola ajudar-nos nisso, pois o respeito com os mais velhos é essencial. Então se a escola ensinasse que devemos tratar muito bem nossos velhinhos seria importante para a criança pensar e ter o olhar para o futuro em relação aos adultos idosos. E é bom colocar na escola também porque muitos idosos moram com familiares, é bom sempre saber lidar com eles quando chegam numa idade avançada. Queria que se possível as crianças fizessem visitas no lar dos idosos também, para ver e conviver com a experiência. Porque todos nós vamos envelhecer um dia e gostaríamos de ser bem tratados quando chegar a nossa hora."

"Só gostaria de dizer que devemos ter mais respeito e mais atenção com os idosos e muito carinho e amor! Pra gente abrir o coração pra muitas coisas. Porque todos nós vamos envelhecer também um dia. Então só devemos amar"

os idosos como amamos os nossos pais, filhos, parentes, pois um dia seremos idosos também."

"Eu gostaria que tivesse um espaço para comentar sabe, sobre o que eles sentem, pensam. O que eles acham que as pessoas pudessem fazer por eles. A universidade seria um lugar bom, ou junto a algum espaço público ou escolas particulares. Se esses lugares informassem onde fazem reunião e atividade com idosos, assim a população ficaria mais informada onde fazer atividades físicas ou interativas para se reunirem mais no grupo da terceira idade e ter mais qualidade de vida."

"Eu acho que os governantes deveriam dar mais oportunidades para essas pessoas experientes e não deixá-los como se não servissem mais pra nada, porque eu acho que o poder público trata muito mal os idosos. Então, minha opinião, sobre tudo isso, é que o governo tinha que dar mais atenção para os idosos e ajudar financeiramente e ajuda médica. Que eles tivessem uma aposentadoria digna para eles se alimentarem bem, terem um bom lazer, porque eles também precisam. E condições de ter todos os seus remédios, porque muitos tem que comprar. Acho que devia ter mais projetos sociais pra idosos. Espero que a sociedade e os governantes deem mais atenção, respeito e ajuda aos idosos."

"Acho super interessante esse tipo de questionário, adorei ter preenchido, que ótima ideia! Então, de momento quero dizer que gostei muito dessa pesquisa, da maneira que foi colocada. Obrigado pela oportunidade, gostei mesmo de participar, foi mais uma experiência! Parabéns por essa preocupação com os idosos que precisam. E eu acho muito bom e importante para as crianças aprenderem mais sobre os idosos. Participando do questionário eu pude aprender, entender o relacionamento dos jovens junto aos idosos, então fiquei muito feliz por poder participar dessa pesquisa. Principalmente por saber que existem pessoas interessadas em melhorar a vida de pessoas que cuidaram da gente a vida inteira e que merecem toda nossa atenção. Obrigado!"

Os comentários finais realizados pelos familiares participantes evidenciam o desejo de que a escola trabalhe com o tema com os alunos, além do desejo de eles próprios participarem de grupos informativos com relação à velhice. Também evidenciam a importância de mais políticas públicas e assistência governamental

oferecida aos idosos e, por último, ressaltam o benefício gerado pela participação na presente pesquisa, como mecanismo de informação e reflexão sobre o tema.

4.3.7 Resumo dos Principais Resultados - Familiares

O grupo de 399 familiares dos estudantes foi composto principalmente por mulheres (81%), mães das crianças participantes (70,7%), as quais moram com os filhos (85,7%) e/ou cônjuge (68,4%), se autodenominam donas de casa (27%) ou profissionais relacionadas a serviços de limpeza (13%). Quanto à idade dos participantes, a média foi de 35,9 anos, tendo sido possível evidenciar homogeneidade na amostra. Além disso, a maior parte dos participantes possui formação no ensino médio (38%).

Sobre os resultados dos participantes na Escala de Atitudes, observou-se média do *Escore Total* de 2,68, sendo que o *Domínio Relacionamento Social* foi aquele cuja avaliação foi mais positiva, e o *Domínio Agência* o mais negativamente avaliado. Outras análises revalaram ainda que a maioria dos participantes (76%) indicou atitudes positivas com relação à velhice, enquanto 17,5% apresentaram atitudes negativas com relação à velhice. Ademais, os avós participantes deste grupo apresentaram *Escore Total* médio de Atitudes com relação à velhice igual a 2,70.

A maioria significativa dos participantes relatou ter mantido e manter boa/ muito boa convivência com idosos no período da infância, da adolescência e atualmente. Além disso, tais variáveis apresentaram correlação entre si.

Quanto à abordagem do tema no contexto escolar, a maior parte dos participantes (65,7%) indicou acreditar que a escola trabalhe sobre o assunto com os alunos, sendo que 93,7% afirmou ser importante a abordagem do tema.

Os familiares também apresentaram dúvidas sobre o tema velhice/ envelhecimento e declararam interesse em saber mais sobre o assunto, bem como, propiciar maiores ensinamentos aos seus filhos/ alunos.

A seguir apresentam-se as Tabelas 116 e 117 com o resultado das comparações e correlações realizadas entre a Escala Neri de Atitudes com Relação à Velhice e demais variáveis abordadas pelo estudo.

Tabela 116- Resultado das análises de Comparação entre Escore Total da Escala Neri e demais variáveis - Familiares

	Escore Total - Escala Neri
Qualidade da convivência com idosos na infância	Sim
Qualidade do relacionamento com idosos familiares atualmente	Sim
Ter um amigo idoso	Sim (para <i>Domínio Agência</i>)
Acreditar que o tema é abordado pela escola	Sim (para <i>Domínio Persona</i>)
Frequência de abordagem do tema no ambiente escolar	Sim
Sexo	Não
Formação	Não
Morar com idosos atualmente	Não
Conviver com idosos na infância	Não
Conviver com idosos na adolescência	Não
Conviver com idosos atualmente	Não
Frequência de contato com idosos atualmente	Não
Qualidade do relacionamento com idosos não familiares atualmente	Não
Conversar com os alunos sobre o tema "velhice/ envelhecimento"	Não
Importância da abordagem do tema na escola	Não

Tabela 117- Resultado das análises de Correlação entre Escore Total da Escala Neri e demais variáveis - Familiares

	Escore Total - Escala Neri
Idade dos Familiares	Não
Formação Escolar	Não
Grau de Parentesco com o aluno	Não
Saber a idade considerada para ser um idoso no Brasil	Não
Morar com idosos atualmente	Não
Conviver com idosos na infância	Não
Qualidade da convivência com idosos na infância	Não
Conviver com idosos na adolescência	Não
Qualidade da convivência com idosos na adolescência	Não
Conviver com idosos atualmente	Não
Qualidade da convivência atual com idosos	Não
Frequência atual de convívio com idosos	Não
Ter ou ter tido um amigo idoso	Não
Conversar com o filho sobre o assunto	Não
Buscar informações sobre o assunto	Não
Acreditar que a escola já ensine sobre o tema	Não
Importância da abordagem do tema na escola	Não

4.4 Comparação e Correlação entre Escalas de Atitudes com Relação à Velhice entre Grupos

A seguir apresenta-se a comparação entre os escores das escalas de atitudes dos três grupos (professores, alunos e familiares), incluindo os escores dos avós participantes (Tabela 118).

Tabela 118- Comparação entre os escores gerais das escalas de atitudes entre os três grupos e dos avós participantes

Grupos		Média	Mediana	Desvio Padrão	CV	Min	Max	N	IC	P-valor
Domínio Cognitivo	Alunos	57,9%	55,6%	14,5%	25,1%	33,3%	100,0%	333	1,6%	0,052
	Familiares	55,4%	56,0%	9,1%	16,3%	20,0%	100,0%	370	0,9%	
	Professores	56,6%	56,0%	5,1%	9,0%	46,0%	66,0%	50	1,4%	
	Avós	56,2%	57,0%	8,5%	15,1%	36,0%	66,0%	12	4,8%	
Domínio Agência	Alunos	57,0%	50,0%	16,9%	29,6%	33,3%	100,0%	327	1,8%	0,950
	Familiares	56,8%	56,7%	12,1%	21,3%	20,0%	100,0%	360	1,2%	
	Professores	55,9%	56,7%	11,1%	19,8%	30,0%	83,3%	50	3,1%	
	Avós	55,6%	55,0%	15,2%	27,4%	33,3%	80,0%	12	8,6%	
Domínio Relacionamento Social	Alunos	54,5%	55,6%	17,6%	32,3%	33,3%	100,0%	326	1,9%	0,014
	Familiares	51,0%	51,4%	14,5%	28,5%	20,0%	100,0%	361	1,5%	
	Professores	49,6%	50,0%	9,6%	19,3%	31,4%	71,4%	50	2,7%	
	Avós	49,2%	50,0%	14,9%	30,3%	31,4%	82,9%	12	8,4%	
Domínio Persona	Alunos	51,2%	55,6%	15,7%	30,7%	33,3%	100,0%	325	1,7%	0,009
	Familiares	53,4%	54,3%	14,3%	26,8%	20,0%	100,0%	362	1,5%	
	Professores	58,4%	60,0%	8,7%	14,9%	42,9%	82,9%	50	2,4%	
	Avós	54,8%	51,9%	20,4%	37,2%	22,9%	88,6%	12	11,6%	
Escore Total	Alunos	55,3%	54,8%	11,8%	21,3%	33,3%	85,7%	336	1,3%	0,193
	Familiares	53,7%	55,9%	9,2%	17,2%	20,0%	74,7%	371	0,9%	
	Professores	55,2%	56,7%	6,8%	12,2%	41,3%	74,7%	50	1,9%	
	Avós	54,1%	54,3%	9,9%	18,2%	37,1%	73,3%	12	5,6%	

Importa destacar que os *Escores Totais* foram transformados de 1-5 (Escala Neri) e 1-3 (Escala Todaro) em 0-100, para que a comparação pudesse ser facilitada. Assim, a partir dos resultados apresentados pela Tabela 118, observa-se que não houve diferença significativa entre as atitudes de professores, familiares, alunos e avós.

Já quanto aos *Domínios* da escala, os alunos obtiveram pontuação significativamente mais positiva do que os demais participantes no *Domínio Persona* (51,2 - alunos; 53,4 - familiares; 54,8 - avós e; 58,4 - professores), enquanto os avós pontuaram mais positivamente no *Domínio Relacionamento Social* (49,2 - avós; 49,6 - professores; 51 - familiares e; 54,5 - alunos), sendo que o *Domínio Agência* e o *Domínio Cognitivo* não apresentaram diferença significativa entre os grupos.

A seguir, apresentam-se na Tabela 119 os resultados dos testes de correlação realizados entre as atitudes dos alunos e as atitudes dos familiares com relação à velhice.

Tabela 119- Correlação entre Atitudes de Familiares e Atitudes de Alunos com relação à velhice

Atitudes de Familiares e Alunos	Corr (r)	P-valor
Domínio Cognitivo	0,26	<0,001
Domínio Agência	0,16	0,007
Domínio Relacionamento Social	0,24	<0,001
Domínio Persona	0,23	<0,001
Escore Total	0,50	<0,001

Verifica-se que todas as correlações foram positivas e significativas, sendo que a correlação entre *Escore Total* das escalas de atitudes com relação à velhice dos familiares e alunos apresentou correlação forte, positiva e significativa ($r=0,5$; $p<0,001$) o que indica que quanto mais positiva as atitudes dos familiares, também mais positivas as dos alunos e vice versa.

Ademais, importa ressaltar que não foi possível realizar o teste de correlação entre os três grupos participantes, isto é, familiares, professores e alunos, devido à importante diferença no número dos participantes.

5. DISCUSSÃO

A discussão dos resultados apresentados pelo presente estudo será realizada a partir de três grandes temas: atitudes com relação à velhice (subsessão 5.1); convivência com idosos e relacionamentos intergeracionais (subsessão 5.2) e; conhecimentos com relação à velhice e educação gerontológica (subsessão 5.3).

5.1 Atitudes com relação à velhice

A perspectiva de estudantes de diferentes idades, com relação à velhice, tem sido especialmente investigado devido ao fato de que estes se encontram numa fase crítica e especial de formação de atitudes (SARABIA-COBO; PFEIFFER, 2015).

No presente estudo, a maior parte dos estudantes participantes (7 a 10 anos) indicaram atitudes positivas com relação à velhice (80,7%), enquanto significativamente a menor parte deles (13,4%) obteve escore indicativo para atitudes negativas.

Estudos sobre as atitudes de crianças com relação à velhice não têm apresentado um consenso acerca do assunto. Alguns autores verificaram que crianças possuem

atitudes negativas com relação à velhice (ARÉVALO; DURÁN, 1991; GELLIS et al., 2003; LANEY et al., 1999; LUO et al., 2013; YU; CHEN, 2012), enquanto outros, concordam com os achados do presente estudo, indicando que crianças tendem a apresentar atitudes positivas com relação à velhice (FEMIA et al., 2008; HERRERA, 2000; LUCHESI; DUPAS; PAVARINI, 2012; TODARO, 2008).

Dentre estes últimos, corroborando os resultados da presente pesquisa, o estudo realizado por Herrera (2000), o qual objetivou investigar as atitudes de 145 alunos do terceiro ao quinto ano escolar (oito a 14 anos), apontou que, a partir da escala de atitudes utilizada pelo estudo, todos os participantes indicaram atitudes positivas ou neutras com relação à velhice.

De modo semelhante, o estudo americano conduzido por Femia et al. (2008), o qual também objetivou investigar as atitudes de 34 crianças (seis a oito anos) quanto à velhice, revelou que estas demonstram ter mais atitudes positivas que negativas.

Na mesma direção, os estudos brasileiros realizados por Luchesi, Dupas e Pavarini (2012), o qual contou com a participação de 54 crianças com idade entre sete a dez anos e; por Todaro (2008), cuja amostra foi composta por 248 crianças também com idade entre sete e dez anos, afirmaram que a maior parte das crianças participantes possuía atitudes positivas com relação à velhice. Importa ressaltar que ambos os estudos fizeram uso da Escala Todaro para identificação das atitudes das crianças com relação à velhice, a qual também foi utilizada pelo presente estudo. Segundo Luchesi, Dupas e Pavarini (2012), a média obtida pelos participantes foi de 1,59, enquanto no pré teste realizado por Todaro (2008), a média das crianças foi de 1,52. Vale recordar que a média encontrada pelo presente estudo, em resposta a escala de atitudes com relação à velhice foi de 1,66⁸.

Embora não seja possível identificar se a diferença encontrada entre os escores dos estudos citados anteriormente e do obtido pelo presente estudo seja significativa estatisticamente, hipotetiza-se que tal diferença tenha ocorrido pelo fato de todas as 54 crianças participantes da pesquisa de Luchesi, Dupas e Pavarini e; de 74,2% das crianças participantes do estudo de Todaro residirem com idosos, o que não ocorreu no presente estudo, no qual 4% das crianças participantes relataram sequer conhecer

⁸ Vale recordar que a escala apresentava variação entre 1 a 3, na qual pontuações mais próximas de 1 representam atitudes positivas, mais próximas de 3 atitudes negativas e 2, atitudes neutras com relação à velhice.

peessoas idosas e somente 18,4% revelou morar com os avós (LUCHESEI; DUPAS; PAVARINI, 2012; TODARO, 2008).

Outro resultado do presente estudo, similar aos achados de Luchesi, Dupas e Pavarini (2012) e de Todaro (2008), diz respeito à pontuação das crianças nos *Domínios* avaliados pela escala. Segundo tais estudos, o *Domínio Cognitivo* foi o mais negativamente avaliado (com média de 1,82 pontos no primeiro estudo e; 1,66 no segundo), enquanto o *Domínio Persona* foi avaliado mais positivamente (média de 1,31 pontos no primeiro e; 1,27 pontos no segundo estudo) (LUCHESEI; DUPAS; PAVARINI, 2012; TODARO, 2008). De modo semelhante, os escores obtidos pelo presente estudo, indicaram pontuação mais negativa para o *Domínio Cognitivo* (média de 1,74) e mais positiva para o *Domínio Persona* (média de 1,54).

Os diferentes *Domínios* formados pelos itens da Escala Todaro de Atitudes de Crianças com Relação à Velhice, foram assim elaborados a fim de que se possam avaliar as atitudes de crianças com relação aos diferentes aspectos da vida do idoso. O *Domínio Cognitivo* (referente à capacidade do idoso em processar informações e resolver problemas) é abordado pelos seguintes itens: "Sábios/Bobos"; "Claros/Confusos"; "Inseguros/Seguros"; "Distraídos/Atentos"; "Lentos/Rápidos" e; "Criativos/sem Criatividade". Enquanto o *Domínio Persona* (referente aos rótulos sociais para designar pessoas idosas) é formado pelos itens: "Legais/Chatos"; "Bonzinhos/Bravos" e; "Pão Duro/Mão Aberta" (TODARO, 2008).

Assim, diante da conformidade entre os resultados do estudo de Luchesi, Dupas e Pavarini (2012), o estudo de Todaro (2008) e o presente estudo, e dada ainda a semelhança entre os participantes dos três estudos, isto é, todas as crianças possuíam entre sete a dez anos e residiam no interior do estado de São Paulo, hipotetiza-se que crianças com tais características e realidades específicas parecem possuir atitudes com relação à velhice mais positivas quanto aos rótulos sociais designados aos idosos (*Domínio Persona*) e mais negativas quanto às suas capacidades cognitivas (*Domínio Cognitivo*).

O presente estudo hipotetiza que o *Domínio Cognitivo* tenha sido o mais negativamente avaliado devido a pouca idade das crianças, visto que tal domínio aborda questões de maior complexidade e que demandam a compreensão e a avaliação da criança sobre conceitos mais elaborados. Hipotetiza-se assim, que crianças mais velhas poderiam apresentar pontuações diferentes quanto aos *Domínios* da escala de atitudes com relação à velhice utilizada.

Além desta primeira hipótese, uma vez que as atitudes com relação à velhice são decorrentes de processos comuns de aprendizagem vivenciados nos contextos de ambiência das crianças, hipotetiza-se ainda que as crianças tenham apresentado pontuações mais negativas no *Domínio Cognitivo* da Escala de Atitudes, devido aos estereótipos que classificam os idosos e os diversificam dos demais grupos populacionais.

Sobre estes estereótipos, Moreira afirma que o declínio físico e cognitivo atrelado ao processo do envelhecimento são frutos da visão pós-moderna, que tem como fundamento a imediatividade, o rompimento com o passado e com o futuro e, conseqüentemente a oposição ou desqualificação do que é velho, produzindo uma cultura de horror à velhice (MOREIRA, 2012). Nesta direção, mitos e estereótipos negativos relacionados à velhice são baseados em crenças de que deficiências físicas, mentais e doenças são sinônimas do envelhecer, sendo que tais estereótipos restringem e limitam a integração dos idosos na sociedade (SARABIA-COBO; PFEIFFER, 2015).

Um estudo realizado sobre o preconceito etário no Brasil evidencia o quanto o país possui este tipo de preconceito e o estampa em diferentes veículos, os quais influenciam a visão e concepção sobre a velhice nas mais diversas populações brasileiras. A mídia e a sociedade brasileira reforçam expressões de preconceito etário cotidianamente, expressões estas que vinculam o envelhecimento ao "feio", ao "acabado", ao "improdutivo", ao "vagaroso" (GOLDANI, 2010). Nesta direção, hipotetiza-se que as crianças participantes do presente estudo, expostas à realidade supracitada, tenham pontuado mais negativamente o *Domínio Cognitivo* do instrumento devido também à influência e aprendizado deste tipo de estereótipo do idoso, ao qual estão expostas.

Quanto às atitudes com relação à velhice manifestadas pelos professores participantes do presente estudo, vale lembrar que tal grupo apresentou média de 2,76⁹. Além disso, a partir das demais análises realizadas pelo presente estudo, concluiu-se que 78% dos professores indicaram atitudes positivas, 2% atitudes neutras e 20% obtiveram pontuação referente a atitudes negativas.

De modo semelhante ao encontrado pelo presente estudo, a pesquisa realizada com 1038 professores do ensino fundamental e médio de Taiwan, a qual utilizou uma escala de diferencial semântico para medição das atitudes com relação à velhice, cuja

⁹ Vale recordar que as pontuações da Escala variavam entre 1 a 5, sendo que valores mais próximos de 1 indicam atitudes positivas; mais próximos de 5, atitudes negativas e; pontuação igual a 3, atitudes neutras.

pontuação variava entre 1 e 4 (sendo 2,5 indicativo para atitudes neutras; acima disto indicativo para atitudes positivas e abaixo, indicativo para atitudes negativas), revelou que os professores participantes apresentavam atitudes ligeiramente positivas (média de 2,73, isto é, pouco acima dos 2,5 indicativos para atitudes neutras) (HUANG, 2012). Uma vez que a escala utilizada pelo presente estudo indicava valor 3 como atitudes neutras e que os professores participantes apresentaram pontuação média de 2,76, observa-se que assim como os professores participantes do estudo taiwanês citado, no presente estudo este grupo também apresentou atitudes que poderiam ser classificadas como ligeiramente positivas.

Quanto à média do *Escore Total* da escala de atitudes obtida pelos familiares participantes, ressalta-se que esta foi de 2,68. Sendo que a maioria deles (76%) apresentou pontuação indicativa para atitudes positivas, 6,5% para atitudes neutras e 17,5% para atitudes negativas com relação à velhice.

Embora não seja possível identificar estudos realizados com pessoas adultas cuja caracterização seja similar a dos participantes do presente estudo (quanto ao nível de escolaridade, profissão, composição familiar, dentre outras variáveis), foi possível localizar, a partir do critério de similaridade de faixa etária entre os participantes, pesquisas que concordam com os achados do presente estudo no que se refere as atitudes com relação à velhice (FERREIRA; RUIZ, 2012; LIFSCHITZ, 2002; NERI; JORGE, 2006).

Lifshitz (2002), por exemplo, investigou atitudes com relação à velhice de pessoas adultas (20 a 59 anos, trabalhadores industriais com média de 10,5 anos de estudo), utilizando uma escala de diferencial semântico com adjetivos bipolares, semelhante à utilizada pelo presente estudo, cujo escore variava entre 1 a 3 (sendo 2 a pontuação neutra, superior a 2 indicativo de atitudes positivas e, inferior a 2 indicativo de atitudes negativas). O autor evidenciou que os participantes apresentavam atitudes ligeiramente positivas sobre a velhice com escore final médio de 2,31.

De modo semelhante, Ferreira e Ruiz (2012), ao investigarem as atitudes de agentes comunitários da saúde com relação à velhice por meio da Escala Neri (isto é, o mesmo instrumento utilizado pelo presente estudo), identificaram que os participantes possuíam no geral atitudes positivas com relação à velhice (*Escore Total* médio de 2,92 pontos).

Outro estudo brasileiro que envolveu a participação de adultos (18 a 43 anos) estudantes dos cursos de pedagogia, educação física, medicina e enfermagem, os quais

também tiveram a oportunidade de responder à Escala Neri de atitudes com relação à velhice, apontou que os participantes com idade inferior a 22 anos pontuaram em média 2,74 no *Escore Total* da Escala, enquanto aqueles com idade superior a 22 anos obtiveram média de 2,88. Além desta diferença quanto à idade dos participantes, as autoras apontam ainda que as mulheres significativamente obtiveram pontuação mais positiva do que os homens (NERI; JORGE, 2006).

Assim, observa-se que tanto o resultado dos professores participantes do presente estudo como dos familiares, concordam com a literatura da área acerca das atitudes de pessoas adultas com relação à velhice, visto que os mesmos apresentaram escores da Escala de atitudes semelhantes aos escores observados nos demais estudos citados (FERREIRA; RUIZ, 2012; LIFSCHITZ, 2002; NERI; JORGE, 2006).

Vale refletir que a semelhança nos resultados relativos às atitudes em relação à velhice, dentre adultos, chama a atenção na medida em que ainda que todos fossem pessoas adultas, se diferenciavam pela inserção na área de trabalho e, especialmente, na escolaridade. Onde estudantes da área da saúde e da educação, por exemplo, pontuaram de forma semelhante aos participantes do presente estudo. Tais resultados levam a reflexão sobre a hipótese de que o nível de escolaridade e, talvez, a área de estudo, não impliquem em melhores atitudes. Estudos futuros devem avançar na compreensão destes resultados.

Contudo, em relação a outras variáveis, ressalta-se que, discordando dos achados de Neri e Jorge (2006) acerca da correlação encontrada entre as variáveis "idade", "sexo" e "atitudes com relação à velhice", não foram confirmadas tais correlações com os resultados advindos da participação dos professores ou familiares do presente estudo. Em concordância com o presente achado, o estudo internacional realizado com 305 estudantes universitários e 159 adultos, também relatou não ter encontrado correlação entre o sexo dos participantes e suas atitudes com relação à velhice (XIE; XIA; LIU, 2007).

Em contrapartida, Laditka et al. (2004), por meio de um estudo que objetivou identificar as atitudes com relação à velhice de estudantes com idade entre 21 e 34 anos e idosos com idade entre 75 e 85 anos, indicou que as mulheres apresentaram atitudes mais positivas com relação à velhice, assim como as pessoas mais velhas, se comparadas às mais novas.

Já o estudo chinês realizado com 305 estudantes universitários e 159 adultos com idade entre 40 e 55 anos, apontou que no geral, os adultos apresentaram atitudes

mais positivas do que os estudantes (XIE; XIA; LIU, 2007). Embora haja uma crença de que as sociedades orientais possuam atitudes mais positivas com relação à velhice do que as sociedades ocidentais devido às fortes tradições, North e Fiske por meio de uma meta-análise, indicaram que avaliações transculturais têm sido amplamente realizadas a fim de se confirmar ou negar tal crença. Contradizendo ao esperado, as análises realizadas pelos autores revelaram que algumas avaliações são mais negativas no oriente do que no ocidente e concluem para os desafios culturais na concepção de atitudes modernas sobre o envelhecimento, uma vez que análises realizadas pelos autores indicaram que o aumento significativo da população idosa prediz atitudes negativas com relação aos idosos (NORTH; FISKE, 2015).

Ainda sobre as variáveis "idade" e "sexo", as mesmas também têm sido correlacionadas às atitudes de crianças com relação à velhice (DUNHAM; CASADONTE, 2009; TODARO, 2008). Dunham e Casadonte (2009), por exemplo, realizaram um estudo com 380 alunos do ensino fundamental e apontaram que crianças mais novas tendem a ter atitudes mais positivas do que as mais velhas, da mesma forma que meninas tendem a ter atitudes mais positivas do que meninos. Semelhantemente, Todaro (2008) em sua avaliação inicial de atitudes de 248 crianças com relação à velhice (sete a dez anos), encontrou que as crianças mais velhas possuíam atitudes mais negativas com relação à velhice e, também afirmou que os meninos participantes possuíam atitudes mais negativas se comparado às meninas.

Os resultados das correlações realizadas entre tais variáveis pelo presente estudo não corroboram estas afirmações citadas pela literatura nacional e internacional, uma vez que não foram encontradas diferenças significativas entre as atitudes das 202 meninas e dos 201 meninos participantes, da mesma forma que, as análises realizadas entre as faixas etárias também não apontaram diferenças nas atitudes de crianças mais novas (7 e 8 anos) ou mais velhas (9 e 10 anos).

As crianças participantes do estudo de Todaro (2008) apresentavam a mesma faixa etária das participantes do presente estudo, contudo, o estudo de Dunham e Casadonte (2009), observou a diferença de atitudes entre grupos formados por alunos do primeiro ao quinto ano escolar e alunos do sexto ao nono ano escolar. O que implica que somente o primeiro grupo poderia ser classificado com idade similar aos participantes do presente estudo e não foi avaliado comparativamente.

Segundo Hess (2006), há uma falta de concordância nos estudos relativos às atitudes de pessoas sobre a velhice acerca da correlação entre atitudes e idade, visto que

alguns estudos têm apontado para um viés mais negativo sobre a opinião de pessoas idosas do que de pessoas mais novas, enquanto outros não suportam tal conclusão. Para o autor, esta falta de concordância sugere que fatores contextuais podem moderar as atitudes, para além da idade.

Destarte, novos estudos comparativos que possam abordar uma maior variação de faixas etárias em diferentes realidades e que possam identificar a influência de outras variáveis, se fazem importantes para que seja possível afirmar acerca da relação entre "idade"/ "sexo" e "atitudes" com relação à velhice nas diferentes populações brasileiras.

Especificamente sobre as atitudes dos 12 avós participantes do presente estudo, os resultados do *Score Total* na Escala Neri de atitudes com relação à velhice foi de 2,70, apontando assim para atitudes positivas. As demais análises realizadas apontaram ainda que 66,6% dos avós obtiveram pontuação indicativa para atitudes positivas, 25% para atitudes neutras e 8,3% para atitudes negativas.

O estudo realizado por Zanon, Alves e Cardenas (2011), que avaliou as atitudes de 54 idosos também por meio da Escala Neri de Atitudes com relação à velhice, apontou que 46,7% dos idosos participantes apresentaram atitudes positivas com relação à velhice, enquanto 25,9% apresentaram atitudes neutras e 27,4%, atitudes negativas. Embora tais dados difiram do encontrado pelo presente estudo, no qual os valores apontaram para atitudes dos idosos participantes mais positivas com relação à velhice do que o encontrado por Zanon, Alves e Cardenas, vale ressaltar que tal diferença possa ser devido ao baixo número de participantes do presente estudo que responderam à Escala Neri com a condição de ser avó/avô do aluno participante (n=12).

Discordando ainda do achado do presente estudo, referente às atitudes dos avós participantes, Patrocínio e Pereira (2013), com o objetivo de avaliar os efeitos de um programa de educação popular em saúde sobre as atitudes com relação à velhice dos 16 idosos participantes (idade média de 66,8 anos), apontaram que no pré-teste realizado pelo estudo, os idosos possuíam um número maior de opiniões com imagens negativas sobre a velhice do que positivas.

Não obstante, os resultados encontrados relativos às atitudes negativas dos idosos quanto à velhice, tanto no presente estudo como nos demais envolvendo idosos, chamam a atenção (PATROCÍNIO; PEREIRA, 2013; ZANON; ALVES; CARDENAS, 2011). Segundo Patrocínio e Pereira (2013), há um predomínio de atitudes negativas quanto à velhice em todas as gerações. Além disso, considerar a velhice como uma fase que comporta perdas e ganhos e enxergá-la de forma positiva, realista e equilibrada,

seriam as consequências da necessária mudança de atitudes esperada em nossa sociedade, apontando para a educação como importante veículo promotor de tais mudanças, visto que o programa de ensino realizado pelo estudo gerou mudanças positivas de atitudes quanto à velhice nos idosos participantes (PATROCÍNIO; PEREIRA, 2013).

Quanto às análises de comparação realizadas pelo presente estudo entre os grupos dos participantes, vale recordar que não houve diferença significativa entre as atitudes de professores, familiares, alunos e avós no *Escore Total* das Escalas, resultado este que não confirmou a hipótese tecida pelo presente estudo referente às atitudes das crianças participantes serem mais positivas do que a dos adultos. No entanto, tais diferenças puderam ser observadas em determinados *Domínios*. Como exemplo, os alunos obtiveram pontuação significativamente mais positiva do que os demais participantes no *Domínio Persona* (relacionado aos rótulos sociais para designar pessoas idosas), enquanto os avós pontuaram mais positivamente no *Domínio Relacionamento Social* (relativo aos aspectos afetivo-emocionais).

Como exemplo de um estudo nacional que envolveu a participação de duas populações de diferentes faixas etárias, o qual investigou as atitudes com relação à velhice de 58 estudantes adolescentes (13 a 24 anos) e 54 idosos, observou-se que jovens e idosos possuíam atitudes semelhantes com relação à velhice, sendo que ambos os grupos 50% dos participantes obtiveram escores positivos, 25% escore neutro e 25% escores negativos com relação à velhice, a partir do preenchimento da Escala Neri. Outras análises realizadas pelos autores revelaram ainda que não houve correlação significativa entre a idade dos participantes e as atitudes, indicando assim que jovens e idosos reagiram de modo semelhante às questões da Escala Neri (ZANON; ALVES; CARDENAS, 2011).

Com relação aos *Domínios* da Escala, assim como encontrado no presente estudo, os idosos participantes do estudo de Zanon, Alves e Cardenas também obtiveram pontuação mais positiva em alguns itens do *Domínio Relacionamento Social* se comparada à pontuação dos jovens participantes. Já quanto ao *Domínio Persona*, no qual as crianças participantes do presente estudo apresentaram atitudes mais positivas do que os adultos e idosos participantes, Zanon, Alves e Cardenas observaram que os jovens participantes de seu estudo pontuaram mais positivamente do que os idosos somente em dois itens do *Domínio* (ZANON; ALVES; CARDENAS, 2011). Contudo, há que se destacar que, embora tal estudo tenha focalizado diferentes faixas etárias, as

mesmas não possuíam vínculos próximos de relacionamento, como no caso dos participantes do presente estudo, o que acredita-se, implica em importante variável.

Assim, embora a literatura da área contenha estudos realizados com diferentes populações, como crianças/ adolescentes e idosos ou, adultos e idosos, não foram encontrados estudos comparativos realizados especificamente com pais/ familiares/ avós e crianças com relação à velhice, ou mesmo estudos comparativos entre as atitudes de professores e seus alunos quanto à velhice, o que restringe a discussão dos resultados do presente estudo e reforça a necessidade de estudos futuros focalizando estas dimensões.

Quanto às análises de correlação realizadas entre os grupos de familiares e alunos participantes, vale recordar que tal análise resultou em correlação forte, positiva e significativa entre os *Escores Totais* das Escalas, indicando assim que quanto mais positivas as atitudes dos responsáveis, também mais positivas as dos alunos e vice versa, sendo que, tal resultado está confirma uma das hipóteses do presente estudo quanto à possibilidade de correlação entre atitudes de familiares e alunos participantes.

Em nossa cultura, a família é o principal agente na transmissão psíquica e de valores entre as gerações. É nela em que os indivíduos são inscritos no movimento histórico de várias gerações e é nela onde os intercâmbios e formação dos primeiros vínculos se estabelecem (GOLDFARB; LOPES, 2006). Nessa direção, uma importante característica presente nos relacionamentos familiares intergeracionais que tem sido relatada pela literatura, diz respeito à transmissão intergeracional de valores, por meio da qual os valores sociais de crianças estão fortemente associados aos valores de seus pais (LIEFBROER; ELZINGA, 2012; MIN; SILVERSTEIN; LENDON, 2012).

Sobre o assunto, o estudo longitudinal (desenvolvido entre os anos de 1971 a 2000) realizado nos Estados Unidos por Min, Silverstein e Lendon (2012) apontou que a transmissão precoce de valores intergeracionais influencia na orientação de valores, processos sociais e curso de vida dos filhos, revelando assim que os valores intergeracionais transmitidos precocemente na infância permanecem nos filhos até a vida adulta.

Lisboa, Féres-Carneiro e Jablonski (2007), relatam que a transmissão intergeracional da cultura pode se dar a partir de processos conscientes ou inconscientes. Assim, a cultura é passada de geração em geração e se expressa nas relações intersubjetivas, envolvendo as histórias, as ideias, as crenças e os valores estruturantes do grupo familiar. Goldfarb e Lopes (2006) afirmam ainda que a transmissão de desejos, condutas, ideias, histórias, etc., é formada a partir de uma

espécie de "corrente identificatória", na qual se pode enxergar o exercício da avosidade e da paternidade na transmissão intergeracional. Nesta direção, aponta-se que o preconceito etário e a discriminação por idade são partes importantes dos processos de transmissão intergeracionais. Por meio deles, conhecimentos e educação são passados nas relações de pais para filhos ou avós para netos (GOLDANI, 2010).

Sobre tais preconceito e discriminação, Bezerra e Lebedeff afirmam que a inserção social do idoso na sociedade ocidental remete à identidade da velhice vinculada à inadequação e desvalorização do idoso e conseqüentemente ao encolhimento de sua prática social, encolhimento este que deve ser considerado como importante perda para todas as gerações (BEZERRA; LEBEDEFF, 2012). Assim, crenças negativas sobre idosos podem afetar o desejo de crianças em interagir com os mesmos e podem afetar ainda a harmonia na relação intergeracional (DUNHAM; CASADONTE, 2009; SARABIA-COBO; PFEIFFER, 2015).

Uma vez que as crenças e atitudes são também moldadas pelos grupos sociais, atrelar a imagem do idoso às incapacidades e limitações propicia a formação de preconceitos gerados pela família desde a infância, que repercutem em marginalização do idoso limitando a reciprocidade afetiva e dificultando a proximidade na comunicação (SARABIA-COBO; PFEIFFER, 2015; GOLDFARB, LOPES, 2006).

Destarte, o resultado do presente estudo referente à correlação entre atitudes de pais/ familiares e crianças, revela a importância de que os responsáveis por crianças em idade escolar possuam atitudes positivas com relação à velhice, uma vez que esta variável parece ser de impacto significativo nas atitudes das próprias crianças. Assim como o contrário também importa. Desta forma reforça-se a necessidade de implementação de práticas educativas nos mais diversos ambientes, que promovam a integração intergeracional, a oferta de contato com o tema e a valorização e esclarecimentos das diferentes fases do ciclo de vida, para diferentes gerações.

Outro importante achado do presente estudo diz respeito à correlação entre as variáveis "frequência de contato com idosos" e "atitudes com relação à velhice". No grupo dos professores participantes observou-se correlação positiva, significativa e moderada entre tais variáveis. Contudo, tanto no grupo dos familiares participantes quanto dos alunos, tais variáveis não se correlacionaram significativamente.

Segundo Harwood et al. (2015), as relações pessoais com contato frequente têm maior potencial para mudanças de atitudes. Contudo, de modo semelhante ao encontrado no grupo dos familiares e alunos do presente estudo, Huang (2012) relata

também não haver encontrado correlação entre a frequência de contato com idosos e as atitudes dos 1038 professores participantes de seu estudo.

Schwartz e Simons (2001), por meio de um estudo que objetivou investigar a relação entre qualidade de contato entre adultos e idosos e as atitudes de com relação à velhice, que contou com a participação dos 62 estudantes com idade entre 12 e 15 anos, apontou que os estudantes que relataram melhor relacionamento com idosos pontuaram mais positivamente nas escalas de atitudes com relação à velhice, enquanto aqueles cujos relacionamentos com idosos não foi descrito com atributos positivos, pontuaram mais negativamente na escala de atitudes. Além disso, os autores não encontraram correlação significativa entre a frequência do contato e as atitudes. Desta forma, os autores afirmam acerca da importância da qualidade de contato estar acima da frequência do mesmo e sugerem que as atitudes podem melhorar e tornar-se mais positivas mediante condições de contato favoráveis.

Os resultados do presente estudo corroboram tais afirmações de Schwartz e Simons (2001), relativas à qualidade do contato com idosos apresentar maior importância que a frequência do contato. Especificamente sobre este resultado do presente estudo, referente à significância encontrada pelos cálculos comparativos realizados entre as variáveis "qualidade de convivência com idosos no passado" ou "qualidade de convivência com idosos atualmente" e "atitudes com relação à velhice", vale recordar que as diferenças observadas nas análises de comparação apresentaram resultados estatisticamente significativos, revelando assim que os participantes que apontaram para qualidade positiva de relacionamentos com idosos, significativamente também pontuaram mais positivamente na Escala de Atitudes, tanto no grupo dos professores quanto no grupo de alunos e familiares.

Triadó et al., com a participação de 58 díades de avós (57-89 anos) e netos (14-19 anos), apontaram que os papéis, as atividades compartilhadas e o grau de proximidade e afeto da relação, implicam necessariamente na percepção do outro, assim, a maneira como os avós e netos se percebem, determina a natureza da relação que estabelecem. Nesta direção, as atitudes que possuem com relação ao outro estariam relacionadas à qualidade dos relacionamentos estabelecidos (TRIADÓ et al., 2006).

Além deste achado quanto às análises comparativas realizadas pelo presente estudo, observou-se ainda, mediante as análises de correlação realizadas, que no grupo dos professores participantes aqueles que desfrutaram de relacionamentos positivos com idosos na infância e na adolescência demonstraram ter atitudes mais positivas com

relação à velhice atualmente ($r=0,4$ e $r=0,45$ respectivamente), sendo a correlação entre tais variáveis significativa, positiva e moderada. Além disso, a qualidade da convivência atual, também apresentou correlação forte, positiva e significativa com a Escala De Atitudes ($r=0,52$). Tais achados concordam com indicações da literatura sobre a importância da qualidade da convivência intergeracional e as atitudes com relação à velhice (HARWOOD et al., 2015; HERRERA, 2000; SCHWARTZ; SIMMONS, 2001; YU; CHEN, 2012).

Harwood et al. (2015), em um estudo que contou com a participação de 192 estudantes universitários, indicou que duas principais variáveis significativamente predizem atitudes com relação à velhice: a qualidade do relacionamento com avós e a importância desta qualidade. Outros autores também têm indicado que crianças apresentam atitudes negativas com relação aos idosos a menos que sejam expostas a experiências positivas com familiares idosos (YU; CHEN, 2012). Nesta direção, pessoas cuja convivência com idosos possui proximidade afetiva, tendem a apresentar atitudes com relação à velhice mais positivas do que aquelas que não convivem com idosos desta maneira (MOCK; EIBACH, 2011).

A partir destes apontamentos, o histórico de boas relações intergeracionais, bem como a qualidade atual da convivência com idosos se relacionam com as atitudes positivas de adultos com relação à velhice. Assim, uma vez que a variável "qualidade do contato" apresentou correlação significativa com as atitudes de todos os grupos participantes do presente estudo, acredita-se que os resultados encontrados se assemelham aos achados de Schwartz e Simons (2001), reforçando assim, a compreensão de que a qualidade da convivência com idosos parece imprimir influência mais significativa nas atitudes de pessoas com relação à velhice do que a frequência do mesmo. Destaca-se desta forma, que oportunizar situações e momentos de trocas intergeracionais nos mais diversos contextos de ambiência de variadas gerações, significa importante investimento para a melhora nas atitudes das populações com relação à velhice.

Sobre a convivência próxima entre gerações, com relação à situação de moradia das famílias participantes, observou-se que 18,4% dos alunos participantes do presente estudo revelaram morar com os avós, enquanto os demais apontaram não morar. Tal variável não apresentou comparação ou correlação significativa com o *Escore Total* da Escala de atitudes de crianças com relação à velhice.

De maneira semelhante, 26% dos 145 estudantes (oito a 14 anos) participantes do estudo de Herrera (2000) relataram coabitar com idosos e também não foram encontradas diferenças significativas entre as atitudes das crianças que residiam, das que não residiam com idosos, sendo apontada a necessidade de outros estudos que investiguem sobre a qualidade das relações e força dos laços intergeracionais como uma possível resposta a esta ausência de diferença significativa, hipotetizando assim, que talvez tais variáveis implicassem mais diretamente nas atitudes das crianças do que o contato com idosos por si só. No entanto, é necessário considerar que a qualidade da relação pode variar quando existe uma convivência cotidiana e implica na coabitação ou, quando os contatos são mais esporádicos. Estudos futuros podem contribuir para a compreensão deste resultado.

Sobre essa convivência cotidiana, o presente estudo observou, a partir das análises comparativas realizadas, que as crianças que relataram morar com os avós ou com idosos obtiveram pontuação significativamente mais negativa no *Domínio Persona* da Escala em comparação às crianças que relataram não morar com idosos, embora, valha recordar ainda, que tal *Domínio* tenha sido aquele cujas crianças no geral avaliaram mais positivamente.

Em concordância com tais achados do presente estudo, o estudo realizado com 54 crianças (sete a dez anos) que residiam com idosos, também encontrou diferença significativa na comparação entre o *Domínio Persona* da Escala Todaro e a moradia com idosos, revelando assim que as crianças que declararam morar com idosos há menos de três anos pontuaram significativamente de modo mais negativo neste domínio, enquanto aquelas que declararam morar há mais de três anos pontuaram significativamente de modo mais positivo (LUCHESEI; DUPAS; PAVARINI, 2012).

Embora não tenha sido verificado há quanto tempo as crianças do presente estudo dividem moradia com idosos, somados os apontamentos da literatura com os resultados encontrados pelo presente estudo e, uma vez que o *Domínio Persona* aborda os rótulos sociais designados aos idosos, hipotetiza-se que morar com idosos pode influenciar as atitudes de crianças com relação aos rótulos sociais/ estereótipos atribuídos à velhice e que, a qualidade da relação e o contexto em que esta coabitação ocorre mediam estes resultados.

Assim, sugere-se que novos estudos que envolvam crianças com diferentes arranjos familiares sejam realizados a fim de que se possa aprofundar na identificação

das influências exercidas em dividir moradia com idosos para a percepção de crianças e suas atitudes quanto à velhice.

5.2 Convivência com Idosos e Relacionamentos Intergeracionais

Após as discussões apresentadas na sessão 5.1, relativas às atitudes com relação à velhice, nesta sessão, se focalizará as variáveis que envolvem os relacionamentos intergeracionais identificadas com a convivência com os idosos.

Sobre a participação dos avós na vida dos netos, vale recordar que o presente estudo verificou que em todos os grupos participantes, as avós maternas parecem ser aquelas cujo envolvimento com os netos é (ou foi) muito mais presente e marcante do que os outros avós. Tal resultado poderia estar pautado no fenômeno da feminização da velhice, uma vez que 55% da população idosa brasileira é composta por mulheres e sendo essa diferença ainda mais acentuada no subgrupo dos idosos mais velhos, isto é, com 80 anos ou mais, no qual o número de mulheres é expressivamente maior do que o de homens (CAMARANO; KANSO; MELLO, 2004a).

Contudo, acredita-se que a diferença encontrada entre o maior número de avós do que de avôs citados no relato do histórico dos relacionamentos intergeracionais dos participantes do presente estudo, se deva principalmente à participação concreta das avós (e não dos avôs) nas vidas dos netos. Sobre o assunto, a literatura tem apontado que a função de avós parece ser mais importante para as mulheres do que para os homens, sendo que as primeiras tendem a ser mais participativas, ativas e comprometidas em atender aspectos emocionais e de saúde dos netos, enquanto os homens parecem se restringir mais à participação no lazer (GOLDFARB; LOPES, 2006).

Além disso, alguns estudos têm indicado marcadamente a maior presença das avós maternas na vida dos netos, tendo por justificativa, o fato de que as mães tendem a manter melhor relacionamento com suas próprias mães, o que implica consequentemente na maior aproximação e estreitamento de laços entre avó materna e netos, visto que a segunda geração tende a intermediar, favorecer ou desfavorecer as relações entre primeira e terceira geração (MIRFIN-VEITCH; BRAY; WATSON, 1997; MUELLER; ELDER, 2003).

Entretanto, não somente a presença das avós na vida dos netos foi destacada pelos resultados do presente estudo, como também se observou o maior número de

mães participantes (70,6%), em comparação ao número de pais (13,7%) ou outros familiares (15,4%).

Mães, avós, tias, irmãs. Ainda são as mulheres aquelas que assumem para si a responsabilidade quase que absoluta pelos ambientes privados da vida. Atribuição esta regida pela cultura e ideologia, as quais implicam ainda na condição do exercício de funções laborais, total absorção das necessidades de cuidado com os filhos, manutenção da casa e outras atividades relativas ao dia a dia das famílias (NEVES, 2013; OIT, 2009). Acredita-se que os resultados do presente estudo também podem ser compreendidos sob esta ótica.

Assim, a massiva participação das mães, mulheres do presente estudo, e ainda, dos resultados referentes à maior aproximação dos netos com suas avós, concorda com a literatura acerca das funções, papéis e marcada presença do feminino nas famílias brasileiras (MIRFIN-VEITCH; BRAY; WATSON, 1997; MUELLER; ELDER, 2003; NEVES 2013; OIT, 2009).

Sobre as variáveis referentes à convivência e os relacionamentos intergeracionais, observou-se que estas apresentaram correlações significativas em todos os grupos participantes do presente estudo. Nos grupos dos professores e dos familiares, por exemplo, ter convivido com idosos na infância se correlacionou com ter convivido com idosos na adolescência. Além disso, no grupo dos professores, ter convivido com idosos na infância se correlacionou com conviver com idosos atualmente, apontando assim para uma tendência à manutenção dos relacionamentos intergeracionais.

Além da convivência propriamente dita, a variável "qualidade da convivência" também apresentou correlações significativas. Sobre ela, nos grupos dos professores e também dos familiares, ter mantido uma convivência "muito boa/ boa" ou "muito difícil/ difícil" com idosos na infância repercutiu em uma convivência com a mesma qualidade na adolescência. Além disso, observou-se ainda, correlação negativa entre a "boa/ muito boa" convivência na infância e a "difícil/ muito difícil" convivência na adolescência, reforçando mais uma vez a tendência de manutenção das relações.

Tais resultados evidenciam que a qualidade dos relacionamentos (positivos ou negativos) com idosos na infância tendem a ser mantidos com atributos similares nas fases de vida subsequentes. Sendo que, quando positivos, há ainda uma diminuição nas chances de ocorrência de relacionamentos negativos, o que foi verificado neste estudo tanto na infância, na adolescência quanto na vida adulta. Assim, estudos futuros que

pudessem confirmar esta tendência e também envolver a participação de idosos, para que desta forma fosse possível verificar se a mesma se mantém ao longo da vida (infância, adolescência, vida adulta e velhice), se fazem necessários.

Ainda quanto a estes resultados, importa destacar que significativamente a maior parte dos participantes relatou relacionamentos positivos com idosos, em fases passadas ou atualmente, sendo que somente uma menor parte declarou manter relacionamentos "difíceis/ muito difíceis" ou "regulares". Tais respostas poderiam estar pautadas na influência do que se considera como socialmente esperadas, contudo, a partir dos dados gerados com as respostas dos três grupos participantes, acredita-se que, uma vez que foram encontradas correlações e comparações significativas entre tais variáveis e as atitudes com relação à velhice apresentadas pelos grupos, pode-se indicar que as respostas dadas não foram determinadas pelo socialmente esperado.

Especificamente no grupo dos professores, observou-se ainda correlação forte e positiva entre a qualidade da convivência com idosos na infância e a qualidade da convivência com idosos não familiares atualmente. Semelhantemente se observou tal resultado referente à fase da adolescência, na qual a qualidade positiva dos relacionamentos com idosos se correlacionou com conviver voluntariamente com idosos atualmente. Tal resultado, mais uma vez, parece indicar que relacionamentos positivos com idosos na infância tendem a favorecer a ocorrência de relacionamentos positivos com idosos nas fases de vida subsequentes para além do contexto familiar, evidenciando assim que crianças e adolescentes, que têm essa oportunidade, ampliarão (ou terão mais chances de ampliar) seu círculo de convívio com idosos pertencentes ou não à família.

Ainda que realizado há quase 20 anos, o estudo de Laney et al. (1999) afirmou que as atitudes com relação à velhice apresentadas na infância tendem a persistir ou ainda maximizar na adolescência, isto é, crianças com atitudes negativas com relação aos idosos, tendem a tornar-se adolescentes cujas atitudes são tão ou ainda mais negativas, sendo que o mesmo aconteceria às atitudes positivas. Os resultados do presente estudo somam elementos para a confirmação desta hipótese.

Nesta mesma direção, o estudo realizado por Aday et al. (1999), apresenta importante contribuição ao afirmar que após cinco anos da participação de crianças em um programa intergeracional, as atitudes apresentadas pelas mesmas com relação à velhice permaneceram elevadas, apontando assim para a manutenção deste aprendizado.

Destarte, como já exposto pelo presente estudo acerca da permanência dos valores intergeracionais adquiridos na infância até a fase adulta (LIEFBROER;

ELZINGA, 2012; MIN; SILVERSTEIN; LENDON, 2012) e também com relação à manutenção da qualidade dos relacionamentos com idosos da infância para a adolescência (LANEY *et al.*, 1999), o presente estudo hipotetiza que conviver positivamente com idosos no período da infância e da adolescência sirva de instrumento para diminuição de preconceito etário, percepção positiva com relação aos idosos e tenha como rebatimento o maior convívio com idosos familiares e não familiares nas demais etapas da vida. Reafirma-se a relevância de que novos estudos que abordem sobre a convivência com idosos (familiares e não familiares) em épocas passadas e no presente são necessários para que se possa compreender mais profundamente a influência desta variável para a continuidade do convívio intergeracional nas fases do ciclo de vida.

Além disso, vale recordar que, no grupo dos professores, a qualidade da convivência atual com idosos, ou mesmo na infância e na adolescência, também apresentou correlação positiva e significativa com o *Escore Total* da Escala Neri de atitudes com relação à velhice. Neri e Jorge (2006) sugerem que a convivência intergeracional seja importante fonte de aprendizagem de atitudes e, nesta direção, a aproximação intergeracional pode ser considerada importante ferramenta de combate ao preconceito contra idosos (ZANON; ALVES; CARDENAS, 2011). Luo *et al.* (2013) apontam ainda que a falta de interação entre as gerações pode contribuir para atitudes mais negativas, uma vez que, segundo os autores, o aumento na interação com idosos repercute em atitudes mais positivas com relação à velhice.

Assim, os resultados apresentados pelo presente estudo também apontam para a necessidade de estudos futuros que possam verificar quais variáveis influenciam ou determinam a qualidade das relações intergeracionais, uma vez que tal qualidade tem influência das atitudes com relação à velhice, como já anteriormente apresentado a partir dos resultados dos participantes.

Neste sentido, afirma-se ainda a importância de ações educativas e aproximação intergeracional na mais tenra idade, a fim de que as atitudes com relação à velhice e aos idosos, formadas na infância bem como os relacionamentos estabelecidos com os mesmos sejam positivos, visto que isto parece ser também determinante para a qualidade dos relacionamentos com idosos nas demais fases da vida.

Quanto à convivência atual, no grupo dos familiares participantes observou-se que a qualidade da convivência com idosos familiares atualmente apresentou correlação com a qualidade da convivência com idosos não familiares, revelando assim que

relações positivas com idosos pertencentes à família estiveram correlacionadas às relações positivas com idosos não pertencentes, assim como o mesmo ocorreu com as relações negativas. Além disso, observou-se correlação negativa entre a "boa/muito boa" relação com idosos familiares e "difícil/muito difícil" relação com idosos não familiares, reforçando assim que a qualidade das relações tende a ser semelhante tanto para idosos familiares como para idosos não familiares.

A maior parte dos estudos encontrados na literatura da área envolve convivência familiar e/ou não distingue o tipo de relacionamento estabelecido com idosos (se familiares ou não). Assim, compreende-se que estes resultados do presente estudo, relativos à convivência com idosos não familiares avançam no conhecimento e apontam questões para estudos futuros.

Quanto ao grupo das crianças participantes, a qualidade dos relacionamentos com os avós apresentou correlação com a frequência do contato e também com a distância entre as moradias de avós e netos. Deste modo, não ver os avós se correlacionou a manter um relacionamento "difícil/ muito difícil" com os mesmos, assim como este tipo de relacionamento também apresentou correlação com a distância da moradia dos avós às casas dos netos, revelando que os alunos que moram mais distantes dos avós têm um relacionamento mais difícil com os mesmos e, os alunos que moram próximos aos avós, têm um relacionamento mais positivo com os mesmos.

Além disso, no grupo dos alunos participantes, a variável "não ver os avós" se correlacionou com o fato dos avós morarem longe. Assim, também se observou correlação significativa entre a frequência de contato com os avós e a distância geográfica entre as casas, sendo que, quanto maior a proximidade das residências maior o contato diário e menor o contato mensal ou anual.

A literatura tem apontado que a frequência do contato com idosos é uma importante variável na influência dos relacionamentos intergeracionais entre avós e netos. Concordando com os achados do presente estudo, os 192 estudantes universitários participantes da pesquisa de Harwood et al. (2015) indicaram que conviver com os avós mais assiduamente repercutia em relacionamentos mais positivos. Os autores concluem assim que os efeitos do convívio e do relacionamento com os avós nas atitudes com relação à velhice emergem a partir da maior frequência de contato.

Ainda sobre a variável frequência de contato, o estudo realizado com 1478 estudantes (11 a 16 anos) da Inglaterra e do País de Gales indicou que a maior frequência prediz maiores níveis de proximidade emocional, importância ao

relacionamento e respeito pela opinião dos avós por parte dos adolescentes (ATTAR-SCHWARTZ; TAN; BUCHANAN, 2009). Sendo que, quanto aos benefícios gerados aos idosos, o bem estar emocional e psíquico na velhice também pode estar relacionado à frequência de contato com filhos e netos (GOLDFARB; LOPES, 2006).

Conforme os apontamentos da literatura e também dos achados do presente estudo referentes à importante correlação entre frequência de contato/ qualidade do contato e distância entre as casas de avós e netos, outros estudos têm sido realizados com o objetivo de minimizar as consequências negativas sobre morar distante dos avós. Dentre eles, o estudo australiano realizado por Vetere et al. (2009), com o objetivo de explorar meios que possibilitassem a interação entre avós e netos mesmo que separados pela distância, apontou que atividades intergeracionais apresentam, de distintas formas, características positivas que propiciam o estreitamento das relações entre avós e netos, a medida que estes compartilham lembranças e histórias de vida. Nessa direção, o estudo realça que novas pesquisas devem ser realizadas com o objetivo de explorar diferentes tecnologias e programas que aproximem avós e netos e proporcionem interações intergeracionais ainda que geograficamente distantes (VETERE et al., 2009).

Dada a importância dos resultados encontrados entre as variáveis "frequência de contato", "qualidade dos relacionamentos" e "distância entre as casas de avós e netos" encontrada pelo presente estudo, visto que tratou-se de um estudo realizado em uma cidade de médio porte do interior do estado de São Paulo, onde a maior parte dos alunos participantes declarou residir próximo dos avós e ter contato frequente com os mesmos, acredita-se que novos estudos em outras regiões de diferentes conformações se fazem necessários para que seja possível identificar acerca desta realidade nas mais diversas regiões, dada a importância do tema para a qualidade dos relacionamentos intergeracionais e também para que seja possível vislumbrar ações de aproximação entre as gerações em diferentes cenários brasileiros.

Importa destacar ainda, que a frequência de contato apresentou-se como importante variável para a qualidade dos relacionamentos estabelecidos entre idosos e crianças, mas não se configurou como variável influente na qualidade dos relacionamentos entre idosos e os adultos participantes do presente estudo. Assim, hipotetiza-se que tal variável seja relevante para os relacionamentos na infância, os quais, pode-se dizer, estão em formação e consolidação dos laços, enquanto o mesmo não se daria na fase de vida adulta, na qual já se têm um histórico de relacionamentos

intergeracionais com idosos familiares. Novos estudos nesta direção poderão contribuir para a confirmação ou negação de tal hipótese.

Destarte, conclui-se que os resultados apontados nesta subseção revelaram que a convivência e a qualidade desta convivência com idosos na infância, na adolescência e atualmente estiverem correlacionadas entre si. Além disso, tanto as análises comparativas, quanto às correlacionais, apontaram para resultados significativos entre estas variáveis e as atitudes de pessoas com relação à velhice. Destarte, o presente estudo sugere a ocorrência de um ciclo virtuoso (ou perverso), no qual o contato com idosos, a qualidade dos relacionamentos e as atitudes com relação à velhice se interconectam e regem os relacionamentos intergeracionais em todas as fases do ciclo de vida.

Assim, reforça-se novamente para a importância de se oportunizar maior convívio com idosos desde a infância, atentando para a qualidade deste convívio, para que as relações intergeracionais sejam mais amplamente exercidas e para que as atitudes de pessoas com relação à velhice tornem-se mais positivas.

5.3 Conhecimentos com relação à velhice e Educação Gerontológica

O direito à educação no Brasil tem previsão constitucional específica. É reconhecido como o primeiro dos direitos sociais e tem o Estado, a família e a sociedade como os principais agentes responsáveis, exercendo ações e intervenções que confirmam efetividade ao seu cumprimento. Contudo, ao direito à educação deve-se atrelar a qualidade conferida à mesma, que por sua vez também consta como prescrição constitucional (UNESCO, 2018).

Nesta direção, assegurar a educação como direito, perpassa a responsabilidade de ensinar a ler, escrever ou calcular, mas significa garantir ainda que toda criança tenha condições e meios para se desenvolver mentalmente, adquirir conhecimentos e valores morais que auxiliem na adaptação e experiências da vida social, de forma que, a educação seja um importante ator na construção e alargamento da cidadania (UNESCO, 2018). Além disso, a educação pode minimizar desigualdades, melhorar as condições de vida das pessoas além de promover diferentes benefícios sociais (PATROCÍNIO; TODARO, 2012). Destarte, cabe a ela a responsabilidade no cumprimento do papel social de contribuir para a formação de valores e atitudes que transformem os alunos em

cidadãos solidários, críticos e participativos, numa atmosfera que abrigue e respeite a diversidade e favoreça a inclusão (ZANON; ALVEZ; CARDENAS, 2011).

O investimento apropriado em ensinamento de valores morais para crianças pequenas tem sido observado como interesse político e social por todo o mundo, uma vez que tais ensinamentos são críticos para resultados sociais positivos, tais como a maior tolerância, respeito e coesão nas sociedades (BROWNLEE et al., 2015). No Brasil tal preocupação pode ainda ser visualizada a partir do atual Plano Nacional de Educação (PNE), com vigência de 2014 a 2024, o qual apresenta no Artigo 2º da Lei 13.005 de 25 de junho de 2014, ser diretriz do PNE "a formação para o trabalho e para a cidadania, com ênfase nos valores morais e éticos em que se fundamenta a sociedade" (BRASIL, 2014, p. 43). Especificamente com relação aos idosos, o documento (PNE) informa ainda como estratégia para o cumprimento de uma das metas:

"considerar, nas políticas públicas de jovens e adultos, as necessidades dos idosos, com vistas à (...) implementação de programas de valorização e compartilhamento dos conhecimentos e experiência dos idosos e à inclusão dos temas do envelhecimento e da velhice nas escolas." (BRASIL, 2014, p. 69).

Além disso, outros dois importantes documentos, a Política Nacional do Idoso (BRASIL, 2010) e o Estatuto do Idoso (BRASIL, 2013), indicam a importância da educação e integração dos idosos com demais gerações.

A Política Nacional do Idoso (BRASIL, 2010) ao citar o tema envelhecimento sob a perspectiva das Políticas Públicas internacionais, elenca dezoito princípios adotados em favor das pessoas idosas, dentre os quais consta, quanto à participação dos idosos, "a criação de um ambiente propício para que possam compartilhar suas experiências com outras gerações e se socializarem" (BRASIL, 2010, p.18). De modo similar, o artigo terceiro da Lei 10.741 de 1º de outubro de 2003 encontrada no Estatuto do Idoso consta a "viabilização de formas alternativas de participação, ocupação e convívio do idoso com as demais gerações" (BRASIL, 2013, p.12). Além disso, importa ressaltar que tal estatuto prevê ainda a transmissão de conhecimentos e vivências, com o objetivo de preservação da memória e da identidade culturais, por meio dos idosos às demais gerações (BRASIL, 2013).

Destarte, a educação gerontológica faz-se imprescindível e tem garantia política, para a redução de mitos e estereótipos sobre a velhice, promoção de integração das

gerações e ampliação do conhecimento sobre o processo do envelhecimento por meio da educação formal, isto é, pelo prisma do ensino e da aprendizagem escolar, ou ainda em diferentes contextos, como o lar e a comunidade, para diferentes populações e ao longo da vida (LUO et al., 2013; PATROCÍNIO; TODARO, 2012).

Os resultados da presente pesquisa sobre este assunto revelam que cerca de metade dos professores participantes afirmaram nunca ter realizado abordagens de cunho gerontológico na escola, enquanto a outra metade indicou tê-lo feito de modo esporádico no último ano, isto é, uma ou duas vezes apenas, sendo que tais abordagens foram realizadas majoritariamente por meio de conversas. Importa destacar que, além disso, o presente estudo também revelou que todos os professores participantes relataram acreditar ser de suma importância a abordagem do tema no ambiente escolar, sendo que os mesmos também identificaram o quanto o tema é pouco focalizado ou mesmo negligenciado. Revelando assim que apesar do reconhecimento dos professores sobre a importância da abordagem do tema no ambiente escolar e, embora o tema seja previsto e contemplado pelo PNE, o que se vê é a não efetivação de tal prática.

Quanto à percepção dos alunos participantes, 31,8% dos estudantes afirmaram que o tema nunca foi abordado, enquanto 27,6% dos familiares também fizeram tal afirmação. Assim, tanto professores, como pais/ familiares e alunos participantes do presente estudo, parecem concordar que o tema é pouco focalizado ou não é focalizado no contexto escolar. Tais resultados corroboram os achados da literatura nacional e internacional, os quais indicam que os professores de nível fundamental ou médio pouco abordam a temática nas escolas, apesar do PNE, no caso do Brasil, prever tal abordagem (ALVES; VIANA, 2010; BRASIL, 2014; FINDLER, 2007; HUANG, 2012; LICHTENSTEIN, et al., 2001; ZANON; ALVES; CARDENAS, 2011).

De modo semelhante ao encontrado pelo presente estudo, uma pesquisa realizada com 123 alunos da sexta série de uma escola estadual do Paraná, apontou que 35% dos estudantes relataram nunca ter participado de atividades/ensinamentos sobre a velhice/ o envelhecimento na escola (GVOZD; DELLAROZA, 2012).

Na mesma direção, Zanon, Alves e Cardenas (2011), ao buscarem identificar as atitudes de alunos do ensino fundamental e médio com relação à velhice e, identificar ações desenvolvidas pela escola voltadas à intergeracionalidade e à formação de hábitos, valores e atitudes com relação à velhice, constataram a inexistência de atividades escolares sobre o tema nas escolas de ensino fundamental e médio brasileiras participantes de seu estudo.

Também concordando com tais apontamentos, o estudo realizado por Alves e Viana (2010), o qual analisou as propostas pedagógicas de oito escolas públicas do Distrito Federal, indicou que em nenhuma delas foram encontradas propostas de projetos pedagógicos que abordassem temas referentes aos idosos ou à aproximação de gerações. Do mesmo modo, a pesquisa internacional realizada por Huang (2012), indicou que tanto os professores Taiwaneses, como os Americanos e os Japoneses fazem poucas abordagens do tema no ambiente escolar.

Outro importante resultado do presente estudo se refere à ausência de correlação encontrada entre as atitudes dos alunos e a abordagem do tema no ambiente escolar, visto que, aqueles que relataram ter participado de atividades de cunho gerontológico nas escolas não apresentaram atitudes mais positivas com relação à velhice que os demais. Tal resultado não confirma a hipótese levantada pelo presente estudo sobre a correlação entre atitudes de crianças com relação à velhice e a participação das mesmas em ações gerontológicas no ambiente escolar. Desta forma, problematiza-se sobre a escassez do tema na escola, visto que as abordagens realizadas parecem ter sido tão pontuais que não implicaram em mudanças nas atitudes com relação à velhice das crianças que delas participaram.

Cottle e Glover (2007) relatam que nos Estados Unidos, estudos têm apontado que a prevalência do preconceito etário tem sido notada em crianças desde os quatro anos de idade, em jovens, em pessoas que trabalham com idosos e até mesmo entre os próprios idosos. Por esta razão os autores defendem a importância de que tópicos relacionados ao envelhecimento devem estar presentes no currículo escolar, com o objetivo de se aprimorar conhecimentos e atitudes sobre a velhice.

Contudo, ainda que notadamente o presente estudo possa concluir acerca da necessidade de ampliação das propostas de ensino gerontológico no ambiente escolar, alguns dos professores participantes relataram já haver desenvolvido práticas com seus alunos sobre o tema. Os resultados encontrados revelam que dentre estas, a apresentação de filmes, a leitura de livros, a contação de histórias ou mesmo a proposição de contatos e interações intergeracionais, estão entre as ações exercidas, sendo que uma parcela dos alunos participantes confirmou haver participado das mesmas. Entretanto, há que se destacar que tais ações parecem refletir uma realidade pontual do exercício de propostas de cunho gerontológico nas escolas, dado o expressivo número de professores que relatou nunca ter abordado o tema e visto ainda que aqueles que o fizeram indicaram a frequência de uma ou duas vezes no ano somente.

Sobre tais professores, observa-se a partir dos relatos sobre as abordagens já realizadas, que eles possuem ideias do que fazer e também o desejo de implementá-las. Dessa forma, hipotetiza-se que diante do interesse dos professores, talvez um acompanhamento inicial, que pudesse auxiliar na identificação de abordagens junto aos alunos, associado à definição de como realizá-las ao longo do ano letivo, pudesse já ser o suficiente para que tais ações fossem incorporadas às práticas escolares. Nesta direção, seria possível que universidades e organizações voltadas para as reflexões sobre a terceira idade pudessem contribuir na mediação deste processo inicial, ou ainda, acredita-se que estudos de intervenção poderiam suprir tais necessidades imediatas.

Sobre as diferentes abordagens relativas à educação gerontológica realizadas nas escolas, a literatura internacional indica que apesar de diversas pesquisas buscarem identificar os efeitos da educação gerontológica nas atitudes e conhecimento de pessoas com relação à velhice, não há um consenso sobre qual o melhor método e abordagem, sugerindo assim que os melhores programas parecem ser aqueles que combinam variados métodos de aprendizado e ensino, como a identificação da percepção dos estudantes, a aproximação dos mesmos com práticas, etc. (SARABIA-COBO; PFEIFFER, 2015).

No entanto, embora não haja um consenso sobre o melhor modelo, no geral tais intervenções têm o potencial de aprimorar conhecimento, habilidades e atitudes de pessoas com relação aos idosos, além de promover melhoras nas relações intergeracionais, na concepção do próprio processo de crescimento e envelhecimento, dentre outras (DUNHAM; CASADONTE, 2009; FEMIA et al., 2008; GVOZD; DELLAROSA, 2012; LICHTENSTEIN et al., 2001; LUO et al., 2013; SARABIA-COBO; PFEIFFER, 2015). Como exemplo de tais práticas, especificamente sobre a participação de idosos em programas escolares, Dunham e Casadonte (2009) afirmam que programas voluntários com idosos podem repercutir em efeitos positivos nas atitudes das crianças com relação à velhice, ainda que o propósito dos mesmos não seja a mudança de atitudes especificamente ou mesmo sem que haja um treinamento específico/ módulo curricular sobre idosos ou envelhecimento (DUNHAM; CASADONTE, 2009).

Nesta mesma direção, autores têm afirmado que a interação com idosos (que não os avós) no período da infância e da adolescência pode desempenhar um importante papel de combate ao preconceito etário, melhora nas atitudes com relação à velhice, promoção da integração intergeracional, valorização das diferentes fases do ciclo de

vida, aumento dos níveis de aceitação social, empatia intergeracional e melhora no status de saúde dos idosos (FEMIA et al., 2008; LICHTENSTEIN, et al., 2001; LUO et al., 2013; SOUZA, 2003). Assim, mais uma vez o presente estudo reforça a importância de estudos futuros que possam realizar diferentes tipos de intervenções nas escolas para que seja possível vislumbrar possibilidades de melhores ferramentas e conteúdos capazes de promover todo o benefício que tais práticas têm de potencial, dentro das condições vivenciadas pelos professores e escolas brasileiras.

Outro resultado revelado pelo presente estudo, que merece ser destacado, reforça o quanto os próprios professores parecem ser os principais responsáveis por fornecer este tipo de conhecimento nas escolas, uma vez que, segundo a opinião dos estudantes participantes, tais aprendizados provêm majoritariamente via professor. Nesta mesma direção, pesquisas têm indicado sobre o potencial que professores/ educadores possuem para influenciar a imagem que os alunos têm acerca do envelhecimento (ALVES; VIANA, 2010; GVOZD; DELLAROSA, 2012; MAZUTTI; SCORTEGAGNA, 2006). Destarte, dada a realidade mundial de envelhecimento da população e o papel primordial que os professores têm na formação da opinião de seus alunos quanto aos mais diversos aspectos da vida, destaca-se que se faz necessário maior incentivo e ampliação das possibilidades de acesso dos professores ao tema velhice/envelhecimento.

Especificamente sobre os conteúdos oferecidos pelos professores aos alunos, os resultados do presente estudo revelaram que a maioria dos professores participantes nunca leu livros ou participou de cursos sobre o assunto, assim, problematiza-se quanto às possibilidades de informações que os mesmos oferecem aos alunos sobre o tema por ocasião das abordagens já realizadas, de quais lugares proveriam tais informações, como se dá o acesso às mesmas, dentre outros. Hipotetiza-se assim, que as ferramentas utilizadas proveriam principalmente das vivências, do senso comum, dentre outras, o que pode apontar para possíveis fragilidades de tais abordagens.

Conforme já apontado anteriormente com relação aos resultados deste estudo, os quais se somam aos achados de outras pesquisas da área relativas a pouca abordagem gerontológica nas escolas e, à inexistência de temas relacionados à velhice nas propostas pedagógicas e currículos escolares de escolas públicas brasileiras (ZANON; ALVES; CARDENAS, 2001; ALVES; VIANA, 2010), hipotetiza-se que as poucas ações educativas citadas pelos professores do presente estudo ou mesmo observadas em outros estudos, sejam fruto de ações de educação gerontológicas pontuais ocorridas em

determinado ano escolar das instituições e por iniciativa pessoal de determinados profissionais. Tal hipótese faz diálogo com os resultados revelados pelo presente estudo relativos ao interesse, reconhecimento da relevância e desejo dos professores em implementar práticas educativas.

Sobre a possível ocorrência de práticas pontuais de educação gerontológica observadas no presente estudo e também citadas na literatura da área, autores têm apontado que embora a iniciativa individual de alguns professores quanto à abordagem do tema no ambiente escolar seja de grande valor, reconhece-se que tais ações isoladamente não satisfazem as necessidades educativas de formação dos estudantes quanto à complexidade e dimensão do tema, uma vez que não compreendem o ensino da totalidade dos alunos (ALVES; VIANA, 2010; GVOZD; DELLAROSA, 2012; HUANG, 2012; ZANON; ALVES; CARDENAS, 2011).

Assim, embora a literatura nacional e internacional aponte para a importância de contatos intergeracionais e ações de educação gerontológica nas escolas, para a promoção de atitudes mais positivas por parte dos alunos, para a construção de uma imagem positiva com relação à velhice e para a criação de um espaço onde a solidariedade, o cuidado compartilhado e a diversidade possam ser exercidos e respeitados, observa-se que, a partir do presente estudo e dos demais estudos aqui apontados, vem se evidenciando que tais ensinamentos parecem não fazer parte das agendas curriculares das escolas brasileiras (ALVES; VIANA, 2010; GVOZD; DELLAROSA, 2012; MAZUTTI; SCORTEGAGNA, 2006; ZANON; ALVES; CARDENAS, 2011).

Os professores participantes do presente estudo relataram ainda que a maior parte dos alunos não fazem questionamentos sobre o tema (somente 15% dos alunos o fazem), sendo que, em concordância com este resultado, somente 20% dos alunos relatou ter dúvidas sobre o envelhecimento/ a velhice. Tal questão alerta para a falta de estímulo e reflexão quanto ao assunto e remete ainda à realidade da pouca ou inexistente abordagem sobre o tema na escola. Assim, hipotetiza-se que os alunos não são/foram estimulados a pensarem/ refletirem sobre o assunto em sua família, comunidade ou escola, e que a ampliação de tal abordagem nos ambientes de vivência dos alunos poderiam propiciar uma maior reflexão sobre o tema.

Pelo exposto, destaca-se sobre a relevância e potencialidade das propostas aqui apresentadas relativas às possibilidades de apoios externos, como pesquisas de intervenção, universidades ou outros atores envolvidos na discussão e promoção de

qualidade de vida junto à terceira idade, para a ampliação da rede de professores e escolas na elaboração e abordagem de assuntos referentes à velhice e ao envelhecimento.

Quanto aos desafios implicados no enfoque de conteúdos gerontológicos no ambiente escolar, os professores participantes do presente estudo citaram a falta de tempo, o número excessivo de conteúdos a ser trabalhado, o currículo pedagógico atual, a falta de materiais, conteúdos e ferramentas de auxílio, a falta de formação dos professores, dentre outros. Ademais, os discursos deixam claro, o quanto possíveis parcerias para abordagem do tema e a disponibilização de tais auxílios, aumentaria sobremaneira as chances de abordagem do mesmo. Nesta direção, estudos futuros realizados com professores como avaliadores de possíveis recursos a serem utilizados, como uma pesquisa intervenção, significaria importante contribuição para diminuição destes desafios e ampliação das possibilidades.

Assim, embora o atual Plano Nacional de Educação contemple abordagens gerontológicas na escola, os resultados referentes aos desafios atrelados à efetivação de tais abordagens remete à necessidade de condições específicas para tal, como a oferta de materiais e conteúdos, cursos de formação específicos, organização da grade curricular para possibilidade de carga horária, bem como outras ações de caráter social, como campanhas de esclarecimentos às gerações e divulgação fidedigna sobre o assunto nos meios de comunicação, haja vista a influência da mídia na formação das atitudes de pessoas com relação à velhice.

Especificamente sobre a falta de formação citada pelos professores, importa ainda recordar, que a pontuação média dos participantes do presente estudo no Questionário de Conhecimentos sobre a velhice foi de 39,7% de acerto do questionário, o que pode ser considerado como uma pontuação implicada em baixo conhecimento sobre o assunto, de acordo com a classificação da pontuação do questionário utilizada por Huang (2012).

Embora não tenha sido possível localizar estudos nacionais que abordassem especificamente acerca dos conhecimentos de professores do ensino fundamental com relação à velhice e aos processos do envelhecimento, foi localizado um estudo internacional (HUANG, 2012), o qual realizou tal análise a partir da utilização do mesmo questionário utilizado neste estudo. Desta forma, os achados do presente estudo, relacionados a esta variável, serão discutidos com o estudo internacional citado, cujos participantes também exerciam a profissão de professores (equivalente ao ensino

fundamental brasileiro) e; a partir dos estudos nacionais realizados com o mesmo instrumento e com populações de faixa etária similar a dos participantes do presente estudo, mas que exerciam ocupações diferentes (CACHIONI, 2002; NERI; JORGE, 2006).

Quanto às pesquisas nacionais, o estudo realizado por Neri e Jorge (2006), o qual contou com a participação de 277 alunos dos cursos de pedagogia, educação física, enfermagem e medicina, afirmou que o percentual de acerto médio dos estudantes foi de 41%, valor este muito semelhante ao observado com o grupo de professores participantes do presente estudo. Já o estudo realizado por Cachioni (2002) com professores de Universidades da Terceira Idade, revelou média de acerto no mesmo instrumento de aproximadamente 50%, relativamente superior ao encontrado pelo presente estudo e pelo estudo supracitado.

Já a literatura internacional, ao discorrer sobre o tema, parece indicar que os professores de outros países possuem maiores conhecimentos sobre o assunto envelhecimento/ velhice. O estudo realizado por Huang (2012), por exemplo, o qual objetivou comparar o conhecimento de professores taiwaneses, japoneses e americanos, por meio do questionário Palmore de conhecimentos sobre a velhice (PALMORE, 1988), apontou que a média de acerto dos 1038 professores do ensino fundamental participantes foi de 57,3%, sendo que tal média apresentou-se como inferior às obtidas pelos professores americanos e japoneses a partir das análises de comparação propostas pelo estudo. Tais resultados internacionais parecem sugerir que os professores brasileiros conhecem ainda menos sobre a velhice do que seus pares americanos, japoneses ou taiwaneses, visto que a média de acerto no presente estudo foi de 39,7% apenas.

Importa destacar que o questionário de conhecimentos sobre a velhice utilizado pelo presente estudo (Questionário Palmore-Neri-Cachioni), foi traduzido e validado para o Brasil a partir do questionário original desenvolvido por Palmore (1988), chamado de "Facts on Aging Quiz", o qual também foi utilizado no estudo de Huang (2012) e que, segundo o autor, já serviu de instrumento para mais de 150 pesquisas. Entretanto, há que se destacar que de forma geral o conhecimento das populações avaliadas pelos diferentes estudos que fizeram uso do instrumento foi no máximo mediano (CACHIONI, 2002; FERREIRA; RUIZ, 2012; HUANG, 2012; NERI; JORGE, 2006). No caso dos participantes do estudo responsável pela tradução e validação do instrumento no Brasil, este resultado surpreende ainda por se tratarem de

professores de universidades da terceira idade. Desta forma, hipotetiza-se sobre o pouco conhecimento que no geral as diferentes populações possuem quanto à velhice, ou ainda sobre a sensibilidade e congruência do instrumento na representação da propriedade/ traço avaliados.

Especificamente quanto ao acerto por Domínios avaliados no instrumento, observou-se que nos estudos brasileiros citados e também no presente estudo, todos os participantes obtiveram maior índice de acerto nas questões referentes à força física dos idosos, à eficiência para o trabalho, à velocidade para as reações e à valorização das amizades (itens 6, 9, 14 e 15 do questionário), assim como os itens relativos aos *Domínios Psicológico* e *Social* do instrumento foram os menos pontuados (CACHIONI, 2002; FERREIRA; RUIZ, 2012; NERI; JORGE, 2006). Tal resultado evidencia o que parece ser comum ao conhecimento de diferentes populações brasileiras e também o quanto o assunto ainda é pouco conhecido por professores ou outros atores de diferentes áreas, o que implicaria talvez para uma realidade expressiva à significativa parcela da sociedade brasileira.

O fato dos *Domínios Psicológico* e *Social* serem os menos acertados chama a atenção ainda para o quanto os conhecimentos que se têm sobre a velhice/ o envelhecimento estão mais limitados ao enfoque de questões físicas e, uma vez que os domínios psicológico e social estão mais distanciados de possibilidades de ameaça à vida (por corresponderem mais intimamente à qualidade de vida), parece não haver oferta para tais conhecimentos na realidade brasileira. Outros estudos envolvendo diferentes populações podem contribuir e avançar quanto a esta perspectiva.

Sobre a possível correlação entre o conhecimento e as atitudes de professores quanto à velhice, recorda-se que não foram encontrados resultados significativos nos testes de correlação entre tais variáveis a partir dos resultados apresentados pelos participantes do presente estudo, fato este que não confirmou uma das hipóteses do presente estudo quanto à correlação entre atitudes e conhecimentos sobre a velhice de professores do ensino fundamental. Corroborando tal achado, vários estudos internacionais realizados com pessoas adultas também têm apontado para ausência de correlação entre as atitudes com relação à velhice (sendo esta frequentemente avaliada por meio de uma escala de diferencial semântico) e, conhecimentos básicos sobre a velhice (variável esta, avaliada por meio do Questionário Palmore, em todos os estudos encontrados).

Esta ausência de correlação tem gerado surpresa entre os pesquisadores e levantado diferentes hipóteses quanto ao assunto. Cottle e Glover (2007), por exemplo, em estudo realizado com 253 estudantes universitários, o qual não encontrou correlação significativa entre as variáveis atitudes e conhecimentos com relação à velhice, hipotetizou que as concepções acerca da velhice parecem formar as atitudes independentemente do conhecimento que se tem sobre o assunto. Além disso, os autores hipotetizaram ainda que as atitudes com relação à velhice possam ser aprimoradas quando estudantes são expostos a uma quantidade limitada de conteúdos, focalizando, por exemplo, o desenvolvimento do curso de vida e não uma exposição muito extensa e técnica do assunto (COTTLE; GLOVER, 2007).

Também em concordância com os achados do presente estudo, a pesquisa de Huang (2012), a qual também utilizou uma escala de diferencial semântico com pontuação do tipo *Likert* para verificação das atitudes com relação à velhice e; o questionário Palmore de conhecimentos sobre a velhice, revelou que apesar dos participantes, professores de ensino fundamental, possuem menor nível de conhecimento sobre aspectos da velhice que seus pares americanos, os mesmos apresentavam atitudes muito mais consistentes, indicando assim que talvez não haja correlação entre tais variáveis.

Já o estudo realizado por Aud et al. (2006), encontrou que as atitudes dos estudantes universitários participantes se tornaram mais negativas após a participação em um curso sobre envelhecimento/ velhice. A partir destes resultados inesperados, os autores levantam questões sobre o método usado para avaliação das mudanças de atitudes ou fatores externos que podem ter ocorrido e impactado nas atitudes dos estudantes.

Nesta mesma direção, Uysal et al. (2014) encontraram atitudes mais negativas, em estudantes que participaram de cursos contra discriminação étnica, conforme o avançar do curso. Entretanto os autores indicaram que os alunos que residiam com os avós apresentaram atitudes mais positivas, hipotetizando assim, que os relacionamentos intergeracionais estariam mais diretamente implicados na melhora das atitudes do que o conhecimento específico sobre a velhice.

De forma semelhante aos apontamentos de Uysal et al. (2014), Dussen e Weaver (2009), os quais investigaram as atitudes e conhecimentos com relação à velhice de 546 alunos universitários, apontaram que as atitudes dos estudantes estão correlacionadas ao

contato e qualidade do contato com idosos, mas não apresentam correlação com a participação em cursos sobre a velhice.

Assim também, Gellis et al. (2003) ao examinarem atitudes e conhecimentos de estudantes universitários, encontraram que os conhecimentos não estavam significativamente correlacionados às atitudes. Sobre o achado, os autores hipotetizaram que talvez a ocorrência de correlação aconteça após uma intervenção curricular que amplie o conhecimento com relação à velhice.

Em contrapartida, Yu e Chen (2012), em seu estudo quase-experimental com 83 estudantes, o qual verificou as atitudes e conhecimentos sobre a velhice antes e após uma unidade de intervenção, apontaram melhora nas atitudes e também nos conhecimentos dos estudantes.

De forma semelhante, Sarabia-Cobo et al. (2015), ao realizarem um estudo de intervenção sobre educação gerontológica para estudantes, indicou que treinamento específico em gerontologia tem o potencial de aprimorar atitudes com relação à velhice. Entretanto, vale destacar que tais autores apontaram para a necessidade de novas pesquisas para que seja possível verificar quais seriam as estratégias de ensino mais eficazes em influenciar as atitudes, visto que na literatura não há consenso sobre quais cursos ou estratégias implicam na melhora de atitudes com relação à velhice.

Luo et al. (2013) afirmam que o preconceito etário é originado pela falta de entendimento sobre a velhice ou os idosos. Por meio de um estudo comparativo entre as atitudes de estudantes Chineses e Estadunidenses sobre a velhice, os autores concluíram que os alunos americanos possuíam atitudes mais positivas que os chineses. Segundo os autores, tal resultado estaria implicado na realidade de que nos EUA a maioria dos estudantes tem a opção de cursar alguma disciplina sobre gerontologia, enquanto seus pares chineses só têm essa opção nos cursos específicos de gerontologia, a partir do que hipotetizam que a falta de um currículo gerontológico pode impedir o entendimento de estudantes sobre os idosos, o que repercutiu em diferenças nas atitudes com relação à velhice.

Desta forma, observa-se que não há consenso na literatura quanto à correlação encontrada entre atitudes e conhecimentos com relação à velhice em adultos. Entretanto, vale destacar que um número considerável de estudos encontrados com populações de pessoas adultas, apontou para ausência de correlação entre estas variáveis. Tal achado surpreende e tem gerado diferentes hipóteses tais como: as atitudes se formam independente do conhecimento; as atitudes são aprimoradas mediante a uma exposição

delimitada do conhecimento; os métodos utilizados para avaliação das atitudes talvez não esteja sendo o mais eficaz; os relacionamentos intergeracionais, bem como a qualidade dos mesmos, implicariam mais diretamente nas atitudes do que os conhecimentos que se possui sobre o assunto e; as estratégias de ensino utilizadas pelos estudos talvez não tenham sido as mais eficazes (AUD et al. 2006; COTTLE; GLOVER, 2007; DUSSEN; WEAVER, 2009; GELLIS et al., 2003; SARABIA-COBO, 2015; UYSAL et al., 2014).

O presente estudo concorda com as hipóteses levantadas pela literatura e acrescenta ainda a possibilidade de que haja uma limitação no instrumento utilizado para verificação de conhecimentos quanto à velhice, visto que todos os estudos utilizaram o mesmo instrumento e encontraram resultados semelhantes. Nesta direção, novos estudos que fizessem uso de formas variadas de avaliação dos conhecimentos com relação à velhice podem contribuir.

Embora esta ausência de correlação entre atitudes e conhecimentos tenha se dado no presente estudo e também nos demais que envolveram outras populações de pessoas adultas, inúmeros estudos realizados com outras faixas etárias, têm afirmado acerca dos benefícios que programas de educação gerontológica direcionados às crianças em idade escolar, por exemplo, causam nas atitudes e comportamentos das mesmas quanto à velhice e aos idosos. Contudo, importa destacar, que tais estudos não realizaram avaliações quanto a melhora efetiva dos conhecimentos das crianças quanto ao assunto, mas somente a verificação da melhora das atitudes após a participação de cursos de educação gerontológica (ADAY et al., 1996; DUNHAM; CASADONTE, 2009; FEMIA et al., 2008; LANEY et al., 1999; TODARO, 2008).

Da mesma forma, o presente estudo não verificou os conhecimentos das crianças participantes quanto à velhice e conseqüentemente não considerou a possível correlação entre as duas variáveis. No entanto, ainda que isto não tenha se dado no presente estudo, hipotetiza-se que o conhecimento gerontológico oferecido a crianças e adolescentes tenha maior potencial de alterar atitudes com relação à velhice do que em outras faixas etárias, nas quais as concepções sobre o assunto já estão mais consolidadas. Visto que, conforme apontado pela literatura da área, crianças e adolescentes encontram-se em uma fase especial de formação de atitudes, estando assim, mais propensas à adesão de novas visões e concepções do que os adultos, além das comprovações encontradas na literatura sobre a melhora das atitudes de crianças e adolescentes quando expostas a conteúdos gerontológicos ou programas intergeracionais em ambiente escolar (ADAY

et al., 1996; DUNHAM; CASADONTE, 2009; HERRERA, 2000; LANEY et al., 1999; SARABIA-COBO et al., 2015; SOUZA, 2003; TODARO, 2008; YU; CHEN, 2012).

Outro importante achado do presente estudo revelou comparação e correlação significativa entre ter abordado o tema velhice/envelhecimento em sala de aula e atitudes com relação à velhice, significando assim que os professores que relataram realizar abordagens do tipo com os alunos, efetivamente apresentaram atitudes mais positivas com relação à velhice. Além disso, foi observada correlação entre a qualidade dos relacionamentos com idosos na adolescência e também atualmente, com o fato dos professores já terem trabalhado o tema "velhice/envelhecimento" na escola.

Tais achados concordam com a literatura internacional, a qual tem afirmado que professores com atitudes mais positivas com relação à velhice, são mais propensos a trabalhar sobre o tema com seus alunos, sendo que desta forma, suas atitudes parecem desempenhar um papel mais importante na implementação de educação gerontológica nas escolas do que o próprio conhecimento dos professores quanto ao assunto (HUANG, 2012). Entretanto, assim como encontrado pelo presente estudo, os professores participantes da pesquisa de Huang apresentaram pouco conhecimento sobre o assunto (após preenchimento do questionário Palmore), o autor hipotetiza, desta forma, quanto à fidedignidade dos conhecimentos expostos aos alunos. Os resultados do presente estudo somam e concordam com tal hipótese.

Ademais, visto que a qualidade do relacionamento com idosos se correlacionou com as atitudes com relação à velhice; que as atitudes se correlacionaram com a disposição dos professores em oferecer conteúdos aos alunos e; que os professores do presente estudo possuem pouco conhecimento sobre os processos relativos ao envelhecimento/ envelhecer, reforça-se a relevância da implementação de práticas de educação gerontológicas o mais precocemente possível, além da necessidade de ampliação na oferta de conhecimentos aos professores e estímulo de integrações intergeracionais.

Observa-se ainda que as análises de comparação realizadas pelo presente estudo revelaram que os familiares participantes que indicaram acreditar ser importante a abordagem frequente do tema na escola, também apresentaram atitudes mais positivas com relação à velhice. Embora o presente estudo não tenha investigado acerca dos conhecimentos dos familiares participantes sobre a velhice, observou-se que estes oferecem ensinamentos sobre o tema aos alunos a partir de cenas visualizadas na

televisão, sendo que tal variável se correlacionou a também aprender sobre o assunto a partir de cenas/ programas televisivos.

Sobre a influência da mídia na concepção de pessoas quanto à velhice, um estudo realizado sobre o preconceito etário no Brasil, evidencia o quanto o país possui este tipo de preconceito e o estampa em diferentes veículos, como a televisão, os quais influenciam a visão e concepção sobre a velhice nas mais diversas populações brasileiras. Deste modo, a mídia e a sociedade brasileira reforçam expressões de preconceito etário cotidianamente, expressões estas que vinculam o envelhecimento ao "feio", ao "acabado", ao "improdutivo", ao "vagaroso" (GOLDANI, 2010). Assim, a partir de tais apontamentos, observa-se que aprender ou ensinar a partir do que é transmitido pela mídia pode não corresponder à oferta de conteúdos fidedignos sobre o assunto.

Desta forma, visto que a família deve atuar como corresponsável pelo exercício da educação e assumir então a obrigação de se colocar à disposição do processo educativo (UNESCO, 2018), a ampliação da oferta de contato com o tema e maiores esclarecimentos sobre o assunto também aos familiares, poderiam aprimorar a transmissão de valores e convívio positivo entre as gerações e; dirimir concepções errôneas ou de preconceito etário observado na sociedade brasileira.

Ainda sobre o assunto, outro importante resultado do presente estudo, que reforça tais achados, foi a indicação de professores, familiares e alunos sobre o desejo que possuem de que a escola amplie a abordagem do tema para que desta forma haja um maior entendimento acerca das complexidades que envolvem a velhice e conseqüentemente o aprimoramento nas capacidades de crianças, jovens e adultos em relacionarem-se com idosos. Sendo que, conforme já apontado, tais benefícios provocados pela educação gerontológica têm sido comprovados pela literatura da área como seguros e positivos, para mudança de atitudes e também para ampliação do conhecimento com relação à velhice (DUNHAM; CASADONTE, 2009; HERRERA, 2000; SARABIA-COBO et al., 2015; SOUZA, 2003; ZANON; ALVES; CARDENAS, 2011).

Dialogando ainda com tais achados, observou-se no presente estudo que alunos e familiares possuem dúvidas sobre a velhice/ o envelhecimento, as quais se referem a diferentes aspectos do assunto e parecem apresentar bastante semelhança entre os grupos. Destarte, uma vez que as atitudes com relação à velhice apresentaram correlação forte e significativa entre os grupos de familiares e alunos do presente estudo

e, visto ainda que as dúvidas apresentadas por ambos os grupos apresentam semelhança, acredita-se que tais resultados reforcem ainda a importância de investimento em ações educativas especialmente às crianças, cuja possibilidade de oferta é maior do que dos adultos, uma vez que pode advir das próprias escolas. Assim, o presente estudo hipotetiza que a oferta de educação gerontológica nas escolas, bem como responder e sanar as dúvidas das crianças sobre o assunto poderiam significar ações capazes de promover melhora nas atitudes com relação à velhice tanto dos alunos quanto dos seus familiares.

Destarte, o presente estudo enaltece a necessidade de ampliação das ações gerontológicas no ambiente escolar e a discussão do tema em outros cenários, para que seja possível vislumbrar aprimoramento nos conhecimentos de pessoas de diferentes faixas etárias quanto à velhice, bem como melhora nas atitudes e comportamentos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo objetivou identificar e verificar possíveis relações entre atitudes de professores e alunos do ensino fundamental – ciclo 1, e dos familiares dos estudantes sobre a velhice. Verificou-se que os resultados encontrados contemplaram os objetivos propostos à medida que aprofundaram acerca das atitudes de adultos (professores e familiares) e crianças com relação à velhice; destacaram para as relações entre atitudes de familiares e alunos e; efetivamente apresentaram as comparações e correlações encontradas entre as diferentes variáveis abordadas e as atitudes com relação à velhice nos três grupos de participantes.

Importa destacar que a homogeneidade da amostra de participantes, o baixo erro amostral, bem como os testes realizados para comprovação da consistência interna dos instrumentos utilizados, contribuem significativamente para a validade dos resultados apresentados. Além disso, os resultados gerados, a partir do uso dos questionários dirigidos aos diferentes grupos de participantes, respondem a complexidade envolvida na temática focalizada e destacam para a qualidade dos instrumentos elaborados para coleta de dados (Questionários dirigidos aos Professores, Familiares e Crianças sobre o Envelhecimento e Pessoas Idosas). Ademais, importa destacar que participantes dos diferentes grupos relataram quanto ao aprendizado obtido a partir da participação na presente pesquisa, o que implica em importante benefício gerado aos participantes.

Observa-se, contudo, como limite do estudo o fato do mesmo ter sido realizado em apenas um município, pertencente a um dos estados mais desenvolvidos do Brasil, o que reflete para uma realidade singular e não para a pluralidade existente no país.

Ainda que compreensível quando se considera sobre a realidade de efetivação de pesquisas científicas e os recursos materiais e temporais envolvidos, aponta-se ainda, como limite do estudo o fato dos instrumentos não terem sido diretamente aplicados pela pesquisadora, implicando na impossibilidade de que os participantes pudessem ser acompanhados no preenchimento dos instrumentos propostos para coleta de dados e em maiores oportunidades de sanar possíveis dúvidas ou mesmo garantir que eles tenham respondido individualmente, sem a ajuda de terceiros. Não obstante, destaca-se que em diferentes momentos da pesquisa foram esclarecidas todas as dúvidas quanto ao preenchimento dos instrumentos, bem como foi alertado quanto à imprescindível tarefa de responder individualmente aos questionários e escalas, dada a ausência de respostas certas ou erradas.

Quanto às hipóteses apresentadas pelo estudo, foi possível confirmar a hipótese de que as atitudes das crianças se correlacionam com as atitudes de seus pais. Confirmando assim a importância de direcionamento de ações gerontológicas a todas as gerações.

Sobre a possível correlação entre a idade dos participantes e as atitudes com relação à velhice, não foi confirmada a hipótese de que as crianças apresentariam atitudes mais positivas do que seus familiares ou professores. Além disso, no *Escore Total* das Escalas não foi possível confirmar a hipótese de que haveria diferença entre as atitudes com relação à velhice apresentadas pelos diferentes grupos.

Não foi possível confirmar a hipótese quanto às atitudes das crianças e as possibilidades de abordagem no tema envelhecimento/ velhice na escola. Sendo que, sobre a ausência de correlação, discute-se que as abordagens escolares vivenciadas pelos alunos ocorreram de modo tão escasso e pontual que não repercutiram em mudanças nas atitudes das crianças com relação à velhice.

Também não foi confirmada a relação entre a convivência com idosos e as atitudes com relação à velhice (para os três grupos participantes). Entretanto, vale ressaltar que embora a convivência (por si só) com idosos não tenha refletido em diferenças nas atitudes dos professores, familiares ou alunos, observou-se que a qualidade dos relacionamentos, seja boa ou difícil, foi uma variável significativa para diferenças nos escores das escalas de atitudes respondidas.

Quanto ao grupo dos professores, a hipótese de que as atitudes se relacionariam com o nível de conhecimento sobre a velhice não foi comprovada. Vale ressaltar ainda que a média de acerto dos professores junto ao questionário de conhecimentos sobre a velhice foi de 39,7%, o que foi compreendido neste estudo como um baixo conhecimento sobre o assunto.

Quanto aos relacionamentos intergeracionais, evidenciou-se que a qualidade dos relacionamentos está fortemente relacionada às atitudes de pessoas com relação à velhice, constatação esta encontrada a partir de diferentes resultados apresentados nos três grupos de participantes. Além disso, nos dois grupos de adultos participantes (professores e familiares), observou-se que a qualidade dos relacionamentos com idosos tende a ser mantida com o passar do tempo (infância, adolescência, vida adulta). Desta forma, o presente estudo reforça para a importância de programas intergeracionais e integração intergeracional nos mais diversos contextos e ambientes para que seja ampliada a oportunidade de convivência entre as gerações em prol do combate ao preconceito etário e melhora das atitudes de pessoas com relação à velhice.

Com relação ao sexo e à idade dos participantes, observou-se que não houve diferença estatística entre os valores obtidos quanto a tais variáveis e às atitudes com relação à velhice nos três grupos participantes.

Observou-se ainda que significativamente o maior número de alunos (31,8%) relatou que o tema nunca foi abordado na escola, o que foi confirmado pela percepção dos familiares participantes. Quanto aos professores, metade dos participantes também informou que nunca realizaram abordagem do assunto na escola, ao mesmo tempo em que todos relataram a importância desta ocorrência, embora também tenham confirmado que ela é pouco realizada ou não é realizada no contexto escolar. Sobre o assunto, discutiu-se estes resultados em diálogo com o atual Plano Nacional da Educação (PNE) e sobre as possibilidades de combate aos desafios enfrentados pelos professores para a implementação da educação gerontológica nas escolas e efetivação das preconizações do PNE.

Ressalta-se ainda que o fato de incluir a participação de familiares e alunos para ampliação do entendimento sobre a realidade da abordagem do tema no contexto escolar (e não somente identificar/ reconhecer a opinião dos professores) acrescentou na compreensão do fenômeno e permitirá maior entendimento quanto às possibilidades de implantação do conteúdo no currículo escolar ou mesmo de políticas públicas sobre o tema.

Além disso, uma significativa parcela de crianças (20,6%) relatou não estabelecer conversas sobre idosos/ velhice com os familiares, sendo que quando ocorrem, os alunos citaram situações ocorridas na família (35%), seguido de quando o assunto é apresentado em programas de TV (25,3%). Ademais, quanto às informações sobre o assunto acessadas pelos familiares participantes, os mesmos citaram a televisão, sendo este um importante veículo para aquisição de conhecimentos quanto ao assunto a esta população, bem como um disparador de conversas no ambiente familiar. Desta forma o presente estudo alerta quanto à fidedignidade das informações veiculadas pela mídia e problematiza sobre as possibilidades de veiculação de informações confiáveis e desatreladas às concepções de preconceito etário.

Ressalta-se ainda que, dentre as sugestões para realização de novos estudos, pesquisas de intervenção e ações direcionadas à temática gerontológica junto às escolas, foram destacadas como relevantes possibilidades em auxiliar professores e educadores na efetivação de tais práticas, com vistas à diminuição dos desafios enfrentados e identificação das possibilidades e potencialidades de tais ações. Além disso, foi ressaltada a importância de programas de integração intergeracional em diferentes ambientes e contextos.

Destarte, o presente estudo destacou a importância da qualidade dos relacionamentos intergeracionais em mais tenra idade para as atitudes de pessoas com relação à velhice. Além disso, apontou para a importância de novos estudos realizados com diferentes populações quanto ao conhecimento de pessoas sobre o assunto e possíveis relações entre conhecimento e atitudes com relação à velhice. Ainda, o presente estudo destacou a importância de ações de educação gerontológica nos diferentes ambientes e setores para que seja possível aprimorar as atitudes em relação à velhice e dirimir conceitos errôneos sobre o assunto. Dada a importância da escola e da família para a formação e transmissão de valores às crianças, destacou-se o quanto estes dois contextos são imprescindíveis para a aquisição de atitudes positivas com relação à velhice, sendo, desta forma, imperativa a abordagem do tema envelhecimento/ velhice no contexto escolar.

REFERÊNCIAS

ADAY, R. H.; SIMS, C. R.; MCDUFFIE, W.; EVANS, E. Changing children's attitudes toward the elderly: the longitudinal effects of an intergenerational partners program. **Journal of Research in Childhood Education**, v.10, p.143-151, 1996.

ALVES, V. P.; VIANNA, L. G. Políticas públicas para educação gerontológica na perspectiva da inserção social do idoso: desafios e possibilidades. Ensaio: aval. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.18, n.68, p.489-510, 2010.

ARAÚJO, M. R. G. L.; DIAS, C. M. S. B. Papel dos avós: apoio oferecido aos netos antes e após situações de separação/divórcio dos pais. **Estudos de psicologia**, Natal, v.7, n.1, p.91-101, jan. 2002.

ARÉVALO, C.; DURÁN, C. **Evaluación de un programa de educación gerontológico dado a escolares**. Tese de Doutorado em Psicologia Educativa. Universidad de la Sabana, 1991.

ATTAR-SCHWARTZ, S.; TAN, J-P.; BUCHANAN, A. Adolescents' perspectives on relationships with grandparents: The contribution of adolescent, grandparent, and parent–grandparent relationship variables. **Children and Youth Services Review**, v.31, p.1057-1066, 2009.

AUD, M. A.; BOSTICK, J. E.; MAREK, K. D.; MCDANIEL, R. W. Introducing baccalaureate student nurses to gerontological nursing. **Journal of Professional Nursing**, v.22, n.2, p.73-78, 2006.

AUSHERMAN, J. A.; WHITE, D. M.; CHENIER, T. C. Junior high health teachers' knowledge and attitudes about aging and implementation of aging education. **Educational Gerontology**, v.17, p.391-401, 1991.

BEZERRA, D. B.; LEBEDEFF, T. B. Inscrições no tempo e identidade: o idoso na sociedade ocidental contemporânea, vínculo com o futuro ou estigma de finitude? **Cadernos do LEPAARQ - Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio**, v.IX, n.17/18, p.27-47, 2012.

BOTH, A. Longevidade e Educação: fundamentos e práticas. In: FREITAS, E. V.; PY, L.; CANÇADO, F. A. X.; DOLL, J.; GORZONI, M. L. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 2 ed. Guanabara Koogan: Rio de Janeiro, p. 1446-1455, 2006a.

BOTH, A. Escola, currículo, qualidade de vida e integração de gerações. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, Passo Fundo, p.43-51, jul./dez. 2006b.

BRANDÃO, L. et al. Narrativas Intergeracionais. **Psicologia: reflexão e crítica**, Porto Alegre, v.19, n.1, 2006.

BRASIL. **Síntese de Indicadores Sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira. IBGE, Rio de Janeiro, 2009.

BRASIL. **Política Nacional do Idoso**. Ministério do desenvolvimento social e combate à fome. 1ed. Brasília, 2010.

BRASIL. Legislação sobre o idoso: Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003 (**Estatuto do Idoso**) e legislação correlata. 3d. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2013.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação (PNE) 2014 - 2024**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014.

BRASIL. **Perfil dos Idosos Responsáveis pelos domicílios**, 2002. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/25072002pidoso.shtm>. Acesso em: set/2016.

BRASIL. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira, IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

BROWNLEE, J. L.; JOHANSSON, E.; COBB-MOORE, C.; BOULTON-LEWIS, G.; WALKER, S.; AILWOOD, J. Epistemic beliefs and beliefs about teaching practices for moral learning in the early years of school: relationships and complexities. **International Journal of Primary, Elementary and Early Years Education**, v.43, n.2, 2015.

CACHIONI, M. Formação profissional, motivos e crenças relativas à velhice e ao desenvolvimento pessoal entre os professores de universidades da terceira idade. **Tese de Doutorado**, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

CAMARANO, A. A.; KANSO, S.; MELLO, J. L. Como vive o idoso brasileiro? In: CAMARANO, A. A. (org.) **Os novos idosos brasileiros, muito além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004a.

CAMARANO, A. A.; KANSO, S.; MELLO, J. L. Quão além dos 60 poderão viver os idosos brasileiros? In: CAMARANO, A. A. (org.) **Os novos idosos brasileiros, muito além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004b.

CAMARANO, A. A.; PASINATO, M. T. O envelhecimento populacional na agenda das políticas públicas. In: CAMARANO, A. A. (org.) **Os novos idosos brasileiros, muito além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CORDEIRO, M. P. A. A.; VICENTE, F. Atitudes e conhecimentos dos estudantes do ensino superior público de Coimbra face à velhice - influência de experiências de vida e acadêmicas. **International Journal of Developmental and Educational Psychology INFAD Revista de Psicología**, n.1, p.299-305, 2010.

COTTLE, N. R.; GLOVER, R. J. Combating ageism: change in student knowledge and attitudes regarding aging. **Educational Gerontology**, v.33, p.501-512, 2007.

COZBY, P. C. **Métodos de pesquisa em ciências do comportamento**. São Paulo: Atlas, 2003.

CROMBACH, L. J. Coefficient alpha and the internal structure of tests. **Psychometrika**, v.16, p.297-334, 1951.

DIAS, C. M. S. B.; SILVA, M. A. S. Os avós na perspectiva de jovens universitários. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.8, n.esp., p.55-62, 2003.

DUNHAM, C. C.; CASADONTE, D. Children's attitudes and classroom interaction in an intergenerational education program. **Educational Gerontology**, v.35, p.453-464, 2009.

DUSSEN, D. J. V.; WEAVER, R. R. Undergraduate student's perceptions and behaviors related to the aged and to aging processes. **Educational Gerontology**, v.35, p.340-355, 2009.

FEMIA, E. E.; ZARIT, S. H.; BLAIR, C.; JARROTT, S. E.; BRUNO, K. Intergenerational preschool experiences and the young child: Potential benefits to development. **Early Childhood Research Quarterly**, v. 23, p.272-287, 2008.

FERREIRA, V. M.; RUIZ, T. Atitudes e conhecimentos de agentes comunitários de saúde e suas relações com idosos. **Rev. Saúde Pública**, v.46, n.5, p.843-849, 2012.

FIELD, A. **Descobrimos a estatística usando o SPSS**. Tradução: Lorí Viali. 2ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONSECA, J. S.; MARTINS, G. A. **Curso de Estatística**, 6ed, Editora Atlas: São Paulo, 1996.

GELLIS, Z. D.; SHERMAN, S.; LAWRENCE, F. First year graduate social work student's knowledge of and attitude toward older adults. **Educational Gerontology**, v.29, p.1-16, 2003.

GOLDANI, A. M. Desafios do "preconceito etário" no Brasil. **Educ. Soc.**, Campinas, v.31, n.111, p.411-434, 2010.

GOLDFARB, D. C.; LOPES, R. G. C. Avosidade: a família e a transmissão psíquica entre gerações. IN: FREITAS, E. V.; PY, L.; CANÇADO, F. A. X.; DOLL, J. GORZONI, M. L. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 2ed. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, p.1372-1382, 2006.

GVOZD, R.; DELLAROZA, M. S. G. Velhice e a relação com idosos: o olhar de adolescentes do ensino fundamental. **Revista Brasileira de Geriatria Gerontologia**, Rio de Janeiro, v.15, n.2, p. 295-304, 2012.

HARRIS, D. K.; CHANGAS, P. S. Revision of Palmore's second facts on aging quiz from a true-false to a multiple choice format. **Educational Gerontology**, v.20, p.741-754, 1994.

HARRIS, D. K.; CHANGAS, P. S.; PALMORE, E. B. Palmore's first facts on aging quiz in a multiple choice format. **Educational Gerontology**, v.22, p.575-589, 1996.

HARRIS, L. A.; DOLLINGER, S. Participation in a course on aging: knowledge, attitudes, and anxiety about aging in oneself and others. **Educational Gerontology**, v.27, p.657-667, 2001.

HARWOOD, J.; HEWSTONE, M.; PAOLINI, S.; VOICI, A. Grandparent-grandchild contact and attitudes toward older adults: moderator and mediator effects. **Pers Soc Psychol Bull**, v.31, n.3, p.393-406, 2005.

HERRERA, B. S.; Actitud de los niños de la escuela Serrezuelita de Funza frente a los ancianos. **Actualizaciones en Enfermería**, v.3, n.4, 2000.

HESS, T. M. Attitudes toward aging and their effects on behavior. In: **Handbook of the Psychology of Aging**, Academic Press, 2006.

HUANG, C-S. A study of elementary and secondary teacher knowledge and attitudes toward aging and the implementation of aging education in Taiwan. **Educational Gerontology**, v.38, p.812-823, 2012.

LADITKA, S. B.; FISCHER, M.; LADITKA, J. N.; SEGAL, D. R.; Attitudes about aging and gender among young, middle age and older college-based students. **Educational Gerontology**, v.30, p.403-421, 2004.

LANNEY, J. D.; WIMSATT, T. J.; MOSELEY, P. A.; LANEY, J. L. Children's ideas about aging before and after integrated unit of instruction. **Educational Gerontology**, v.25, p.531-547, 1999.

LEE, Y. S. Ethnic differences in attitudes and bias toward older people comparing white and asian nursing students. **Journal of Transcultural Nursing**, v.26, n.2, p.202-208, 2014.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A.M.C. **Pesquisa de representação social: um enfoque qualiquantitativo: a metodologia do discurso de sujeito coletivo**. Brasília: Líber livro, 2010.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A.M.C. **O discurso do sujeito coletivo**. Um novo enfoque em pesquisa qualitativa. Caxias do Sul: Ed. Universidade de Caxias do Sul, 2005.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A.M.C. **O discurso do sujeito coletivo: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa**. Caxias do Sul: Ed. Universidade de Caxias do Sul, 2001.

LICHTENSTEIN, M. J.; PRUSKI, L. A.; MARSHALL, C. E.; BLALOCK, C. L.; MURPHY, D. L.; PLAETKE, R.; LEE, S. The Positively Aging® Teaching Materials Improve Middle School Students' Images of Older People. **The Gerontologist**, v. 41, n.3, p.322-332, 2001.

LIEFBROER, A. C.; ELZINGA, C. H. Intergenerational transmission of behavioural patterns: How similar are parents' and children's demographic trajectories? **Advances in Life Course Research**, v.17, p.1–10, 2012.

LIFSHITZ, H. Attitudes toward aging in a adult and elderly people with intellectual disability. **Educational Gerontology**, v.28, p.745-759, 2002.

LISBOA, A. V.; FÉRES-CARNEIRO, T.; JABLONSKI, B. Transmissão intergeracional da cultura: um estudo sobre uma família mineira. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.12, n.1, p.51-59, 2007.

LORDELO, E. R.; FONSECA, A. L.; LAMÊGO, M; ARAÚJO, V. B. Responsividade do ambiente de desenvolvimento: crenças e práticas como sistema cultural de criação de filhos. **Psicologia, Reflexão e Crítica**, v.13, n.1, p.73-80, 2000.

LUCHESE, B. M. Idosos cuidadores de idosos: atitudes em relação à velhice, sobrecarga, estresse e sintomas depressivos. **Tese de Doutorado**. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP, 2015.

LUCHESE, B. M.; DUPAS, G.; PAVARINI, S. C. I. Avaliação da atitude de crianças que convivem com idosos em relação à velhice. **Rev. Gaúcha Enferm.** v.33, n.4, p.33-40, 2012.

LUCHESE, B. M.; PAVARINI, S. C. I.; VIANA, A. S. Alterações cognitivas de idosos no contexto domiciliar e atitudes de crianças em relação à velhice. **Rev. Esc. Enferm. USP**, v.46, n.2, p.335-341, 2012.

LUO, B; ZHOU, K.; JIN, E. J.; NEWMAN, A.; LIANG, J. Ageism among students: a comparative study between U.S. and China. **J. Cross Cult. Gerontol.**, v.28, p.49-63, 2013.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. **Didática**, São Paulo, v.26/27, p.149-158, 1991.

_____. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: MARQUEZINI, M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE, S. (org.) **Colóquios sobre pesquisa em educação especial**. Londrina, v.1, p.11-25, 2003.

_____. Entrevista semi estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: **Seminário internacional de pesquisa e estudos qualitativos**, 2, A pesquisa qualitativa em debate, Bauru: SIPEQ, 2004.

MARANGONI, J. F. C. “**Meu tempo, seu tempo**”: refletindo sobre as relações intergeracionais a partir de uma intervenção no contexto escolar. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

MAROCO, J. **Análise Estatística com utilização do SPSS**, 2ed, Editora Silabo: Lisboa 2003.

MAZUTTI, C.; SCORTEGAGNA, H. M. Velhice e envelhecimento humano: concepções de pré-escolares do município de Tapejara – RS. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, Passo Fundo, p.101-112, 2006.

MENEZES, R. L.; SOUZA, M. R.; CARDOSO, T. R. C. O conhecimento de acadêmicos de fisioterapia em relação à velhice e ao envelhecimento. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v.17, n.3/4, p.293-301, 2007.

MIN, J.; SILVERSTEIN, M.; LENDON, J. P. Intergenerational transmission of values over the family life course. **Advances in Life Course Research**, v.17, p.112–120, 2012.

MIRFIN-VEITCH, B.; BRAY, A.; WATSON, M. We're just that sort of family: intergenerational relationship in families including children with disabilities. **Family Relations**, v.46, p. 305-311, 1997.

MOCK, S. E.; EIBACH, R. P. Aging Attitudes Moderate the Effect of Subjective Age on Psychological Well-Being: Evidence From a 10-Year Longitudinal Study. **Psychology and Aging**, v.26, n.4, p.979-986, 2011.

MOREIRA, J. O. Mudanças na percepção sobre o processo de envelhecimento: reflexões preliminares. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v.28, n.4, p.451-456, 2012.

MUELLER, M. M.; ELDER, G. H. Family contingencies across the generations: grandparent-grandchild relationships in holistic perspective. **Journal of Marriage and Family**, v.65, p.404-417, 2003.

MURRAY, R. S. **Estatística Coleção Schaum**, 3ed, Editora Afiliada: São Paulo 1993.

NERI, A. L. **Envelhecer num país de jovens**: significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos. Campinas, SP: UNICAMP, 1991.

_____. **Atitudes em relação à velhice**: evidências de pesquisa no Brasil. *Gerontologia*. v.5, n.3, p.130-139, 1997.

_____. Atitudes em relação à velhice: questões científicas e políticas. In: FREITAS, E. V.; PY, L.; CANÇADO, F. A. X.; DOLL, J.; GORZONI, M. L. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 2 ed. Guanabara Koogan: Rio de Janeiro, p.1316-1323, 2006.

_____. **Palavras-chave em gerontologia**. Campinas: Alinea, 2008.

NERI, A. L.; CACHIONI, M.; RESENDE, M. C. Atitudes em relação à velhice. In: FREITAS, E. V., PY, L., NERI, A. L., CANÇADO, F. A. X., GORZONI, M. L., ROCHA, S. M. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, p.972-980, 2006.

NERI, A. L.; JORGE, M. D. Atitudes e conhecimentos em relação à velhice em estudantes de graduação em educação e em saúde: subsídios ao planejamento curricular. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v.23, n.2, p.127-137, 2006.

NEVES, M. A. Anotações sobre trabalho e gênero. **Cadernos de Pesquisa**, v.42, n.149, p.404- 421, 2013.

NORTH, M. S.; FISKE, S. T. Modern attitudes toward older adults in the aging world: a cross-cultural meta-analysis. **Psychological Bulletin**, 2015.

OLIVEIRA, N. A.; LUCHESI, B. M.; INOUE, K.; BARHAM, E. J.; PAVARINI, S. C. I. Avaliação da atitude das crianças que residem com idosos em relação à velhice. **Acta Paul. Enferm.**, v.28, n.1, p.87-94, 2015.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT); BRASIL. **O desafio do equilíbrio entre trabalho, família e vida pessoal no Brasil: avanços e desafios no início de sec. XXI**. Brasília: OIT; SPM, 2009.

PALMORE, E. B. **The facts on aging quiz**. New York, NY: Springer, 1988.

PATROCÍNIO, W. P.; PEREIRA, B. P. C. Efeitos da educação em saúde sobre atitudes de idosos e sua contribuição para a educação gerontológica. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v.11, n.2, p.375-394, 2013.

PATROCÍNIO, W. P.; TODARO, M. A. Programa de educação para um envelhecimento saudável. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v.15, n.3, p.5-27, 2012.

PINTO, B. Conhecimentos e Atitudes dos Profissionais de Saúde face aos Idosos. **Dissertação de Mestrado**. Instituto Politécnico de Viseu - Escola Superior de Saúde de Viseu. 2012.

RAVINDRAN, V. P.; REMPEL, G. R. Grandparents and siblings of children with congenital heart disease. **Journal of Advanced Nursing**, Alberta, v.67, n.1, p.169-175, 2010.

REBELLATO, C. Relações entre papéis ocupacionais e qualidade de vida em idosos independentes, residentes na comunidade: um estudo seccional. **Dissertação (Mestrado em Terapia Ocupacional)** – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

RESENDE, M. C.; NERI, A. L. Atitudes de adultos com deficiência física frente ao idoso, à velhice pessoal e a pessoas com deficiência física. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v.22, n.2, p.123-131, 2005.

SARABIA-COBO, C. M.; PFEIFFER, C. Changing negative stereotypes regarding aging in undergraduate nursing students. **Nurse Education Today**, v.35, p.60-64, 2015.

SCHWARTZ, L. K.; SIMMONS, J. P. Contact quality and attitudes toward the elderly. **Educational Gerontology**, v.27, p.127-137, 2001.

SERRANI, D. El trabajo de observación del adulto mayor. Una herramienta pedagógica para modificar actitudes ageístas en estudiantes de psicología. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, v.13, n.1, p.71-85, 2011.

SMORTI, M; TSCHIESNER, R.; FARNETI, A. Grandparents-grandchildren relationships. **Procedia – Social and Behavior Science**, v.46, p.895-898, 2012.

SOUZA, E. M. Intergenerational interaction in health promotion: a qualitative study in Brazil **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v.37 n.4, ago. 2003.

TODARO, M. A. **Desenvolvimento e avaliação de um programa de leitura visando à mudança de atitudes de crianças em relação a idosos** [tese doutorado]. Campinas: Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas; 2008.

TODARO, M. A. **Vovô vai à escola: a velhice como tema transversal no ensino fundamental**. Campinas: Papyrus, 2009.

UNESCO. **Direito à educação e direitos na educação em perspectiva interdisciplinar** / Organizado por Nina Beatriz Stocco Ranieri e Angela Limongi Alvarenga Alves. – São Paulo: Cátedra UNESCO de Direito à Educação/Universidade de São Paulo (USP), 2018.

UYSAL, G.; BEYDAG, K. D.; SENSOY, F.; OZAYDIN, N.; KIYAK, M. Attitudes of students who receive health education in a foundation university regarding age discrimination. **Procedia: Social and Behavioral Sciences**, v.152, p.430-434, 2014.

VIEIRA, S. **Introdução à Bioestatística**. Campus: Rio de Janeiro, 1991.

WOODBIDGE, S.; BUYS, L.; MILLER, E. My grandchild has a disability: impact on grandparenting identity, roles and relationships. **Journal of Aging Studies**, Queensland, v.25, n.4, p. 355-363, 2011.

XIE, X.; XIA, Y.; LIU, X. Family and attitudes toward older people in China: comparison of two age cohorts. **J. Fam. Econ. Issues**, v.28, n.1, p.171-182, 2007.

YAMASHIRO, J. A.; MATSUKURA, T. S. Relacionamento Intergeracional, Práticas de Apoio, e Cotidiano de Famílias de Crianças com Necessidades Especiais. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v.18, n.4, p.647-660, 2012.

YAMASHIRO, J. A.; MATSUKURA, T. S. Apoio intergeracional em famílias com crianças com deficiência. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.19, n.4, p. 705-715, 2014.

YU, C. Y.; CHEN, K. M. Experiencing Simulated Aging Improves Knowledge of and Attitudes Toward Aging. **Education and training**, v.60, p.957-961, 2012.

ZANON, C. B. F. M.; ALVES, V. P.; CARDENAS, C. J. Como vai a educação gerontológica nas escolas públicas do Distrito Federal? Um estudo com idosos e jovens. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v.14, n.3, p.555-566, 2011.

ZISBERG, A.; TOPAZ, M.; BAND-WINTERSHTEIN, T. Cultural and educational level differences in students knowledge, attitudes and preferences for working with older adults: an Israeli perspective. **Journal of Transcultural Nursing**, v.26, n.2, p.193-201, 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Questionário para Professores sobre o envelhecimento e as pessoas idosas

INFORMAÇÕES GERAIS

Data: _____

1). Idade: _____.

2). Sexo: () homem () mulher

3). Escola(s) que trabalha atualmente: _____.

4). Formação: _____.

() Formação complementar. Cite: _____.

5) Quantos alunos tem em sua classe? _____. De que ano/série eles são? _____.

6). Você tem alunos com deficiência em sua classe? Se sim, cite quantos são e o tipo de deficiência: _____.

7) Se você dá aulas em outras escolas, indique para quais séries e de qual matéria: _____.

8). Quem mora com você em sua casa:

() cônjuge

() pai () mãe

() sogro () sogra

() filhos. Quantos? _____

() outros(as). Especifique: _____.

() moro sozinho(a)

9). Quantos anos você acha que uma pessoa idosa tem?

() 40 anos ou mais

() 50 anos ou mais

() 60 anos ou mais

() 70 anos ou mais

() 80 anos ou mais

() Outros: _____

10). Você mora com alguma pessoa idosa?

() sim () não

Se sim, cite quem, a idade da pessoa, e o grau de relação com você: _____.

SOBRE VOCÊ E AS PESSOAS IDOSAS QUE CONHECE OU CONHECEU

11). Quando você era criança, você convivia com idosos?

() sim () não

Se sim, quem eram:

() avós maternos

() avós paternos

() outros parentes: _____.

() outros: _____.

() não convivia com pessoas idosas

Se sim, você julga que essa convivência em sua infância foi:

- muito boa
 boa
 regular
 difícil
 muito difícil

Cite alguns motivos para você ter marcado esta resposta: _____

12). Quando você era adolescente, você convivia com idosos?

- sim não

Se sim, quem eram:

- avós maternos
 avós paternos
 outros parentes: _____
 outros: _____
 não convivia com pessoas idosas

Se sim, você julga que essa convivência em sua adolescência foi:

- muito boa
 boa
 regular
 difícil
 muito difícil

Cite alguns motivos para você ter marcado esta resposta: _____

13). Você tem convivência próxima com algum idoso atualmente?

- sim não

Se sim, quem são:

FAMILIARES

- avós: materna paterna
 avôs: materno paterno
 pai mãe
 outros parentes: _____

NÃO FAMILIARES

- especifique: _____

14). Se sim, esse convívio é voluntário ou necessário?

FAMILIARES

- voluntário
 necessário

NÃO FAMILIARES

- voluntário
 necessário

Se sim, com qual frequência vocês mantêm algum contato?

FAMILIARES

- todos os dias
 toda semana
 de 15 em 15 dias
 1 vez por mês
 outro: _____

NÃO FAMILIARES

- todos os dias
 toda semana
 de 15 em 15 dias
 1 vez por mês
 outro: _____

15). Você julga que a sua convivência com tais idosos é:

FAMILIARES

- muito boa
 boa
 regular
 difícil
 muito difícil
 não tenho convivência
 Cite alguns motivos para você ter
 marcado esta resposta:

O que você acha mais difícil ou qual o maior desafio dessa convivência? _____

NÃO FAMILIARES

- muito boa
 boa
 regular
 difícil
 muito difícil
 não tenho convivência
 Cite alguns motivos para você ter
 marcado esta resposta:

O que você acha mais difícil ou qual o maior desafio dessa convivência? _____

16). Você já teve alguma experiência de trabalho com pessoas idosas?

- sim não

Se sim: qual foi? _____

Essa experiência de trabalho foi: profissional: durou quanto tempo? _____

voluntária: durou quanto tempo? _____

Como foi essa experiência para você? _____

17) Você já teve ou tem algum(a) amigo(a) idoso(a)?

- sim não

Se sim, marque as opções que descrevam se essa relação foi (é) uma relação de:

- estresse
 companheirismo
 compreensão
 cansaço
 tristeza
 cuidado
 confiança
 discussão
 desentendimentos
 aprendizados e trocas de experiências
 outros: _____

Caso queira adicionar comentários sobre essa relação: _____

18). Você já leu algum livro sobre o tema velhice/ envelhecimento?

- sim não

se sim: () leu 1 livro

() leu 2 livros

() leu 3 livros

() mais: _____.

Caso você se lembre, indique aqui o título ou o autor: _____

_____.

19). Você já participou de algum curso sobre a velhice?

() sim () não

Se sim, qual foi a duração do curso: _____.

Há quanto tempo? _____.

20). Neste último ano você trabalhou o tema velhice / envelhecimento com seus alunos?

() sim () não

Se sim, quantas vezes no ano:

() uma

() duas

() outros: _____.

Se sim, em quais situações o tema foi trabalhado?

() dias comemorativos

() projetos da escola

() em alguma aula específica. Qual? _____.

() a partir de cenas de TV

() a partir de notícias veiculadas pela internet/ facebook

() a partir de situações ocorridas com as crianças

() a partir de acontecimentos da comunidade

() outros: _____.

Se sim, quais materiais e métodos você usou para trabalhar esse tema?

() conversas

() filme

() desenho

() música

() livro

() história

() teatro

() atividade com a participação de idosos

() outros: _____.

21) Os alunos te perguntam sobre questões relacionadas à pessoa idosa ou sobre o envelhecimento?

() sim () não

Se sim, quais as perguntas mais comuns? (Dê exemplos)

_____.

_____.

22) Algum livro didático utilizado em sala de aula aborda aspectos da pessoa idosa ou do envelhecimento?

() sim

() não

Se sim, qual livro (de qual matéria)? _____.

23). Você considera que o tema velhice/ idoso:

() não é focalizado no contexto escolar

() é pouco focalizado

() é razoavelmente focalizado

() é focalizado suficientemente

Justifique o porque de você ter essa consideração: _____

_____.

24). Em sua opinião, você acredita que é importante a escola ensinar sobre as pessoas idosas e sobre temas relacionados ao envelhecimento:

() Sim () Não

Justifique sua resposta: _____

_____.

25). Em sua opinião quais seriam os benefícios de se abordar as questões da velhice e do envelhecimento na escola? _____

_____.

26). Se você já participou ou realizou práticas educacionais com os alunos, que envolveram a velhice e o envelhecimento, por favor, faça um breve relato do que foi e de como ocorreu. _____

_____.

27). Em sua opinião, quais seriam os desafios de introduzir esse tema no currículo escolar? _____

_____.

28). Deixe aqui suas sugestões sobre as possibilidades de se introduzir esse tema no currículo escolar: _____

_____.

Se você tiver dúvidas ou qualquer outro comentário a fazer, fique à vontade!

_____.

APÊNDICE B - Questionário para Familiares sobre o envelhecimento e as pessoas idosas

INFORMAÇÕES GERAIS

Data: _____.

1). Idade: _____.

2). Profissão: _____.

3). Formação: () Estudou até que ano: _____.
() Não estudou

4) Nome da criança que está participando da pesquisa: _____

5). Grau de parentesco com a criança: () pai; () mãe; () outros: _____.

6). Escola que a criança estuda: _____.

7). Ano (série) que a criança estuda: _____.

8). A criança tem alguma deficiência? () sim () não

Se sim, qual é a deficiência? _____.

9). Quem mora com você em sua casa:

() marido/mulher

() pai () mãe

() sogro () sogra

() filhos: quantos? _____

() outros: _____.

10). Quantos anos você acha que uma pessoa idosa tem?

() 40 anos ou mais

() 50 anos ou mais

() 60 anos ou mais

() 70 anos ou mais

() 80 anos ou mais

() Outros: _____

11). Você mora com alguma pessoa idosa atualmente?

() sim () não

Se sim, quem são:

() avó / idade: _____ () avô / idade: _____

() mãe / idade: _____ () pai / idade: _____

() sogra / idade: _____ () sogro / idade: _____

() outros parentes: _____, idade: _____.

() outros: _____, idade: _____.

SOBRE VOCÊ E AS PESSOAS IDOSAS QUE CONHECE OU CONHECEU

12). Quando você era criança, você convivia com pessoas idosas?

() sim () não

Se sim, quem eram:

() avós maternos

- () avós paternos
 () outros parentes: _____.
 () outros: _____.
 () não convivia com pessoas idosas

Se sim, você julga que essa convivência em sua infância foi:

- () muito boa
 () boa
 () regular
 () difícil
 () muito difícil

Cite alguns motivos para você ter marcado esta resposta: _____

13). Quando você era adolescente, você convivia com pessoas idosas?

- () sim () não

Se sim, quem eram:

- () avós maternos
 () avós paternos
 () outros parentes: _____.
 () outros: _____.
 () não convivia com pessoas idosas

Se sim, você julga que essa convivência em sua adolescência foi:

- () muito boa
 () boa
 () regular
 () difícil
 () muito difícil

Cite alguns motivos para você ter marcado esta resposta: _____

14). Você tem convivência próxima com algum idoso atualmente?

- () sim () não

Se sim, quem são:

FAMILIARES

- () avós: () materna () paterna
 () avôs: () materno () paterno
 () pai () mãe
 () outros parentes: _____.

NÃO FAMILIARES

- () especifique: _____.

Se sim, com qual frequência vocês mantêm algum contato?

FAMILIARES

- () todos os dias
 () toda semana
 () de 15 em 15 dias

NÃO FAMILIARES

- () todos os dias
 () toda semana
 () de 15 em 15 dias

() 1 vez por mês
 () outro: _____.

() 1 vez por mês
 () outro: _____.

15). Você julga que a sua convivência com tais idosos é:

FAMILIARES

NÃO FAMILIARES

() muito boa

() muito boa

() boa

() boa

() regular

() regular

() difícil

() difícil

() muito difícil

() muito difícil

() não tenho convivência

() não tenho convivência

Cite alguns motivos para você ter
 marcado esta resposta:

Cite alguns motivos para você ter
 marcado esta resposta:

16) Você já teve ou tem algum(a) amigo(a) idoso(a)?

() sim () não

Se sim, marque as opções que descrevam se essa relação foi (é) uma relação de:

() estresse

() companheirismo

() compreensão

() cansaço

() tristeza

() cuidado

() confiança

() discussão

() desentendimentos

() aprendizados e trocas de experiências

() outros: _____.

Caso queira adicionar comentários sobre essa relação: _____

17). Você já conversou com seu filho sobre o envelhecimento, a velhice ou os idosos?

() sim () não

Se não, por que: _____

Se sim, dê exemplos:

() conversamos a partir de cenas de TV

() conversamos a partir de fatos visualizados na internet/ facebook

() conversamos a partir de problemas ocorridos com a família

() conversamos a partir de acontecimentos da família

() conversamos a partir de acontecimentos da comunidade

() conversamos a partir de dúvidas trazidas por meu filho

() conversamos quando meu filho tem tarefa da escola sobre o assunto

() outros: _____.

18). Onde você consegue informações sobre a velhice?

- por meio da TV
- por meio de revistas
- por meio de livros
- por meio da internet
- por meio dos próprios idosos que convivo
- por meio dos serviços de saúde, educação ou assistência social
- por meio de conversas com amigos
- por meio de conversas com familiares
- outros: _____
- não busco tais informações

19). Você acredita que seu filho aprenda temas relacionados ao envelhecimento e à velhice em sua escola?

- sim
- não

Se sim, quando você acredita que isso é trabalhado:

- no dia a dia em sala de aula
- em datas comemorativas
- em projetos da escola
- outros: _____

20). Em sua opinião, você acredita que seria importante a escola ensinar sobre a velhice e o envelhecimento:

- sim
- não

Com qual frequência:

- todas as semanas;
- 1 vez por mês;
- 2 vezes por ano;
- 1 vez por ano;
- Outros: _____

21). O que você gostaria de saber mais sobre o envelhecimento ou sobre as pessoas idosas?

Se tiver mais qualquer outro comentário a fazer, fique à vontade!

APÊNDICE C - Questionário para crianças sobre o envelhecimento e as pessoas idosas

INFORMAÇÕES GERAIS

Data: _____.

1). Nome: _____.

2) Sexo: () menina () menino

3). Idade: _____. Data de Nascimento: _____.

4). Escola: _____.

5). Ano (série): _____.

6). Nome da Professora: _____.

7). Assinale quem mora com você em sua casa:

() mãe

() pai

() irmãos: quantos irmãos você tem? _____

() avô paterno (Pai do seu pai)

() avô materno (Pai da sua mãe)

() avó paterna (Mãe do seu pai)

() avó materna (Mãe da sua mãe)

() outros (especifique): _____.

8). Quantos anos você acha que uma pessoa idosa tem?

() 20 anos ou mais

() 30 anos ou mais

() 40 anos ou mais

() 50 anos ou mais

() 60 anos ou mais

() 70 anos ou mais

() 80 anos ou mais

() Outros: _____

9). Você conhece pessoas idosas?

() sim () não

10). Das pessoas idosas que você conhece, assinale:

() são seus avós maternos (pais da sua mãe)

() são seus avós paternos (pais do seu pai)

() são outras pessoas idosas. Cite quem e o grau de relação com você: _____.

() Você não conhece pessoas idosas

SOBRE SEUS AVÓS

11). Os avós que você mais convive são:

() pais do seu pai

() pais de sua mãe

() você não convive com seus avós

12). Vocês se veem:

- Todos os dias
- Toda semana
- de 15 em 15 dias
- 1 vez por mês;
- outros: _____.
- Você e seus avós não se veem

13). Os avós que você mais vê, moram aonde?

- vocês moram juntos;
- eles moram no mesmo bairro em que você mora;
- eles moram em outro bairro
- eles moram em outra cidade
- outro: _____.
- você e seus avós não se veem

14). Como é o seu relacionamento com seus avós:

- muito bom
- bom
- mais ou menos
- difícil
- muito difícil

Cite os motivos para o relacionamento de vocês ser assim:

SOBRE OUTRAS PESSOAS IDOSAS QUE VOCÊ CONHECE

15). As outras pessoas idosas que você conhece são:

- homens
- mulheres
- são seus parentes. Quais parentes? _____.
- você não conhece outras pessoas idosas

16). Das pessoas idosas que você mais convive vocês se encontram:

- todos os dias
- toda semana
- de 15 em 15 dias
- 1 vez por mês
- Outro: _____.
- você não convive com pessoas idosas

17). Sobre essas pessoas idosas que você convive, mas que não são seus avós. Desde quando vocês se conhecem?

- desde que você nasceu
- desde quando você tinha 4 anos
- desde quando você tinha 6 anos

- () desde quando você tinha 8 anos
- () você não conhece pessoas idosas

18). Sobre essas outras pessoas idosas que você convive, mas que não são seus avós:

- () vocês moram juntos;
- () eles moram no mesmo bairro em que você mora;
- () eles moram em outro bairro
- () eles moram em outra cidade
- () outro: _____.
- () você não convive com pessoas idosas

19). Como é o seu relacionamento com essas outras pessoas idosas que você convive, mas que não são seus avós?

- () muito bom
- () bom
- () mais ou menos
- () difícil
- () muito difícil
- () não convivo com outras pessoas idosas

Cite os motivos para o relacionamento de vocês ser assim:

20). Você conversa com seus pais sobre as pessoas idosas quando (pode escolher mais de uma resposta!):

- () o assunto aparece em programas de TV
- () o assunto aparece na internet (notícias, facebook, etc.)
- () o assunto aparece a partir de situações ocorridas na família
- () o assunto aparece a partir de situações ocorridas em seu bairro ou com amigos
- () quando você tem dúvidas sobre o assunto
- () quando você sente vontade de falar sobre alguém idoso
- () quando você tem tarefa da escola
- () Não converso com meus pais sobre isso
- () Outros: _____.

SOBRE A SUA ESCOLA

21). Quantas vezes você já aprendeu algo sobre a velhice ou os idosos em sua escola?

- () aprendi uma vez
- () aprendi duas vezes
- () outros: _____.
- () nunca aprendi

22). Quando foi que você aprendeu sobre isso na escola?

- () em datas comemorativas
- () em algum projeto da escola
- () em uma visita ao asilo

- nas aulas de português
- nas aulas de matemática
- nas aulas de ciências
- nas aulas de história
- nas aulas de geografia
- nas aulas de educação física
- nas aulas de artes
- nas aulas de inglês
- religião
- outros: _____.
- nunca aprendi

23). Dê exemplos do que você aprendeu ou teve na escola sobre pessoas idosas ou sobre o envelhecimento:

24). Quem ofereceu esse tipo de informação a você?

- professor (s)
- coordenador (a)
- diretor (a)
- outros: _____.

25). O que você achou sobre como isso foi ensinado na escola?

- bom
 - ruim
- Porque? _____
-
-

26). Você tem dúvidas sobre os idosos e a velhice?

- sim não
- Se sim, quais são? _____
-

27). O que você gostaria de saber mais sobre os idosos ou sobre o envelhecimento?

APÊNDICE D - Análises de Comparação realizadas entre Escala Neri e demais variáveis do presente estudo que não apresentaram resultados significativos estatisticamente - Professores

Tabela 120- Comparação entre Sexo e Escala Neri

Domínios e Escore Total/ Sexo		N	Média	Mediana	Desvio Padrão	IC	P-valor
Domínio Cognitivo	Masculino	4	3,05	3,05	0,24	0,23	0,071
	Feminino	46	2,81	2,80	0,25	0,07	
Domínio Agência	Masculino	4	2,79	2,92	0,32	0,31	0,980
	Feminino	46	2,80	2,83	0,57	0,16	
Domínio Rel.Social	Masculino	4	2,75	2,93	0,54	0,53	0,246
	Feminino	46	2,46	2,43	0,47	0,14	
Domínio Persona	Masculino	4	3,04	3,00	0,18	0,18	0,578
	Feminino	46	2,91	3,00	0,45	0,13	
Escore Total	Masculino	4	2,92	2,95	0,18	0,18	0,326
	Feminino	46	2,75	2,82	0,35	0,10	

Tabela 121- Comparação entre escore da Escala Neri e a Região Geográfica das Escolas

Domínio/ Região Escola	N	Média	Mediana	Desvio Padrão	IC	P-valor	
Domínio Cognitivo	Norte	18	2,76	2,75	0,25	0,12	0,356
	Oeste	6	2,85	2,85	0,19	0,15	
	Sul	26	2,87	2,80	0,27	0,10	
Domínio Agência	Norte	18	2,59	2,67	0,58	0,27	0,148
	Oeste	6	2,94	2,83	0,29	0,23	
	Sul	26	2,90	2,92	0,55	0,21	
Domínio Rel.Social	Norte	18	2,29	2,29	0,33	0,15	0,083
	Oeste	6	2,73	2,70	0,36	0,29	
	Sul	26	2,55	2,71	0,55	0,21	
Domínio Persona	Norte	18	2,73	2,64	0,36	0,16	0,054
	Oeste	6	2,93	3,00	0,31	0,25	
	Sul	26	3,05	3,07	0,47	0,18	
Escore Total	Norte	18	2,61	2,61	0,29	0,13	0,053
	Oeste	6	2,86	2,87	0,25	0,20	
	Sul	26	2,84	2,85	0,36	0,14	

Tabela 122- Comparação entre Residir com Idosos e Escore da Escala Neri - Professores

Escola Neri/ Morar com idosos atualmente	N	Média	Mediana	Desvio Padrão	IC	P-valor	
Domínio Cognitivo	Não	43	2,84	2,80	0,24	0,07	0,417
	Sim	6	2,75	2,75	0,37	0,30	
Domínio Agência	Não	43	2,81	2,83	0,54	0,16	0,963
	Sim	6	2,81	2,83	0,65	0,52	
Domínio Rel.Social	Não	43	2,51	2,57	0,48	0,14	0,373
	Sim	6	2,33	2,43	0,46	0,37	
Domínio Persona	Não	43	2,93	3,00	0,43	0,13	0,910
	Sim	6	2,95	3,00	0,48	0,39	

Escore Total	Não	43	2,78	2,83	0,32	0,10	0,648
	Sim	6	2,71	2,77	0,43	0,35	

Tabela 123- Comparação entre a convivência com idosos na infância e os escores da Escala Neri - Professores

Escala Neri/ Convivência com idosos na infância		N	Média	Mediana	Desvio Padrão	IC	P-valor
Domínio Cognitivo	Não	5	2,86	2,80	0,29	0,25	0,278
	Sim	44	2,83	2,80	0,26	0,08	
Domínio Agência	Não	5	3,20	3,00	0,57	0,50	0,056
	Sim	44	2,77	2,83	0,53	0,16	
Domínio Rel.Social	Não	5	2,71	2,71	0,52	0,46	0,248
	Sim	44	2,47	2,50	0,47	0,14	
Domínio Persona	Não	5	3,00	2,71	0,67	0,59	0,869
	Sim	44	2,93	3,00	0,40	0,12	
Escore Total	Não	5	2,93	2,73	0,46	0,40	0,220
	Sim	44	2,75	2,83	0,32	0,09	

Tabela 124- Comparação entre a convivência dos professores com idosos no período da adolescência e os escores da Escala Neri

Escala Neri/ Convivência com idosos na adolescência		N	Média	Mediana	Desvio Padrão	IC	P-valor
Domínio Cognitivo	Não	13	2,81	2,80	0,26	0,14	0,711
	Sim	36	2,84	2,80	0,26	0,08	
Domínio Agência	Não	13	2,91	3,00	0,57	0,31	0,455
	Sim	36	2,78	2,83	0,54	0,18	
Domínio Rel.Social	Não	13	2,58	2,57	0,49	0,27	0,433
	Sim	36	2,46	2,43	0,47	0,15	
Domínio Persona	Não	13	3,08	3,00	0,52	0,28	0,165
	Sim	36	2,88	3,00	0,39	0,13	
Escore Total	Não	13	2,84	2,80	0,36	0,20	0,413
	Sim	36	2,75	2,83	0,33	0,11	

Tabela 125- Convivência atual com idosos em comparação aos escores da Escala Neri - Professores

Escala Neri/ Convivência atual com idosos		N	Média	Mediana	Desvio Padrão	IC	P-valor
Domínio Cognitivo	Não	10	2,85	2,80	0,19	0,12	0,838
	Sim	38	2,82	2,80	0,28	0,09	
Domínio Agência	Não	10	2,97	3,00	0,29	0,18	0,374
	Sim	38	2,76	2,83	0,59	0,19	
Domínio Rel.Social	Não	10	2,63	2,71	0,33	0,21	0,314
	Sim	38	2,45	2,36	0,51	0,16	
Domínio Persona	Não	10	3,03	3,07	0,41	0,26	0,462
	Sim	38	2,89	2,93	0,43	0,14	
Escore Total	Não	10	2,86	2,83	0,18	0,11	0,377
	Sim	38	2,74	2,78	0,36	0,12	

Tabela 126- Frequência de contato atual com idosos e escores da Escala Neri - Professores

Escala Neri/ Frequência de contato com idosos		N	Média	Mediana	Desvio Padrão	IC	P-valor
Domínio Cognitivo	Todos os dias/ Toda semana	24	2,79	2,80	0,27	0,11	0,067
	1 a 2 vezes por mês	11	2,97	3,00	0,26	0,15	
Domínio Agência	Todos os dias/ Toda semana	24	2,76	2,83	0,59	0,24	0,170
	1 a 2 vezes por mês	11	3,05	3,00	0,51	0,30	
Domínio Relacionamento Social	Todos os dias/ Toda semana	24	2,41	2,43	0,51	0,20	0,156
	1 a 2 vezes por mês	11	2,68	2,43	0,49	0,29	
Domínio Persona	Todos os dias/ Toda semana	24	2,85	2,86	0,40	0,16	0,100
	1 a 2 vezes por mês	11	3,12	3,14	0,49	0,29	
Escore Total	Todos os dias/ Toda semana	24	2,71	2,77	0,36	0,14	0,064
	1 a 2 vezes por mês	11	2,95	2,90	0,32	0,19	

Tabela 127- Qualidade da convivência com idosos não familiares em comparação com escores da Escala Neri

Escala Neri/ Qualidade da convivência com idosos não familiares		Média	Mediana	Desvio Padrão	N	IC	P-valor
Domínio Cognitivo	Boa	2,95	2,90	0,19	4	0,19	0,282
	Muito boa	2,79	2,70	0,25	9	0,16	
Domínio Agência	Boa	2,96	3,08	0,70	4	0,68	0,390
	Muito boa	2,69	2,83	0,42	9	0,27	
Domínio Rel.Social	Boa	2,50	2,50	0,44	4	0,44	0,807
	Muito boa	2,57	2,57	0,47	9	0,30	
Domínio Persona	Boa	2,93	3,07	0,44	4	0,44	0,849
	Muito boa	2,89	3,00	0,31	9	0,20	
Escore Total	Boa	2,84	2,92	0,36	4	0,36	0,603
	Muito boa	2,74	2,77	0,29	9	0,19	

Tabela 128- Experiência de trabalho com idosos em comparação com escores da Escala Neri - Professores

Escala Neri/ Experiência profissional com idosos		Média	Mediana	Desvio Padrão	N	IC	P-valor
Domínio Cognitivo	Não	2,83	2,80	0,27	29	0,10	0,994
	Sim	2,83	2,80	0,25	19	0,11	
Domínio Agência	Não	2,88	3,00	0,51	29	0,19	0,305
	Sim	2,71	2,83	0,61	19	0,27	
Domínio Rel.Social	Não	2,48	2,43	0,49	29	0,18	0,782
	Sim	2,52	2,57	0,47	19	0,21	
Domínio Persona	Não	2,93	2,86	0,51	29	0,19	0,988
	Sim	2,93	3,00	0,29	19	0,13	
Escore Total	Não	2,78	2,83	0,35	29	0,13	0,817
	Sim	2,76	2,83	0,32	19	0,15	

Tabela 129- Ter tido ou ter algum amigo idoso em comparação com Escala Neri - Professores

Escala Neri/ Experiência de amizade com idosos		Média	Mediana	Desvio Padrão	N	IC	P-valor
Domínio Cognitivo	Não	2,81	2,80	0,24	17	0,12	0,808
	Sim	2,83	2,80	0,27	29	0,10	
Domínio Agência	Não	2,70	2,67	0,38	17	0,18	0,417
	Sim	2,83	3,00	0,62	29	0,22	
Domínio Relacionamento Social	Não	2,42	2,29	0,42	17	0,20	0,489
	Sim	2,53	2,57	0,52	29	0,19	
Domínio Persona	Não	2,97	2,86	0,34	17	0,16	0,613
	Sim	2,91	3,00	0,48	29	0,17	
Escore Total	Não	2,74	2,80	0,23	17	0,11	0,692
	Sim	2,78	2,83	0,39	29	0,14	

Tabela 130- Escore da Escala Neri em comparação com leituras sobre a velhice - Professores

Escala Neri/ Leituras sobre velhice, idosos ou envelhecimento		Média	Mediana	Desvio Padrão	N	IC	P-valor
Domínio Cognitivo	Não	2,80	2,80	0,25	41	0,08	0,113
	Sim	2,96	2,90	0,24	8	0,17	
Domínio Agência	Não	2,75	2,83	0,53	41	0,16	0,059
	Sim	3,15	3,00	0,55	8	0,38	
Domínio Rel.Social	Não	2,46	2,43	0,47	41	0,14	0,332
	Sim	2,64	2,64	0,49	8	0,34	
Domínio Persona	Não	2,90	3,00	0,41	41	0,13	0,266
	Sim	3,09	3,00	0,50	8	0,35	
Escore Total	Não	2,74	2,83	0,32	41	0,10	0,096
	Sim	2,95	2,88	0,37	8	0,25	

APÊNDICE E - Análises de Comparação realizadas entre Escala Neri e demais variáveis do presente estudo que não apresentaram resultados significativos estatisticamente - Familiares

Tabela 131- Comparação entre Formação dos Familiares e Escore geral da Escala Neri

Formação dos Familiares/ Escores da Escala Neri		Média	Mediana	Desvio Padrão	N	IC	P-valor
Domínio Cognitivo	Fundamental	2,73	2,80	0,49	157	0,08	0,252
	Médio	2,81	2,87	0,39	166	0,06	
	Superior	2,82	2,90	0,51	28	0,19	
Domínio Agência	Fundamental	2,81	2,83	0,62	152	0,10	0,778
	Médio	2,85	2,83	0,59	163	0,09	
	Superior	2,88	3,00	0,52	27	0,20	
Domínio Rel.Social	Fundamental	2,49	2,54	0,72	152	0,11	0,466
	Médio	2,58	2,69	0,72	164	0,11	
	Superior	2,64	2,57	0,68	27	0,26	
Domínio Persona	Fundamental	2,61	2,71	0,74	153	0,12	0,404
	Médio	2,72	2,71	0,69	164	0,11	
	Superior	2,64	2,86	0,69	27	0,26	
Escore Total	Fundamental	2,64	2,73	0,48	157	0,07	0,260
	Médio	2,72	2,80	0,42	167	0,06	
	Superior	2,71	2,83	0,49	28	0,18	

Tabela 132- Comparação entre escore geral da Escala Neri e o sexo dos familiares participantes

Sexo/ Escores da Escala Neri		Média	Mediana	Desvio Padrão	N	IC	P-valor
Domínio Cognitivo	Masculino	2,84	2,85	0,47	58	0,12	0,287
	Feminino	2,77	2,80	0,44	281	0,05	
Domínio Agência	Masculino	2,94	2,92	0,60	56	0,16	0,229
	Feminino	2,83	2,83	0,60	275	0,07	
Domínio Rel.Social	Masculino	2,49	2,43	0,68	56	0,18	0,599
	Feminino	2,54	2,57	0,73	276	0,09	
Domínio Persona	Masculino	2,81	2,86	0,79	56	0,21	0,131
	Feminino	2,65	2,71	0,69	277	0,08	
Escore Total	Masculino	2,73	2,83	0,52	58	0,13	0,495
	Feminino	2,68	2,78	0,43	282	0,05	

Tabela 133- Comparação entre morar ou não com idosos e os resultados da Escala Neri

Residir com pessoas idosas / Escores da Escala Neri		Média	Mediana	Desvio Padrão	N	IC	P-valor
Domínio Cognitivo	Não	2,76	2,80	0,45	318	0,05	0,622
	Sim	2,79	2,85	0,40	46	0,12	
Domínio Agência	Não	2,82	2,83	0,60	309	0,07	0,175
	Sim	2,95	3,00	0,60	46	0,17	
Domínio Relacionamento	Não	2,54	2,57	0,71	311	0,08	0,399
	Sim	2,64	2,71	0,84	45	0,24	

Social							
Domínio Persona	Não	2,67	2,71	0,70	310	0,08	0,913
	Sim	2,69	2,86	0,80	46	0,23	
Escore Total	Não	2,67	2,77	0,47	319	0,05	0,167
	Sim	2,77	2,87	0,43	46	0,13	

Tabela 134- Comparação entre conviver com idosos na infância e a Escala Neri

Escala Neri/ Convivência com idosos na infância		Média	Mediana	Desvio Padrão	N	IC	P-valor
Domínio Cognitivo	Não	2,77	2,80	0,45	72	0,10	0,937
	Sim	2,77	2,80	0,46	294	0,05	
Domínio Agência	Não	2,89	2,83	0,61	70	0,14	0,484
	Sim	2,83	2,83	0,60	286	0,07	
Domínio Relacionamento Social	Não	2,59	2,64	0,76	70	0,18	0,584
	Sim	2,53	2,57	0,72	287	0,08	
Domínio Persona	Não	2,75	2,79	0,71	70	0,17	0,290
	Sim	2,64	2,71	0,72	288	0,08	
Escore Total	Não	2,72	2,83	0,47	72	0,11	0,396
	Sim	2,67	2,77	0,46	295	0,05	

Tabela 135- Comparação entre conviver com idosos na adolescência e a Escala Neri

Escala Neri/ Convivência com idosos na adolescência		Média	Mediana	Desvio Padrão	N	IC	P-valor
Domínio Cognitivo	Não	2,84	2,80	0,37	117	0,07	0,081
	Sim	2,75	2,80	0,47	232	0,06	
Domínio Agência	Não	2,91	3,00	0,53	116	0,10	0,168
	Sim	2,82	2,83	0,62	225	0,08	
Domínio Relacionamento Social	Não	2,59	2,69	0,69	116	0,13	0,264
	Sim	2,50	2,57	0,74	226	0,10	
Domínio Persona	Não	2,68	2,71	0,67	116	0,12	0,766
	Sim	2,65	2,71	0,74	227	0,10	
Escore Total	Não	2,75	2,83	0,39	117	0,07	0,057
	Sim	2,65	2,77	0,48	233	0,06	

Tabela 136- Comparação entre conviver com idosos atualmente e escores da Escala Neri

Escala Neri / Convivência próxima com idosos atualmente		Média	Mediana	Desvio Padrão	N	IC	P-valor
Domínio Cognitivo	Não	2,78	2,80	0,46	91	0,09	0,998
	Sim	2,78	2,80	0,43	262	0,05	
Domínio Agência	Não	2,79	2,83	0,61	89	0,13	0,301
	Sim	2,87	2,83	0,59	256	0,07	
Domínio Relacionamento Social	Não	2,51	2,57	0,72	89	0,15	0,519
	Sim	2,56	2,57	0,72	257	0,09	
Domínio Persona	Não	2,56	2,67	0,67	89	0,14	0,135
	Sim	2,70	2,71	0,73	258	0,09	
Escore Total	Não	2,64	2,73	0,48	91	0,10	0,250
	Sim	2,71	2,80	0,44	263	0,05	

Tabela 137- Comparação entre a frequência de contato com idosos familiares atualmente e a Escala Neri

Escala Neri / Frequência de Contato com idosos familiares		Média	Mediana	Desvio Padrão	N	IC	P-valor
Domínio Cognitivo	Todos os dias / Todas as Semanas	2,81	2,80	0,37	168	0,06	0,565
	Uma a Duas vezes por mês	2,77	2,80	0,38	54	0,10	
Domínio Agência	Todos os dias / Todas as Semanas	2,89	2,83	0,60	166	0,09	0,443
	Uma a Duas vezes por mês	2,82	2,83	0,55	53	0,15	
Domínio Relacionamento Social	Todos os dias / Todas as Semanas	2,51	2,57	0,72	166	0,11	0,352
	Uma a Duas vezes por mês	2,61	2,57	0,74	53	0,20	
Domínio Persona	Todos os dias / Todas as Semanas	2,63	2,71	0,73	167	0,11	0,610
	Uma a Duas vezes por mês	2,68	2,71	0,73	53	0,20	
Escore Total	Todos os dias / Todas as Semanas	2,70	2,80	0,42	169	0,06	0,869
	Uma a Duas vezes por mês	2,71	2,73	0,42	54	0,11	

Tabela 138- Comparação entre a qualidade dos relacionamentos dos pais com idosos não familiares e a Escala Neri

Escala Neri/ Qualidade do relacionamento com idosos não familiares		Média	Mediana	Desvio Padrão	N	IC	P-valor
Domínio Cognitivo	Bom/Muito bom	2,76	2,80	0,41	134	0,07	0,957
	Difícil/ Muito Difícil	2,70	2,55	0,41	4	0,40	

	Regular	2,75	2,80	0,60	9	0,39	
Domínio Agência	Bom/Muito bom	2,81	2,83	0,62	131	0,11	0,265
	Difícil/ Muito Difícil	2,67	2,75	0,78	4	0,77	
	Regular	3,15	3,00	0,77	9	0,51	
Domínio Relacionamento Social	Bom/Muito bom	2,49	2,57	0,67	131	0,12	0,511
	Difícil/ Muito Difícil	2,54	2,64	0,71	4	0,70	
	Regular	2,77	2,86	0,50	8	0,35	
Domínio Persona	Bom/Muito bom	2,66	2,71	0,72	131	0,12	0,058
	Difícil/ Muito Difícil	3,11	3,29	0,71	4	0,70	
	Regular	3,19	3,00	0,74	9	0,48	
Escore Total	Bom/Muito bom	2,66	2,73	0,45	134	0,08	0,177
	Difícil/ Muito Difícil	2,75	2,62	0,47	4	0,46	
	Regular	2,94	2,90	0,34	9	0,22	

Tabela 139- Comparação entre Conversar com os filhos sobre o envelhecimento/ os idosos e os resultados da Escala Neri

Escala Neri/ Conversar com a criança sobre o envelhecimento		Média	Mediana	Desvio Padrão	N	IC	P-valor
Domínio Cognitivo	Não	2,74	2,80	0,44	80	0,10	0,463
	Sim	2,78	2,80	0,45	280	0,05	
Domínio Agência	Não	2,94	3,00	0,51	78	0,11	0,118
	Sim	2,82	2,83	0,62	272	0,07	
Domínio Rel.Social	Não	2,51	2,57	0,83	79	0,18	0,572
	Sim	2,56	2,57	0,70	272	0,08	
Domínio Persona	Não	2,80	2,79	0,72	78	0,16	0,057
	Sim	2,63	2,71	0,71	274	0,08	
Escore Total	Não	2,69	2,81	0,51	81	0,11	0,849
	Sim	2,68	2,77	0,44	280	0,05	

Tabela 140- Comparação entre a opinião dos familiares acerca da importância de abordagem do tema na escola e os resultados da escala Neri

Escala Neri/ Importância da escola ensinar sobre a velhice e o envelhecimento		Média	Mediana	Desvio Padrão	N	IC	P-valor
Domínio Cognitivo	Não	2,93	2,90	0,27	5	0,24	0,388
	Sim	2,77	2,80	0,42	348	0,04	
Domínio Agência	Não	2,89	3,00	0,73	5	0,64	0,882
	Sim	2,85	2,83	0,60	341	0,06	
Domínio Relacionamento Social	Não	2,80	2,57	0,61	5	0,54	0,411
	Sim	2,54	2,57	0,71	342	0,08	
Domínio Persona	Não	2,30	2,33	0,53	5	0,46	0,235
	Sim	2,67	2,71	0,71	342	0,07	

Escore Total	Não	2,74	2,73	0,29	5	0,25	0,815
	Sim	2,69	2,79	0,45	349	0,05	

**APÊNDICE F - Análises de Comparação entre Escala Todaro e demais variáveis
cujos valores não foram significativos - Alunos**

Tabela 141- Comparação entre valores da Escala Todaro e o sexo das crianças participantes

Escala Todaro/ Sexo		Média	Mediana	Desvio Padrão	N	IC	P-valor
Domínio Cognitivo	Feminino	1,73	1,67	0,45	162	0,07	0,827
	Masculino	1,74	1,67	0,42	169	0,06	
Domínio Agência	Feminino	1,71	1,50	0,53	161	0,08	0,866
	Masculino	1,70	1,50	0,49	166	0,07	
Domínio Relacionamento Social	Feminino	1,68	1,67	0,55	160	0,08	0,164
	Masculino	1,59	1,67	0,51	166	0,08	
Domínio Persona	Feminino	1,56	1,67	0,50	159	0,08	0,372
	Masculino	1,51	1,58	0,45	166	0,07	
Escore Total	Feminino	1,67	1,64	0,38	164	0,06	0,600
	Masculino	1,65	1,64	0,32	170	0,05	

Tabela 142- Comparação entre Escala Todaro e Faixas Etárias dos alunos participantes

Escala Todaro/ Faixa Etária		Média	Mediana	Desvio Padrão	N	IC	P-valor
Domínio Cognitivo	De 7 a 8 anos	1,70	1,67	0,46	85	0,10	0,245
	De 9 a 10 anos	1,77	1,82	0,46	134	0,08	
Domínio Agência	De 7 a 8 anos	1,69	1,50	0,49	81	0,11	0,419
	De 9 a 10 anos	1,74	2,00	0,51	132	0,09	
Domínio Relacionamento Social	De 7 a 8 anos	1,55	1,67	0,46	81	0,10	0,119
	De 9 a 10 anos	1,67	1,67	0,57	131	0,10	
Domínio Persona	De 7 a 8 anos	1,60	1,67	0,49	80	0,11	0,517
	De 9 a 10 anos	1,56	1,67	0,49	131	0,08	
Escore Total	De 7 a 8 anos	1,63	1,64	0,36	86	0,08	0,242
	De 9 a 10 anos	1,69	1,71	0,38	136	0,06	

Tabela 143- Comparação entre Escala Todaro e Ano Escolar dos alunos participantes

Escala Todaro/ Ano escolar (série)		Média	Mediana	Desvio Padrão	N	IC	P-valor
Domínio Cognitivo	2° e 3° anos	1,72	1,67	0,42	186	0,06	0,322
	4° e 5° anos	1,76	1,67	0,45	146	0,07	
Domínio Agência	2° e 3° anos	1,69	1,50	0,51	181	0,07	0,475
	4° e 5° anos	1,73	2,00	0,50	145	0,08	
Domínio Relacionamento Social	2° e 3° anos	1,63	1,67	0,51	181	0,07	0,850
	4° e 5° anos	1,64	1,67	0,55	144	0,09	
Domínio Persona	2° e 3° anos	1,53	1,67	0,47	180	0,07	0,891
	4° e 5° anos	1,54	1,67	0,47	144	0,08	
Escore Total	2° e 3° anos	1,65	1,64	0,34	187	0,05	0,408

Tabela 144- Comparação entre a opinião das crianças acerca da idade de uma pessoa idosa e os resultados da Escala Todaro de Atitudes de Crianças com relação à velhice

Idade dos idosos na visão dos alunos participantes/ Atitudes com relação à velhice	Média	Mediana	Desvio Padrão	N	IC	P-valor
40 anos ou mais	1,49	1,50	0,32	6	0,26	0,057
50 anos ou mais	1,69	1,64	0,35	31	0,12	
60 anos ou mais	1,66	1,64	0,36	152	0,06	
70 anos ou mais	1,57	1,64	0,36	77	0,08	
80 anos ou mais	1,74	1,71	0,32	63	0,08	

Tabela 145- Comparação entre as atitudes de crianças que conhecem idosos e daquelas que relataram não conhecer

Conhecer pessoas idosas/ Atitudes com relação à velhice	Média	Mediana	Desvio Padrão	N	IC	P-valor
Não	1,67	1,64	0,39	13	0,21	0,886
Sim	1,66	1,64	0,35	319	0,04	

Tabela 146- Comparação entre as atitudes com relação à velhice e conviver ou não com os avós

Conviver ou não conviver com os avós/ Atitudes com relação à velhice	Média	Mediana	Desvio Padrão	N	IC	P-valor
Convive com os avós maternos	1,66	1,65	0,35	210	0,05	0,566
Convive com os avós paternos	1,64	1,64	0,36	113	0,07	
Não convive com os avós	1,71	1,71	0,37	49	0,10	

Tabela 147- Comparação entre as atitudes dos alunos com relação à velhice e a frequência de contato mantido com pessoas idosas

Frequência de contato com pessoas idosas / Atitudes com relação à velhice	Média	Mediana	Desvio Padrão	N	IC	P-valor
Todos os dias/ Todas as semanas	1,65	1,64	0,35	188	0,05	0,638
Uma a Duas vezes por mês	1,68	1,68	0,33	66	0,08	

Tabela 148- Comparação entre conversar ou não com os pais sobre idosos e atitudes de alunos acerca da velhice

Conversar ou não com os pais sobre idosos / Atitudes com relação à velhice	Média	Mediana	Desvio Padrão	N	IC	P-valor
Conversa	1,63	1,64	0,34	503	0,03	0,248
Não conversa	1,68	1,64	0,36	67	0,09	

**APÊNDICE G - Descrição detalhada das análises da Escala Neri por Domínios -
Professores**

Tabela 149- Estatística Descritiva por item da Escala Neri para Professores

Item	Média	Mediana	Desvio Padrão	CV	Q1	Q3	Min	Max	N	IC
Domínio Cognitivo										
1.Sábio/Tolo	1,42	1	0,73	51%	1	2	1	4	50	0,20
21. Claro/Confuso	2,80	3	0,86	31%	2	3	1	5	50	0,24
23. Impreciso/ Preciso	3,46	3,5	0,93	27%	3	4	1	5	50	0,26
24. Inseguro/Seguro	3,28	3	1,05	32%	3	4	1	5	50	0,29
25. Concentrado/Distraído	2,80	3	1,01	36%	2	3	1	5	50	0,28
26. Lento/Rápido	2,46	3	0,86	35%	2	3	1	4	50	0,24
27. Flexível/Rígido	3,28	3	0,81	25%	3	4	2	5	50	0,22
28. Criativo/Convencional	2,88	3	1,14	39%	2	4	1	5	50	0,31
29. Persistente/Inconsistente	2,54	3	0,95	37%	2	3	1	5	50	0,26
30. Embotado/Alerta	3,38	3	1,01	30%	3	4	1	5	50	0,28
Domínio Agência										
6. Deprimido/Entusiasmado	3,02	3	0,87	29%	3	3,75	1	5	50	0,24
11. Saudável/ Doentio	2,88	3	0,90	31%	2	3	1	5	49	0,25
13. Ativo/Inativo	2,80	3	1,09	39%	2	3	1	5	50	0,30
16. Esperançoso/Desesperado	2,41	2	0,96	40%	2	3	1	5	49	0,27
18. Independente/Dependente	3,08	3	1,05	34%	2	4	1	5	50	0,29
19. Produtivo/Improdutivo	2,58	2,5	1,01	39%	2	3	1	5	50	0,28
Domínio Relacionamento Social										
2. Construtivo/Destrutivo	1,78	1	1,02	57%	1	2	1	4	50	0,28
3. Bem-humorado/Mal-humorado	2,67	3	0,92	34%	2	3	1	5	49	0,26
5. Confiante/Desconfiado	3,16	3	0,91	29%	3	4	1	5	50	0,25
12. Cordial/Hostil	2,18	2	0,96	44%	1	3	1	4	50	0,27
15. Interessado pelas pessoas/Desinteressado pelas pessoas	1,96	2	0,88	45%	1	3	1	4	50	0,24
17. Generoso/ Mesquinho	2,12	2	0,92	43%	1	3	1	4	50	0,25
22. Condescendente/Crítico	3,48	3,5	0,91	26%	3	4	1	5	50	0,25
Domínio Persona										
4. Aceito/Rejeitado	3,16	3	1,15	36%	3	4	1	5	50	0,32
7. Integrado/Isolado	2,94	3	0,87	29%	2	3,75	1	5	50	0,24
8. Atualizado/Ultrapassado	2,64	3	0,80	30%	2	3	1	5	50	0,22
9. Valorizado/Desvalorizado	3,02	3	1,19	39%	2	4	1	5	50	0,33
10. Agradável/Desagradável	2,16	2	0,91	42%	1	3	1	5	50	0,25
14. Introverso/Sociável	3,64	4	0,88	24%	3	4	2	5	50	0,24
20. Progressista/Retrógrado	2,88	3	0,69	24%	3	3	1	4	50	0,19

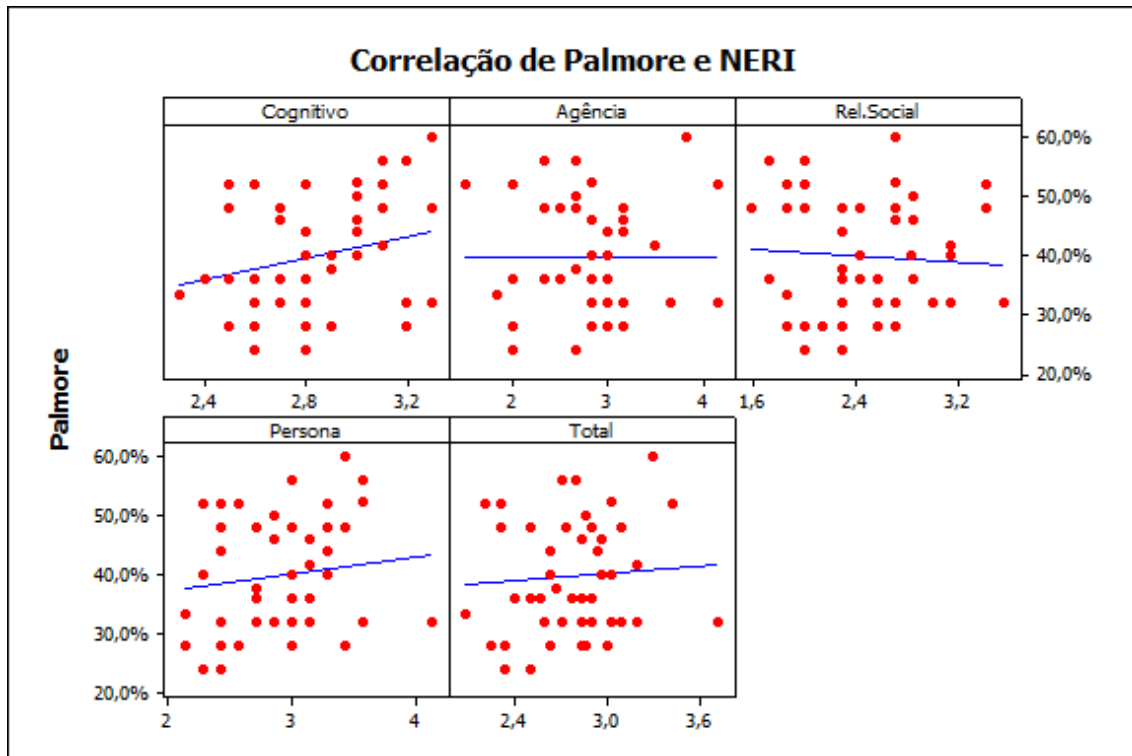
APÊNDICE H - Correlação entre os itens da Escala Neri e o Resultado dos professores no Questionário Palmore-Neri-Cachioni de Conhecimentos sobre a velhice

Tabela 150- Correlação entre Escores Escala Neri e Acerto no Questionário Palmore-Neri-Cachioni

Itens Escala Neri	Palmore (Acerto)	
	Corr (r)	P-valor
Item 1	-0,9%	0,949
Item 2	-1,1%	0,938
Item 3	-6,2%	0,674
Item 4	12,2%	0,398
Item 5	-5,1%	0,725
Item 6	-12,8%	0,377
Item 7	0,5%	0,973
Item 8	0,0%	0,999
Item 9	29,5%	0,037
Item 10	-14,1%	0,329
Item 11	-18,9%	0,193
Item 12	4,2%	0,770
Item 13	18,0%	0,211
Item 14	-1,0%	0,944
Item 15	4,5%	0,755
Item 16	-0,4%	0,979
Item 17	-19,5%	0,174
Item 18	4,9%	0,733
Item 19	3,8%	0,795
Item 20	7,5%	0,607
Item 21	22,7%	0,113
Item 22	-3,6%	0,804
Item 23	-1,6%	0,914
Item 24	10,4%	0,472
Item 25	23,6%	0,098
Item 26	-30,4%	0,032
Item 27	7,4%	0,608
Item 28	15,6%	0,280
Item 29	19,1%	0,183
Item 30	-7,8%	0,590
Domínio Cognitivo	23,6%	0,099
Domínio Agência	-0,3%	0,986
Domínio Rel. Social	-7,3%	0,612
Domínio Persona	13,5%	0,348
Escore Total	7,7%	0,597

APÊNDICE I - Gráfico de Correlação entre Escala Neri e Questionário Palmore-Neri-Cachioni - Professores

Gráfico 11- Correlação entre Escala Neri e Questionário Palmore-Neri-Cachioni - Professores



**APÊNDICE J - Descrição detalhada das Análises da Escala Todaro por domínios -
Alunos**

Tabela 151- Estatística Descritiva da Escala Todaro por item a partir da participação das crianças (7 a 10 anos)

Domínios/Itens	Média	Mediana	Desvio Padrão	CV	Q1	Q3	Min	Max	N	IC
Domínio Cognitivo										
1. Sábio/Bobos	1,14	1	0,38	33%	1	1	1	3	333	0,04
10. Claros/Confusos	1,79	2	0,79	44%	1	2	1	3	316	0,09
11. Inseguros/Seguros	1,82	2	0,80	44%	1	2	1	3	315	0,09
12. Atentos/Distraídos	1,80	2	0,77	43%	1	2	1	3	316	0,09
13. Lentos/Rápidos	2,42	3	0,71	30%	2	3	1	3	316	0,08
14. Criativos/Sem criatividade	1,58	1	0,70	44%	1	2	1	3	315	0,08
Domínio Agência										
4. Alegres/Tristes	1,43	1	0,60	42%	1	2	1	3	326	0,07
7. Doentes/Saudáveis	1,99	2	0,72	36%	1	3	1	3	324	0,08
Domínio Relacionamento Social										
2. Bem-humorados/Mal-humorados	1,62	2	0,67	41%	1	2	1	3	324	0,07
3. Colocados de lado/Aceitos	1,72	2	0,80	46%	1	2	1	3	323	0,09
5. Valorizados/Maltratados	1,55	1	0,73	47%	1	2	1	3	323	0,08
Domínio Persona										
6. Legais/Chatos	1,37	1	0,59	43%	1	2	1	3	323	0,06
8. Bonzinhos/Bravos	1,49	1	0,62	42%	1	2	1	3	321	0,07
9. Pão-duro/Mão-aberta	1,75	2	0,74	42%	1	2	1	3	316	0,08

**APÊNDICE K - Descrição detalhada das Análises da Escala Neri por domínios -
Famíliares**

Tabela 152- Estatística Descritiva por item da Escala Neri - Familiares

Item	Média	Mediana	Desvio Padrão	CV	Q1	Q3	Min	Max	N	IC
Domínio Cognitivo										
1.Sábio/Tolo	1,37	1	0,73	53%	1	1	1	5	369	0,07
21. Claro/Confuso	2,95	3	1,34	45%	2	4	1	5	351	0,14
23.Impreciso/ Preciso	3,75	4	1,13	30%	3	5	1	5	348	0,12
24. Inseguro/Seguro	3,33	3	1,35	41%	2	5	1	5	352	0,14
25. Concentrado/Distraído	2,92	3	1,38	47%	2	4	1	5	354	0,14
26. Lento/Rápido	2,43	2	1,25	51%	1	3	1	5	357	0,13
27. Flexível/Rígido	3,18	3	1,27	40%	2	4	1	5	350	0,13
28. Criativo/Convencional	2,68	3	1,34	50%	1	4	1	5	354	0,14
29. Persistente/Inconsistente	2,13	2	1,16	55%	1	3	1	5	352	0,12
30. Embotado/Alerta	3,48	3	1,23	35%	3	5	1	5	352	0,13
Domínio Agência										
6.Deprimido/Entusiasmado	3,32	3	1,26	38%	3	4	1	5	354	0,13
11.Saudável/ Doentio	3,16	3	1,24	39%	2	4	1	5	346	0,13
13. Ativo/Inativo	2,41	2	1,19	49%	1	3	1	5	349	0,12
16. Esperançoso/Desesperado	2,19	2	1,32	60%	1	3	1	5	348	0,14
18. Independente/Dependente	3,52	4	1,32	38%	3	5	1	5	351	0,14
19. Produtivo/Improdutivo	2,44	3	1,17	48%	1	3	1	5	348	0,12
Domínio Relacionamento Social										
2.Construtivo/Destrutivo	2,37	2	1,35	57%	1	3	1	5	345	0,14
3.Bem-humorado/Mal-humorado	2,28	2	1,11	49%	1	3	1	5	355	0,12
5.Confiante/Desconfiado	3,05	3	1,41	46%	2	4	1	5	349	0,15
12. Cordial/Hostil	2,21	2	1,06	48%	1	3	1	5	339	0,11
15. Interessado pelas pessoas/Desinteressado pelas pessoas	2,52	2	1,45	57%	1	3,25	1	5	348	0,15
17.Generoso/ Mesquinho	2,43	2	1,35	56%	1	3	1	5	350	0,14
22. Condescendente/Crítico	3,07	3	1,25	41%	2	4	1	5	343	0,13
Domínio Persona										
4.Aceito/Rejeitado	2,83	3	1,42	50%	1	4	1	5	353	0,15
7.Integrado/Isolado	2,87	3	1,33	46%	2	4	1	5	351	0,14
8.Atualizado/Ultrapassado	2,89	3	1,29	44%	2	4	1	5	351	0,13
9.Valorizado/Desvalorizado	2,74	3	1,46	53%	1	4	1	5	352	0,15
10. Agradável/Desagradável	1,70	1	0,96	56%	1	2	1	5	352	0,10
14. Introverso/Sociável	3,15	3	1,32	42%	2	4	1	5	348	0,14
20. Progressista/Retrógrado	2,58	3	1,13	44%	2	3	1	5	338	0,12

ANEXOS

ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UFSCAR - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SÃO CARLOS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: Atitudes e Crenças acerca da Velhice e Relacionamentos Intergeracionais no Contexto da Educação

Pesquisador: Juliana Archiza Yamashiro

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 44838815.1.0000.5504

Instituição Proponente: CECH - Centro de Educação e Ciências Humanas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.719.257

Apresentação do Projeto:

A população brasileira encontra-se em crescente processo de envelhecimento, tal realidade faz com que por um período de tempo mais longo haja uma maior convivência intergeracional, o que implica diretamente no desenvolvimento das famílias e dos indivíduos. Dessa forma, as atitudes em relação à velhice e os relacionamentos intergeracionais estabelecidos entre crianças e idosos têm aparecido como temas de suma importância nas pesquisas da área. **Objetivo:** Identificar crenças e atitudes de crianças, seus familiares e professores acerca da velhice e; identificar as práticas e conteúdos adotados por professores de escolas de ensino regular referentes à velhice e aos relacionamentos intergeracionais. **Objetivos Específicos:** Identificar os limites e potencialidades das práticas escolares voltadas para o envelhecimento, a velhice e a convivência com idosos; identificar a percepção e compreensão de crianças e seus familiares acerca de tais práticas escolares, seus limites e potencialidades; ampliar a compreensão acerca das crenças e atitudes com relação à velhice de professores do ensino fundamental regular; verificar sob a ótica de familiares e crianças a percepção da abordagem da temática velhice no contexto escolar e; identificar as crenças e atitudes de crianças com deficiência incluídas no ensino fundamental regular. **Metodologia:** trata-se de uma pesquisa exploratória de abordagem

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9683

E-mail: cephumanos@ufscar.br

UFSCAR - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SÃO CARLOS



Continuação do Parecer: 1.719.257

qualiquantitativa. A coleta de dados ocorrerá em unidades de educação públicas da rede regular de ensino de cidades do interior do estado de São Paulo. Serão participantes professores; alunos com idade entre sete e dez anos e; um dos pais ou responsáveis pela criança. Os professores participantes responderão a:

1). Questionário para

Professores sobre o Envelhecimento e Pessoas Idosas 2). Escala Neri para Medida de Atitudes com relação à Velhice e; 3) Escala Paltmore-NeriCachioni de conhecimentos sobre a velhice. As crianças participantes do estudo responderão a 1). Questionário para Crianças sobre o Envelhecimento e Pessoas Idosas e 2). Escala Todaro de Atitudes de Crianças em Relação aos Idosos. A participação de um dos responsáveis pela criança consistirá em responder a 1). Questionário para Pais sobre o envelhecimento e pessoas idosas e 2). Escala Neri para Medida de Atitudes com Relação à Velhice. Os dados obtidos a partir do estudo serão analisados estatisticamente. Acredita-se que os resultados contribuirão para o fornecimento de subsídios para a formulação e implementação de políticas públicas sobre o tema direcionadas às faixas etárias envolvidas.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Identificar crenças e atitudes de crianças, seus familiares e professores acerca da velhice;

Identificar as práticas e conteúdos adotados por professores de escolas de ensino regular referentes à velhice e aos relacionamentos intergeracionais.

Objetivo Secundário:

Identificar os limites e potencialidades das práticas escolares voltadas para o envelhecimento, a velhice e a convivência com idosos;

Identificar a percepção e compreensão de crianças e seus familiares acerca de tais práticas escolares, seus limites e potencialidades;

Ampliar a compreensão acerca das crenças e atitudes com relação à velhice de professores do ensino fundamental regular;

Verificar sob a ótica de familiares e crianças a percepção da abordagem da temática velhice no contexto escolar;

Identificar as crenças e atitudes de crianças com deficiência incluídas no ensino fundamental regular.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235	CEP: 13.565-905
Bairro: JARDIM GUANABARA	
UF: SP	Município: SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9683	E-mail: cephumanos@ufscar.br

Continuação do Parecer: 1.719.257

Um possível mal estar que a coleta de dados possa causar. Sobre isso a pesquisadora compromete-se ouvir e acolher o participante, propiciando um ambiente seguro e tranquilo, a realizar encaminhamentos especializados se necessário ou mesmo suspender a participação.

Benefícios:

Espera-se que o estudo contribua para o conhecimento que se tem acerca dos relacionamentos intergeracionais, das atitudes com relação à velhice e das ações de educação sobre o tema no ambiente escolar, seus limites e suas potencialidades a todos os envolvidos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma investigação com crianças do ensino fundamental e seus professores sobre as atitudes e crenças relacionadas à velhice.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Estão presentes todos os Termos de apresentação obrigatória.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há nenhuma pendência ou inadequação.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_784602 E1.pdf	30/08/2016 11:38:51		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	criancas.doc	30/08/2016 11:33:59	Juliana Archiza Yamashiro	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.docx	30/08/2016 11:31:31	Juliana Archiza Yamashiro	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	responsaveis.doc	30/08/2016 11:31:17	Juliana Archiza Yamashiro	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	profissionais.doc	30/08/2016 11:30:39	Juliana Archiza Yamashiro	Aceito

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9683

E-mail: cephumanos@ufscar.br

UFSCAR - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SÃO CARLOS



Continuação do Parecer: 1.719.257

Ausência	profissionais.doc	30/08/2016 11:30:39	Juliana Archiza Yamashiro	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	pais.doc	30/08/2016 11:30:26	Juliana Archiza Yamashiro	Aceito
Outros	Autorização SEE.docx	17/04/2015 09:35:27		Aceito
Folha de Rosto	folha de rosto.docx	17/04/2015 09:30:15		Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO CARLOS, 09 de Setembro de 2016

Assinado por:
Ricardo Carneiro Borra
(Coordenador)

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905
UF: SP Município: SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9683 E-mail: cephumanos@ufscar.br

ANEXO B - ESCALA NERI PARA MEDIDA DE ATITUDES EM RELAÇÃO À VELHICE

INSTRUÇÕES:

O questionário que você está sendo convidado a responder solicita que expresse as suas atitudes em relação aos **idosos**. Ele contém 30 itens que apresentam adjetivos opostos. Cada item tem 5 pontos, que você deverá escolher para dizer o quanto acha de cada adjetivo. Veja o exemplo:

O Carnaval é:				
alegre	I-----I-----I-----I-----I	triste		
1	2 3 4 5			

Se você fizesse um "X" no ponto 1, você estaria dizendo que acredita que o carnaval é muito alegre, se marcasse no ponto 5, por exemplo, você diria que o carnaval é muito triste. Se escolhesse marcar um "X" nos números 2 e 4, você estaria dizendo que o carnaval é "alegre" (2), mas não totalmente, ou "triste" (4), mas não totalmente. E, se você optasse por marcar um "X" no número 3, por exemplo, você estaria dizendo que o carnaval não é nem alegre, nem triste.

Pensando dessa forma, em termos de suas atitudes em relação aos idosos, você responderá a cada um dos 30 itens que aparecem a seguir. Leia com atenção, sem pular nenhum. Depois que escolher o número que corresponde à sua opinião, faça um **X em cima do número** que melhor o expressa. Não assinale entre os números. Não rasure. Não marque mais de um número em nenhum item. Muito obrigado!

O IDOSO É:

1	Sábio	I-----I-----I-----I-----I 1 2 3 4 5	Tolo
2	Destrutivo	I-----I-----I-----I-----I 1 2 3 4 5	Construtivo
3	Bem-humorado	I-----I-----I-----I-----I 1 2 3 4 5	Mal-humorado
4	Rejeitado	I-----I-----I-----I-----I 1 2 3 4 5	Aceito
5	Desconfiado	I-----I-----I-----I-----I 1 2 3 4 5	Confiante
6	Entusiasmado	I-----I-----I-----I-----I 1 2 3 4 5	Deprimido
7	Isolado	I-----I-----I-----I-----I 1 2 3 4 5	Integrado
8	Ultrapassado	I-----I-----I-----I-----I	Atualizado

		1 2 3 4 5	
9	Valorizado	I-----I-----I-----I-----I 1 2 3 4 5	Desvalorizado
10	Agradável	I-----I-----I-----I-----I 1 2 3 4 5	Desagradável
11	Doentio	I-----I-----I-----I-----I 1 2 3 4 5	Saudável
12	Cordial	I-----I-----I-----I-----I 1 2 3 4 5	Hostil
13	Ativo	I-----I-----I-----I-----I 1 2 3 4 5	Inativo
14	Introvertido	I-----I-----I-----I-----I 1 2 3 4 5	Sociável
15	Desinteressado pelas pessoas	I-----I-----I-----I-----I 1 2 3 4 5	Interessado pelas pessoas
16	Esperançoso	I-----I-----I-----I-----I 1 2 3 4 5	Desesperado
17	Mesquinho	I-----I-----I-----I-----I 1 2 3 4 5	Generoso
18	Dependente	I-----I-----I-----I-----I 1 2 3 4 5	Independente
19	Produtivo	I-----I-----I-----I-----I 1 2 3 4 5	Improdutivo
20	Progressista	I-----I-----I-----I-----I 1 2 3 4 5	Retrógrado
21	Confuso	I-----I-----I-----I-----I 1 2 3 4 5	Claro
22	Condescendente	I-----I-----I-----I-----I 1 2 3 4 5	Crítico
23	Preciso	I-----I-----I-----I-----I 1 2 3 4 5	Impreciso
24	Seguro	I-----I-----I-----I-----I 1 2 3 4 5	Inseguro

25	Concentrado	I-----I-----I-----I-----I 1 2 3 4 5	Distraído
26	Rápido	I-----I-----I-----I-----I 1 2 3 4 5	Lento
27	Flexível	I-----I-----I-----I-----I 1 2 3 4 5	Rígido
28	Criativo	I-----I-----I-----I-----I 1 2 3 4 5	Convencional
29	Persistente	I-----I-----I-----I-----I 1 2 3 4 5	Inconstante
30	Alerta	I-----I-----I-----I-----I 1 2 3 4 5	Embotado

ANEXO C - QUESTIONÁRIO PALMORE-NERI-CACHIONI DE CONHECIMENTOS SOBRE A VELHICE

Assinale UMA alternativa por questão.

1. A proporção de pessoas de mais de 65 anos que apresentam problemas cognitivos severos é:

- a) uma em 100
 - b) uma em 10 * (mantida após atualização)
 - c) uma em duas
 - d) a maioria
- Domínio cognitivo

2. Os sentidos que tendem ao enfraquecimento na velhice são:

- a) a visão e a audição
 - b) o paladar e o olfato
 - c) a visão, a audição e o tacto
 - d) todos os sentidos *
- Domínio físico

3. A maioria dos casais acima de 65 anos:

- a) perdem o interesse por sexo *
 - b) não são capazes de ter relações sexuais
 - c) continuam a praticar sexo regularmente
 - d) tem alta frequência de atividade sexual
- Domínio físico/psicológico

4. A capacidade pulmonar nos idosos saudáveis:

- a) tende a declinar *
 - b) tende a manter-se
 - c) tende a melhorar
 - d) não tem relação com idade
- Domínio físico

5. A satisfação com a vida entre idosos:

- a) não existe
 - b) é maior do que entre os jovens *
 - c) é menor do que entre os jovens
 - d) não tem relação com a idade
- Domínio psicológico

6. A força física em idosos saudáveis:

- a) tende a declinar com a idade *
 - b) tende a permanecer a mesma
 - c) tende a aumentar
 - d) não tem relação com idade
- Domínio físico

7. A proporção de brasileiros de mais de 65 anos que residem em asilos e casas de repouso é de:

- a) 1 para 100 * (mantida após atualização)
 - b) 10 para 100
 - c) 25 para 100
 - d) 50 para 100
- Domínio social

8. O número de acidentes em motoristas com mais de 65 anos, em comparação com os de 30 a 40 anos é:

- a) maior
 - b) a mesma
 - c) menor *
 - d) desconhecida
- Domínio físico

9. Em comparação com os trabalhadores de 25 a 35 anos, os de 50 a 60 anos apresentam:

- a) maior eficiência
 - b) a mesma eficiência
 - c) menor eficiência
 - d) depende do tipo de trabalho *
- Domínio físico/cognitivo

10. A proporção de pessoas de 60 a 70 anos que se mantêm ativas é:

- a) pequena
 - b) média
 - c) grande *
 - d) não tem relação com a idade
- psicológico/social/
Domínio físico

11. A flexibilidade para adaptar-se a mudanças entre pessoas de 60 a 70 anos é:

- a) pequena *
 - b) média
 - c) grande
 - d) não tem relação com a idade
- Domínio psicológico

12. Em comparação com os jovens, a capacidade de aprender de pessoas de 60 a 70 anos é:

- a) menor *
 - b) igual
 - c) maior
 - d) não depende da idade
- Domínio cognitivo

13. Em comparação com os jovens, os velhos têm a seguinte propensão à depressão:

- a) maior *
 - b) menor
 - c) igual
 - d) não depende de idade
- Domínio psicológico

14. Em comparação com os jovens, a velocidade de reação das pessoas de 60 a 70 anos é:

- a) menor *
 - b) igual
 - c) maior
 - d) não depende da idade
- Domínio físico

15. Em comparação com os jovens, os velhos:

- a) valorizam mais as amizades chegadas/próximas *
 - b) buscam mais fazer novos amigos
 - c) têm pouco interesse em amizades
 - d) não depende de idade
- Domínio psicológico/social

16. Em comparação com os jovens, os velhos são:

- a) mais emotivos
 - b) menos emotivos
 - c) igualmente emotivos
 - d) não depende de idade *
- Domínio psicológico

17. A proporção de pessoas de 60 a 70 anos que vivem sozinhas é:

- a) pequena *
 - b) média
 - c) grande
 - d) não tem relação com a idade
- Domínio social

18. A taxa de acidentes de trabalho entre adultos mais velhos tende a ser:

- a) maior
- b) igual
- c) menor

d) depende do tipo de tarefa *

Domínio físico

19. A porcentagem de brasileiros acima de 60 anos é:

a) 8,2%

b) 10,8%* (Atualizada)

c) 13%

d) 23%

Domínio social

20. No sistema público de saúde o tratamento dos idosos em comparação com os jovens tem prioridade:

a) menor *

b) igual

c) maior

d) não tem relação com a idade

Domínio social

21. A maioria dos idosos brasileiros tem rendimento mensal de:

a) até 1 salário mínimo *

b) 1 a 3 salários mínimos

c) 3 a 5 salários mínimos

d) 5 a 10 salários mínimos

Domínio social

22. A maioria dos idosos são:

a) economicamente ativos

b) socialmente produtivos, mas economicamente inativos

c) improdutivos

d) aposentados * (Atualizada)

Domínio social

23. A religiosidade tende a:

a) crescer com a idade *

b) diminuir com a idade

c) manter-se com a idade

d) não tem relação com a idade

Domínio psicológico

24. Com a idade, a maioria dos idosos:

a) torna-se mais emotiva

b) torna-se menos emotiva

c) torna-se emocionalmente mais seletiva *

d) não muda

Domínio psicológico

25. Em comparação com as velhas gerações, as próximas gerações de idosos serão:

a) mais educadas *

b) menos educadas

c) tão educadas quanto

d) não é possível prever

Domínio social

* alternativa considerada correta.

ANEXO D - ESCALA TODARO PARA AVALIAÇÃO DE ATITUDES DE CRIANÇAS EM RELAÇÃO A IDOSOS

Instruções:

A seguir você encontrará 14 itens, cada um com dois adjetivos relacionados aos idosos. Cada item tem três números entre os dois adjetivos. Você deverá marcar um "X" no número que estiver mais próximo do adjetivo que você escolheu.

Por exemplo:

O Natal é:		
alegre	I-----I-----I	triste
1	2	3

Se você fizesse um "X" no número 1, você estaria dizendo que acredita que o natal é alegre, se marcasse no número 3, por exemplo, você diria que o natal é triste. E, se você optasse por marcar um "X" no número 2, por exemplo, você estaria dizendo que o natal não é nem alegre, nem triste.

Pensando dessa forma, em termos de suas atitudes em relação aos idosos, você responderá a cada um dos 14 itens que aparecem a seguir. Leia com atenção, sem pular nenhum. Depois que escolher o número que corresponde à sua opinião, faça um **X em cima do número** que melhor o expressa. Não assinale entre os números. Não rasure. Não marque mais de um número em nenhum item. Muito obrigada!

Juliana Archiza Yamashiro

OS IDOSOS SÃO:

1	Sábios	I-----I-----I 1 2 3	Bobos
2	Bem-humorados	I-----I-----I 1 2 3	Mal-humorados
3	Colocados de lado	I-----I-----I 1 2 3	Aceitos
4	Alegres	I-----I-----I 1 2 3	Tristes
5	Valorizados	I-----I-----I 1 2 3	Maltratados
6	Legais	I-----I-----I 1 2 3	Chatos
7	Doentes	I-----I-----I 1 2 3	Saudáveis

8	Bonzinhos	I-----I-----I 1 2 3	Bravos
9	Pão-duro	I-----I-----I 1 2 3	Mão-aberta
10	Claros	I-----I-----I 1 2 3	Confusos
11	Inseguros	I-----I-----I 1 2 3	Seguros
12	Atentos	I-----I-----I 1 2 3	Distraídos
13	Lentos	I-----I-----I 1 2 3	Rápidos
14	Criativos	I-----I-----I 1 2 3	Sem criatividade